

COLETÂNEA UMBANDA

A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO
PARA A CARIDADE



O QUE É UMBANDA – II

Padrinho Juruá
Edição 2019

ÍNDICE

• PREFÁCIO.....	01
• A MULTIPLICIDADE RELIGIOSA, DOUTRINÁRIA E FILOSÓFICA PRESENTES NA UMBANDA.....	07
UMBANDA E INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS INDÍGENAS, NEGRAS E BRANCAS.....	09
INDÍGENA.....	12
AS ORIGENS DA UMBANDA: RITUAIS INDÍGENAS SEM PARÂMETROS NA VELHO MUNDO.....	12
A RAIZ INDÍGENA NA UMBANDA.....	13
CATOLICISMO POPULAR.....	15
CULTOS AFRO-BRASILEIROS.....	17
LEI ÁUREA.....	20
O DESTINO NOS NEGROS APÓS A ABOLIÇÃO.....	24
OS YORUBÁS.....	30
FALAMOS BANTU SEM SABER.....	30
A CABULA E A MACUMBA – CULTO BANTO.....	31
CABULA.....	32
CARTA PASTORAL DE DOM JOÃO BATISTA CORRÊA NERY – ESPÍRITO SANTO.....	33
CABULA E MACUMBA.....	37
MACUMBA DIABÓLICA EM ITAÚNAS.....	47
DEFINIÇÃO DE MACUMBA.....	49
NO MUNDO DOS ESPÍRITOS – O ESPIRITISMO NA MACUMBA.....	58
CORTIÇO CABEÇA DE PORCO.....	67
COMO SURTIRAM AS FAVELAS NO BRASIL.....	68
A ORIGEM DO NOME FAVELA.....	68
O CULTO OMOLOKÔ.....	75
PAPAS & CODIFICAÇÕES.....	76
TATÁ TI INKICE TANCREDO DA SILVA PINTO (1904 – 1979).....	77
A UMBANDA E O MOVIMENTO UMBANDISTA (CONTEXTUALIZAÇÃO).....	80
ESPIRITISMO E RELIGIÃO KARDECISTA.....	83
MESA BRANCA E ESPIRITISMO.....	84
MESA DE TRABALHO DA UMBANDA.....	85
MESA DE UMBANDA.....	87
MESA DAS ALMAS.....	88
CATIMBÓ E O CULTO DA JUREMA.....	91
ORIGENS DO CULTO DA JUREMA.....	92
O REINO DOS MESTRES DA JUREMA E DO CATIMBÓ.....	92
A HISTÓRIA DO CATIMBÓ.....	93
CATIMBÓ – MAGIA DO NORDESTE.....	96
MARIA DO ACAIS – A MAIS FAMOSA CATIMBOZEIRA ANCESTRAL DO NORDESTE.....	98
O CATIMBÓ-JUREMA – OS MESTRES.....	100
PRÁTICAS ESPÍRITAS.....	102
A MEDIUNIDADE NA UMBANDA.....	105
O OCULTISMO E AS FILOSOFIAS ORIENTAIS.....	108
• MODALIDADES DE UMBANDA – AS IDIOSSINCRASIAS	
UMBANDA – UMA SEITA AFRO?.....	111
VAMOS APONTAR OUTRAS MODALIDADES DE UMBANDA.....	115

PREFÁCIO

Queremos registrar, explicitamente, que é nosso, e só nosso, de maneira indivisível e absoluta, todo e qualquer ônus que pese por quaisquer equívocos, indelicadezas, desvios ou colocações menos felizes que, porventura, sejam ou venham a ser localizadas neste livro, pois, temos certeza plena de que se tal se der terá sido por exclusiva pequenez deste menor dos menores irmãos de Jesus, deste que se reconhece como um dos mais modestos dos discípulos umbandistas.

Todo o material utilizado na feitura desta obra é dividido em:

- 1) Profundas e exaustivas pesquisas;
- 2) Orientações espirituais; e,
- 3) Deduções calcadas na lógica, na razão e no bom senso.

Não podemos nos esquecer do que escreveu Kardec, em “A Gênese” – capítulo I, item 50: “(...) os *Espíritos não revelam aos homens aquilo que lhes cabe descobrir, usando de pesquisas, esforço contínuo, estudos aprofundados e comparações com outros estudiosos*”. Foi exatamente isso que fizemos.

Realizamos longas e exaustivas pesquisas a fim de sermos fiéis ao que realmente aconteceu, bem como coletamos informações da espiritualidade para posteriormente colocar algumas poucas observações, tudo dentro dos ensinamentos crísticos, da razão e do bom senso.

A Espiritualidade Superior nos faz atingir o conhecimento da verdade por nós mesmos, por intermédio do raciocínio, ao invés de submeter um Espírito iluminado ao sacrifício de descer ao plano físico para nos elucidar.

Não devemos apenas nos esconder atrás de um Espírito em psicografias ou mensagens psicofônicas para escrevermos doutrina religiosa; devemos somente pedir a intervenção espiritual quando o assunto fugir totalmente à nossa compreensão; aliás, todo o conhecimento já está no mundo; basta ter paciência e perseverança para encontrá-los.

As bases primordiais do conhecimento e das normas divinas já foram fartamente explicadas pelos Espíritos crísticos das diversas filosofias e religiões; o ser humano está capacitado a dispô-las da mesma maneira que melhor atendam à sua concepção.

“Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos”. (Isaac Newton)

Muito já se tem escrito sobre o que é Umbanda, e este é mais um apontamento sobre suas características e finalidades. Não pretendemos “impor” nada a ninguém, mas sim, levar todos a pensarem melhor, a fim de enxergarem outras realidades e plasmarem em suas mentes, a religiosidade maravilhosa da Umbanda.

“Tem muita gente falando que se copiam assuntos e verdades (...) mas a verdade não se copia, a verdade existe, não é filhos? E se ela existe, não é copiada; ela é divulgada por muitos seres, de muitas formas, por vários estilos de esclarecimento sobre ela mesma. Vejam bem: as linguagens dos grupos espiritualistas são diferentes e, as que são corretas, pretendem levar os discípulos da Terra a um mesmo ponto: o ponto do esclarecimento e da chegada do amor e da consciência na Terra. Os filhos têm que saber que a realidade da vida na Terra e a vida no Cosmos é contemplada de inúmeras formas e tem explicações baseadas na verdade imutável (...). Mas tem outros pontos de vista sobre elas também (...)” (Cacique Pena Branca – Mensagem canalizada por Rosane Amantéa)

Essa explicação é perfeitamente compatível com a posição colocada em “o Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XXIV, onde diz que: *“Cada coisa deve vir ao seu tempo, pois a sementeira lançada a terra, fora do tempo não produz (...)”*. Os Espíritos procedem, nas suas instruções, com admirável prudência.

“(...) As grandes ideias jamais irrompem de súbito. As que se assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, em chegando o tempo, envia Deus um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de doutrina. Desse modo, a ideia, ao aparecer, encontra Espíritos dispostos a aceitá-la”. (Trecho da introdução de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec – IV)

É sucessiva e gradualmente que eles têm abordado as diversas partes já conhecidas da doutrina, e é assim que as demais partes serão reveladas no futuro, à medida que chegue o momento de fazê-las sair da obscuridade.

Nossa esperança é que você, leitor, se sensibilize com o que está escrito aqui, e verá uma Umbanda calcada nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso, movida pela noção do conhecimento do que representa essa grande religião perante a humanidade. De acordo com seus próprios recursos e reconhecendo as limitações das circunstâncias muitas vezes impostas, temos a certeza que você fará de tudo para compreendê-la e divulgá-la.

Os conhecimentos impressos neste livro, com certeza são breve pincelada da realidade cultural umbandística.

Como disse o venerável Espírito de Ramatís: *“A Umbanda, portanto, ainda é o vasilhame fervente em que todos mexem, mas raros conhecem o seu verdadeiro tempero”*.

E como cantava Pai Antônio, manifestado em Zélio de Moraes (Conforme gravação na fita 52 a – 23 minutos e 10 segundos, disponibilizada juntamente com esse livro):

*Tudo mundo que Umbanda
Que, que, que Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda
Mas quer, quer, quer Umbanda
Umbanda tem fundamento.
Mas quer, quer, quer Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda*

Temos certeza que existem muitas maravilhas a serem descobertas sobre a Umbanda. Todos têm uma natural curiosidade do que é e o que representa toda essa religiosidade genuinamente brasileira e muitos até agora estavam em dúvidas, pois lhes faltavam recursos literários para compreendê-la.

Pode ser que muitas das noções aqui apresentadas poderão não ser aceitas e que podemos inclusive contrariar muitas pessoas.

Em nossas observações particulares não pretendemos aviltar a doutrina praticada em seu Terreiro ou aceita por você, mas somente estamos colocando mais um ponto de vista e esperamos que todos leiam e reflitam, usando a razão e o bom senso, para depois verificar a veracidade dos ensinamentos por nós esposados.

“Mais vale repelir dez verdades que admitir uma só mentira, uma só teoria falsa” (pelo Espírito de Erasto). Máxima repetida em “O Livro dos Médiuns”, 20º capítulo, item 230, página 292.

Para emitirmos uma crítica, temos que estar escudados em conhecimentos culturais profundos e militando diariamente dentro da Religião de Umbanda, pois somente assim poderemos nos arvorar em advogados de nossas causas. Não podemos simplesmente emitir opiniões e conceitos calcados em “achismos” (o achar e a mãe de todos os erros), ou mesmo escudados tão somente pelo que outros disseram ser a verdade absoluta.

Lembre-se que tudo esta sendo feito para o bem e a grandiosidade da Umbanda. Da nossa parte, estaremos à disposição, pessoalmente, para dirimir dúvidas e fornecer os esclarecimentos necessários a tudo o que neste livro foi escrito.

A UMBANDA É DE TODOS, NEM TODOS SÃO DA UMBANDA

Um dia, hão de chegar, altivos e de peito impune, pessoas a dizer-lhes: sou umbandista, tenho fé em Oxalá, tenho mediunidade... com altivez e força tal que chegarão a lhe impressionar.

Mas quando olhar bem seu semblante, você o verá opaco, translúcido e sem o calor de um verdadeiro entusiasta e batalhador em prol da mediunidade umbandista.

A Umbanda é uma corrente para todos, mas nem todos se dedicam a ela como deveriam. O verdadeiro umbandista sente, vive, respira, se alimenta espiritualmente nela. Não com fanatismo, mas sim com dedicação aflorada no fundo d'alma.

Ser umbandista é difícil por ser muito fácil; é só ser simples, honesto e verdadeiro.

Não batam no peito e digam serem umbandistas de verdade, mas procurem demonstrar com trabalho, luta, dedicação e, principalmente, emoção de estar trabalhando nessa corrente.

Eu lhe garanto que a recompensa será só sua.

Falange Protetora

(Trecho do livro “Umbanda é Luz” de Wilson T. Rivas)

Somente pode testemunhar quem realmente milita com fé, amor, desprendimento e mangas arregaçadas, para a grandeza desta tão magnífica Religião Nacional.

No primeiro livro (“COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE – AS ORIGENS DA UMBANDA”), estaremos disponibilizando todo um material histórico sobre a formação da Umbanda.

Nenhuma religião nasce plena. Ela nasce em fase embrionária e como uma criança ela cresce e se desenvolve. Somos sabedores que no surgimento de qualquer evento importante que permeia a vida de muitos, com o passar dos tempos, quando tudo se inicia somente com observações calcadas na oralidade, pela falta documental comprobatória, muita coisa acaba transformando-se em mito e/ou estórias.

Por isso, na realização do livro sobre as “Origens da Umbanda” – procuramos ser fiéis nos relatos, sem mudar uma vírgula sequer. Em alguns assuntos, tomamos a liberdade de tecer pequenas observações, mas calcadas da razão, a fim de esclarecer ou mesmo dirimir certas dúvidas.

Muitos falam sobre o Caboclo das Sete Encruzilhadas, mas, infelizmente, raros são os que seguem suas orientações. Muitos dão muitas desculpas, todas calcadas na idiosincrasia. Propagam o Caboclo como anunciador da Umbanda, mas, deixam suas evidentes e claras “Linhas Mestras” relegadas a uma Umbanda lírica, histórica e ultrapassada, alegando que a Umbanda evoluiu desde a sua criação, e por isso, muita coisa que o Caboclo das Sete Encruzilhadas orientou que não usasse ou fizesse, hoje, já pode ser usado e feito com justificativas esfarrapadas, sem comprovação e sem a anuência da espiritualidade maior, aduzindo que a Umbanda progrediu e hoje tudo pode ser usado a bel prazer.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas anunciou a Umbanda como religião e normatizou-a com preceitos simples, mas, que teriam de serem seguidos a risca. A partir da anunciação da Umbanda, muitos umbandistas derivaram das práticas originais, criando o que chamamos de: “Modalidades de Umbanda”. Se essas modalidades de Umbanda, mesmo não seguindo todas as “Linhas Mestras” do anunciador, estiverem praticando a caridade desmedida, a compaixão, fé, amor, humildade, desapego, perdão e perseverança, estão no caminho certo, mas, estariam mais seguros, seguindo todas as “Linhas Mestras” do anunciador.

Só teríamos que nos posicionar, e classificarmos que modalidade de Umbanda se pratica, para que o leigo pudesse se posicionar.

Inclusive, afirmamos que nem todo Espírito que “baixa” em Terreiro é autorizado a dirigir ou agir em nome da Umbanda. Seguimos a regra evangélica que diz: *“Amados, não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.”* (I João, 4:1). Observem o que o Capitão Pessoa, dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, um das sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1942 disse: *“(…) O Caboclo das Sete Encruzilhadas é o legítimo senhor de Umbanda no Brasil; nenhuma entidade, por grande que seja, intervém nos trabalhos da magia branca sem uma prévia combinação com ele (...). – “O que deseja, sobretudo, é que este ritual (nota do autor: ritual da Umbanda) seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo”(…).*

Já lemos relatos de irmãos ainda insistindo que não foi o Caboclo das Sete Encruzilhadas que anunciou a Umbanda; outros, dizem que Zélio de Moraes era kardecista e, portanto, montou uma Umbanda kardequizada. Tudo pura conjectura. São opiniões calcadas somente em achismos, pois carece de comprovação documentária, fonográfica, discográfica ou mesmo filmográfica.

Por isso, primamos pela farta documentação histórica no primeiro livro, juntando em anexo, documentos escritos, jornalísticos e fonográficos. Contra depoimentos documentais e relatos gravados, não há argumentos.

Creemos que muita coisa ainda há de aparecer e ser esclarecida quanto à história da Umbanda, do Caboclo das Sete Encruzilhadas, da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e de Zélio Fernandino de Moraes. Verificar esses dados históricos já foi como procurar agulha num palheiro; hoje esta sendo como procurar agulha num agulheiro. Mas, se todos que tiverem um pequeno dado histórico e comprovado contribuírem, com certeza poderíamos juntar todas as peças do tabuleiro e assim descortinar o movimento umbandista brasileiro em sua real beleza e funcionalidade. Temos poucos, mas, fiéis trabalhadores engajados no resgate histórico da nossa amada Umbanda. Uns estudiosos concordam e outros discordam dos entendimentos sobre os relatos históricos. Uns merecem e outros desmerecem a descoberta que alguns fizeram em fatos documentais. A verdade é uma só: Quem participou juntamente do Caboclo das Sete Encruzilhadas em sua missão na terra já desencarnou e não deixou nada, a não ser comentários espaçados. Por isso, achamos bonito entender certos aspectos de como tudo era, mas damos verdadeiro valor e insistimos obsessivamente, que nós umbandistas devemos sim, atentar para o que o Caboclo deixou como “Linhas Mestras” a serem seguidas; o resto são somente fatos históricos para satisfazer a curiosidade.

Seria o mesmo que deixarmos de lado os ensinamentos de Jesus, para somente atentar, discutir, brigar, para provar se ele era moreno, se tinha 1.80 de altura, se era casado, se mantinha relações sexuais, se teve filhos, se bebia vinho, etc., o que não iria de maneira nenhuma acrescentar em nada a nossa evolução espiritual.

Pela extensão, da “COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE”, dividimo-lo em vários livros, cada um estudando vários aspectos da doutrina Umbandista, para que todos possam, passo a passo, vislumbrar esta maravilhosa religião. No livro: “As Origens da Umbanda” está, somente, o estudo histórico da Umbanda, inalterado; e somente em poucas partes fizemos algumas considerações; quanto ao restante dos livros, estarão impressas noções sobre a doutrina umbandística, suas características, atributos e atribuições, bem como seus aspectos esotéricos e exotéricos, com total visão da “Escola Iniciática Umbanda Crística”.

Por serem progressivos, facilitará o estudo da Umbanda tanto nas Sessões de Educação Mediúnica e Doutrinária, bem como em cursos preparatórios de médiuns; assim, quando os médiuns terminarem cada livro, com certeza estarão escudados nos conhecimentos gerais umbandísticos necessários ao seu desenvolvimento como médium umbandista. Esta obra também servirá grandemente para todos aqueles, simpatizantes, estudantes, sociólogos, antropólogos religiosos e curiosos, que querem saber o que é Umbanda.

Obs.: Se alguém reconhecer suas ideias impressas neste livro e não ver o devido crédito comunique-se conosco, onde iremos sanar tal entrave, verificando a veracidade dos fatos. Afinal, quando uma verdade espiritual vem à tona, com certeza, vários médiuns sérios a recebem simultaneamente.

Vejam o que diz Kardec: *“Estai certos, igualmente, de que quando uma verdade tem de ser revelada aos homens, é, por assim dizer, comunicada instantaneamente a todos os grupos sérios, que dispõem de médiuns também sérios, e não a tais ou quais, com exclusão dos outros”*. (“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo 21, item 10, 6º §. (5)).

Em nossas pesquisas, deparamos com um fórum aberto no site de Umbanda: “www.redeumbanda.ning.com”, que nos chamou atenção. Dizia assim:

Uma regra para reger a todos. É possível? *(Publicado por M.R.C. em 13 de Setembro de 2008 às 11h20min)*

Cada pessoa tem sua leitura da vida de acordo com uma série de fatores, educação familiar, estudo didático, meio que vive.

Observa-se uma variedade gigantesca de diferentes formas de levar seu viver.

Esse aspecto nos acompanha em diversas áreas de nosso dia-a-dia, e não poderia ser diferente na Umbanda.

“(...) Muitas portas levam a morada do Pai (...)”

É realmente possível conseguir uma linguagem única para a Umbanda?

Decretar regras gerais nesta situação não alimentaria o preconceito e a intolerância, tendo em vista esses muitos níveis de entendimento?

Bom pensar. Cigano.

Responder até Marcos Alberto Corado

Oi amigo

A Casa ter regras – normas pré-estabelecidas para o seu funcionamento se fazem necessário, no que diz as necessidades básicas como:

- *Manter organização própria, segundo as normas legais vigentes, estruturada de modo a atender a finalidades por ela proposta.*
- *Estabelecer metas para a casa, em suas diversas áreas de atividades, planejando periodicamente suas tarefas, e avaliando seus resultados.*
- *Facilitar a participação dos frequentadores nas atividades da casa.*
- *Estimular o processo do trabalho em equipes.*

- *Dotar a casa de locais e ambientes adequados, de modo a atender em primeiro lugar as atividades prioritárias.*
- *Não envolver a casa em quaisquer atividades incompatíveis ao fundamento da prática do bem e da caridade.*
- *Zelar para que as atividades exercidas nos preceitos fundamentados pela casa sejam gratuitas, vedando qualquer espécie de remuneração.*
- *Aceitar somente os auxílios, doações, contribuições e subvenções, bem como firmar convênios de qualquer natureza ou procedências, desvinculados de quaisquer compromissos que desfigurem o caráter da instituição, ou que impeçam o normal desenvolvimento de suas atividades, em prejuízos das finalidades nos trabalhos espirituais, preservando, assim, a independência administrativa da entidade.*
- *Manter a disciplina quanto a horários, vestuários, comportamento, ética, etc., boa conduta para que nos trabalhos práticos os objetivos sejam alcançados.*
- *A casa ter um grupo de estudo, com a participação de todos trabalhadores.*

Falei de alguns tópicos, quanto à parte de organização estrutural, para o bom funcionamento da espiritual. Quanto a este, cada casa tem uma tarefa a ser desempenhada.

Estas tarefas são planejadas no mundo espiritual, com mentores já designados, trabalhos a serem realizados, médiuns que vão participar do processo daquela casa etc.; por isso que toda atividade espiritual de uma casa deve ser gerida pelo mentor da mesma, mas infelizmente em nossa vaidade e orgulho interferimos neste processo, muito das vezes colocando nosso objetivo pessoal, nossos interesses, interesses de outros que pode nos beneficiar etc., aí vem as diversidades, não diversidades naturais pela interação de encarnados e Espíritos pela diferença do próprio grau evolutivo de um e de outro no modo de levarem seus trabalhos, mas querendo alcançar objetivos dentro dos parâmetros do bem e da caridade, mas sim diversidades que são contrários à ética, a moral e os bons costumes. Aí se instala a diversidade, calcada no aproveitar, levar vantagem, denegrindo a imagem da Umbanda.

*****//*****

Por essa pequena conversa entre irmãos num fórum de Umbanda, observamos no feliz comentário do Sr. Marcos Alberto Corado, a questão da dificuldade de se formalizar um estudo coeso na Umbanda, devido à diversidade de cultura, conhecimento, etc.

Pela diversidade cultural, fica difícil “escrever” sobre a Umbanda, sem ser tachado de nariz empinado ou mesmo de querer ser “expert”, somente por não coadunar com conceitos pré-estabelecidos por outrem.

Por isso, antes de prosseguirmos, vamos alertar aos leitores que não estamos aqui falando em nome da Umbanda em si, coisa que, atualmente ninguém pode fazer, a não ser o seu anunciador, o Caboclo das Sete Encruzilhadas; o máximo que pode acontecer, que também é o nosso caso, é vivenciar, estudar e divulgar a “modalidade umbandista” a qual está ligado; afinal, o que existe são os subgrupos dentro da Umbanda. Divulgamos uma doutrina calcada na razão e no bom senso, preconizada pela “Escola Iniciática Umbanda Crística”. Portanto, se alguém não coadunar com os nossos ensinamentos, é fácil: feche o livro, não leia mais e siga os seus próprios passos, com a sua própria compreensão. “*Tempus est mensura motus rerum mobilium*” (O tempo é o melhor juiz de todas as coisas).

“Nada aceiteis sem o timbre da razão, pois ela é Deus, no céu da consciência. Se tendes carência de raciocínio, não sois um religioso, sois um fanático”. “Não devem vocês impor as suas ideias de maneira tão radical. Cada Espírito é um mundo que deve e pode escolher por si os caminhos que mais lhe convém”. (pelo Espírito de Miramez).

Irmãos umbandistas, nunca se esqueçam: O exemplo é a maior divulgação de uma doutrina superior.

“Não obrigamos ninguém a vir a nós; acolhemos com prazer e dedicação as pessoas sinceras e de boa vontade, seriamente desejosas de esclarecimento, e estas são bastante para não perdermos tempo correndo atrás dos que nos voltam às costas por motivos fúteis, de amor próprio ou de inveja”.

“Reconhece-se a qualidade dos Espíritos pela sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradições; respira a sabedoria, a benevolência, a modéstia e a moral mais pura; é concisa e sem palavras inúteis. Nos Espíritos inferiores, ignorantes, ou orgulhosos, o vazio das ideias é quase sempre compensado pela abundância de palavras.

Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda marca de malevolência, de presunção ou de arrogância, são sinais incontestáveis de inferioridade num Espírito”.

(Allann Kardec)

Se quiserem, muito poderão aprender com os mais velhos e experimentados dentro da Umbanda. Lembre-se que tudo o que fizerem de bom com os mais velhos, estarão plantando nesses corações sementes de luz, que no amanhã poderão clarear os seus próprios caminhos.

“Amamos as catedrais antigas, os móveis antigos, as moedas antigas, as pinturas antigas e os velhos livros, mas nos esquecemos por completo do enorme valor moral e espiritual dos anciãos”. (Lin Yutang)

Importante:

Não leia de um livro, somente um tópico ou aleatoriamente, emitindo sua opinião sobre o entendido somente naquele capítulo. Leia-o do começo até o final, pois, muitos assuntos vão-se completando, esclarecendo o tema.

Parafraseando Torres Pastorinho: Para podermos interpretar com segurança um texto doutrinário, é mister:

- 1) Isenção de preconceitos;
- 2) Mente livre, não subordinada a dogmas;
- 3) Inteligência humilde para entender o que realmente está escrito, e não querer impor ao escrito o que se tem em mente;
- 4) Raciocínio perquiridor e sagaz;
- 5) Cultura ampla e polimorfa, mas, sobretudo; e,
- 6) Coração desprendido (puro) e unido a Deus.

É imprescritível o direito de exame e de crítica e em nossos escritos não alimentamos a pretensão de subtraímo-nos ao exame e à crítica, como não temos a de satisfazer a toda gente. Cada um é, pois, livre de o aprovar ou rejeitar; mas, para isso, necessário se faz discuti-lo com conhecimento de causa, vivência e cultura, e não somente com interpretações pessoais, ou mesmo impondo a sua “verdade”.

“Do ponto de vista psicológico, a verdade pode ser entendida sob três aspectos: a minha verdade; a verdade do outro; e a verdade absoluta; a verdade é muito relativa; a verdade absoluta é Deus” (Divaldo Franco). E temos como verdade absoluta provinda do Pai, tudo o que está calcado na razão, no bom senso e nos ensinamentos crísticos; o ponto de vista calcado no personalismo é pura idiossincrasia.

CRÍTICA E SERVIÇO

“Se muitos companheiros estão vigiando os teus gestos, procurando o ponto fraco para criticarem, outros muitos estão fixando ansiosamente o caminho em que surgirás, conduzindo até eles a migalha do socorro de que necessitam para sobreviver.

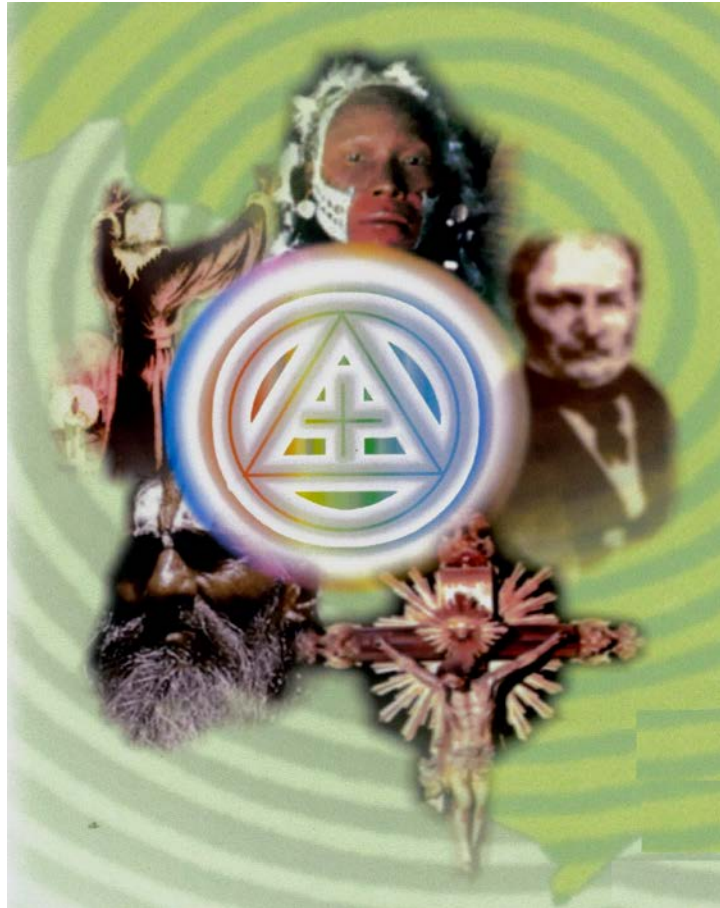
É impossível não saibas quais deles formam o grupo de trabalho em que Jesus te espera”.

(Pelo Espírito de Emmanuel)

Ainda estamos na primeira fase da Umbanda (100 anos), a da implantação, já ingressando na segunda fase, a da doutrinação. Muita coisa ainda há de mudar. Hoje, fazemos, cremos e pregamos uma Umbanda. Amanhã, faremos, creremos e pregaremos outra Umbanda, calcada na Espiritualidade Maior. Mas, temos que preparar o terreno para as mudanças que virão futuramente.

Ainda nos encontramos presos na egolatria, no egocentrismo e na idiossincrasia, sem ouvirmos atentamente o que nos passa a espiritualidade, pois ainda encontramos-nos preocupados tão somente com fatores externos, esquecendo as mudanças interiores, esquecendo de nos educar nos ensinamentos evangélicos, legados pelo meigo Rabino da Galileia. Vamos envidar todos os nossos esforços para as mudanças atuais que se fazem necessárias, a fim de que possamos unidos, nos preparar condignamente, para sermos fieis medianeiros e depositários da confiança da Cúpula Astral de Umbanda, em Aruanda.

A MULTIPLICIDADE RELIGIOSA, DOUTRINÁRIA E FILOSÓFICA PRESENTES NA UMBANDA



Sob a visão da “Escola Iniciática Umbanda Crística”, assim cremos:

Usamos o termo “multiplicidade”, para designar a grande variedade religiosa, doutrinária e filosófica que a Umbanda apresenta.

Significado de Multiplicidade: *“Qualidade do que é múltiplo. Número considerável, abundância; grande variedade”.*

A Umbanda, atualmente, mostra-se ao leigo, como uma mistura heterogênea de cultos, religiões, magias, doutrinas e filosofias, devido às adaptações efetuadas ao longo dos anos segundo o critério pessoal de cada seguidor, e posteriormente colocadas como doutrina do seu Terreiro. Com isso, a Umbanda aparenta ser uma imensa colcha de retalhos formada pela diversidade cultural e religiosa do nosso país.

O Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, a partir de 1908, fixou as bases da “nova” religião, nos legando “Linhas Mestras” simples e objetivas como parâmetros a serem seguidos, a fim de que a Umbanda iniciasse sua trajetória terrena, rumo a sua real finalidade. Nenhuma religião nasce plena; ela nasce em fase embrionária e como uma criança ela cresce e se desenvolve. Mas, como iniciar uma religião nacional, calcada na compaixão, nos ensinamentos crísticos, e na mediunidade científica propagada por Allan Kardec, num meio agreste, com a ignorância humana, o dogmatismo católico, o puritanismo kardecista, o primitivismo da macumba e a complexidade do orientalismo?

Como o Caboclo das Sete Encruzilhadas sendo porta voz da Cúpula Astral de Umbanda colocaria tudo o que é lícito e rejeitaria tudo o que é ilícito dentro de uma recém-formada religião sem ferir consciências, às vezes milenares, plantadas no intimo espiritual de cada um?

O Caboclo, como emissário da Espiritualidade Maior, com sua importante missão, plantou a Umbanda calcada na razão e no bom senso, nos ensinamentos crísticos, obedecendo fielmente o que Jesus ensinou, para assim, poder fincar sua doutrina em bases sólidas.

O Caboclo assim o fez: *“A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros. Rogai, pois, ao Senhor da seara, que mande ceifeiros para a sua seara”.* (Mt 9.37,38)

Pois foi isso mesmo o que o Caboclo das Sete Encruzilhadas fez. Manifestou-se, ditou as “Linhas Mestras”, iniciou o trabalho caritativo, e orou para que chegassem os companheiros de jornada, com paciência e resignação.

“O Reino dos Céus é semelhante ao homem que semeia boa semente no seu campo; mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e retirou-se. E quando a erva cresceu e frutificou, apareceu também o joio. E os servos do pai de família, indo ter com ele, disseram-lhe: Senhor, não semeaste tu no teu campo boa semente? Por que tem então joio? E ele lhes disse: um inimigo é quem fez isso. E os servos disseram: queres pois que vamos arrancá-lo? Porém ele lhes disse: Não; para que ao colher o joio não arranques também o trigo com ele. Deixai crescer ambos juntos até à ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: colhei primeiro o joio, e atai-o em molhos para o queimar; mas o trigo ajuntai-o no meu celeiro”. (Mateus, 13, 24 a 30)

O Caboclo das Sete Encruzilhadas começou a lançar a semente da doutrina umbandista, aguando-as com amor, ensinamentos e práticas caritativas, mas, deixando-as crescerem juntamente com o joio, pois, não queria contendias, revoltas, mágoas e nem impor nada a ninguém, mas somente conscientizar, e isso só se consegue com o tempo.

A partir daí, a Umbanda se disseminou aceleradamente, sem controle, pois, grandes partes de seus seguidores não atentaram para o preposto pelo iniciador, seguindo rituais primitivos, criando cultos próprios, com tendências ao que vinham praticando ou mesmo recordando práticas de outrora. Estava sendo semeado na recém-criada Umbanda o joio das práticas obsoletas, censuráveis, primárias, sendo muitas condenáveis, e outras com ares de esoterismo milenar. Quem fez e faz isso, são os encarnados e alguns desencarnados descompromissados com as Verdades Divinas, no afã de reviverem suas práticas exclusivistas. A Cúpula Astral de Umbanda foi e é complacente, aceitando cada um com o seu jeito de ser, até que completa-se 100 anos; a partir daí iniciou-se o saneamento, a separação do joio e do trigo. O trabalho a partir daí será muito árduo.

Mas, o Caboclo, sabiamente, antevendo tudo isso, aguardou pacientemente, pois sabia que se fosse impor a Umbanda em sua realeza, com certeza faliria em sua missão, pois fora o joio, também acabaria, por osmose, ceifando também a boa semente. A Cúpula Astral de Umbanda permitiu que as práticas anti-crísticas e irracionais convivessem por determinado tempo, promovendo uma “umbandização” (*“É a ele (Caboclo das Sete Encruzilhadas) que se deve a purificação dos trabalhos nos Terreiros. Não veio destruir o ritual e sim lhe dar força e métodos, manter sua pureza e propagá-lo com a sua organização maravilhosa”.* – Capitão Pessoa - 1935) da miscigenação dos cultos mediúnicos existentes, bem como de práticas primitivistas, que perdura até os dias atuais. Observem que essa “umbandização” persiste, pois ainda não se pratica a Umbanda como quer a Espiritualidade Maior. Pratica-se muito sim, mediunismo umbandístico, mas não a Umbanda em sua totalidade. Ainda tem-se muita coisa a fazer e acertar. Com essa “umbandização”, podemos então entender o que se passa no universo umbandista, com as famosas “umbandas dentro da Umbanda, as idiossincrasias, as modalidades de Umbanda. Não é questão da Umbanda ter sofrido influências ou contribuições de outros cultos, mas simplesmente, a Umbanda está recolhendo o que é bom, inserindo em sua doutrina, e rejeitando o que é mal, relegando-o ao esquecimento. Mas isso leva muito tempo.

Ao invés de rejeitar o impróprio, a Cúpula Astral de Umbanda resolveu aceitar seus seguidores com suas manias e seus individualismos, com parcimônia, impondo a prática da compaixão como meta a cumprir, mesmo com imperfeições, aguardando chegar à doutrina conciliatória.

Hoje ainda se ouve: *“Cada Terreiro trabalha de um jeito”*. Se for assim então devemos ser honestos e não falar em nome da Umbanda, mas tão somente em nome da vertente a que pertence, ou do seu Terreiro em particular, ou mesmo em seu nome, pois aí sim, cada um, com os Espíritos que lhe dão assistência, podem fazer o que quiserem sem falarem em nome de todos, contrariando as “Linhas Mestras”, ditadas pelo instituidor da Umbanda

Com tudo isso, o processo de “umbandização” ainda persiste, e hoje, muitos Terreiros, paulatinamente estão se integrando aos ensinamentos crísticos, e com certeza, futuramente, todos estarão unidos num só coração e num só pensamento, praticando a Umbanda como a Espiritualidade Maior quer, e não mais a Umbanda como o humano quer. E chegado o momento da “ceifa”; o que é ilícito na Umbanda será ceifado, mas, como dissemos, demanda tempo. Com certeza, o momento é chegado, e a separação do joio e do trigo já começou. Somos sabedores que sofremos influências, positivas e/ou negativas, tanto dos encarnados quanto dos desencarnados, diuturnamente. Mas, a decisão de seguir ou não essas influências que nos dão é completamente nossa, ou seja, do nosso livre arbítrio. Nosso Espírito é livre para decidir que caminho seguir.

A Umbanda é universalista em seus postulados e práticas, pois examina tudo, e retém somente o que é bom.

Os umbandistas sérios, compenetrados e conscientes da sua religiosidade, procuram não aceitar em seu meio religioso práticas primitivas, desconexas, ou que não coadunam com os ensinamentos crísticos, com a razão e com o bom senso. Que possamos estar sempre receptivos às boas influências, ao chamado que nos levará ao caminho que nos direcionará ao Pai Misericordioso.

O culto, a doutrina, a filosofia está sofrendo o processo de “umbandização”, principalmente, o que muitas pessoas trouxeram destes sistemas para a Umbanda, incorporando-os, alguns definitivamente como doutrina. Estes, estão sendo “umbandizados” paulatinamente, para que se transformem na realidade umbandista e sejam praticados condizentemente, pois após o processo de “umbandização”, com certeza, estarão sendo praticados em conformidade com a querência da Cúpula Astral de Umbanda.

Devido a “umbandização”, a Umbanda passa por imensas transformações a cada ano de vida, onde a Espiritualidade Superior vai separando a joia do trigo a fim de ressurgir uma religião livre do primitivismo, totemismo, idolatria, dogmatismo, idolatrias, dançarias desconexas, superstições, fetichismos, cultos externos desnecessários, magias disparatadas, sacrifício de animais, barulhos ensurdecedores, profusão de despachos e oferendas, apegos, fins pecuniários, adornos, adereços, roupagens coloridas, etc. Tudo isso leva tempo e grande persistência. Não podemos falar de influências antes de Zélio de Mores, pois a oficialização da Umbanda como religião começou com ele. Os fatores que contribuíram com a religiosidade da Umbanda, veio somente após algum tempo depois do advento do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas. A Umbanda sofreu influências positivas e negativas, e está trabalhando afincamente para rejeitar tudo o que não tem razão e nem bom senso, restando somente o que é bom. Por trás dos bastidores, os trabalhos se desenvolvem de uma maneira fabulosa e não temos acesso e nem ideia de como tudo se processa. Por isso, o que escrevermos agora serão somente os aspectos exotéricos (externos) de cada religião, doutrina e filosofia que a Umbanda recebeu.

A Umbanda possui, em sua vertente astral uma infinidade de Espíritos atuantes das demais religiões ativas do plano material, e até mesmo aquelas que já terminaram suas missões na face da terra. Em se tratando de religiosidade, essas correntes abrigam tanto padres/freiras, rabinos, hindus, babalawôs africanos, como também magos caldeus, sacerdotes gregos, romanos, egípcios, druidas, pajés indígenas, malaios, tibetanos, indianos, etc. Isso é a universalidade da Umbanda.

Vamos a um relato elucidativo do Espírito de Ramatis:

UMBANDA E INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS INDÍGENAS, NEGRAS E BRANCAS

- **PERGUNTA: - Umbanda; uma religião brasileira ou afro-brasileira?**

RAMATÍS: - Inquestionavelmente a Umbanda nasceu em solo pátrio, abrigando influências religiosas indígenas, negras e brancas. Unem-se em suas práticas, tal como está estruturada atualmente, em doutrina mediúnico-espiritualista de Terreiro, Espíritos de Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças, além de todas as outras formas e “raças” espirituais que as entidades do plano astral utilizam para fazer a caridade, tendo em vista que a Umbanda é guindada à universalidade no intercâmbio mediúnico, preponderantemente com influência africanista, em seu aspecto positivo, benfeitor.

É o contrário da rotina fetichista e atávica dos ritos de alguns Terreiros eminentemente de cultos africanos e indígenas já distorcidos dos rituais ancestrais das nações e tribos originais de que são procedentes, o que podeis denominar práticas mágicas populares, que não se enquadram nas “normas” do culto umbandista ditadas pelo missionário e luminoso Caboclo das Sete Encruzilhadas, particularmente quanto à gratuidade, dispensa de oferendas votivas com sacrifícios animais e não utilização de sangue ritualístico.

Respeitosamente, e sem excluir nenhuma forma de mediunismo que almeja a caridade com o Cristo, diante da saudável diversidade da Umbanda, faz-se necessário, neste momento da formação da consciência coletiva umbandista, distinguirdes as práticas mágicas populares, distorcidas diante das leis de causalidade que regem a harmonia cósmica, do verdadeiro movimento de Umbanda, que se espraia na Terra provindo do Espaço com a finalidade de interiorizar nos corações o “Espírito” da caridade. As normas de culto ditadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas servem como balizadores àqueles que estão em dúvida sobre se os Terreiros que freqüentam são amparados ou não pela Divina Luz.

Está claro que toda sorte de mediunismo tem um valor diante da inexorável evolução dos seres, desde que a cada um seja dado em conformidade com seu merecimento e afinidade, necessidade de retificação e capacidade de assimilação, nada se perdendo do rumo do Pai. Ao público espiritualista que nos é simpático, impõem-nos os compromissos assumidos com os Maiores do Espaço para ditar elucidações ampliando o discernimento das coletividades encarnadas que nos leem.

Assim, esclarecemos que há tipos de rituais confundidos com a Umbanda que vão desde a pajelança, um tipo de xamanismo brasileiro em que o Pajé incorpora em transe ritual com beberagem de ervas; o tambor de mina, em que se misturam cultos de diversas nações africanas com a pajelança para dar passagem às entidades de cura e para “tirar” feitiço; o Catimbó, em que a fumaça da queima de certas folhas oferece êxtase, dando poderes “sobrenaturais” ao pajé e colocando-o em comunicação com os Espíritos; o Ritual de Jurema, em que os “juremeiros” manifestam índios ousados, violentos e ardilosos ostentando enfeites de penas, cocares, tacapes, arcos e flechas, dançando em rito exterior que arrebatava as populações carentes de assistência social e à saúde, com suas ervas e raízes curativas apresentando proezas fenomênicas entre fogo, brasa e cacos de vidros; bem como os rituais africanistas descaracterizados das matrizes ancestrais das antigas nações.

Não vos iludais com as aparências espirituais, em que Espíritos com formas astrais símiles aos da verdadeira Umbanda nas apresentações e completamente diferentes de sua essência caritativa, alimentam-se energeticamente em ritos “iniciáticos” sanguinolentos, regalados entre danças e acepipes de pedaços de animais sacrificados e farofas, finamente temperados, que enchem as covas estomacais qual enterro famoso em átrio sepulcral, tudo pago para o bem-estar dos médiuns e consulentes. Afirmamos que nada disso é Umbanda, enquanto movimento plasmado pelo Cristo Cósmico, que se irradia para a crosta terrícola do Astral Superior. Umbanda é uma verdade que independe da vontade e das suscetibilidades feridas de lideranças sacerdotais que conspurcam seu nome sagrado com práticas que não são condizentes com a caridade referendada no Evangelho de Jesus. Por outro lado, reconhecemos a existência de variados ritos, usos e costumes na Umbanda; alguns um tanto fetichistas, outros um pouco distorcidos: aqui um grito exagerado, ali uma apoteose dispensável, acolá um médium envaidecido com o guia “infalível”, o consulente desejoso do milagre em seu favor, doa a quem doer. O hábil jardineiro do tempo extrai delicadamente os espinhos para não ferir as mãos. Nem tudo são belas e perfumadas rosas no jardim dos Orixás.

No atual movimento umbandista, isso é explicável pelo fato de não termos padronização ritualística ou codificação, o que, por sua vez, acaba “enxotando” os dogmas, tornando o movimento dinâmico e sempre evoluindo, como tudo no Cosmo. Oxalá e seus ditames prevêem o equilíbrio nessa diversidade.

Da obra Fundamentos de Teosofia, de C. Jinarajadasa, p. 22, publicada pela Editora do Pensamento, é transcrito o seguinte texto que elucida a questão da “diversidade” - tão vívida na Umbanda -, diante do Grande Plano de Evolução engendrado pelos engenheiros e arquitetos siderais: “(...) existe um processo evolutivo em incessante atividade; a conversão do Uno em Muitos. Não é um processo em que, nos Muitos, cada qual luta para si, mas em que cada qual chega à compreensão de que a sua mais alta expressão depende do serviço prestado a outros, por serem todos Um. A nota fundamental da evolução da forma não é uma série de partes semelhantes, simplesmente justapostas, mas um todo constituído de partes dessemelhantes em que uma depende das outras. E a nota fundamental da evolução da vida não se limita a um único temperamento, um único credo, um único modo de adoração, mas tem por característica a diversidade de temperamentos, de credos e de maneiras de servir, que se unem todos para cooperar com o Logos – Deus – e se lançarem na realização do que Ele planejou em relação a nós”.

Diz-nos Ramatis: “Enquanto não praticardes o Espírito de cooperação e respeito fraterno entre as religiões e doutrinas da Terra, possivelmente continuareis retidos no ciclo vicioso das reencarnações sucessivas. O que rejeitais e excluís com o fel do preconceito de hoje influencia decisivamente o que, onde e como voltareis ao vaso carnal no futuro. Cooperação e respeito fraterno sem exclusões – que não vos leve a ter receio de indicar o que não é Umbanda, pois é convivendo em harmonia nas diferenças que amadurecereis espiritualmente. Os prosélitos que vos agridem, quando assim vos intuímos, não se mostram consciências preparadas para interiorizar e sentir a essência que sustenta a Umbanda: fazer a caridade”.

É oportuno registrar que os costumes africanistas tribais de religiosidade ancestral aportaram no Brasil com acentuadas distorções de suas práticas originais. Já eram atacados pela Inquisição antes de as levas de escravos capturados serem jogadas nos fétidos porões das naus portuguesas. Via de regra, isso foi intensificado aqui pela continuidade da opressão do clero, que redundou em várias outras adaptações, com raras exceções que conseguiram manter os ritos primários incólumes. Impôs-se uma necessidade de sobrevivência da população negra explorada, “liberta” com a Lei Áurea, que ficou excluída do contexto social e entregue à própria sorte, sem nenhum apoio do Estado monárquico, que se curvava ao controle de um catolicismo arcaico e perseguidor (ambos se beneficiaram da pujança econômica oferecida pelo braço escravo). Finalmente livres, os negros se viram sem as moedas dos patrões que os alimentavam, sem o mínimo para a manutenção de suas vidas.

Foram, circunstancialmente, “obrigados” a cobrar pela magia curativa que faziam gratuitamente aos sinhôs e sinhás no recôndito das senzalas de chão batido. Dessa vez, estimulados pelos constantes pedidos dos próprios homens brancos que furtivamente saíam das missas e procuravam as choupanas dos ex-escravos alforriados, os quais subitamente se viram transformados em ilustres magistas de aluguel.

Distorceram, portanto, as leis divinas e deu no que deu: o vil mercantilismo religioso que viceja culturalmente em todos os recantos desta nação atual, formando o carma grupal a ser queimado no futuro, assim como foi no passado.

Afinal, quando nos vestimos com a roupagem transitória de Pai Benedito, perfilado na linha de frente da Umbanda, não fazemos a magia branca de raiz, ancestral e originária do Congo, da Angola, da Etiópia, do Egito ou dos velhos Templos da Luz de nossa remota e saudosa Atlântida?

A magia que praticamos do “lado de cá”, apátrida, referendada por leis cósmicas universais e imutáveis, não é atingida pelas ilusões dos homens, que infelizmente se perpetuam, pelos equívocos que passam de geração a geração, ao longo das encarnações sucessivas nessa pátria verde e amarela (...).

- **(...) PERGUNTA: - O Brasil tem larga tradição católica, originária preponderantemente de Portugal, país de extrema devoção aos Santos, com os quais os fiéis estabelecem relação de favor sempre em troca de algo, presumindo “intimidade” com as coisas do sagrado. Isso não é intensificado na Umbanda?**

RAMATÍS: - A fé católica nos Santos e milagres era comum aos portugueses que aportaram no Brasil. Os lusitanos acostumados às “rezadeiras”, com promessas aos Santos padroeiros, seus intercessores divinizados, acreditavam que seus pedidos eram levados mais rapidamente a Deus. Na luta dos conquistadores contra os índios selvagens e os negros sem alma, (*“Os negros e índios passaram a ter alma, para a Igreja Católica, a partir de 1741, com a bula papal Immensa Pastorum, selada pelo papa Bento XIV, que declarava que essas raças, apesar de infiéis, eram receptivas à conversão como todas as outras. A aceitação das almas dos negros e índios simboliza a imposição da espiritualidade branca do catolicismo sobre as concepções originais dos escravos e silvícolas, que se apresentavam de fé inabalável, profundamente aferrados a seus mitos e rituais milenares, os quais foram combatidos ferrenhamente com muitos assassinatos que “contribuíam” para os “Céus” na extinção dos “endemoniados” da Terra, que não aceitavam a catequização imposta*”) pela preservação da povoação dos territórios, invocavam os Santos guerreiros, como Santo Antônio, São Jorge, São Sebastião e São Miguel. Contra as doenças de pele, a tuberculose e a hidrocefalia, entre tantas outras enfermidades da época que acometiam seus familiares, reivindicavam apoio dos Céus por meio de ladainhas e autoflagelações a São Roque, São Brás e São Lázaro; das mulheres, como bom comportamento, exigiam que durante as missas intermináveis ficassem ajoelhadas, orando à Virgem Maria, em suas aparições como Nossa Senhora das Dores, da Conceição, do Parto, característica das famílias patriarcais portuguesas que elegiam a pureza de Maria como modelo de comportamento para suas moçoilas e matronas.

Na verdade, o catolicismo colonial é profundamente mágico e místico. Mesmo o clero proibindo as superstições pagãs, taxadas de heréticas em plena vigência inquisitorial, o discurso doutrinário não pregava a inexistência dos fenômenos ocultos e milagreiros. De maneira velada, os clérigos incentivavam essas práticas mágicas de apelo ao divino para conseguir benesses materiais, desde que a intervenção ao sobrenatural na vida dos crentes fosse propriedade da Igreja e por ela patrocinada.

Assim, bentinhos, figuras, medalhas de Santos, depois de benzidos pelos sacerdotes e colocados debaixo de travesseiros e colchões, detinham poderes miraculosos. Quando costurados em pequeno pedaço de pano viravam amuletos poderosos contra as forças maléficas do demônio. Ter em casa um vidro de água benta garantia proteção contra os maus Espíritos, bastando espargi-la nos cantos, entre cânticos. As fitas cortadas e abençoadas pelos padres nas missas dominicais, se amarradas na cintura do crente, removiam dores, nevralgias e problemas de coluna. Para as almas alcançarem os Céus, além da imprescindível extrema-unção, quanto mais velas, novenas e ladainhas fúnebres, maiores seriam os portões de entrada do paraíso.

Todo o fascínio mágico do catolicismo se confundia com a missa dominical: as rezas ritmadas, os sinos e campânulas, o altar com ossos e pedaços de roupas dos Santos, a purificação pela fumaça aromática dos incensadores, os anjos e querubins retratados na abóbada celestial nos tetos das capelas, sob os olhos intimidados dos crentes pedintes, tudo isso estabelecia uma fascinação mágica de que as lideranças eclesiais se aproveitavam para reprimir fiéis, convertê-los e atraí-los.

Os negros e índios das cidades, proibidos de entrar pela porta principal das igrejas, eram acomodados em pé nas laterais, aos fundos (os melhores lugares eram da nobreza branca), e ficaram totalmente submetidos à religião do conquistador português, sendo convertidos, porém preservando sua religiosidade original, sem perda da fé ancestral.

Nos dias atuais, na Umbanda, essa relação de troca mágica entre os consulentes pedintes e os Espíritos é ainda visível. De fato, a grande aceitação das tradições afro-ameríndias amalgamadas com o espiritismo e os Santos católicos penetrou intensamente na alma mística do brasileiro. Existe um infindável número de Terreiros umbandistas e centros universalistas em que é possível o estreitamento do contato com os Espíritos dos mortos, criando uma relação mágico-religiosa personalizada pelo transe mediúnico. Nela, deságua o carma grupal que envolve as individualidades encarnadas e desencarnadas em busca de redenção espiritual, pois todas estão retidas no orbe terrícola, impedidas momentaneamente de alcançar o passaporte cósmico que as levará a novas paragens espirituais. Como dizem os Pretos-Velhos em suas mensagens simples e de grande sabedoria: *“(...) quando a pedra aperta no sapato, há de se parar um pouco para aliviar a dor no pé, podendo o filho continuar depois a caminhada”*.

Considerando o mediunismo de forma ampla, o qual não se restringe à Umbanda, não vos deixeis enganar, tendo em vista que as preces veladas, as posturas silenciosas e compungidas de muitos espíritas e espiritualistas da “Nova Era” são recheadas de pedidos íntimos e secretos de apelo materialista, além de muito escassos no merecimento, de acordo com as leis de causa e efeito e respeitando o livre-arbítrio do próximo.

Na relação individual com o plano espiritual, são inevitáveis os maneirismos e condicionamentos mentais arraigados no inconsciente, como podereis deduzir por vós ao avaliar vosso próprio íntimo.

(“A Missão da Umbanda” – Obra mediúnica inspirada pelo Espírito de Ramatís ao médium Norberto Peixoto)

Iremos versar sobre alguns conceitos, rituais e doutrina, que alguns cultos e filosofias mais marcantes legaram para a Umbanda após sua fundação, para entendermos que muita coisa que professamos atualmente encontra-se na raiz de cada um desses sistemas.

Vamos então ao estudo sucinto dos sistemas mais marcantes que estão presentes na Umbanda, lembrando que a Umbanda é uma religião crística, que tem em suas fileiras obreiros da vida eterna que tiveram encarnações em várias partes do orbe terrestre, com seus costumes e maneiras peculiares de apresentação e trabalho espiritual. A religião de Umbanda não se baseia em fatores religiosos e práticas raciais, mas sim, utiliza tudo o que é bom e rejeita tudo o que é mal, com fins totalmente caritativos. A Umbanda não é fundamentada em um aspecto racial/religioso/filosófico; é fundamentada essencialmente nos ensinamentos do Evangelho Redentor, constituindo-se numa religião compassiva. Temos as presenças positivas e as negativas, incorporadas, onde muita coisa infelizmente ainda persiste na religiosidade de Umbanda pela insistência de muitos proficientes, desconhecedores da realidade espiritual de tão magnífica religião. Vamos ao estudo sucinto das mais marcantes:

- **INDÍGENA**



AS ORIGENS DA UMBANDA: RITUAIS INDÍGENAS SEM PARÂMETROS NA VELHO MUNDO

Ao se depararem com os índios brasileiros, os padres jesuítas e reformadores calvinistas ficaram espantados com o que esperava por eles nestas terras. Ao contrário dos indígenas antes encontrados pelos colonizadores das Américas, os nossos índios tinham uma concepção religiosa e mística que espantou aos estudiosos da época, mas que hoje nos soaria extremamente familiar. São inúmeros os relatos onde a estrutura moral e concepção religiosa do indígena brasileiro, antes de ingênua ou selvagem como imaginavam os europeus, era na verdade de grande maturação espiritual se vista como o entendimento atual.

Em seu livro “Crônica da Companhia de Jesus”, padre Simão de Vasconcelos relata: “Os índios do Brasil, de tempos imemoriais a esta parte, não adoram expressamente deus algum: Nem tem templo, nem sacerdote, nem sacrifício, nem fé, nem lei alguma”.

Para continuar mais adiante: *“Disse do Brasil, porque dos Índios de quase todas as outras partes da América, do Peru, do México, Nova Espanha etc., sabemos o contrário, e que acharam aqueles primeiros seus descobridores grandes indícios, e ruínas de templos famosos, de variedades de ídolos, cerimônias e cultos”. Mesmo espantado com a falta de “adoração” por parte dos índios brasileiros, Simão de Vasconcelos não deixa de notar que: “claramente por comum não reconhecem deidade alguma, tem, contudo, uns confusos vestígios de uma excelência superior, (...) os mesmos vestígios há entre eles da imortalidade da alma e da outra vida,”*

Na verdade, o que ele não entendia, é que desde aquela época, nossos índios tinham o costume de se comunicar com seus antepassados, através do transe mediúnico induzido através do tabaco e bebidas fermentadas. O que para ele era um sinal de selvageria e uma festa pagã, para os nossos índios era uma cerimônia com direito a passes, rezas e aconselhamentos. Observem como o mesmo Padre Simão relata o que viu os índios brasileiros fazerem, depois de usarem o tabaco e o vinho:

“(...) depois de assim animados, fazem visagens e cerimônias, como se foram endemoninhados, dizem aos outros o que lhes vem à boca, ou o que lhes ministra o diabo; e tudo o que dizem enquanto dura aquela desatino creem firmemente, qual se fora entre nós a revelação de algum Profeta. (...) A uns ameaçam más venturas e a outros boas, (...) como dito de alguma deidade”. Padre Simão de Vasconcellos relata ainda neste mesmo livro e em outro em que narra a vida do também padre João de Almeida, diversos casos onde a tradição indígena demonstra resultados espantosos, claro que sempre interpretados pelos europeus como “notáveis espécies de feitiçarias”.

Sem parâmetros de comparação com a “civilização” europeia, o índio brasileiro vivia, antes da chegada do homem branco, em perfeita comunhão com a Natureza, seus ancestrais e sua religiosidade. Se causou espanto aos pretensos colonizadores o modo como agiam, os selvagens que não tinham *“nem fé, nem rei e nem lei”* conforme escreveu em 1584, Gabriel Soares de Souza, viviam a seu modo simples em média até os 120 a 140 anos. Sua sabedoria e simplicidade ficam claras nas palavras que o missionário francês Jean de Léry coloca na boca de um velho caráiba, no livro *“Viagem à Terra do Brasil”* de 1578: *“(...) há muito tempo, já não sei mais quantas luas, um mair como vós, e como vós vestido e barbado, veio a este país e com as mesmas palavras procurou persuadir-nos a obedecer a vosso Deus; porém, conforme ouvimos de nossos antepassados, nele não acreditaram. Depois desse veio outro e em sinal de maldição doou-nos o tacape com o qual nos matamos uns aos outros”.*

(<http://umavelacesa.blogspot.com/search/label/umbanda>)

Sua importância na religião é marcada pela presença espiritual fluídica de arquétipos de silvícolas, os Guias Caboclos da Mata, e seus auxiliares, os Protetores Caboclos Sertanejos (cafuzos), e Protetores Caboclos D’Água (mamelucos). Trazem na essência espiritual suas hierarquias, sua espiritualidade, suas curas, seus cultos, suas crenças; trazem grandes influências para a Religião de Umbanda. A mística umbandista dos índios e mestiços como “Caboclos” é um dos pilares da Religião de Umbanda.

Viajantes e estudiosos que visitaram o Brasil colonial escreveram que as tradicionais religiões indígenas se valiam em procedimentos mágicos, para influir na vida das pessoas e no mundo físico, através de plantas e animais. Assim, populariza-se a crença de que a heterogênea litúrgica e mística dos índios deriva de um antigo culto a Deus – “Tupã”, conhecido como Supremo, por todos os povos indígenas. Formaram-se rituais fúnebres para agradar os mortos, evitando que viessem à comunidade. Bebidas alucinógenas eram empregadas para expandir a consciência; o Tabaco misturado com ervas no cachimbo era utilizado para benzer, curar, expandir a consciência e exorcizar. O uso das ervas em maceração (banhos) e defumadouros era diário. Seu mundo místico era um universo em que os Espíritos de humanos, animais e divindades coexistiam em harmonia dinâmica. Curas físicas e espirituais eram processadas em rituais encantatórios com o uso da ectofitoplasmática brasileira. A Pajelança, como hoje conhecemos, é uma medicina indígena praticada pelo sacerdote “Pajé”, com o uso de infusões, beberagens, macerações, tisanas e mistura de Tabaco com ervas.

No aspecto litúrgico, observa-se o fato de uma forte relação com a Umbanda praticada nas regiões Norte e Nordeste, onde são comuns, em sessões de curas, procedimentos como: Chupão, Benzeduras, Beberagens (garrafada), entre outros. Nesses rituais, as entidades espirituais são genericamente chamadas “Caruanas” e recebem nomes como: Jatuzinho – Ariranha – Índia – Carumbé – Boto Branco – Jacarezinho – Mãe D’Água – Yara, etc.

A RAIZ INDÍGENA NA UMBANDA

Neste contexto, a abordagem que se fará é indígena e não africanista. Por quê? Devido à supervalorização, até por parte de muitos umbandistas, da cultura negro-africana, do culto aos Orixás das nações de Candomblé, criou-se uma ofuscação da questão indígena. Facilmente encontramos vasta literatura a respeito da cultura africana e muito pouca, quase nada, sobre a riquíssima cultura indígena brasileira no que se refere a Umbanda, sendo estes “índios e mestiços” formadores da nossa raiz ancestral e cultural.

Muitos irmãos de fé dizem que a raiz origem da Umbanda está na África. Muitos até dizem ser a Umbanda uma ramificação do Candomblé. Um fato inquestionável e indiscutível, na minha opinião (Hugo Saraiva), é que os negros africanos muito contribuíram para o surgimento do que hoje chamamos de Umbanda em solo brasileiro, mas acredito que a raiz da Umbanda esteja na Espiritualidade. Utilizou-se ela (a espiritualidade) da miscigenação das raças e pluralidade cultural e teológica existente no Brasil para difundir uma “religião única”, baseada na caridade e no amor ao próximo. Por ser uma filo-religião dos Espíritos de Deus, os mesmos, com a permissão de Oxalá, se apresentam no mundo físico numa forma de pronto-socorro espiritual, religando o homem ao Divino através de seu encontro e harmonização com as forças da Natureza.

Podemos então perceber que a raiz da Umbanda não está no homem, mas sim no Espírito de Deus. Talvez, devido a este fato, a Umbanda não tenha uma codificação como o Espiritismo tem. Não tem um codificador (apesar de muitos irmãos quererem codificá-la) justamente para não criar certos dogmas e mitos, para não impor uma concepção única a respeito da Espiritualidade, dando-lhe a liberdade para que os irmãos se utilizem dos segmentos teológico/religioso que mais tiver afinidades, mas sabedor que só se chega ao Pai Maior utilizando-se da caridade desinteressada como prova de amor ao próximo, praticando assim o Evangelho de Jesus, tal qual nos foi revelado.

A raiz africanista de que muitos irmãos falam, parte da forte influência da cultura negra no processo de miscigenação umbandista. No entanto, estes mesmos irmãos não atentaram a analisar a Umbanda sob a perspectiva indígena. Ao chegarem os brancos europeus e posteriormente os negros escravos no Brasil, já existia aqui uma raça e uma cultura predominante. Os Tupis, Tupinambás e Tupis-Guaranis.

Os índios, na época, já tinham seus ritos religiosos e mágicos, danças típicas como o “Aruanã”, danças totêmicas, cultuavam e reverenciavam as forças da Natureza como manifestações da divindade, tendo cada divindade respectiva, que, inclusive, podemos associar aos Orixás da Umbanda. Vejamos a Teogonia indígena:

TUPI ARCAICO	GUARANI	UMBANDA
Tupã	Nhanderú	Deus – Zambi
Araxalá	Nhandé Jára	Oxalá (Jesus)
Xingu	Karamurú	Xangô
Araxassi	Aimoré	Oxossi
Yêgaum	Urubatan	Ogum
Yámanyá	Cy ou Yacy	Yemanjá
Rudá	Rudá	Oxumarê
Yára	Jára ou Prânacy	Oxum
Yámanacy	Amanacy	Nanã Buruquê
Yêmuera	Payessú	Omulú
Yávyara	Ycayabá	Yansã
Yêrumym	Kurumym	Ybeji
Mara	Mara	Pomba-Gira
Anhangá	Anhangá	Exu

Estes são alguns exemplos e creio que muitos irmãos devem estar surpresos com estas informações, pois não costumamos valorizar nossa própria cultura, nossa brasilidade.

Percebemos aqui semelhanças entre cultos e rituais afros e indígenas. Raças diferentes, continentes diferentes, culturas diferentes. Tudo coincidência??? Acreditamos que tudo isso mostra a essência Divina que se manifesta em todas as partes, de acordo com a cultura, a estrutura social e a herança religiosa de cada povo.

(Texto de Hugo Saraiva, com complementações do autor)

A contribuição Indígena para a Umbanda, basicamente, foi à presença fluídica arquetípica regional de silvícolas e mestiços, o uso da ectofitoplasmática em banhos e defumações, o Tabaco sagrado e o respeito à Mãe Terra.

Os Espíritos com a roupagem fluídica arquetípica de Caboclos na Umbanda:

Com a roupagem fluídica arquetípica regional de silvícolas nominamos de: “Linha Mestra de Trabalhos Espirituais dos Guias Caboclos (as) da Mata”.

Dessa Linha Mestra de Trabalhos Espirituais, surgem duas Linhas Auxiliares de Trabalhos Auxiliares:

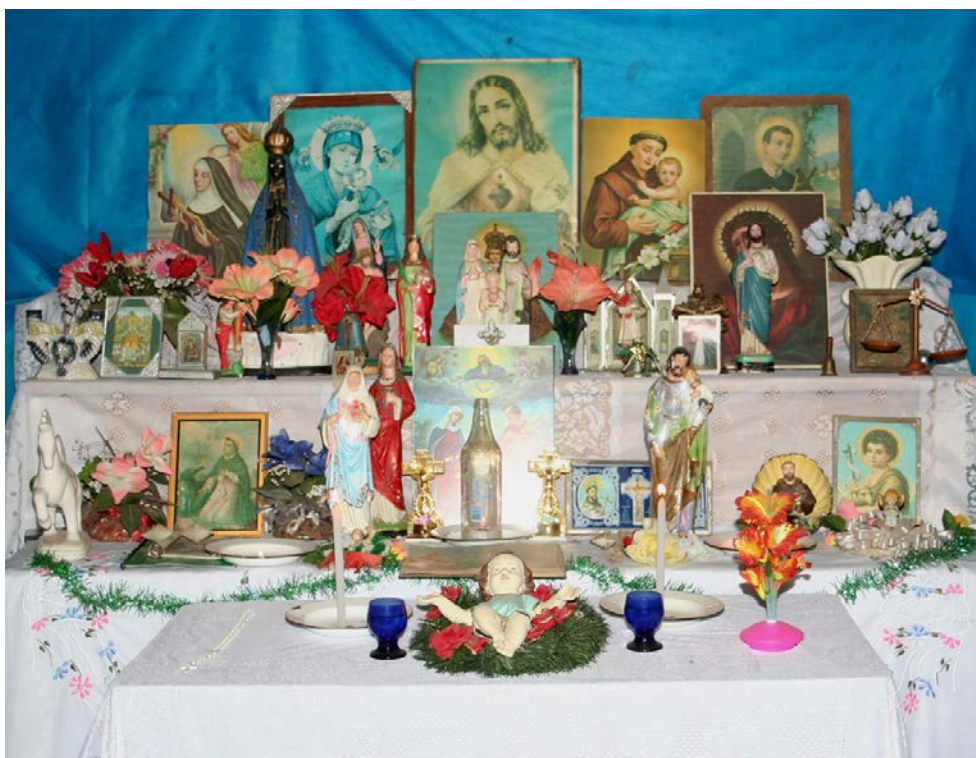
- 1) Com a roupagem fluídica de cafuzos, surge a Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Caboclos Sertanejos (Caboclos Boiadeiros e Caboclas Rendeiras).
- 2) Com a roupagem fluídica de mamelucos, surge a Linha Auxiliar de Trabalhos Espirituais dos Protetores Caboclos D’Água (Caboclos Marinheiros, Caboclos Marujos, Caboclos Barqueiros, Caboclos Pescadores, Caboclos Canoeiros, Caboclos Caiçaras, Caboclos Jangadeiros, e Caboclas Lavadeiras).

Daí percebe-se, usando a razão e o bom senso, que a maior Linha de Trabalho Espiritual, e a de maior contribuição dentro da Umbanda não é a indígena africanista, mas sim, a indígena brasileira.

É isso. É ver, observar, estudar e comprovar.

Devemos estudar e resgatar as tradições indígenas da nossa terra, observando seus ensinamentos, pois ali encontraremos as “chaves” para muita coisa que ainda na Umbanda muitos dizem ser mistério. O que não podemos fazer é trazer para a Umbanda o primitivismo da Pajelança, o fetichismo, o vestuário, cocares de pena, tacapes, arcos e flechas, machados de pedra, ingestão de bebidas alcoólicas, alucinógenas e/ou enteógenas, o folclore, a superstição e o totemismo indígena e caboclo, mas sim, trazer e incorporar em nossa cultura todo o conhecimento e o respeito à Natureza e as coisas Divinas, que os indígenas se diplomaram há séculos. Afinal, somos uma Religião Crística,

- **CATOLICISMO POPULAR**



Embora a maioria dos dirigentes Umbandistas tenha assumido a identidade Umbandista, raramente o catolicismo é renegado. Podem, eventualmente, criticar algumas atitudes da Santa Sé, mas, em geral, não deixam de respeitar o catolicismo, que, aliás, é uma instituição respeitável.

Os símbolos e orações usados pelos católicos estão sempre presentes nas sessões de Umbanda. Não nos referimos apenas à presença dos Santos católicos nos altares, mas a própria celebração e sacramentos. Os cânticos de abertura e fechamento de sessões mais comuns dizem: “Abro e fecho a nossa gira com Deus e Nossa Senhora”.

Bênçãos são dirigidas a Deus, nosso Pai, e rezas utilizadas pelos católicos são frequentes. As rezas são importantes no contexto Umbandista, recomendadas por dirigentes e pelos Guias e Protetores Espirituais.

A Igreja Católica também convive tranquilamente com a apropriação popular de seus Santos, suas orações e alguns sacramentos, por parte da Umbanda.

Se o catolicismo é visto como a religião primeira, quais seriam os fatores capazes de atrair a Umbanda uma clientela vasta e predominantemente católica?

É claro que a presença de Santos, ritos, sacramentos, celebrações, rezas e mitos comuns e a ambivalência de símbolos religiosos facilitam a aproximação de católicos ao universo umbandista. Tratamento individualizado dos fiéis, em que os princípios e doutrinas religiosas são cotejados com a vivência, a qual assim adquire significado.

O confessionário católico decaiu, pois assumiu um caráter controlador e penitencial. Como a Umbanda não tem esta vocação repressiva, suas virtudes orientadoras afloram, pois não pode haver preconceitos e a Umbanda aceita a todos de braços abertos, orientando-os à luz dos ensinamentos crísticos.

Quanto ao parâmetro ideal de que todas as religiões são aceitas igualmente, válidas pela Umbanda, não encontra total fundamentação nas práticas concretas dos Terreiros. Todas as religiões são boas. Cada uma tem um método de seguir e todos os caminhos se encontram num (...) e um só: Deus.

Nós Umbandista aceitamos alguns Santos cultuados na Igreja Católica, pelo simples fato de serem Espíritos justos e virtuosos, que, quando encarnados, foram exemplos de paz, fé, amor, caridade e desprendimento material; e de volta ao plano espiritual, nos incitam ao bom caminho, calcados no Evangelho Redentor; e não somente pela explicação de sincretismo, fundamentada em estudos antropológicos, que diz que somente fizeram uma ligação dos Santos com os Orixás, por verem semelhanças entre eles; Não aceitamos tão somente tal dissertativa; esse tipo de sincretismo é coisa de cultos afros e não da Umbanda.

O sincretismo como fusão de diferentes doutrinas foi previsto pela espiritualidade, para no menor tempo possível, angariar o maior número de adeptos, em decorrência da própria formação racial brasileira. O que foi sincretizado em questões religiosas, foi com o que é positivo e patente. Mas, na verdade, a Umbanda, que não é afrodescendente; não é sincrética quanto à ligação dos Santos Católicos com Orixás. Cremos que alguns Santos proeminentes, Espíritos Superiores, que na Umbanda são também nominados de Orixás, pontificam Linhas de Trabalhos dos Orixás Mediadores, como representantes dos mesmos, atuando em comunhão com essa força; Exemplos: São Jorge milita na força Ogum; São Jerônimo milita na força Xangô; Santa Bárbara milita na força Yansã; São Lázaro milita na força Omulú, etc. (eles não são “o” Orixá, mas “militam na força” Orixá, perfazendo toda uma Linha de Trabalho Espiritual). Somente os culto-afros são sincréticos quanto à ligação de Orixás com Santos Católicos. Estaremos explicando essa questão mais profundamente, no livro: “COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE – AS CORPORAÇÕES ORIXÁS”.

Não se esqueçam que nós umbandistas seguimos aos Espíritos da Luz, não importam de onde venham ou o que foram na vida terrena. Muitos umbandistas refutam os Santos ou mesmo alguns Espíritos militantes no Espiritismo, pelo fato de serem militantes e cultuados por outra religião. Será que se esqueceram que muitos Guias de Umbanda também foram refutados simplesmente pelo fato de não serem civilizados, de serem negros, índios, etc., e pertencerem às religiões naturais? Porque seria diferente o umbandista refutar a presença de Espíritos de Santos que em vida foram Católicos ou mesmo alguns Espíritos que militam no Espiritismo?

Vale a pena acrescentar a opinião do abalizado Sr. Leal de Souza, em 1932, dirigente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, umas das sete Tendências iniciais fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas:

A Linha Branca, o Catolicismo e as outras Religiões

Ensina Allan Kardec, a página 434 do “Livro dos Espíritos”, que a religião se funda na revelação e nos milagres, e acrescenta, na página 440 da mesma obra: - “O espiritismo é forte, porque assenta nas próprias bases da religião”.

Sendo assim, a religião de origem divina, não podemos esperar que as derrubem os nossos ataques, nem devemos considerá-la merecedora de nossas zombarias. Os filhos de Umbanda respeitam e veneram todas as religiões e, sobretudo, a Igreja Católica pelas suas afinidades com o nosso povo e ainda pelas entidades que a amparam no espaço.

Obre terrestre originária do espaço, a Igreja Católica está cheia da sabedoria dos iluminados, e a Linha Branca de Umbanda pede, com frequência, a sua tradição, e aos seus altares, elementos que lhe facilitem a missão de amar a Deus, servindo ao próximo, e nisso não se afasta de Allan Kardec, pois a página 442 do “Livro dos Espíritos” lê-se:

“O espiritismo não é obra de um homem. Ninguém pode inculcar-se como seu criador, pois, tão antigo é ele quanto a criação. Encontramo-lo por toda a parte, e em todas as religiões, principalmente na religião Católica, e aí com mais autoridade do que em todas as outras, porquanto nela se nos depara o princípio de tudo quanto há nele: os Espíritos em todos os graus de elevação, suas relações ocultas e ostensivas com os homens, os anjos guardiões, reencarnação, e emancipação da alma durante a vida, a dupla vista, todos os gêneros de suas manifestações, as aparições, e até as aparições tangíveis. Quanto aos demônios, esses não são senão os Espíritos maus, salvo a crença de que eles foram destinados a passar perpetuamente no mal”.

Estamos convencidos de que se os espíritas estudassem com mais profundidade e com ânimo desprevenido a liturgia da igreja, haveriam de aperceber-lhe um sentido oculto, compreendendo que na majestade sonora das naves se conjugam todas as artes para favorecer o êxtase e desprender a alma, elevando-a a Deus.

Sou dos que acreditam que o catolicismo, como todas as igrejas, vão entrar num período luminoso de reflorescimento, revigorado e rejuvenescido por surpreendentes reformas para as quais vão cooperar, com o antagonismo de suas diretrizes, as correntes materialistas de nosso tempo, e a evidência multiplicada dos fenômenos espíritas.

Um espírita eminente, o Dr. Canuto de Abreu, que é, além de médico e advogado, um verdadeiro teólogo, entende que o espiritismo trouxe para a Igreja Católica um dogma novo – o da reencarnação, e para todas as religiões necessárias a evolução humana, um princípio correspondente a esse.

Procurando penetrar o futuro, acreditamos que o espiritismo triunfará na Igreja, sem destruí-la. Assim como invoca o consenso unânime dos povos para demonstrar a existência de Deus, a igreja invocará a universalidade das manifestações espíritas para aceitar o espiritismo, e talvez época surja em que os templos tenham escolas e corpos de médiuns. Longe de prejudicar o espiritismo, isso lhe aumentará a força, o prestígio e a eficácia, colocando sob a orientação dos Espíritos as corporações sacerdotais.

Voltando, porém, ao presente, acrescentamos que a Linha Branca de Umbanda, que conta, entre os seus Guias, tantos antigos padres, não procura intervir na vida da Igreja para atacar seu clero, limitando-se a observar que há clérigos ruins, como há péssimos presidentes de sessões espíritas, e que nem aqueles, nem estes, com seus erros e falhas, atingem a Igreja e o espiritismo. Ante a Igreja, qualquer que ela seja, Católica, ou protestante, como diante do sacerdote, quer pastor, quer padre, é de simpatia e respeito a atitude do filho de Umbanda e o conselho que aqui poderíamos deixar aos crentes daqueles templos se resume em poucos palavras: “Segue rigorosamente os preceitos da tua religião, e Deus estará contigo”.

(Trecho de Leal de Souza – 1932 – Diário Carioca – Rio de Janeiro – Sexta-Feira, 23 de Dezembro de 1932 – 1ª Edição – 2ª Seção – página 06)

A contribuição mais valorosa não foi do catolicismo como instituição religiosa, com seus dogmas, leis e direitos canônicos, mas simplesmente do catolicismo popular, lírico, ensinado pelos nossos ancestrais. Nossos antepassados nos legaram a presença do Sagrado Evangelho Redentor, a crença e o amor em Nosso Senhor Jesus Cristo, na Mãe Maria Santíssima, nos Anjos e alguns Santos. Alguns sacramentos católicos também foram absorvidos pela Umbanda, pela sua positividade; a Umbanda aceita tudo o que é bom e rejeita tudo o que é mal.

Outra contribuição importante foram os exemplos dignificantes de vida cristã que nos legaram alguns Santos católicos consagrados pelo povo, que nos influenciaram positivamente na prática da caridade, do amor, da benevolência, do auxílio ao próximo, da fé, da oração, do Rosário, das rezas, etc.

• **CULTOS AFRO-BRASILEIROS**

A Chegada dos negros Africanos no Brasil – A escravidão

“Com um imenso território escassamente povoado, o Brasil tinha pouco mais de 3 milhões de habitantes – menos de 2% da população atual. De cada 3 brasileiros, 1 era escravo. Quase 2 milhões de negros cativos foram importados para trabalhar nas minas e lavouras do Brasil durante o século 18. Foram um dos maiores movimentos forçados de pessoas em toda a história da humanidade.

O tráfico de africanos sustentava a prosperidade da economia colonial. Os escravos eram os motores das lavouras de algodão, fumo e cana, e também das minas que drenavam a riqueza para a metrópole. Os cativos somavam aos negros libertos, mulatos e mestiços – seus aliados entre os pobres que viviam à margem da sociedade colonial – eram mais de dois terços da população. A cidade de Salvador/BA era um polo distribuidor de escravos para a região das Minas e para o resto do Brasil. Eles chegavam de muitas regiões da África: da Costa da Mina, de Angola, de Moçambique. O tráfico havia se espalhado por toda a costa da África, e os preços estavam muito baixos. Junte-se a isso uma demanda crescente por trabalhadores nos canaviais do Recôncavo, e temos um aporte excepcional de cativos. As ruas de Salvador eram 100% negras “(...) (Revista Superinteressante edição 251 – abril/2008)



Escravidão no Brasil de 1530 a 1888

No Brasil, começa por volta de 1530, com a escravidão desordenada e em massa de diversos cultos, nações e línguas de negros africanos, ocasionando uma mistura de concepções religiosas. Como fatores marcantes dessa etapa, podemos citar:

- Mistura de cultos de Angola, Congo, Bantos, Nagô, Quêto, Malê, etc.
- Falta de mestres de culto (sacerdotes) entre os escravos.
- Conhecimento apenas parcial dos rituais e iniciações.
- Fugas e formação de quilombos.
- Formação das “bandas” (grupamentos de negros e índios que “rezavam na mesma cartilha”).
- Falta dos apetrechos rituais africanos, o que obrigou a assimilação dos apetrechos rituais dos índios.
- Utilização da sabedoria indígena no que concerne à magia do sertão, e a utilização das ervas medicinais brasileiras.
- Imposição do catolicismo pelo colonizador português, o que ocasionou o sincretismo dos Orixás com os Santos da Igreja Católica.

Os primeiros escravos que aqui chegaram, vinham da região da Guiné Portuguesa. Foram distribuídos pelas áreas dos canaviais da Bahia e de Pernambuco, além de outros estados. Também utilizados nas culturas de cana foram os de língua Banto, originários de Angola e do Congo.

A grande maioria dos escravos foi instalada no Sul/Centro-Oeste/Sudeste, em plantações de algodão, café e extração de minerais. Estes negros trouxeram consigo uma grande bagagem mística, diversificadas em várias tendências.

A presença determinante da cultura Congo na Umbanda e em outros aspectos importantes da vida nacional é uma consequência lógica da grande quantidade de habitantes que carregam essa descendência. Tal presença se vê nas performances ritualísticas (música, dança, transe), na pictografia (ponto riscado, simbolismo das cores) e nos elementos ritualísticos (pomba, plantas, otás (pedras sagradas)).

Mas, o negro não aceitaria a religião do colonizador tão facilmente quanto a elite fez. Os grupos transportados para as Américas jamais poderiam ser completos em sua fé e filosofia mística tradicionais. Entretanto, sua incluyente visão do mundo e a circunstância do exílio os levariam a adaptarem suas cultura e religião aos novos ambientes em que seriam inseridos. Muitos se rebelaram contra brasileiros com seus quilombos. Com a libertação, outros permaneciam nas cidades desenvolvendo estratégias de sobrevivência em que se destacavam as indolências, a predisposição para festas e celebrações (sincretismo com o calendário católico), e principalmente às práticas da Cabula e Macumba, com ênfase na feitiçaria pecuniária. Porém, o fato de eles adorarem a cruz e incluírem Nosso Senhor Jesus Cristo, Mãe Maria Santíssima, e alguns Santos em seus rituais para os antepassados, pareciam uma vergonhosa sujeição. Talvez por isso fossem tidos como dóceis e submissos, e tratados como “negros dos negros”, além de discriminados até mesmo por outras etnias escravizadas.

Reg.^o 18052. L. 982 Reg.^o D. a Rodrigues seu
 Wm. de Dezembro 1866. Cerebellas 22800
 Portugal *Valença*
 Eu abans afiançado confiro a liberdade
 gratuita a minha escrava Christina
 Maria de nascas casange, tendo de
 idade conicaenta e seis annos mais ou
 menos, para que a dita escrava
 possa gerar Vella como se de direito
 tiver sempre nascidas.
 E para seu titulo lhe propui a
 presente carta de affranquia que
 assigno com as duas testemunhas
 aduies tambem firmadas.
 Rio de Janeiro 17 de Novembro
 1866. *M. Pereira*
V. Ribeiro
Carlos
W. de
M. de
17 de
1866
W. de
17 de
1866

Existiram dois tipos de Carta de Alforria: as pagas e as gratuitas. As cartas pagas geralmente eram feitas a prestação, por interesse dos proprietários. Assim, se o negro forro não pagasse uma prestação, voltava a condição de escravo. Outros meios utilizados para quitar a dívida eram pegar empréstimos (com amigos, familiares, instituições benfeitoras ou bancos), trabalhar por conta própria (geralmente vendendo na rua produtos que variavam entre bolos e doces, ou prestando serviços de barbeiro, carregador de peso, sapateiro, etc.), pedir a um benfeitor que pagasse sua dívida em troca de um tempo determinado de trabalhos gratuitos ou os estranhos casos de troca, em que o escravo que recebia a alforria dava ao seu senhor um outro escravo para trabalhar em seu lugar.

As cartas gratuitas libertavam adultos e geralmente os reposicionavam como empregados do seu não mais proprietário. Deste modo, libertava-se um escravo e ganhava-se um trabalhador assalariado com uma carga horária diária pré-definida. Também era comum a libertação de crianças e a promessa de educá-las e criá-las por partes dos senhores. O momento histórico que registra a emissão de cartas de alforria gratuitas é importante porque mostra uma mudança de mentalidade na “alta sociedade” da época.

LEI ÁUREA

Após uma longa batalha dos abolicionistas para acabar com a escravidão no Brasil no século XIX, no dia 13 de maio de 1888 finalmente é sancionada a Lei Áurea, que tinha por finalidade libertar todos os escravos que dependiam dos senhores de engenho e da elite cafeeira. Até a promulgação definitiva da abolição da escravatura, muitas leis foram criadas no sentido de “libertar lentamente” os trabalhadores forçados. Em setembro de 1871 foi criada a Lei do Ventre Livre, que proibia o trabalho de negros escravizados que não haviam atingido a maioridade; e a Lei dos Sexagenários, favorável aos escravos de mais de 60 anos.

Como regente do Brasil na época, a Princesa Isabel foi a responsável por assinar a Lei Áurea, depois de diversas tentativas empenhadas pelos integrantes da Campanha Abolicionista, que se desenvolvia desde 1870. Também houve grande envolvimento com a liberdade dos escravos da própria Princesa Isabel. Ela votou a favor à Lei do Ventre Livre como senadora do Parlamento e financiou quilombos e refúgios de escravos com o fim de libertá-los. O projeto da Lei Áurea foi apresentado pela primeira vez uma semana antes de ser aprovado pelo ministro Rodrigo Augusto da Silva. Passou pela Câmara e foi rapidamente avançado pelo Senado, para sanção da princesa regente. Foi uma medida estratégica, porque os deputados e alguns senadores queriam que o projeto de lei fosse aprovado de qualquer maneira enquanto o rei D. Pedro II viajava para o exterior. A aprovação da lei acabou se tornando uma faca de dois gumes para a princesa. Se por um lado ela pretendia alavancar sua carreira política, acabou arruinando todas as possibilidades ao assinar a Lei Áurea. De fato, a sanção foi um enorme passo dado pelos liberais, que um ano mais tarde iriam derrubar o sistema monárquico em favor da Proclamação da República.

Por mais que a libertação dos escravos representasse a vitória de uma árdua batalha contra as elites, os negros não foram absolvidos em sua totalidade. Primeiramente, não houve um projeto efetivo de integração que permitisse que os antigos escravos se sustentassem de forma independente. Assim, muitos continuaram prestando serviços aos seus senhores para garantir moradia e alimentação. De todos os países do continente americano, o Brasil foi o último a abolir a escravidão. Ainda hoje, mais de um século depois de aprovada a Lei Áurea, o regime escravocrata ainda resiste em lavouras e grandes pedaços de terra.

(<http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/lei-aurea/>)



Dona Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bourbon Bragança e Orléans, Princesa Imperial e Regente do Império do Brasil (1846-1921)



Lei N. 333 de 13 de Maio de 1888

Declama extinta a escravidão no Brasil

A PRINCEZA IMPERIAL Regente em Nome de Sua Magestade o Imperador e Senhor D. PETRO II, faz saber a todos os subditos do IMPÉRIO que a Assembleia Geral Oureton e Ella sancionou a Lei seguinte:

Artigo 1.º É declarada extinta desde a data desta Lei a escravidão no Brasil.

Artigo 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Manda portanto a todas as autoridades a quem o cumprimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O Secretario de Estado dos Negocios d'Agricultura, Commercio Obras Publicas e Interino dos Negocios Estrangeiros, Rubeo de Carvalho, Visor, do Conselho de Sua Magestade o Imperador, o faça imprimir, publicar e correr.

Dado no Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1888, 17.º da Independencia e do Imperio.

Prinzeza Imperial Regente

Prinzeza A. da Silva

Carta de Lei, pela qual Vossa Alteza Imperial Manda executar o Decreto da Assembleia Geral, que houve por bem sancionar, declarando extinta a escravidão no Brasil, como n'ella se declara.

Chancelaria do Imperio

Antonio de Almeida

Brasão em 13 de Maio de 1888

Vossa Alteza Imperial etc.

João João de Almeida

ASSINANTE POR ANNO
 ANNUO 1200
 PAGAMENTO AVANÇADO
 EXEMPÇÃO

GAZETA DE NOTÍCIAS

ASSINANTE POR ANNO
 ANNUO 1200
 PAGAMENTO AVANÇADO
 EXEMPÇÃO

90 REA DO OUTUBRO 70

NUMERO AVULSO 40 RS.

Suscrito e impresso em conformidade com a lei de 13 de Maio de 1888, de 13 de Maio de 1888, de 13 de Maio de 1888.

As subscrições começam no primeiro dia de cada mês, e os pagamentos são feitos em dinheiro.

Tipografia 24.000 exemplares

NUMERO AVULSO 40 RS.

Se algum reader e reader de uma notificação de que de uma notificação

BRAZIL LIVRE

1888

TREZE DE MAIO

1888

EXTINÇÃO DA ESCRAVIDÃO

LEI N. 3353 DE 13 DE MAIO DE 1888

DECLARA EXTINTA A ESCRAVIDÃO NO BRAZIL

A Princesa Imperial Regente em nome de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II :
 Faz saber a todos os subditos do Imperio, que a Assembléa Geral decretou e Ella sancionou a lei seguinte:

Art. 1.º E' declarada extinta desde a data d'esta lei a escravidão no Brazil.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Manda portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O secretario de Estado dos Negocios da Agricultura e interino dos Negocios Estrangeiros, bacharel Rodrigo Augusto da Silva a faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1888, sexagesimo setimo da Independencia e do Imperio.

PRINCEZA IMPERIAL REGENTE.

RODRIGO AUGUSTO DA SILVA.

Carta de lei pela qual Sua Alteza Imperial manda executar o decreto da Assembléa Geral, que houve por bem sancionar, declarando extinta a escravidão no Brazil como n'ella se declara, para Vossa Alteza Imperial ver.

Chancellaria-mór do Imperio.

Antônio Ferreira Vianna.

Transitou em 13 de Maio de 1888.

José Julio de Albuquerque Barros.



Missa campal celebrada em ação de graças pela Abolição da Escravatura no Brasil, 1888, em São Cristóvão, Rio de Janeiro.



Detalhe da foto

No detalhe da foto estão presentes a princesa Isabel, o conde D'Eu, Machado de Assis, José do Patrocínio, entre outras figuras importantes do império.

A Missa Campal em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, em 17 de maio de 1888, foi uma celebração de Ação de Graças pela libertação dos escravos no Brasil, decretada quatro dias antes, com a assinatura da Lei Áurea. A festividade contou com a presença da princesa Isabel, regente imperial do Brasil, e de seu marido, o conde D'Eu, príncipe consorte, que, na foto, está ao lado da princesa, além de autoridades e políticos. De acordo com os jornais da época, foi um “espetáculo imponente, majestoso e deslumbrante”, ocorrido em um “dia pardacento” que contrastava com a alegria da cidade. Cerca de 30 mil pessoas estavam no Campo de São Cristóvão.

O DESTINO NOS NEGROS APÓS A ABOLIÇÃO

(...) Após a Lei Áurea, os negros libertos foram buscar moradia em regiões precárias e afastadas dos bairros centrais das cidades. Uma grande reforma urbana no Rio de Janeiro, em 1904, expulsou as populações pobres para os morros. A campanha abolicionista, em fins do século XIX, mobilizou vastos setores da sociedade brasileira. No entanto, passado o 13 de maio de 1888, os negros foram abandonados à própria sorte, sem a realização de reformas que os integrassem socialmente.

Por trás disso, havia um projeto de modernização conservadora que não tocou no regime do latifúndio e exacerbou o racismo como forma de discriminação. A campanha que culminou com a abolição da escravidão, em 13 de maio de 1888, foi a primeira manifestação coletiva a mobilizar pessoas e a encontrar adeptos em todas as camadas sociais brasileiras. No entanto, após a assinatura da Lei Áurea, não houve uma orientação destinada a integrar os negros às novas regras de uma sociedade baseada no trabalho assalariado. Esta é uma história de tragédias, descaso, preconceitos, injustiças e dor. Uma chaga que o Brasil carrega até os dias de hoje.

Uma das percepções mais agudas sobre a questão foi feita em 1964 pelo sociólogo Florestan Fernandes (1920-1995). Em um livro clássico, chamado *"A Integração do Negro na Sociedade de Classes"*, ele foi ao centro do problema: *"A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (...) Essas facetas da situação (...) imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel"* (...).

(...) A libertação: Em maio de 1888 veio a Lei Áurea e, 16 meses depois, como consequência direta das contradições que vivia o País, a República.

Com a abundância de mão de obra imigrante, os ex-cativos acabaram por se constituir em um imenso exército industrial de reserva, descartável e sem força política alguma na jovem República. Os fazendeiros – em especial os cafeicultores – ganharam uma compensação: a importação de força de trabalho européia, de baixíssimo custo, bancada pelo poder público. Parte da arrecadação fiscal de todo o País foi desviada para o financiamento da imigração, destinada especialmente ao Sul e Sudeste. O subsídio estatal direcionado ao setor mais dinâmico da economia acentuou desequilíbrios regionais que se tornaram crônicos pelas décadas seguintes. Esta foi a reforma complementar ao fim do cativeiro que se viabilizou. Quanto aos negros, estes ficaram jogados à própria sorte (...).

(...) Os ex-escravos, além de serem discriminados pela cor, somaram-se à população pobre e formaram os indesejados dos novos tempos, os deserdados da República. O aumento do número de desocupados, trabalhadores temporários, lumpens, mendigos e crianças abandonadas nas ruas redonda também em aumento da violência, que pode ser verificada pelo maior espaço dedicado ao tema nas páginas dos jornais. Escrevendo sobre esse período, Lima Barreto (1881-1922) ressalta que: *"Nunca houve anos no Brasil em que os pretos (...) fossem mais postos à margem"* (...)

(...) A descrição do historiador Luiz Edmundo (1878-1961), em seu livro *O Rio de Janeiro do meu tempo*, sobre morro de Santo Antônio e suas moradias e vielas miseráveis, poucos anos depois, mostra um pouco da cartografia humana da então capital: *"Por elas vivem mendigos, os autênticos, quando não se vão instalar pelas hospedarias da Rua da Misericórdia, capoeiras, malandros, vagabundos de toda sorte: mulheres sem arrimo de parentes, velhos que já não podem mais trabalhar, crianças, enjeitados em meio a gente válida, porém o que é pior, sem ajuda de trabalho, verdadeiros desprezados da sorte, esquecidos de Deus..."* No morro, os sem-trabalho surgem a cada canto" (...)

"A preocupação pelo destino do escravo se mantivera em foco enquanto se ligou a ele o futuro da lavoura. Ela aparece nos vários projetos que visaram regular, legalmente, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, desde 1823 até a assinatura da Lei Áurea. (...) Com a Abolição pura e simples, porém, a atenção dos senhores se volta especialmente para seus próprios interesses. (...) A posição do negro no sistema de trabalho e sua integração à ordem social deixam de ser matéria política. Era fatal que isso sucedesse". (Florestan Fernandes)

(Texto de: Gilberto Maringoni)

Com a miséria instalada entre os negros, um dos recursos encontrados por muitos foi a prática sistemática de feitiçarias, que já eram efetuadas quando ainda eram escravos por encomenda dos alguns senhores, só que agora com fins pecuniários, pois viram aí uma grande fonte de renda, crescendo enormemente tais práticas, principalmente nos cortiços e nas favelas do Rio de Janeiro, atendendo a enorme demanda .

Como disse João do Rio em seu livro: “As Religiões do Rio” (1904): (...) “*Vivemos na dependência do feitiço, dessa caterva de negros e negras, de babalorixás e iawôs, somos nós que lhe asseguramos a existência, com o carinho de um negociante por uma amante atriz. O feitiço é o nosso vício, o nosso gozo, a degeneração*” (...). Buscavam a feitiçaria famosa dos negros africanos, senhoras, senhoritas e cavalheiros da sociedade carioca, que em mãos enluvadas tiravam das carteiras ricas notas para pagarem por “magias” que satisfizessem seus pedidos e desejos, muitas vezes sórdidos.

Depois da abolição, o que eles podiam fazer se não tinham algum tipo de ajuda. Eram rejeitados. Foram literalmente jogados ao mundo. Conhecidos como facinorosos, perambulavam pelo sertão.



Ex-escravos Malês (muçulmanos)

Uns, já idosos, se instalavam em casebres, vivendo como podiam:



Na década de 1900, ex-escravos trabalhavam na fabricação de roscas de polvilho

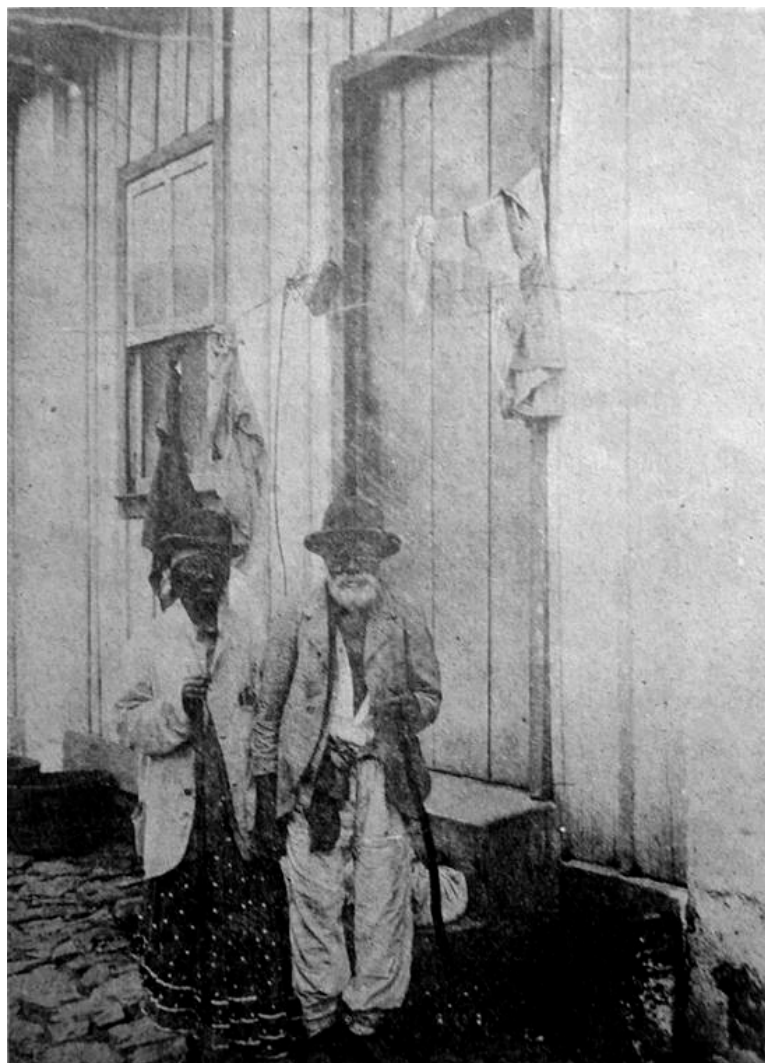


Ex-escravos



Casa de escravos

Outros, por falta de opções, seguiram o caminho da mendicância:



O retrato da pobreza. Foto tirada em 1902, na cidade de Santos/SP, retratando um casal de ex-escravos, mendigos; ele com 120 anos e ela com 110 anos.

Alguns, em vida, escolheram o caminho espiritual e o do auxílio ao próximo:



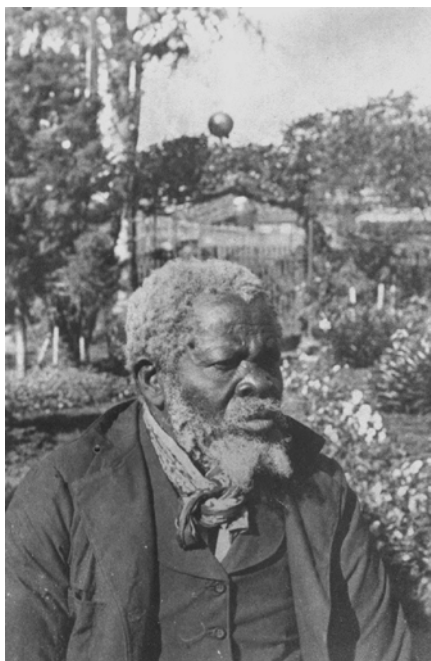
João de Camargo (Sarapuí, 05 de julho de 1858 — Sorocaba, 28 de setembro de 1942) foi um religioso brasileiro, também considerado santo popular, milagreiro e Preto-Velho. Viveu em Sorocaba, no Estado de São Paulo, onde criou a Igreja do Bom Jesus do Bonfim das Águas Vermelhas. Nascido escravo, herdou o sobrenome de seu antigo dono. Após a Lei Áurea, foi liberto e mudou-se para Sorocaba, onde foi cozinheiro, militar, trabalhador de lavoura e de olarias. Desde jovem recebeu muitas influências religiosas, das religiões africanas, através de sua mãe, e do cristianismo, através de sua sinhazinha Ana Teresa de Camargo e do padre João Soares do Amaral. Através dessas diversas influências, sua fé tornou-se uma espécie de sincretismo entre várias religiões. Nhô João, como mais tarde viria a ser chamado, segundo seus devotos, já praticava curas desde 1897. Porém, durante a vida, teve muitos problemas com o alcoolismo, que o impediram de assumir plenamente sua missão. Em 1906, teria tido uma visão que o curou do vício na bebida, fazendo-o dedicar-se completamente ao projeto de criar a sua igreja, no distante bairro das Águas Vermelhas. Processado por curandeirismo em 1913, Nhô João decidiu, para proteger a nova religião, registrá-la oficialmente como *Associação Espírita e Beneficente Capela do Senhor do Bonfim*, reconhecida como pessoa jurídica em fevereiro de 1921.

Outros, depois de falecidos, ganharam o status de milagreiros:

ESCRAVO EDUARDO LOURENÇO

Araraquara/SP, Cemitério São Bento: O túmulo do escravo Eduardo é simples, ornamentado por uma lápide que foi dada pelos filhos do seu antigo senhor. Nascido em 1834, Eduardo conquistou em 1886 sua carta de alforria. Ele faleceu em 1915, aos 81 anos. Em seu epitáfio diz que ele morreu cercado de estima e respeito de seus contemporâneos. Recebe muitos pedidos e orações, sobretudo de fumantes que queiram largar o vício.

TONINHO ESCRAVO



Toninho escravo



Túmulo do Toninho Escravo (à esquerda), ao lado do túmulo do Barão Geraldo de Rezende

Campinas/SP, Cemitério da Saudade: É o túmulo onde mais graças foram alcançadas e o mais antigo do cemitério, dentre os milagreiros. São mais de três centenas de plaquetas espalhadas por todos os lugares.

São placas não só de Campinas, mas de todo o país. O túmulo de Toninho escravo, o "preto véio" como é mais conhecido, fica no número 22, quadra 8. Toninho faleceu dia 13 de março de 1904. Foi escravo, mas teve a oportunidade de conhecer a liberdade. Diferentemente de outros, optou pela total servidão ao seu senhor, o barão Geraldo de Rezende. Trabalhava como cocheiro da fazenda Santa Genebra, pertencente ao barão, e era considerado o seu braço direito. Numa época de grande discriminação, a gratidão entre os dois fazia os moradores de Campinas refletirem sobre os valores sociais da época. Toninho viu seu patrão crescer.

A diferença de idade entre eles não pode ser precisada, uma vez que a data de nascimento do "preto véio" não chegou a ser conhecida.

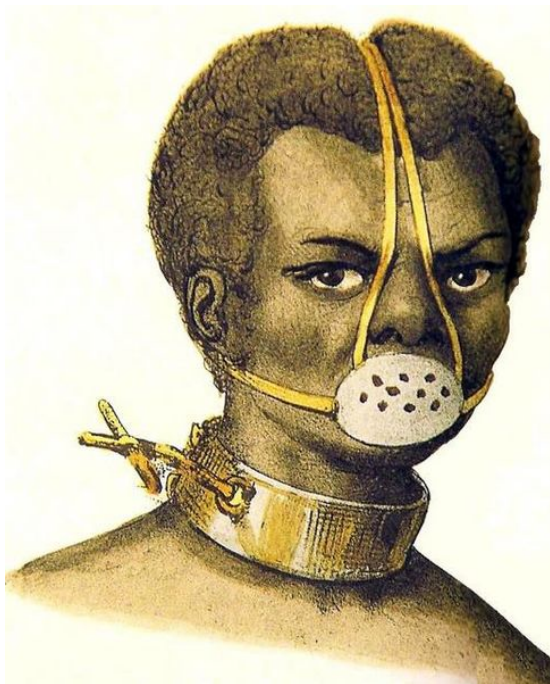
A figura desse escravo ficou gravada no livro "Um idealista realizador! Onde Maria Amélia Rezende, filha do barão, descreve a vida de seu pai, história da qual também faz parte Toninho.

Diz à história que o barão era um homem que confiava em poucos e que seu homem de confiança era Toninho. Essa amizade perdurou durante toda a vida dos dois.

Temeroso da morte, o barão achava que seu fim estava próximo e mandou construir um suntuoso túmulo, todo trabalhado em mármore Carrara e construído por famosos artesãos da época. O próprio barão escolheu o local em que queria ser enterrado. Preocupado com a saúde do patrão, Toninho pediu para ser enterrado no mesmo túmulo, assunto que se tornou muito polêmico para a família Rezende. A sociedade aristocrática e a família influenciada pelos valores sociais da época acabaram por cobrar do barão um “comportamento” à altura dos títulos que possuía. A amizade dos dois quase foi vencida pelo preconceito. O barão acabou achando uma outra forma de demonstrar sua gratidão ao ex-escravo. Comprou o terreno ao lado do seu futuro túmulo onde Toninho poderia ser sepultado e permanecer ao lado de seu senhor. Assim, terminaram as discussões.

Toninho faleceu três anos antes que seu patrão. Geraldo de Rezende faleceu no dia primeiro de outubro de 1907. No Saudade, na alameda principal, permanecem, lado a lado, por toda a eternidade. Embora o túmulo de Toninho seja simples, revestido de cimento apenas, brilha mais que o mármore Carrara do mausoléu ao lado. Quando as pessoas por ali passam impressionam-se pelo número de plaquinhas. Destaca-se também a beleza da imagem de Santo Antônio, colocada sobre o túmulo por uma pessoa que conseguiu alcançar graças. Ali também não falta um recipiente contendo água. A água, fonte da vida, seria a fonte de seus milagres. Os que acreditam costumam passá-la sobre os olhos, o rosto ou a friccionam na parte atingida por algum mal ou ferimento.

ES CRAVA ANASTÁCIA



A escrava Anastácia seria filha de Delminda, uma bela princesa banto que foi trazida como escrava para o Brasil num navio negreiro e, depois de vendida, foi violentada por seu dono, engravidando.

Anastácia, nome grego que significa "Ressurreição", teria nascido em 12 de maio de 1741. Era uma mulata dotada de rara beleza, tinha os olhos azuis, era muito inteligente e tinha o dom da cura, apenas impunha as mãos e as doenças desapareciam.

A beleza e bondade de Anastácia incomodavam as mulheres brancas, que com inveja começaram a persegui-la. Os homens a perseguiam, tentando roubar sua virgindade. Mas Anastácia era protegida pelo senhor Joaquim Antônio, filho da senhora do engenho, Joaquina Pompeu, e não permitia que ninguém abusasse dela. Mas Joaquim estava a muito tempo apaixonado por Anastácia e começou a assediá-la, rogando um amor que lhe era negado. Então, seu amor transformou-se em ódio, e Joaquim mandou que se colocasse em Anastácia uma máscara de folha de flandres, usada nas minas para que os escravos não engolissem as pepitas de ouro. Anastácia viveu assim amordaçada durante anos, só lhe sendo retirada a máscara para comer. Por fim a bela escrava adoeceu gravemente, e mesmo antes de morrer ainda curou seu algoz de uma doença pulmonar grave. Anastácia morreu vítima de gangrena em seu pescoço e boca. Desde essa data se espalharam pelo país relatos de curas e graças alcançadas por sua intercessão.

È muito cultuada pelos cultos afros brasileiros. O Santuário da Escrava Anastácia fica no Rio de Janeiro, mais precisamente na Rua Taubaté, 42, em Oswaldo Cruz.

OS YORUBÁS

A sobrevivência da tradição Yorubá no Brasil também exigiu de seus líderes e seguidores a elaboração de estratégias sincréticas de convivência com a religião oficial. Só que neste caso, o sincretismo não foi tanto aprofundado quanto fora pelos congoleses, funcionando mais como um destaque que os permitia uma relativa liberdade de ação para a realização de seus rituais.

Ainda que os do Congo e do Brasil antes do Yorubá, a enorme influência desse último grupo em nosso dia-a-dia cultural, demonstra que, de um modo ou de outro, sua liderança foi aceita e reforçada pelas demais etnias afro-brasileiras. A nosso ver, um dos fatores que contribuíram bastante para isso foi à conservação do idioma Yorubá, pois é na língua que se encontram codificada grande parte das informações que constituem a identidade cultural e religiosa de um povo, e os demais idiomas africanos se deveu ao emprego de uma sábia diplomacia, observada na organização multicultural dos Terreiros de Candomblé, além de agruparem, num único Terreiro, divindades antes cultuadas separadamente em diferentes regiões da atual Nigéria.

Os Yorubás incorporaram ao seu panteão: Nanã Buruquê e Oxumarê, adorados por seus ex-archinimigos Daomeanos.

Com êxito inegável, os cultos afros conseguiram fazer de seus Orixás, as divindades africanas no Brasil. Xangô – Yemanjá – Oxossi – Oxum – Ogum – Oiá (Yansã) – Yewá – Logunedé – Kitembo (Tempo - Iroko) – Orummilá/Ifá e Ibeji, sendo que alguns foram incorporados pela Umbanda. Oxalá, sincretizado como Jesus, é adorado como a entidade mais elevada numa escala ascendente de evolução espiritual.

A Umbanda pós Caboclo das Sete Encruzilhadas, mesmo sendo uma religião brasileira, com o passar do tempo, pela imposição de alguns seguidores dos cultos afros migrantes para a Umbanda, teve uma grande parcela de influência dos cultos afros, pois no início de sua origem, os negros do Rio de Janeiro eram uma parcela expressiva da população.

Logo passamos a contar com muitos médiuns da raça negra, sendo muitos africanos e descendentes, que, se sentindo a vontade da ausência de perseguição, pela familiaridade que ainda traziam de seus cultos e pela discriminação dos Santos católicos com os nomes dos Orixás Africanos, introduziram no ritual umbandista alguns ritos e o uso dos atabaques, de agogôs e até mesmo deturpando parte desse mesmo rito, que passou a tomar o nome de Candomblé de Caboclo, ou de Candomblé de Boiadeiros (fruto, naturalmente, da convivência durante e após o cativeiro de índios, Caboclos (mestiços) e negros, sob as ordens do branco cuidando da lida do gado) e também do culto Omolokô.

Muitos negros seguidores da Cabula/Macumba se iniciaram como adeptos da Umbanda, e passaram a exercer funções de médiuns, usando entidades africanas e palavras em dialeto africano como, por exemplo:

• Agô: Licença • Maleme: Perdão • Matuto: Homem • Agogô: Espécie de dois sinos que toca-se com uma vara • Pemba: Segundo o “Novo Dicionário Banto do Brasil”: “MAPEMBA”, s.f. (JC) – da raiz “pemb”, presente em várias línguas bantas para designar coisas ou pessoas relacionadas com a cor branca. Veja-se o quimbundo “Pemba” e o quicongo “Mpemba”, cal, giz, Cp. Pemba (Na África é fabricada com o pó extraído dos Montes Brancos Kimbanda – dedicado ao Orixá Okê) e a água que corre no Rio Divino U-Sil – dedicado a Orixá Oxum.	• Adjá: Espécie de sineta • Ebó: Despacho • Babalorixá: Pai de Santo ou Dirigente • Guiné: Planta Africana • Aruanda: Onde vivem os Espíritos da Luz. • Olorum: Deus Supremo para os Yorubás • Zambi: Deus Supremo entre os Bantos • Curimba: Cânticos • Gongá e/ou Congá: Espaço onde ficam os médiuns. • Peji: Altar. • Mironga: Segredo • Entre outras...
---	--

FALAMOS BANTU SEM SABER

Ainda hoje, os estudos linguísticos privilegiam o Yorubá. O que é um equívoco, pois 75% dos africanos trazidos pra cá eram bantu-falantes, oriundos de territórios situados atualmente nos dois Congos e em Angola. Em meados do século XVII, o contingente bantu era de tal ordem em Salvador que um padre, Pedro Dias, resolveu escrever uma gramática para facilitar a catequese dos africanos. Várias palavras bantu substituíram as de sentido equivalente em português, como xingar por insultar, cochilar por dormir, bunda por nádegas e cachaça por aguardente.

Os sistemas linguísticos do bantu e do português arcaico são muito próximos, o que teria permitido uma aglutinação, uma mistura muito bem resolvida. E é a mulher africana quem está na base de todo este entrosamento cultural, como uma espécie de porta-voz entre a casa-grande e a senzala. Ela participa da vida cotidiana do colonizador, servindo-lhe de mucama e de babá. Com ela os meninos brancos aprendem a falar. Assim africanizamos o português de Camões, numa verdadeira antropofagia linguística. Por isso, no Brasil, onde está a maior população de ascendência negra fora da África, não existe um crioulo como segunda língua, ou mesmo como língua nacional. Em Angola e Moçambique também não, e pelo mesmo motivo. Já em Guiné, outra colônia portuguesa, é diferente: lá não se falava bantu, e o encontro com a língua portuguesa foi mais conflituoso. Resultado: hoje falamos bantu sem saber. Caxumba, marimbondo, senzala, maconha, denço, samba, quilombo, mucama...

(Yeda Pessoa de Castro – *Etnolinguísta e consultora técnica de Línguas Africanas do Museu da Língua Portuguesa*)

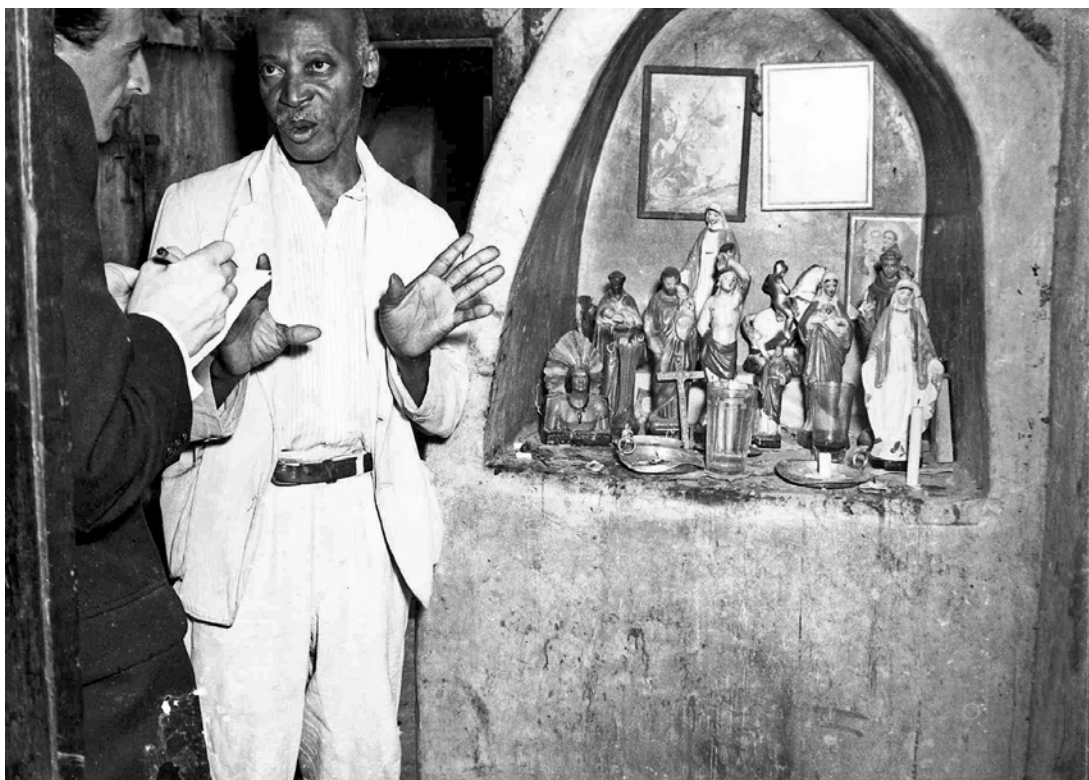
E hoje, graças às contribuições dos cultos afros, podemos contar com a presença fluídica arquetípica regional dos Pretos-Velhos, nos Terreiros de Umbanda:

Povo da Costa; Povo do Congo; Povo de Angola; Povo de Bengala; Povo de Moçambique; Povo de Luanda; Povo de Mina; Povo de Cambinda; Povo da Guiné; Entre outros...

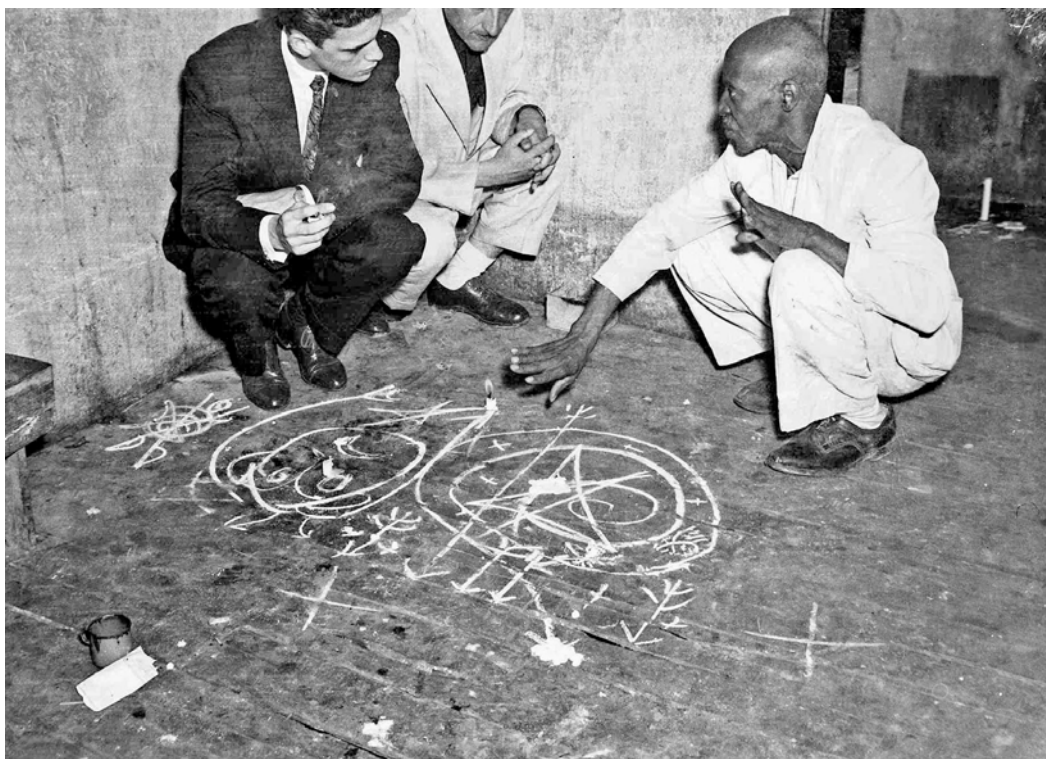
Os cultos afros contribuíram para a Umbanda, basicamente, os Sagrados Orixás; em algumas umbandas a utilização dos atabaques como instrumento ritualístico (contrariando o preconizado pelo instituidor da Umbanda, o Caboclo das Sete Encruzilhadas) e o uso da magia dos despachos, a magia das oferendas, e em alguns Terreiros, algum tipo de oráculo.

A CABULA E A MACUMBA – CULTO BANTO

Primeiramente vamos ao estudo do culto Cabula e entendermos onde se iniciou a Macumba, e, posteriormente, as contribuições dadas a Umbanda pós ser instituída pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Encontraremos na Cabula muita coisa utilizada até hoje na Umbanda. A Cabula, como designativo de culto foi extinta pelas perseguições tenazes do governo, sendo posteriormente intitulada de Macumba. Podemos até considerar a Cabula como o ensaio da futura Umbanda. Não existia a Umbanda como religião antes de 1908, mas apenas bruxuleios de incorporações mediúnicas de Caboclos, Pretos-Velhos, Exus e Pombas-Gira, mas, de forma desordenada, sem hierarquia. O nome Umbanda como designativo de religião somente veio através do Caboclo das Sete Encruzilhadas como bem explicitado no 1º livro, *As Origens da Umbanda*. A Cabula, cultivada por negros e brancos de classes sociais diversas, mas considerada um cultos de escravos, antes da abolição, foi descrita no Rio de Janeiro (1848), em São Paulo (1854) e no Espírito Santo (1900). A Cabula mostra praticamente todas as características dos Kimpasis do antigo Reino do Congo. A Cabula foi a precursora da Macumba e da Umbanda.



Peji (altar) de um Terreiro de Cabula/Macumba – RJ



Sinais Cabalísticos (Lei de Pemba) riscados no chão de um Terreiro de Cabula/Macumba – RJ

CABULA

Cabula é o nome pelo qual foi chamada uma religião sincrética que passou a ser conhecida no final do século XIX com o fim da escravidão, com caráter secreto e fundo religioso (...).

(...) Vamos resgatar um pouco desta origem, digna de todo nosso respeito e veneração.

Na época da escravidão, houve um sincretismo afro-católico, principalmente nas áreas rurais da Bahia e do Rio de Janeiro, denominado Cabula. Segundo pesquisas de historiadores, refere-se aos rituais negros mais antigos, envolvendo imagens de Santos católicos sincretizados com os Orixás, herança da fase reprimida nas senzalas dos cultos africanos, onde os antigos sacerdotes mesclavam suas crenças e culturas com o catolicismo para conseguirem praticar e perpetuar sua fé.

Quando no final do século XIX ocorre a libertação dos escravos; a Cabula já era amplamente presente como atividade religiosa afro-brasileira. Este sincretismo foi mantido após a anunciação da Umbanda em 1908 pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

No Rio de Janeiro de então e antes da origem oficial da Umbanda, eram comuns práticas afro-brasileiras similares ao que hoje ainda se conhece como Cabula e Almas e Angola. cremos que o surgimento da Umbanda forneceu as “Linhas Mestras” de culto para uma prática ritual mais ordenada, orientada para o desenvolvimento da mediunidade e na prática da caridade com Jesus em auxílio gratuito a população pobre e marginalizada do início do século passado.

(raizculturablog.wordpress.com)

Apresentaremos um estudo/relato importante sobre a Cabula. Observe, que o relato dos rituais e termos se baseiam nas cartas de Dom Nery escritas em 1901, mais os relatos de estudiosos em 1934 e 1940. Observem nas descrições, a incrível semelhança com o que hoje é usado por muitos umbandistas, para assim entendermos que a Cabula/Macumba, até os dias atuais, está sofrendo um processo de umbandização, para futuramente praticarmos a Umbanda como o plano espiritual superior quer.

Podemos entender então, o porquê o Caboclo das Sete Encruzilhadas em suas “Linhas Mestras”, vetou alguns procedimentos que achou serem impróprios e dispensáveis para a recém criada Umbanda, procedimentos estes que eram largamente utilizados na Cabula. Possivelmente o Caboclo somente aceitou e guardou da Cabula aquilo que era lícito, calcado nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso.

Primeiramente vamos ao relato textual (observaremos tons preconceituosos, colocando a Cabula como demoníaca. O que era normal em época) de Dom Batista Correia Nery, escrito em 1901, e posteriormente o mesmo texto explicado, ponto a ponto, Por Valdeli Carvalho da Costa, escrito em 1987:

CARTA PASTORAL DE DOM JOÃO BATISTA CORRÊA NERY – ESPÍRITO SANTO

Nota do Autor: João Batista Corrêa Nery foi bispo católico brasileiro. Em 11 de abril de 1886 foi ordenado padre por Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho. Foi sagrado bispo, em Roma, no dia 1 de novembro de 1896, para assumir a diocese do Espírito Santo.



Houve alguém que disse ser grande e mais prejudicial do que pensamos, a influência exercida pelos africanos sobre os brasileiros. Parece mesmo que muito se tem escrito nesse sentido.

Em certa região de nossa Diocese, tivemos, em nossa última excursão, oportunidade de observar a verdade desse asserto.

Encontramos três freguesias largamente minadas por uma seita misteriosa, que nos pareceu de origem africana.

Nossa desconfiança mais se acentuou, quando nos asseveravam que, antes da libertação dos escravos, tais cerimônias só se praticavam entre os pretos e mui reservadamente.

Depois da áurea lei de 13 de Maio, porém, generalizou-se a seita, tendo chegado, entre as três freguesias, a haver para mais de oito mil pessoas iniciadas.

Bem que esteja agora privada dos elementos mais importantes, que infelizmente possuiu outrora, ainda encontramos crescido o número de adeptos.

O tom misterioso e tímido com que nos falavam a seu respeito e a notícia da grande quantidade de iniciados ainda existentes, nos levaram não só a procurar do púlpito invectivar essa tremenda anomalia, como também a tomar algumas notas que oferecemos à consideração e ao estudo dos curiosos.

Graças a Deus, nosso trabalho não foi inútil. Tivemos a consolação de ver centenares de Cabulistas abandonarem os campos inimigos e voltarem novamente a Nosso Senhor Jesus Cristo, ao mesmo tempo que, de muito bom grado, nos forneciam informações sobre a natureza, fins, etc., da associação a que pertenciam.

A nosso ver, a Cabula é semelhante ao Espiritismo e à Maçonaria, reduzidos a proporções para capacidades africanas e outras do mesmo grau.

Como o Espiritismo, acredita na direção imediata de um bom Espírito chamado *Tatá*, que se encarna nos indivíduos, e assim mais de perto os dirige em suas necessidades temporais e espirituais. Como a Maçonaria, obriga seus adeptos – que se chamam *Camanás* (iniciados) para distinguir dos *Caíalos* (profanos) – a *segredo absoluto*, até sob pena de morte pelo envenenamento; têm suas iniciações, suas palavras sagradas, seus tatos e seus gestos, recursos particulares para se reconhecerem em público os irmãos.

Como em todas as inovações congêneres, há muito charlatanismo e exploração, sendo alguns centros por isso desprezados; também, à maneira das outras, misturam o catolicismo e suas venerandas cerimônias com essa exótica seita, talvez, como é sempre de plano, para atrair os incautos e inocentes.

Em vez de Sessão, a reunião dos Cabulistas tem o nome de Mesa.

Há duas *Mesas Capitulares*: a de *Santa Bárbara* e a de *Santa Maria*, subdividindo-se em muitas outras, com as mesmas denominações.

Disseram-nos que havia uma terceira *Mesa* – a de *São Cosme e São Damião* – mais misteriosa e mais central, que exercia uma espécie de fiscalização suprema sobre as duas outras, cujos iniciados usavam, nas reuniões, compridas túnicas pretas que cobriam o corpo todo, desde a cabeça até os pés – uma espécie de saco dos antigos penitentes. Nada, porém, podemos asseverar nesse sentido.

Graças a boas informações, ministradas ocultamente, podemos fazer uma ideia perfeita desta perigosa associação.

O chefe de cada *Mesa* tem o nome de *Enbanda*, e é secundado nos trabalhos por outro que se chama *Cambone*. A reunião dos *Camanás* forma a *Engira*.

Todos devem observar cegamente ao *Enbanda*, sob pena de castigos severos.

As reuniões são secretas, ora em uma determinada casa, mais comumente nas florestas, a alta noite. À hora aprazada, todos de camisa e calças brancas, descalços, se dirigem ao *Camucite* (templo).

Uns a cavalo, outros a pé, caminham silenciosos, fechando a retaguarda o *Enbanda*.

Um *Camaná*, ou um *Cambone*, vai na frente e conduz a *Mesa* (toalha, vela e pequenas imagens).

Em um ponto dado, deixam o caminho e tomam uma vereda, só conhecida dos iniciados.

Então acendem as velas.

Chegados ao *Camucite*, que é sempre debaixo de uma árvore frondosa, no meio da mata, limpam aí uma extensão circular de 50 metros mais ou menos.

Fazem uma fogueira e colocam a *Mesa* do lado do oriente, rodeando as pequenas imagens de velas acesas, simetricamente dispostas.

Há certa cerimônia para se acenderem as velas: primeiro se acende uma a leste, em honra do mar – *Carunga*, depois uma a oeste e outras duas ao norte e ao sul; finalmente muitas outras em torno do *Camucite*. Chamam as velas – *Estereiras*.

Aparece então o *Enbanda*, descalço, com um lenço amarrado na cabeça, ou com o *camolele* (espécie de gorro), tendo um cinto de rendas alvas e delicadas.



Enbanda cabulista

À presença do chefe, os *Camanás* o imitam amarrando lenços na cabeça. Segue-se uma espécie de oração preparatória, feita de joelhos diante da *Mesa*. Ergue-se o *Enbanda*, levanta os olhos ao céu, concentra o espírito e tira o primeiro *Nimbu* (canto):

Dai-me licença, carunga,
Dai-me licença, tatá,
Dai-me licença báculo
que o Enbanda qué quendá.

Estas e outras cantigas são acompanhadas de palmas compassadas, enquanto o *Enbanda* em contorções, virando e revirando os olhos, faz trejeitos, bate no peito com as mãos fechadas e compassadamente, emitindo rancos profundos e soltando, afinal, um grito estridente, horroroso.

O bater das palmas chama-se *Quatan* ou *Liquaqua*.

Se há algum descompasso, ao *Cambone* interroga o *Enbanda*: — Por conta de quem *Camaná* Fulano não bate *caliquaqua*? O *Cambone* responde: — Por conta de *Ca-Ussê*.

Esta partícula – *Ca* – precede quase todas as palavras. Cremos ser uma gíria particular para dificultar a compreensão dos que falam.

Ao estridor do *Enbanda* cessa o canto inicial, o *Cambone* traz um copo de vinho e uma raiz.

O *Enbanda* mastiga a referida raiz e bebe o vinho. Sorve o fumo do incenso, queimado neste momento em um vaso qualquer, e entoa o segundo *Nimbu*:

Baculo do ar
Me quisa na mesa,
Me tomba a girar.

O *Enbanda*, ora dançando ao bater compassado das palmas, ora em êxtase, recebe do *Cambone* o *Candaru* (brasa em que foi queimado o incenso), trinca nos dentes e começa a despedir chispas pela boca, entoando então o *Nimbu*:

Me chame três Candaru
Me chame três tatá,
Sou Enbanda novo (ou velho)
Hoje venho curimá.

É a hora das iniciações de novos *Camanás*.

Se há alguém para entrar ou para iniciar-se, tendo ficado até este momento em um local longe do *Camucite*, com o respectivo padrinho, agora deve aproximar-se.

O *Caialo* se apresenta humildemente vestido: calças brancas e camisa da mesma cor sem goma, e descalço.

Logo que penetra no círculo, passa três vezes por baixo da perna do *Enbanda*. É a tríplice viagem, símbolo da fé, da humildade e da obediência ao seu novo *Pai*, como dali por diante chamará ao *Enbanda*.

Os *Camanás*, entretanto, cantam um hino em ação de graças pela aquisição do novo irmão.

Estando depois o iniciando de pé, diante do *Enbanda*, este recebe a *Enba* e com ela fricciona os pulsos, a testa e o occipital do *Caialo*; dá-lhe a raiz para que a mastigue e engula o suco, fá-lo beber um cálice de vinho e o conduz ao lugar que dali por diante tem na *Engira*.

Distribuída a *Enba* aos demais *Camanás* e tendo todos provado a raiz e bebido o vinho, segue-se a cerimônia da fé. O *Enbanda* entoa o seu *Nimbu*, seguem-se palmas, etc.

Toma então uma vela acesa, benze-a e começa a passá-la por entre as pernas, por baixo dos braços, pelas costas de cada indivíduo.

Se se apagar a vela diante de qualquer *Camaná*, grita logo o *Enbanda*: — Por conta de quem *Camaná* Fulano não tem *Ca-fé*, *Ca-tudo*?

O *Cambone* responde, e começa então aquele pobre *Camaná* a ser castigado com duas, três, quatro pancadas nas mãos, com o *Quimbandon* (palmatória), até que a vela não se apague mais.

Estes castigos são frequentes e o *Enbanda* manda aplicá-los sempre que julga conveniente para o aperfeiçoamento dos *Camanás*.

Verificada a fé de todos os irmãos, segue-se a tomada do *Santé*, ponto principal de todas as reuniões.

Todos dobram um lenço branco em forma de fita e com ele cingem a testa, amarrando na nuca.

Diminuem a luz da fogueira e queimam incenso ou resina que perfume o ambiente.

Entoam o hino apropriado e, ao compasso das palmas, o *Enbanda* dança, esforçando-se com grandes gestos e trejeitos, para que o *Espírito* se apodere de todos. Quase sempre há em cada *Mesa* mais de um *Enbanda*, e o esforço do *Enbanda*-chefe é no sentido de dar o *Santé* aos *Enbandas* inferiores, para que sejam dali afastados.

De espaço a espaço todos atiram *Enba* para o ar, a fim de que se afastem os maus *Espíritos* e fiquem cegos os profanos, não devassando assim seus sagrados mistérios.

De repente um deles, geralmente *Enbanda*, verga o corpo, pende a cabeça e rola pelo chão, em contorções. A fisionomia torna-se contraída, todo o corpo como que petrificado, e sons estertorados lhe escapam do peito. É o *Santé* que dele se apoderou.

Às vezes um simples *Camaná* merece ter o *Santé*. Nesse período, fala e discorre, sem ter aprendido, sobre as *cousas cabulares*, como o mais perfeito e sabido dos *Enbandas*.

Os que são sujeitos a ter *Santé* constituem uma espécie de *médiuns* do espiritismo, e quase sempre terminam *Enbandas*.

De tudo o que nos disseram a respeito desta perigosa associação, pondo de parte os charlatanismos e miseráveis explorações, concluímos, como dissemos no princípio, que o fim imaginado pelos seus adeptos é a aquisição de um *Espírito* que imediatamente os guie e proteja em suas necessidades.

Todos trabalham e se esforçam por ter o *Santé*, sujeitando-se para isso a diversas abstinências e ridículas penitências.

Uma vez tomado do *Santé*, trata de obter o seu *Espírito* familiar protetor, mediante certa cerimônia. Entra no mato com uma vela apagada e volta com ela acesa, não tendo levado meio algum para acendê-la, e traz então o nome do seu protetor.

Há diversos nomes desses *Espíritos* protetores, como sejam: *Tatá Guerreiro*, *Tatá Flor da Carunga*, *Tatá Rompe Serra*, *Tatá Rompe Ponte*, etc.

Como se vê, são eloquentes vestígios de uma religião atrasada e africana que, transportada para o Brasil, aqui se misturou com as cerimônias populares de nossa religião e outras associações e seitas existentes, resultando de tudo isso perigosa amálgama, que só serve para ofender a Deus e perverter as almas.

Explicação dos termos

• Camanás: irmãos; • Caialos: profanos; • Tatá: Espírito familiar; • Mesa: mesa com imagens e apetrechos de culto; reunião; • Enbanda: chefe; • Engira: grupo de iniciados funcionando; • Camucite: espaço da reunião; • Cambone: ajudante do Enbanda; • Carunga: mar; • Estereiras: velas; • Camolele: gorro do Enbanda;	• Nimbu: cântico, hino; • Báculo: pequenas imagens e também certa raiz de cujo suco se utilizam nas cerimônias; • Quendá: funcionar; • Quatan ou Liquaqua: bater palmas; • Candaru: fogo; • Curimá: brincar; • Pai: nome por que deve ser tratado o Enbanda pelos <i>Camanás</i> que iniciou; • Enba: pó sagrado, feito da tabatinga seca; • Quinbandon: palmatória; • Santé: Espírito principal.
--	---

(Extraído da carta pastoral de D. João Batista Correia Nery, “despedindo-se da diocese do Espírito Santo”, Tipografia a vapor Livro Azul, Castro Mendes e Irmão, Campinas, São Paulo, 1901, p. 71-6)

CABULA E MACUMBA

Sumário: *O artigo trata do culto de origem Banto-Angolana denominado Cabula que floresceu em fins do século passado na área do Estado do Espírito Santo (Brasil) e foi descrito pela primeira vez pelo Bispo de Vitória Dom João Batista Corrêa Nery. Fundando-se em Nery e em outras fontes até agora não exploradas, analisa minuciosamente o culto e o ritual da Cabula e descreve as suas particularidades. A Conclusão ressalta a importância que o estudo da Cabula apresenta para a identificação das fontes da expressão religiosa Banto no Brasil e para a compreensão da atual Macumba.*

No fim do século passado (nota do autor: fim de 1800), têm-se notícia da organização de um culto de origem Banto-Angolana na área do Estado do Espírito Santo, conhecido com o nome de Cabula e descrito sumariamente pela primeira vez pelo então bispo local, D. João Batista Corrêa Nery na Carta Pastoral despedindo-se dos párocos da Diocese do Espírito Santo.

Esta Carta descoberta por Nina Rodrigues foi inserida em seu trabalho sobre “Os africanos no Brasil” e retomada por Artur Ramos em “O Negro Brasileiro” 1940 e recentemente reeditada pela Comissão Espírito-santense de Folclore, informando sobre o andamento das pesquisas sobre a sobrevivência da Cabula no Estado.

O relato de D. Nery deixa ver inúmeras identidades entre a Cabula e a Macumba carioca, esta, na época, ainda não estruturada como culto, nem designada com tal nome. A descrição da Cabula por D. Nery chamou-nos a atenção, como já o fizera a Arthur Ramos e Roger Bastide para as inúmeras semelhanças entre o culto da Cabula e os ritos da Macumba do Rio. Ramos e Bastide acenam a algumas dessas semelhanças.

Nossas pesquisas permitiram descobrir um elenco maior de pontos em comum não elaborados nem por A. Ramos nem por R. Bastide. Face a esta constatação, pareceu-nos útil, para o aprofundamento dos estudos afro-brasileiros, desenvolver os dados por nós encontrados, que patenteiam, com grande riqueza de matizes, o liame entre a Cabula e a Macumba, como inflorescência tardia do aparentemente morto rizoma cabulístico. Analisemos os dados de D. Nery, confrontando-os com os nossos.

D. Nery e a Cabula

Em suas visitas pastorais, D. Nery descobriu em sua Diocese, ao norte do Estado do Espírito Santo, nas cercanias da cidade de São Mateus, “três freguesias largamente minadas por uma seita misteriosa” que lhe parecia de origem africana.

A descoberta motivou-o a tentar desvendar o mistério com que era celebrado o culto. Com efeito, convocou todas as pessoas que lhe pudessem fornecer informações. Obteve-as de todas as classes sociais, com minúcias sobre as cerimônias.

Durante os quinze dias em que permaneceu na região, ocupou-se principalmente do assunto. Muitas das informações vieram-lhe diretamente, até de ex-cabulistas, não obstante o risco de vida a que se expunham ao dá-las, já que a Cabula obrigava seus adeptos a manterem “segredo absoluto” a respeito do culto, sob pena de morte, por envenenamento. Isto explica o tom misterioso e tímido, com que muitas informações foram dadas, como informam pessoas a par dos relatos.

Através desses informantes soube que antes da abolição da escravatura (13/05/1888) o culto era praticado apenas por Negros e mui reservadamente. Após a Lei Áurea, a seita se generalizou, tendo chegado a mais de oito mil adeptos entre Brancos e Negros. Na época em que pesquisava e escreveu sobre o assunto (1901) o culto ainda tinha grande número de iniciados e adeptos, que o praticavam nas três freguesias, nas matas vizinhas à cidade.

O Culto

Segundo Olga G. Cacciatore, a palavra Cabula será uma deformação da palavra “cabala”, chegada até os negros Bantos, através dos malês, de cultura muçulmana.

Um culto afro-brasileiro de características sincréticas, com traços de cultura cambinda, angola e muçulmi, por influência malê, identificável pelo gorro usado pelos participantes do ritual.



Nota do autor: Vide acima, o Pai Quintino, em 1924, chefe de uma Macumba, na Rua Araujo Leitão, no Engenho Novo, Rio de Janeiro, usando o “gorro” característico da Cabula, chamado “camolele” (do kimbundo “mulele”, pano, através da forma diminutiva; *ka-mulele*), de influência dos “Malês”, que eram muçulmanos.



Na foto acima, está o “gorro” islâmico, chamado de “taqiyah”.

Usam-no somente por motivos consuetudinários (hábito, costume)

Observem a semelhança com camolele cabulista e os usados hoje, por vários médiuns, em Terreiros de Umbanda.

O interessante, que até hoje observamos vários médiuns em Terreiros de Umbanda, ainda utilizando os mesmos gorros, mas, sem uma explicação doutrinária lógica plausível de seu uso, a não ser pura imitação, ou pretensa tradição.

Alguns dizem usá-lo para protegerem o “ori”, a coroa. É onde todo o magnetismo universal é recebido; fisicamente ficaria no topo da cabeça, mas, refutamos tal dissertativa, pois a “coroa” de um médium não fica na cabeça física, mas sim, no Perispírito, no chacra coronário.

As manipulações efetuadas num passe, num Amaci com ervas, na “coroa” de alguém, simplesmente são transferidos os magnetismos disso tudo para o Campo de Repercussão Mental (um dos cinco auras) e não no cérebro físico.

Portanto, não justificaria um simples tecido cobrindo a cabeça de alguém, protegê-lo de toda negatividade; isso seria engodo.

Traços caracterizantes

Nestes, há divergências entre o relato de D. Nery, que tomamos por base desta análise, e as informações recentes de Olga Cacciatore. Luiz da Câmara Cascudo não se refere à Cabula em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, tornando-se difícil saber se Cacciatore dispôs de fontes outras a nós ainda inacessíveis. Nesta aporia, apresentaremos as informações segundo as fontes, sem podermos ajuizar da precedência de uma sobre a outra.

Cafiotto era o termo geral usado para designar os adeptos da Cabula. Este termo já é a primeira identidade entre a Cabula e a Macumba carioca. Magalhães Corrêa em “O Sertão Carioca”, informa que esse era também o termo usado para designar os primeiros adeptos da Macumba. Os camaradas eram chamados de kambas (kambas), palavra de origem kimbundo, significando “camarada”. Se homens, chamavam-se mucambos, se mulheres, macambas. Os iniciados eram os camanás, distinto dos caialos, os estranhos, os profanos. O termo camaná também era usado para designar irmão de culto.

O local das reuniões chamava-se camucite. Liturgicamente usavam camisa e calça brancas e pés descalços. Aqui temos outra semelhança entre a Cabula e a Macumba. O traje ritual masculino da Macumba é o mesmo da Cabula: calça e jaleco branco e pés descalços. Hoje, nos Terreiros de Umbanda de influxo espírita já se admite sapato tênis branco. Olga Cacciatore informa que na Cabula usavam um gorro (camalelé) na cabeça, à muçulmana, e “largos cinturões com amuletos”.

No ritual entravam espelhos, pedras, cachimbos, infusões de raízes, etc., além de sinais cabalísticos riscados, tais o signo de Salomão, cruzes, junto com velas acesas. Nisto também há inúmeras correspondências com os ritos da Macumba, na qual são usados cachimbos com fumo apresentados às “Entidades” que “baixam” durante o transe dos filhos de santo. Estas “Entidades” “incorporadas” após saudarem o altar, o gongá ou congá, o Chefe do Terreiro, o “pai” ou mãe-de-santo e os tambores, os atabaques ao retornarem ao local que lhes está destinado no grupo dos iniciados, devem fazer, hoje, sobre a tábua-de-pontos, e no passado, no chão, o ponto-riscado próprio da “entidade” “incorporada”, uma como assinatura de autoconfirmação de sua presença. Esta prática da Macumba coincide com os sinais cabalísticos citados por Olga.

Os pontos-riscados na atual Macumba são formados pela composição e, às vezes superposição, de “estrelas de vai” nos Terreiros chamados de “signo de Salomão” — dois triângulos superpostos invertidamente — cruzeiros, meias luas, estrelas de cinco pontas, flechas, raios, etc., identicamente ao que se fazia na Cabula.



“Mesa” era o nome dado à reunião dos cabulistas. Os cultos, “trabalhos” ou “mesas” realizavam-se nas matas. Aqui, outra identidade com a Macumba. O mesmo nome “trabalho” é usual na Macumba, para designar os rituais mais secretos, semelhantemente à Cabula, realizados também “nas matas”. O chefe de cada mesa chamava-se Enbanda, que é o nome do sacerdote nas religiões Bantos. Os chefes dos Terreiros de Macumba, em torno de 1934, quando Arthur Ramos descreve o Terreiro do velho Honorato, chamavam-se também Enbandas, umbandas ou pais-de-terreiro. Merece ressaltar que o termo Umbanda será futuramente a designação de um dos ramos da Macumba, após o seu desdobramento, por influência do Espiritismo Kardecista. Na Cabula, como futuramente na Macumba, o Enbanda era o chefe e doutrinador da comunidade.

Em cada mesa o Enbanda era auxiliado por um cambone. A palavra cambone(o/a), provavelmente, procede do “kimbundo – kambundu” com o significado de negrinho, que em muitos Candomblés de estrutura congo-angolana e nos Candomblés de Caboclo designam o tocador de atabaques. Também este termo cambono, com a mesma função de “auxiliar” do pai-de-santo encontra-se nos Terreiros de Macumba, continuadas nos de Umbanda e Quimbanda. É o nome dado ao filho(a)-de-santo, escolhido(a) pelo “pai” ou mãe-de-santo para acolitar uma “entidade” que tenha “baixado” numa gira.

Ao cambono compete acender o charuto, o cachimbo, o cigarro ou a cigarrilha e entregá-los acesos à “entidade” correspondente: Preto-velho, Caboclo, Exu ou Pomba-Gira “incorporados”.

Servem-lhes as bebidas prescritas no ritual, a saber vinho tinto ou moscatel para os Pretos-Velhos, cachaça, para os Exus e, recentemente, aniz, para as Pombas-Giras. Devem acender as velas, anotar as receitas prescritas pelas “entidades” para os consulentes, assim como, traduzir para estes, o jargão usado por essas “entidades”.

Na Cabula a reunião dos camanás formava a engira. Esta palavra igualmente, com a sílaba “en” sincopada, se perpetua na Macumba. “Gira” é um dos termos usados para designar uma cerimônia cultural da Macumba. É possível que na Macumba e Umbanda a hodierna expressão proceda da “engira” cabulística, assim como aproximada do verbo português “gitar”, andar à roda, mover-se circularmente, rodopiar, porque as duas modalidades comportamentais verificavam-se no antigo ritual da Macumba. O ritual se desenvolvia com os adeptos dançando e “girando” num grande círculo, uns após os outros, em fila indiana, como ainda hoje se vê em alguns Candomblés e sessões de Umbanda, realizadas nas matas, como presenciamos várias vezes. A segunda acepção da palavra “gitar”: — rodopiar — girar sobre si próprio, também se ajusta, porque assim se comportam os adeptos, quando entram em estado de transe. Rodopiam cambaleando, seguindo a fenomenologia precursora do transe, assim como o fazem, quando já “possuídos” pelas “entidades”.

Tatá

Na Cabula, os “Espíritos” que se acreditava “incorporarem” nos iniciados, eram chamados de tatá, palavra que em dialeto kimbundo significa “pai”. Era um “Espírito familiar bom, que supunham se “apossar” de um iniciado e assim, mais de perto, o dirigir em suas necessidades temporais e espirituais. É a continuação do culto Banto aos ancestrais tribais através do transe em “estado de possessão”.

A palavra “tata”, agora com acentuação oxítona “tatá”, também permanece na Macumba e se perpetua na Umbanda mais fiel às tradições angolanas. O termo significa não mais os Espíritos dos ancestrais, que se supunha “incorporar” nos iniciados da Cabula, mas passou a designar na Macumba, Umbanda e Quimbanda, de tradições angolanas, “o grande sacerdote”, o grande Chefe de Terreiro ou de Terreiros, pessoa de grande conhecimento do ritual e do culto.

Entre 1971 e 1972, tive ocasião de entrevistar no Rio de Janeiro, Tancredo da Silva Pinto, falecido algum tempo após, considerado no meio umbandístico o grande “tata” de inqueice, do ritual Omolokô.

A designação “tatá” para os Espíritos de ancestrais protetores sofreu, assim, uma modificação acomodada ao processo histórico de perda progressiva da memória ancestral, em consequência da vinda dos Bantos como escravos para o Brasil. Nos três séculos de vida escrava, a memória coletiva Banto esfumou a individualidade dos ancestrais tribais remotos.

Foram esquecidos e substituídos pelo culto dos antepassados mais recentes, falecidos no Brasil, durante o período de escravidão. Mas, mesmo estes, na vida urbana dos ex-escravos, logo perderam a própria individualidade, tornando-se apenas arquétipos estereotipados, hoje designados e cultuados com o nome vago de Pretos-Velhos, com uma pseudo-indivuação, tais Pai Francisco de Aruanda, Pai Joaquim do Congo, Maria Conga, Mãe Benedita, etc. Isto, nos Terreiros de Macumba, como nas atuais Quimbanda e Umbanda. Constituem uma das várias linhas das almas cultuadas.

A palavra “tatá” assumiu também outra variante de sentido, como título de Orixás, forças da Natureza (...) Assim, o Orixá fálico e mensageiro dos demais Orixás no Candomblé, Exu, por vezes é chamado de Tatá Veludo; Oxossi, o Orixá dos caçadores é o Tatá das Matas; Xangô, na África, o Orixá dos meteoritos, do raio e do trovão e, atualmente, no Rio de Janeiro, Orixá da justiça e das pedreiras, é o Tatá da Pedreira.

O ritual

Na descrição de D. Nery, o ritual secreto por vezes era realizado em determinadas casas. Porém mais comumente, “nas florestas”, a altas horas da noite. Esta informação se harmoniza também com o ritual da Macumba e da Umbanda angolana. Algumas festas rituais, como a de Oxóssi, sincretizado com São Sebastião ou de Ogum, com São Jorge, no Rio de Janeiro frequentemente, têm a primeira parte do ritual realizado nos Terreiros, do início da noite à madrugada, continuando após, na madrugada da mesma noite, ou em outro dia, nas matas, onde concluem o ritual, com oferendas às “entidades”, incluindo a matança de animais, como presenciamos nas matas da Gávea, na cidade do Rio de Janeiro, pela Tenda Espírita São Bernardo e Pena Branca, em 1972, para comemorar Ogum/São Jorge. Essa prática de ter rituais em “Casas” – hoje, nos Terreiros – e na “mata” é outro traço da Cabula que se perpetuou na Macumba.

Na Cabula, “à hora aprazada, todos de camisa e calças brancas, descalços, uns a pé, outros a cavalo, com o Enbanda à retaguarda, dirigiam-se silenciosos ao templo, o camucite. Um camaná ou um cambone ia à frente, conduzindo a mesa, isto é, a toalha, a vela e pequenas imagens. Em determinado ponto do caminho tomavam uma vereda, só conhecida dos iniciados, para chegar ao camucite, o sítio sob uma frondosa árvore, no meio da mata.

Preliminares

Uma vez chegados, limpavam no local uma área circular de uns cinquenta metros de diâmetro. Faziam uma fogueira e instalavam a mesa do lado do oriente, rodeando as pequenas imagens de velas, chamadas esteireiras simetricamente dispostas. As esteireiras eram acesas ritualisticamente: a primeira, à leste, em homenagem ao mar, Carunga, a segunda, à oeste; a terceira ao norte; a quarta, ao sul; as restantes, em torno do camucite. Carunga, homenageado com a primeira vela é a corruptela de Kalunga, o mar ou oceano em língua kimbundo. O termo ainda é usual nos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda, com o mesmo significado, acrescido, porém, do qualificativo “grande” — a Calunga-Grande — para diferenciá-lo do cemitério: a Calunga-Pequena.

Segundo D. Nery, havia “duas mesas capitulares: a de Santa Bárbara e a de Santa Maria, subdividindo-se em muitas outras, com as mesmas denominações”. Além destas, informa ter recebido esclarecimentos, não confirmados, da existência de uma terceira mesa, a de Cosme e Damião, “mais misteriosa e mais central e que exercia uma espécie de fiscalização suprema sobre as duas outras e cujos iniciados usavam nas reuniões compridas túnicas pretas, que cobriam o corpo todo, desde a cabeça até os pés, à semelhança do saco dos antigos penitentes”. A respeito dessas “mesas diretoras” da Cabula e sua continuação na Macumba, Jacy Rego Barros, numa série de palestras dadas, informava que “as mesas diretoras do cerimonial, que se encontravam nas sessões cabulistas (...) se acham presentemente em todas as macumbas”.

Início do ritual

O Enbanda descalço, com um cinto de rendas alvas e delicadas, se não estivesse com o camolele (uma espécie de gorro) à cabeça, amarrava-a com um lenço. Seguindo o exemplo do Enbanda, faziam o mesmo os camanás. Em alguns Terreiros de Macumba e até de Umbanda mais fiéis às tradições africanas, ainda presenciei esta prática de ajustar um lenço dobrado em fita, em torno da fronte, amarrando-o atrás à cabeça. A prática está desaparecendo, não obstante a sua utilidade.

Amarra-se o lenço à testa para impedir o suor descer sobre os olhos, em consequência da sudação provocada pela agitação decorrente da entrada em estado de transe. Provavelmente esta era também a razão da mesma prática na Cabula, porque também nela, como veremos adiante, os adeptos do culto agitavam-se ao entrarem em estado de transe.

Iniciava-se, a seguir, a oração preparatória, rezada de joelhos diante da mesa. A prática da oração preparatória ainda hoje se repete nos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda. Atualmente, é designada como Oração de Abertura dos Trabalhos. Pode ser feita de joelhos, à muçulmana, ou em pé, voltados para o altar (na Cabula, denominado mesa, nos Terreiros atuais, gongá ou congá e nos primórdios da Macumba, canzol, como informa Magalhães Corrêa no Sertão Carioca, pp. 217-21). Após a oração preparatória, o Enbando se erguia, elevava os olhos ao Céu, concentrava-se e entoava o primeiro cântico, denominado nimbu. Estes cânticos rituais, hoje, nos atuais Terreiros de Macumba e Umbanda são denominados pontos-cantados. Eis o primeiro nimbu:

“Dai-me licença, Carunga
“Dai-me licença, tatá
“Dai-me licença, baculo
Que o Enbando qué(r) quendá(r)”.

O nimbu dirige-se ao mar (Carunga), aos Espíritos de ancestrais (tatá) e aos baculos ou bacuros, que eram “Espíritos da Natureza, jamais tendo encarnado. Segundo O. Cacciatore, o termo proviria da expressão iorubá “igbàkúrò” isto é, salvador. Parece que os baculos tinham representação estatutária, pois D. Nery afirma que o termo designava pequenas imagens. Talvez as que estavam sobre a mesa fossem esses baculos. Além de estátuas, o termo segundo D. Nery, designava também a “raiz”, como veremos logo a seguir, cujo suco era utilizado no ritual. A nosso ver, provavelmente o termo era entendido à raiz – esta talvez um alucinógeno – porque a ingestão do seu suco favorecesse a entrada em estado de transe, ou seja, a suposta “possessão” pelos baculos. Às três categorias de “seres” nomeados no nimbu pedia-se licença para se iniciar o ritual: o Enbando poder “quendá(r)”, isto é funcionar:

O nimbu era acompanhado pelas quatan ou liquaquá, as palmas ritmadas dos camanás. Este procedimento ritual ainda é usual nos atuais Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda. Todo o ritual é acompanhado de pontos-cantados ritmados por palmas, e, liturgicamente, dançados, pelos filhos-de-santo, com uma ginga de corpo, no local em que se encontram. Como na atual Macumba, também na Cabula, o ritmo das palmas era muito importante. A ausência delas por parte de algum camaná era objeto de observação do Enbando ao cambone.

- “Por conta de quem camaná fulano não bate caliquaquá?”

O cambone respondia:

- “Por conta de Ca-Ussê”.

O uso do prefixo “ca” precedendo as palavras foi interpretado por D. Nery como uma “gíria” para dificultar a compreensão do que era falado no ritual. Na realidade, como observou R. Bastide, o “ka” é um prefixo classificatório Banto, conservado na Cabula antes das palavras portuguesas.

A “possessão” do Enbando

Pelo relato de D. Nery, após o primeiro nimbu, o Enbando entrava em estado de transe, pois informa que nesse momento “o Enbando em contorções, virando e revirando os olhos (fazia) trejeitos, (batia) no peito com as mãos fechadas e, compassadamente, emitindo roncões profundos, (soltava), afinal, um grito estridente, horroroso”. Essa é a fenomenologia observável em muitos iniciados da Macumba, que se crêem “possuídos” pelos Espíritos de homens depravados, segundo a metamorfose realizada nos Terreiros de Macumba, por influência do Espiritismo Kardecista, sobre o mítico Orixá fálico e mensageiro dos demais Orixás, Exu.

Na seqüência ritual da Cabula a entidade “incorporada” no Enbando, era objeto, a seguir, de homenagens, como ainda hoje se pratica nos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda. O cambono trazia à entidade “incorporada” um copo de vinho e uma raiz. O Enbando mastigava a raiz e bebia o vinho. Este pormenor importante fornece-nos uma pista para presumir qual a entidade “baixada” no Enbando. possivelmente um tatá, o “Espírito” de um ancestral – hoje, denominado de Preto-Velho – e não um bacuro. Por quê? Pelo tipo de bebida oferecida: “um copo de vinho”. O vinho moscatel, ainda hoje, é a bebida oferecida aos Pretos-Velhos, quando “baixam” nos filhos-de-santo dos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda. Se fosse Exu, seria cachaça. A fenomenologia do estado de transe, contudo, se aproxima mais do estado de “possessão” de Exus, que dos Pretos-Velhos tradicionais. Como a bebida oferecida foi “vinho” e não cachaça, a entidade “baixada” no Enbando seria um tatá, tendo os traços estereotipados dos atuais Pretos-Velhos-traçados, segundo a descrição de pais-de-santo, ou seja, “Espíritos” de Exus em transição para o escalão superior de Preto-Velho.

Seriam Pretos-Velhos ainda portadores dos traços estereotipados dos atuais Exus da Macumba, Umbanda e Quimbanda. Este conceito de Preto-Velho-traçado é recente.

Posterior ao influxo do Espiritismo Kardecista sobre a Macumba.

Não pode, portanto, ser aplicado aos tatás da Cabula. Mas a descrição de D. Nery deixa ver sua presença já em gestação na Cabula.

Ao “vinho” vinha associada à raiz, atrás acenada. Este, porém, era o momento de sua presença litúrgica, pela mastigação e deglutição de seu suco. A mesma raiz reaparecerá mais adiante no ritual de iniciação dos camanás. Como nos rituais atuais da Macumba, também na Cabula, as oferendas não se restringiam apenas à raiz e ao copo de vinho. Era complementada com “fumo de incenso” queimado nesse momento, em um vaso qualquer, em homenagem à entidade e cuja fumaça era inalada. Também, esta prática ritual da Cabula se mantém na Macumba, Umbanda e Quimbanda, só que deslocada. Na Cabula, era homenagem à entidade “incorporada” no Enbanda. Nas atuais Macumba, Umbanda e Quimbanda transformou-se a incensação em rito preliminar de purificação ritual do local e dos participantes, preparatório para a abertura dos trabalhos. A incensação “purifica” o ambiente e as pessoas presentes. Libera-as das “cargas negativas”, que lhes estão aderentes à pele (pelo fato de andarem nas ruas) e transportadas para os Terreiros ao neles entrarem. A incensação serve também para preparar a cabeça dos filhos-de-santo para “receberem” as entidades, procurando – como se fazia na Cabula – aspirar a fumaça do incenso e com ela impregnar a própria cabeça, trazendo a fumaça com as mãos para as têmporas, fronte e occipital, visando “fortalecer” a cabeça e melhor poder “incorporar” as entidades.

O segundo nimbu

Após a aspiração do incenso, o Enbanda entoava o segundo nimbu:

“Baculo do ar
Me quisa na mesa
Me tomba a girar”

Depois do nimbu de abertura do ritual, saudando Carunga, tatá e báculo e pedindo licença para funcionar – “quenda(r)” – este segundo nimbu dirige-se exclusivamente ao “baculo do ar”, isto é, ou ao báculo que habita a atmosfera, ou à atmosfera com seus fenômenos meteorológicos. Os dados que possuímos não especificam a identidade deste “baculo do ar”. Contudo, ele é chave no ritual, pois o nimbu lhe atribui o poder de fazer o Enbanda “quisa(r) na mesa” e “tombar a girar”. Até o momento deste trabalho não conseguimos descobrir o significado do “quisa(r)”. A “mesa”, como já vimos, corresponde ao gongá ou congá (altar) e à todo o ritual da Cabula.

O poder de “tombar a girar” não oferece dificuldade: pede-lhe o Enbanda que atue de modo a fazê-lo entrar em estado de transe, segundo a fenomenologia ritual de “girar”, rodopiar até “tombar”, cair no chão, em estado de transe, como ainda hoje sucede nos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda com os iniciantes no ritual, que estão aprendendo a “desenvolver a mediunidade”.

Este pedido, na lógica da sequência do ritual descrito por D. Nery, suporia que o Enbanda ainda não tivesse entrado em estado de transe. Mas, como vimos atrás, o Enbanda já havia entrado. O nimbu, portanto, deveria ser cantado: ou para obter a possessão, caso ainda não tivesse entrado em transe; ou, se já estivesse “possuído”, para manter a sequência de hinos do ritual.

O rito do Candaru

A seguir, informa D. Nery, “o Enbanda, ora dançando ao bater compassado das palmas, ora em êxtase (estado de transe), recebe o Cambono o Candaru (brasa em que foi queimado o incenso), trinca nos dentes e começa a despedir chispas pela boca, entoando o Nimbu:

“Me chame três Candaru
Me chame três tatá
Sou Enbanda novo (ou velho)
Hoje venho curimá”.

D. Nery define Candaru como fogo. Com maior precisão, o Candaru, referido neste nimbu, é uma palavra de origem provavelmente Yorubá e não Banto, correspondendo ao aje (coador) + ere (barro) = coador feito de barro, onde eram postas brasas. No ritual, o Candaru era usado como prova iniciática ou de comprovação da autenticidade da “possessão” por uma entidade. A prova consistia em colocar sobre a cabeça do iniciado, de cujo transe se duvidava da autenticidade, a vasilha de barro com orifícios no fundo e dentro fogo vivo (ajerê) ou brasas (Candaru), sobre as quais se derramava azeite.

Se o transe fosse autêntico, a pessoa não deveria se queimar. O rito usado na Cabula o era também em Terreiros sudaneses da Bahia e em outros lugares de influência Banto. Aqui, no Rio de Janeiro, nas pesquisas de campo em Terreiros de Umbanda e Macumba ouvi frequentemente referências a essa prática comprobatória da autenticidade da “possessão” por uma entidade, mas, nos quatro anos de intensiva pesquisa de campo não tive ocasião de presenciar a sua prática. Ao que tudo indica, está caindo em desuso, pela pressão de pais-de-santo de formação kardecista, que repugnam todas as práticas virulentas dos antigos rituais africanos.

Aqui na sequência ritual, o Candaru foi entregue ao Enbanda, que o “trincou com os dentes, soltando chispas de fogo pela boca”, como uma demonstração da autenticidade de sua “possessão”, ante a comunidade. O Candaru foi usado não da forma usual, sobre a cabeça, mas trincado pela borda com os dentes, de modo a poder, com as brasas próximas da boca, provocar chispas de fogo, dando a impressão de saírem. Visava a impressionar os neófitos, pois a seguir se fazia a iniciação.

Ao “curimã(r)” D. Nery dá o significado de “brincar”. Precisamente, curimar significa cantar curimbas ou corimbas, cânticos religiosos negro-brasileiros, para saudar ou invocar as entidades do culto. Seria uma palavra: ou de origem Yorubá, formada de “ko” (cantou) + “orin” (canção) + “ba” (realmente); ou proceder do dialeto kimbundo, formada pelo prefixo verbal “ku” + “imba” (cantar).

Iniciação dos neófitos

Após esse nimbu principiava a iniciação dos novos camanás. Caso houvesse algum neófito, um caialo, com o seu padrinho, durante essa fase inicial do ritual, devia ter ficado afastado do camucite. Neste momento, o caiaio, vestido humildemente com calça e camisa brancas sem goma e descalço, após penetrar no círculo, devia passar três vezes por baixo das pernas do Enbanda. Era a tríplice viagem, simbolizando a fé, a humildade e a total obediência ao seu novo pai, como dali em diante chamará o Enbanda. É de se observar que aqui temos o mesmo tratamento que os adeptos da Macumba dão ao chefe religioso da comunidade: “pai”, tanto como abreviação do termo pai-de-santo, tradução portuguesa de babaorixá [“babá (pai) + “Orixá” (santo)], quanto no sentido de paternidade espiritual do chefe.

Durante a iniciação do caialo, os camanás entoavam hinos de ação de graças às suas “entidades”, pela aquisição do novo irmão de culto. Com o caialo de pé diante de si, o Enbanda recebia de um dos cambonos a Enba. Segundo. D. Nery, o pó sagrado feito de tabatinga, espécie de argila branca, seca. Bastide, entendendo erradamente o termo “tabatinga”, julgou que fosse uma árvore ou arbusto, daí concluir que Enba era “um pó mágico, feito de folhas”. Com a Enba o Enbanda friccionava “os pulsos, a testa e o occipital do caialo”. Esta também é outra das identidades entre a Cabula e a Macumba, Quimbanda e Umbanda de tradições africanas. A Enba da Cabula é a atual “pemba dos Terreiros, tabatinga branca ou em cores, compactada em pequenos bastões e usada para traçar pequenos sinais ou cruzeiros na fronte, pulsos, peito, peito-dos-pés dos filhos-de-santo. Exatamente nos mesmos locais do corpo iniciado, assinalados pelo Enbanda com a Enba sobre os caialos na Cabula.

O rito, atualmente em processo de desaparecimento, é aplicado, segundo informações colhidas entre 1968 e 1972 com os pais-de-santo, nos rituais semelhantes ao da iniciação da Cabula. Além deste uso, é aplicado em alguns Terreiros também sobre os mesmos pontos do corpo de pessoas que estejam se debatendo “possuídas” por “obsessores” nos Terreiros. Finalmente é usada no traçado dos pontos riscados nas tábuas de pontos. Após a assinalação, era-lhes entregue a raiz para mastigar e engolir o suco e um cálice de vinho para beber. Concluía-se assim, a iniciação. Pronto o caialo, o Enbanda o conduzia ao lugar que daí por diante ocuparia na engira, entre os camanás. Todos os caialos atendidos, era a vez dos camanás. Mastigavam a raiz, ingeriam-lhe o suco e bebiam do vinho. Novo nimbu era entoado ritmicamente acompanhado pelas palmas dos camanás.

O ritual da vela acesa

Na sequência ritual o Enbanda tomava uma vela acesa, benzia-a e começava a “passá-la por entre as pernas, por baixo dos braços e pelas costas” de cada camaná. Este mesmo rito ainda hoje é praticado nos Terreiros de Macumba por filhos-de-santo “incorporados”, especialmente, com Exus. O rito é usado algumas vezes associado à defumação pela fumaça do cachimbo ou charuto que a entidade esteja fumando, com a finalidade de purificar o consulente e liberá-lo das supostas “cargas negativas”, que lhe estejam aderentes ao corpo. Este é mais um dos ritos que vinculam a Macumba à Cabula.

Na Cabula, a permanência da vela acesa, não obstante os deslocamentos no ar pela mão do Enbanda abaixo e acima, à direita e à esquerda do corpo do camaná, revelava ao Enbanda a fé do camaná. O lume aceso patenteava a robustez de sua fé no culto e em suas “entidades”, por essa razão, quando se apagava a vela diante de algum camaná, gritava o Enbanda:

- “Por conta de quem camaná fulano não tem cá-fé, cá tudo?”.

O cambone respondia, mas a falta de fé era punida com duas, três ou quatro palmatoadas com a palmatória, até que a vela não mais se apagasse. Os castigos eram freqüentes e aplicados pelo Enbanda para aperfeiçoar os camanás.

A tomada do Santé

Comprovada a fé de todos os camanás, chegava-se ao ápice do ritual: “a tomada do Santé”. Esta expressão requer análise. A uma leitura de afogadilho, crer-se-ia que o Santé fosse uma bebida, algo que se toma, bebe. Na realidade significa ser tomado, possuído, pelo Santé. No pequeno glossário anexo ao texto, D. Nery define “Santé” como “Espírito Principal”. Olga Cacciatore informa que “Santés” são os “Espíritos da Natureza”, ao que se vê, conceito semelhante ou idêntico ao de “bacuro”. Roger Bastide esclarece que “Santé” é a abreviatura da palavra “santidade”, presente nos primórdios da colonização do Brasil e combatida pela primeira visitação do Santo Ofício, como atestam as Confissões da Bahia de 1591 – 1592. Era um culto sincrético, de base indígena com elementos do catolicismo popular e o uso do fumo. O “Espírito de santidade”, ou “Santé” era o transe obtido pela inalação do fumo do tabaco, “a erva sagrada”. O termo foi assumido pelo Culto dos Caboclos, mais ou menos cristianizado e disseminado pelo sertão nordestino, estando nas origens do Catimbó atual. Dele, provavelmente, os cabulistas tomaram a expressão para designar esta parte central do ritual. A “tomada do Santé”, portanto, significa “receber o Santé”, isto é, “incorporar”, ou como é dito na Macumba carioca “receber o santé ou o “santo”. O termo “santé” ainda hoje é usado nos Terreiros de Macumba e mesmo de Umbanda, como ouvi expresso pelo pai-de-santo do extinto Templo Umbandista da Legião Espiritualista de Assistência Social, na rua S. Clemente n  321 em Botafogo (RJ) durante as pesquisas de campo realizadas entre 1968 e 1972.

Informa D. Nery que a “tomada do Santé” era o “ponto principal de todas as reuniões”. O fato corresponde exatamente à finalidade central de todas as sessões de Macumba, Quimbanda e Umbanda: “receber” as entidades, para que “venham” “trabalhar e fazer caridade”, como dizem. Nessa expectativa dobravam um lenço branco em forma de fita, cingindo com ele a testa e amarrando-o   nuca. Como D. Nery havia relatado que no início da engira todos os camanás já o haviam feito, supomos que o reiterar a referência esse momento queira se referir aos novos camanás recém-iniciados.

Para aumentar a concentração psicológica do grupo, reduziam a intensidade luminosa da fogueira e perfumavam o ambiente queimando incenso ou resinas aromáticas. Os dois procedimentos rituais ainda hoje são usados nos Terreiros de Macumba para criar condições ambientais propícias à “entrada” em estado de transe e   “posseção” pelas “entidades”. Houve nessa continuidade histórica, contudo, um deslocamento: a incensação foi antecipada, realizando-se no início de todo o ritual, como cerimônia preliminar de purificação do ambiente, antes de se iniciarem as giras, mas, a redução da luminosidade continua como preparação ambiental imediata para a “descida” das entidades”, como se fazia nas engiras da Cabula. Agora, nos Terreiros, onde não se acendem fogueiras, apagam-se as lâmpadas comuns ou de luz fria e acendem-se pequenas lâmpadas azuis, para dar ao ambiente uma luminosidade difusa de luar.

Criado o condicionamento imediato para a “posseção” pelo Santé, entoava-se o cântico evocativo. Ao ritmo das palmas, informa D. Nery, dançava o Enbanda, *“esforçando-se em grandes gestos e trejeitos, para que o Espírito se apoderasse de todos. Quase sempre há em cada Mesa mais de um Enbanda e o esforço do Enbanda chefe é no sentido de dar o Santé aos Enbandas inferiores, para que sejam dali afastados”*. O relato desta parte do ritual é confuso, embora coerente no início, com o que vem sendo narrado e que ainda se observa atualmente nos Terreiros de Macumba. O final parece contraditório. Vejamos:

Informa que *“quase sempre há em cada Mesa mais de um Enbanda”*. Se entendemos o termo “Enbanda”, como vem sendo usado até agora, com o sentido etnológico de sacerdote do culto Banto na Cabula, a frase informa que na Cabula não havia um  nico Enbanda, mas vários e hierarquia. Um Enbanda chefe e outros Enbandas subordinados, ou subchefes. Essa hierarquia ainda se encontra hoje nos Terreiros de Umbanda, procedentes da antiga Macumba, como constatamos, entre outros, no Templo Umbandista da Legião Espiritualista de Assistência Social, acima citado; na Tenda Espírita Pai Jer nimo, rua Barão de Ubá, 423 - fundos (Praça da Bandeira); na Tenda Mirim, Av. Marechal Rondon, nó 597 (S. Francisco Xavier).

Diz-nos que a preocupação e trabalho do *“Enbanda chefe é de dar o Santé aos Enbandas inferiores”*, portanto, ajudar, criar condições para que também os “Enbandas inferiores” incorporem” as entidades. Até aqui, tudo lógico. Mas a subordinada final – *“para que sejam dali afastados”* – parece ilógica! *“D -se o Santé aos Enbandas”* para afastá-los do ritual? Isto não tem sentido na lógica do ritual. “Enbandas inferiores” estariam sendo usados como sin nimo de “Espíritos inferiores”, que devem ser afastados? Neste caso, o termo “Enbanda” não está sendo usado com o significado de “sacerdote” mas de “Espírito”, “Santé”, tornando equívoco o relato. Quando nos Terreiros os adeptos “recebem” suas entidades não se afastam do Terreiro. Permanecem nele, “incorporados”. Como consequência, as entidades que “incorporam” não se afastam, antes, tornam-se “presentes”, através da “incorporação”. Assim, não se entende como possam “ser afastados”, sejam os “Enbandas inferiores”, seja o “Santé”.

Creemos que o impasse esteja no uso equívoco do termo Enbanda. Parece-nos que para o trecho ter lógica é necessário manter o termo “Santé” como designando o “Espírito principal”, que pode ser dado a todos os “Enbandas (sacerdotes) inferiores”. Desse modo, o “Espírito principal”, o Santé, por sua força preternatural afastaria os “Espíritos inferiores”, perniciosos e prejudiciais, presentes no ar, no local do ritual. Esses “Espíritos Inferiores” prejudiciais razão pela qual devem ser “afastados” – corresponderiam ao que hoje nos Terreiros de Macumba se designa como kiumbas e obsessores. Creemos ser esse o sentido do texto, pois, no parágrafo seguinte, informa D. Nery que *“de espaço a espaço todos (atiravam) Enba para o ar, afim de que se afastem os maus Espíritos”*.

Esse gesto ritual — “atirar Enba para o ar” — não teve continuidade na Macumba e muito menos, na Umbanda atual. Permanece característico da Cabula, por ter sido a Enba – hoje, pomba – compactada em bastonetes para seu atual uso. Na forma arcaica de uso, como pó, é possível e tem sentido, “atirá-lo para o ar”, pois, as partículas do pó sagrado, espalhando-se na atmosfera, entravam em contato com os “maus Espíritos”, que nele se encontrassem afastando-os pela incompatibilidade mágico-religiosa da natureza sagrado-benéfica da Enba oposta à maléfica dos maus Espíritos.

Além desta finalidade, o rito tinha também uma segunda “cegar os profanos” para que não vissem ou devassassem os sagrados mistérios. As partículas da Enba no ar atingiriam os olhos dos profanos curiosos.

A “possessão” pelo Santé

“De repente um deles, geralmente o Enbanda, verga o corpo, pende a cabeça e rola pelo chão, em contorções. A fisionomia torna-se contraída, todo o corpo como que petrificado e sons estertorados lhe escapam do peito. É o Santé que dele se apoderou” (D.Nery).

Esta descrição corresponde ao estado de transe “selvagem” nos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda, no qual o iniciado ainda não aprendeu a “receber” a entidade, permanecendo de pé, sem rolar pelo chão. Pode também ser a fenomenologia da assim dita “incorporação” de Exus e obsessores na Macumba, Umbanda e Quimbanda. Esse modo violento e doloroso, para os que são objeto deste tipo de transe, no dizer dos pais-de-santo dos Terreiros, pode ser sinal da “presença” ou de um obsessor ou a forma “punitiva”, com que uma entidade “castiga” um filho-de-santo, que fez algo que ela lhe proibira, ou por ter infringido algum interdito cúltico. Como “punição” por “entidade superior” a fenomenologia é rara. As convulsões, contorções, jogar-se ao chão, esfolando-se no pavimento, na explicação dos pais-de-santo dos Terreiros, são características do modo de se “apresentar” dos obsessores. Como é perceptível, essa tipologia comportamental, corresponde, na verdade, a um estado psíquico conflitual violento, que tolhe ao adepto todo o autocontrole.

A “possessão” dos Camanás pelo Santé

“Receber” o Santé não era privilégio exclusivo dos Enbandas-chefes e subalterno. Também os simples iniciados, os camanás, o podiam e, de fato, o “recebiam”. Quando isto sucedia, os camanás “possuídos” pelo Santé, transformavam - se psico-comportalmente.

Informava D. Nery: *“nesse período (o camaná) fala e discorre, sem ter aprendido, sobre as cousas cabulares, como o mais perfeito e sabido dos Enbandas”*. O camaná que “recebesse” o Santé se destacava de pronto dentre os demais e ascendia rapidamente ao status de Enbanda.

Do visto, ser “possuído” pelo Santé oferecia vantagens. A promoção no culto não era a maior. Era decorrência de algo ainda mais precioso e buscado tenazmente pelos que se iniciavam no culto: a aquisição de um “Espírito” que os “guiasse” e “protegesse” em todas as necessidades duríssimas de suas vidas de escravos ou ex-escravos. Ter um “Espírito-Guia” era ter um “protetor” precioso. Esse “Guia” e “protetor” buscado era “encontrado” através do Santé, do estado de transe. Daí todos trabalharem e se esforçarem por entrar em transe – ter o Santé – sujeitando-se, para isso, no dizer de D. Nery, a *“diversas abstinências”* e *“ridículas penitências”*. Aqueles que conseguiam “ser tomados pelo Santé” buscavam imediatamente “obter o seu “Espírito” familiar protetor, mediante a cerimônia ritual de embrenhar-se no mato com uma vela apagada e retornar com ela acesa, não tendo levado consigo meio algum para acendê-la – o que implica o conhecimento do modo de obter fogo por meio de atrito de madeiras ou de chispas de pedras –. Com a vela acesa o camaná devia trazer o nome do seu “Espírito protetor” sendo os mais comuns: Tatá Guerreiro, Tatá Flor da Carunga, Tatá Rompe Serra, Tatá Rompe Ponte, etc.

A busca cabulística de um “Guia” e “protetor” para as dificuldades da vida diária se repete na agonizante Macumba e nas suas continuadoras, a Umbanda e a Quimbanda, decorrentes de sua cisão. Também no que atine aos nomes desses “Espíritos protetores” há uma relativa continuidade entre a Cabula e a Macumba, Umbanda e Quimbanda. Muitos deles, com variações de significado e aplicação, ainda são perceptíveis nos atuais Terreiros.

- 1º) O termo “tatá”, como já vimos, desapareceu como prenome de entidade, adotando novos significados.
- 2º) “Carunga”, hoje dito Calunga, não é mais cultuado, como entidade protetora pessoal. Permanece como arcaico nome Banto do oceano: a Calunga-Grande. Como força preternatural, objeto de culto, foi substituído no Brasil, por Yemanjá, conceito Yorubá, que no Brasil, passou a ser a Orixá do mar.
- 3º) Os designativos acoplados ao verbo “romper” – significando “força preternatural”: “rompe serra”, “rompe mato”, “rompe ponte” (...) — ao lado da formação de novos nomes de significado similar – ainda continuam a existir nos Terreiros atuais, mas aplicados a Caboclos (pseudo-alma de índios) tais: Caboclo Rompe Serra, Caboclo Rompe Mato.

Com essas informações encerra D. Nery o seu relato sobre o ritual. Não tendo a preocupação etnológica, mas apenas o “zelo pastoral” de “tomar algumas notas (oferecidas) à consideração e ao estudo dos curiosos”. Não descreve a conclusão do ritual. Esta lacuna final não desmerece a importância do relato. Ainda hoje é o que de mais importante temos sobre a Cabula.

Conclusão

O estudo da Cabula apresentado por D. Nery deu-nos acesso às raízes das arcaicas formas de expressão religiosa Banto no Brasil. O relato, como vimos, ajuda-nos a entender a origem de muitas das formas de expressão do culto de Macumba, que se transmitiram à Quimbanda e à Umbanda atuais, no que ainda conservam de suas raízes africanas. Detectamos essas raízes nas identidades que procuramos levantar ao longo do trabalho, iniciando-se com o termo cafioto, usado nos primórdios da Macumba rural, passando pelas mesmas litúrgicas calças e camisas brancas pés descalços e lenço em fita amarrado à testa. Na Cabula, como na Macumba, o sacerdote do culto denominado Enbanda ou umbanda, recebendo o mesmo tratamento de “pai” pelos caialos e camanás da Cabula como os atuais pais-de-santo dos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda e recebem de seus filhos-de-santo. A mesma hierarquia do Enbanda chefe e Enbandas subordinados da Cabula continuada na Macumba e Umbanda entre os pais-de-santo e os subchefes dos Terreiros. Os Enbandas, como os atuais pais-de-santo, acolitados por cambonos com idênticas funções nos dois cultos.

A sucessão de identidades continuou nos objetos rituais: cachimbos, velas, signos cabalísticos — hoje denominados pontos-riscados compostos de cruzes, meias-luas, estrelas de cinco e seis pontas, flechas, raios, etc. O quase idêntico uso da Enba, a atual pomba, nos dois cultos. O mesmo termo “engiara” ou hoje “gira”, para designar o ritual movimentado em círculos dos adeptos da Cabula, como da Macumba primitiva. O ritual cabulístico realizado em casas e nas florestas, repetindo-se nos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda, com a primeira parte nos Terreiros e a conclusão das giras festivas nas matas. O termo “mesa, designativo das reuniões dos cabulistas, ainda usual em 1939 na Macumba carioca.

A repetição – ajustada às lâmpadas elétricas dos atuais Terreiros – da prática cabulística de reduzir a luminosidade da fogueira que iluminava o camucite, para favorecer a concentração psicológica dos adeptos e entrarem em estado de transe. A continuação da oração preparatória inicial do culto na atual oração de abertura dos trabalhos.

A estrutura musical do culto pontilhado de nimbus ritmados pelas quatan ou liquaquá, as palmas que se repetem nos atuais pontos-cantados ao ritmo de atabaques e palmas. A permanência do nome de Carunga, o oceano, na atual designação da Calunga-Grande, embora tendo cessado na Macumba o culto a ele. O termo Santé vez por outra ainda usado nos Terreiros com idêntico significado de ser “possuído” por uma entidade ao entrarem em estado de transe. A “possessão” pelo Santé não privilegiando apenas o Enbanda chefe e os Enbandas subalternos, mas acessível também aos camanás a repetir – se na Macumba, onde não apenas o pai ou mãe-de-santo “recebem” as entidades, mas igualmente os filhos-de-santo.

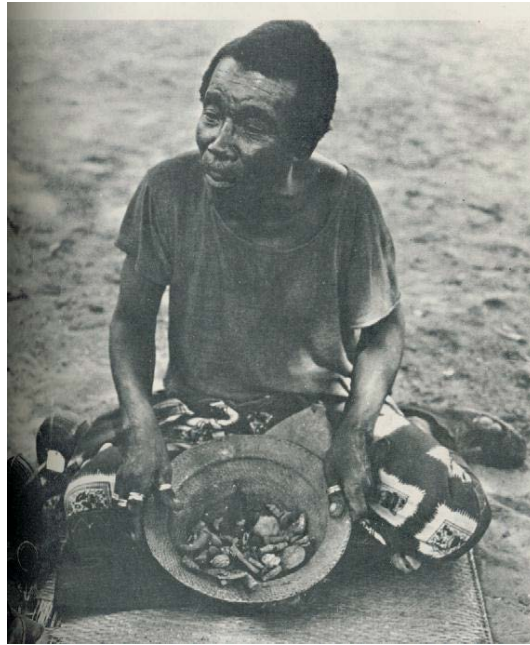
As identidades prosseguiram na mesma busca de um “Guia” pessoal na Cabula como na Macumba. Os nomes dos “Guias” mantidos relativamente, como “tatá”, hoje com acentuação paroxítona e significado mais amplo. O mesmo tipo de homenagens às entidades “baixadas”, como o “vinho”, para os antigos tatás e os atuais Pretos-Velhos, acompanhado do mesmo uso do incenso, embora com deslocamento na seqüência ritual. O rito da vela acesa, passada ao redor do corpo do camaná continuado nos Terreiros de Macumba, Umbanda e Quimbanda em torno do corpo dos consulentes atuais. Por último e ainda que em processo de esquecimento, o uso cabulístico da prova do Candaru, para autenticar a “possessão” por uma entidade.

Este acúmulo de identidades, a nosso ver, não só revelam a origem Banto comum dos dois cultos, como sugerem uma continuidade histórica, intermediada por um período de encasulamento e metamorfose da Cabula na atual Macumba, esta, ressurgida algumas décadas após, a princípio, na área rural e, em seguida, inserida no contexto da periferia urbana da cidade do Rio de Janeiro, com extensão para São Paulo e Espírito Santo.

(Texto de: Valdeli Carvalho da Costa)

Vamos a um texto interessante, onde o jornalista nos relata sucintamente a Cabula, sua existência, perseguições e extinção:

MACUMBA DIABÓLICA EM ITAÚNAS



Manchetes como essa, carregadas de sangue de feiticeiros, eram freqüentes dos anos 30 aos anos 50, no jornal “A Gazeta”. Época em que temidos oficiais da Polícia Militar, como o major Djalma Borges, atuavam no norte do Estado matando os chefes das Cabulas, numa missão oficial planejada para o extermínio da principal seita de magia negra da região.

Essa ação dos militares concentrou-se mais no Vale do Cricaré, que hoje abrange os municípios de São Mateus e Conceição da Barra. Foi um capítulo de ódio sedento de sangue, segundo o depoimento de um antigo morador de Itaúnas, Ográcio Barcelos, de 67 anos. Ele cita uma lista de cabuleiros abatidos neste período em que Carlos Lindenberg era o governador do Estado. *“Isto aqui virou um terror, com policiais invadindo casas, espancando e matando cabuleiros e adeptos da cabula”.*

Mas o temor e, conseqüentemente, a perseguição à Cabula vêm lá de trás, ainda por ocasião da escravatura, quando ela foi usada pelos negros como força revolucionária nos seus confrontos com os fazendeiros. A Cabula era um ritual para abater os inimigos com feitiço, executando continuamente líderes escravagistas, especialmente aqueles que perseguiram os negros fugidos da senzala.

Era, em verdade, um instrumento de luta manejado por um guerreiro invisível e intangível, de demônios constituídos. O ódio era maior, principalmente, se esse feiticeiro fosse remanescente dos vindos da África.

(Segundo um dos maiores especialistas em assuntos da África, o jornalista polonês Ryszard Kapuscinski, os povos africanos são regidos por forças sobrenaturais. São forças concretas, Espíritos que têm nomes e encantos. São eles que definem o curso e o sentido da vida, sentenciam o destino de cada um e tudo decidem).

Realmente esse sentido de magia afro, guardadas, evidentemente, as devidas distâncias, tem tudo a ver com a nossa Cabula, cujo ritual nos é contado agora por um antigo adepto, João de Deus Falcão dos Santos, 53 anos, morador de Itaúnas, mestre do Ticumbi, mas criado dentro de uma mesa de Santa Maria (a própria da Cabula):

- Começava a Cabula com o cambone, que é o secretário do cabuleiro, forrando o chão com uma toalha branca. Colocava os santos sobre ela, botava os cordões e também as facas. Os participantes amarravam uma fita branca na cabeça. O cabuleiro era quem fazia a sessão, sempre à noite, pois a noite traz segurança e tranqüilidade aos Espíritos. O cabuleiro trabalhava nela e o cambone seguia as suas ordens. O povo da mesa só cantava e rodava.

- Divino vai, Divino vai, Divino vai; Eu vou dar o meu licaço (uma roda); O cambucito vai embora; eu vou dar o meu licaço; é o santé, o Caboclo que está no corpo de fulano. Aí o pessoal da roda fazia os pedidos. O cabuleiro receitava para tratar de doenças. A primeira parte da Cabula era só para fazer o bem, como a cura dos doentes. Depois entrava a parte para fazer o mal.

Aí, diz João, o cabuleiro trabalhava com a parte do Satanás. Incorporava nele só gente brava. Vinham os pedidos para fazer mal aos desafetos. Recebido o pedido, o cabuleiro ia para o mato fazer o serviço, enquanto que o povo da mesa cantava e fazia novamente a roda. Ele voltava com o corpo envolvido em cipó e cheio de espinhos. Nesta hora, alguém tombava em algum lugar – garante João, com toda convicção ainda de antigo devoto da Cabula.

Manter o segredo sobre o ritual era como uma lei para não ser desobedecida nunca pelos seus adeptos. Há inúmeras histórias de adeptos da Cabula presos e torturados pela polícia, mas que jamais revelaram os segredos de seus rituais. A longevidade da Cabula andou, inclusive, por conta desse pacto da sociedade negra para com a sua religião, segundo o historiador Maciel de Aguiar. Mas Maciel divide em dois momentos distintos a Cabula: uma em que ela mantinha a chama revolucionária e outra servindo às rixas entre suas próprias comunidades.

Sobre os casos das rixas, João Falcão também testemunhou vários e conta um que nunca lhe saiu da memória:

- Houve um ponto que foi um confronto entre duas mesas de Cabula. Uma de Santa Maria (a mais freqüentada) e outra de Santa Bárbara (de menor número de adeptos). Eu estava na mesa de Santa Maria. Era um cabuleiro querendo matar o outro. Um chamava-se Sebastião e o outro Zé Gonçalves, mas esse era mais conhecido com Zé da mesa de Santa Bárbara.

- Quando estava acabando a sessão na de Santa Maria, apareceu uma cobra no meio da mesa. O cabuleiro ordenou ao seu cambone que não deixasse ninguém matar ou tocar nela. Pegou uma zema (areia) e soprou em cima da cobra, dizendo que foi o Zé da mesa de Santa Bárbara quem havia enviado a cobra para matá-lo. Colocou levemente a mão sobre ela. E ela morreu logo em seguida.

- Depois de encerrado a sessão da Cabula, ele convidou os participantes a seguirem com ele para a beira do rio, a fim de apreciar o corpo de Zé da mesa de Santa Bárbara passar para o cemitério. E não é que apareceu uma canoa com o corpo do Zé? Uma grande canoa de pequi, com adeptos da mesa de Santa Bárbara, em silêncio, trazendo o defunto do cabuleiro inimigo para ser enterrado no cemitério de Itaúnas.

Era um tempo que João classificou de muito feitiço, com o que concorda Maciel (responsável pela maior parte das informações dessa reportagem). Mas aí nós já estamos em meados do século XX, quando a Cabula passa a sobreviver com outros propósitos.

Mas o seu começo foi realmente o de servir à luta pela libertação dos escravos. Sua eficiência foi tamanha nesta etapa que o governo da Província, instigado pelo padre da região, Duarte Pereira Carneiro, instituiu a guerrilha de São Mateus para o extermínio da Cabula.

Segundo ainda Maciel, essa guerrilha remanejou para São Mateus capitães do mato de outras regiões do país. Entre eles veio um dos mais temidos, o cearense Francisco Vieira de Melo, que executou o Negro Rugério, chefe do Quilombo de Santana.

Mas escaparam dele outros líderes revolucionários, entre eles Benedito Meia Légua e Clara Maria do Rosário, que só seriam mortos depois da ida à região do bispo diocesano do Estado, D. João Batista Correia Nery.

Mas o bispo só chegou lá depois da abolição da escravatura, movido pelo momento por que passava o país, ainda tomado pelo alvoroço religioso-fanático de Antônio Conselheiro no sertão da Bahia. Desconfiavam os dirigentes católicos da terra que este mesmo fanatismo do sertão baiano seria transportado para a região do vale do Cricaré, onde existiam, na época, cinco mil escravos libertos.

Por esse tempo, a Cabula havia crescido muito, tinha deixado de ser apenas religião dos negros fugidos, passando a ser, também, dos negros libertos e praticamente de toda a população negra. A partir desse novo contingente de freqüentadores, ela dedicou-se também ao culto aos seus heróis revolucionários, com a sistemática encarnação nos cabuleiros dos espíritos revolucionários de Benedito Meia Légua, Negro Rugério e Maria Clara do Rosário.

Por esse período da grande afluência dos negros a Cabula, que vai da abolição da escravatura (1888) ao início do século XX, passando pela transição da Monarquia para a República, o bispo D. João Batista Nery conseguiu que o governo pusesse em execução a maior perseguição policial à Cabula, sob suspeita, novamente, de que ali estaria também para surgir um novo Canudos, com outro fanático à frente do tipo de Antonio Conselheiro.

A intervenção do bispo chegou ao ponto de fazer o governo considerar a Cabula uma atividade criminosa. E a Cabula defendeu-se caindo na clandestinidade, disfarçando sua atividade na prática do espiritismo, que era tolerado pelas autoridades policiais. Essa situação durou até os anos 20, quando veio a surgir, no sertão de Itaúnas, um branco, atuando também na mesa de Santa Maria. Tratava-se de um fazendeiro, de origem portuguesa, de nome Duca Tora.

Ficaria famoso como curandeiro, milagreiro, mas que, segundo o seu parente Lauro Vasconcelos Nascimento, de 87 anos, todo mundo conhece em Itaúnas como “seu Dodozinho”. Duca Tora era um cabuleiro que jamais tratou do mal na sua mesa de Santa Maria. Acabou sendo por isso usado pela elite para incentivar ainda mais o combate à Cabula dos feiticeiros negros. Em 1941, morreria Duca Tóra e as populações da região voltavam a sentir novamente a presença forte da Cabula feita pelos negros. Era comum, inclusive, nesta época, se esconder a vítima do feiticeiro como forma de salvar-lhe a vida. Já era final dos anos 40, para início dos anos 50, quando finalmente o governo enviou à região levadas de policiais para dar fim à Cabula, como desejavam também autoridades de São Mateus e, principalmente, de Conceição da Barra.

À frente seguiu o mais temido de todos os oficiais da história da PM: o major Djalma Borges, que promoveu impiedosa matança de feiticeiros, conhecidos na região como cabuleiros. Não deixou sequer um único cabuleiro vivo. Extinguiu, literalmente, a Cabula, cujo segredo do ritual não chegou a conhecer, pois lhe negaram todos os cabuleiros, muito dos quais debaixo de sessões de torturas, como mais tarde o próprio oficial revelaria aos seus superiores. O que leva a crer que a Cabula acabou, mas levou consigo todos os seus segredos, pelos quais, anos a fio, combateram diversas gerações das elites rurais do Estado.

(Texto do Jornalista Rogério Medeiros)

“Sobre a Cabula, especificamente, Maciel disse que ela enfrentou dois poderosos inimigos: os fazendeiros escravocratas e a Igreja. Os fazendeiros, para mantê-los como mão-de-obra escrava. Com a Igreja foi diferente. Uniu-se às elites e ao governo para proteger seus interesses em livrar-se de uma religião eminentemente afro, que resistia a todo tipo de fusão dos seus ritos com os do catolicismo e havia crescido enormemente depois da libertação dos escravos”. (Rogério Medeiros)

“Passaram a fazer os seus cultos através da Mesa de Santa Bárbara, numa simbiose com a liturgia dos católicos. O que era permitido e até estimulado pelos líderes católicos para ajudar na destruição da Cabula”. (Rogério Medeiros)

Da Cabula, surgiu a Macumba. Só tem um porém: A Cabula era um culto sincrético onde predominava a comunicação com os Espíritos, através da mediunidade, ao invés de só cultuar Orixás. A Macumba se tornou um termo genérico onde se praticava o culto cabulistas com seus Tatás (Espíritos). Os praticantes de cultos afros com seus Orixás (sem a presença de Espíritos), também foram tachados de Macumba.

DEFINIÇÃO DE MACUMBA

A primeira definição de Macumba que se encontra em qualquer dicionário é: *“antigo instrumento musical de percussão, espécie de reco-reco, de origem africana, que dá um som de rapa (rascante); e Macumbeiro é o tocador desse instrumento”*. (nota do autor: Deram a designação de instrumento musical, pelo fato de que nos rituais de Macumba, tocavam-se os ditos instrumentos).

O conceito da Macumba está tão arraigado na cultura popular brasileira, que são comuns expressões como “xô Macumba” e “chuta que é Macumba” para demonstrar desagrado com a má sorte. As superstições nesse sentido são tão grandes, que até mesmo para a Copa do Mundo foram criados sites para espantar o azar. São também muito comuns amuletos que vão desde adereços até objetos que remetem aos utilizados nos cultos religiosos.

Popularmente, a palavra Macumba é utilizada para designar genericamente os cultos sincréticos afro-brasileiros derivados de práticas religiosas e divindades dos povos africanos trazidos ao Brasil como escravos, tais como os Bantos, como o Candomblé. Entretanto, ainda que Macumba seja confundida com o Candomblé e Umbanda, os praticantes e seguidores dessas religiões recusam o uso da palavra para designá-las. Outras acepções para o termo Macumba são:

- Macumba, na acepção popular do vocábulo, é mais ligada ao emprego do ebó, feitiço, “despacho”, coisa-feita, mironga, mandinga, muamba;
- Palavra usada no sentido pejorativo para se referir ao Candomblé ou à Umbanda;
- Diz-se mais comumente Macumba que Candomblé, no Rio de Janeiro, e mais Candomblé do que Macumba, na Bahia.

“Ainda ao tempo das reportagens de João do Rio os Cultos de origens africanas no Rio de Janeiro chamavam-se, coletivamente, Candomblés, como na Bahia, reconhecendo-se contudo, duas seções principais: os Orixás dos Cultos nagôs e os Alufás dos Cultos muçulmanos (malês) trazidos pelos escravos. Mais tarde o termo genérico “Macumba”, foi substituído por Umbanda. Meio século após a publicação de “As Religiões do Rio”, estão inteiramente perdidas as tradições malês e em geral os cultos, abertos a todas as influências, se dividem em Terreiros (cultos nagôs) e Tendras”(…). (Câmara Cascudo)

“E a Macumba carioca, portanto, pode bem ter se organizado como culto religioso na virada do século, como aconteceu também na Bahia. Não vejo, pois, razão para pensá-la como simples resultante de um processo de degradação desse Candomblé visto no Rio no fim do século por João do Rio, essa Macumba sempre descrita como feitiçaria, isto é, prática de manipulação religiosa por indivíduos isoladamente, numa total ausência de comunidades de culto organizadas. Arthur Ramos fala de um culto de origem Banto no Rio de Janeiro na primeira metade do século, cultuando Orixás assimilados dos nagôs, com organização própria, com a posse de Espíritos desencarnados que, no Brasil, reproduziram ou substituíram, por razões óbvias, a antiga tradição Banto de culto aos antepassados (Ramos, 1943, v.1, cap. XVIII).

São cultos muito assemelhados aos Candomblés Angola e de Caboclos da Bahia, registrados por Edison Carneiro, que já os tratava como formas degeneradas (Carneiro, 1937. Para uma análise atual da questão da pureza nagô, ver Beatriz Góis Dantas, 1982 e 1988)”. (Reginaldo Prandi, 1991)

(Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre)



Candomblé Banto, dirigido pela “Kilondirá” em Duque de Caxias, Baixada Fluminense no Rio de Janeiro (década de 1940) – em pé, ao fundo, com o terno fechado, está Joazinho da Goméia

A razão mais plausível que encontramos, foi no termo “Makiumba” (logo após por regionalização fonética da palavra ficaria Macumba) foi justamente, porque é um culto onde são invocados, necessariamente, os Espíritos de almas penadas (de humanos desencarnados). Segundo o dicionário Afro-Brasileiro, kiumba na língua kibundo/kicongo (Banto), significa literalmente: *“Alma Penada”*. O plural em kibundo/kicongo nunca termina com “s”, como no português.

Conforme a palavra, um dos prefixos usados no kimbundo/kicongo para colocar uma palavra no plural é: “ma”. O plural de kiumba como almas penadas seria então: “Makiumba”. Portanto, era designado como “Macumba”, um culto que incorporava tradições africanas, orientações ameríndias, católicas e espíritas, com predominância na presença mediúnica de “gente desencarnada”, Espíritos regionais (Índios, Pretos-Velhos, etc.), que seria então o novo nome da extinta Cabula, contrariando os cultos de nação, que refutam a presença de Espíritos (chamados de Eguns), pois só trabalham com Orixás. Pelo explicado, o nome “Macumba” estava sendo corretamente utilizado como designativo de um culto.

Encontramos outro termo – “Makuba” – do idioma Banto (kikongo/kimbundo), significando originalmente reza, invocação.

Com as interpretações do termo – Macumba – dadas acima, podemos então afirmar que jamais poderia ser tão somente o designativo de um instrumento musical. O negro não seria tão ignorante de dar o nome de um simples “reco-reco” a um culto religioso.

Daí, podemos entender que já haviam bruxuleios de manifestações desordenadas regionais de Espíritos na dita Macumba, que era um culto baseado na Cabula e posteriormente na tradição africana, no Rio de Janeiro, pela desorganização, falta coesa de doutrina, geralmente, era dirigido para atender a solicitações pessoais, bem como para práticas escusas, como feitiçarias de toda ordem.

“Por muito tempo tanto os Candomblés de divindades africanas e os cultos que giravam em torno de Espíritos brasileiros e europeus (isto é, o Candomblé de Caboclo, a encantaria de mina, o Catimbó ou Jurema dos Mestres) permaneceram mais ou menos confinados a seus locais de origem. Mas logo no início de sua constituição, com o fim da escravidão, muitos negros haviam migrado da Bahia para o Rio de Janeiro, levando consigo suas religiões de Orixás, Voduns e Inquices e também a de Caboclos, de modo que na então capital do país reproduziu-se um vigoroso Candomblé de origem baiana, que se misturou com formas de religiosidade negra locais, todas eivadas de sincretismos católicos, e com o espiritismo kardecista, originando-se a chamada Macumba carioca e pouco mais tarde, a Umbanda”. (Reginaldo Prandi)

“As Macumbas – mistura de catolicismo, fetichismo africano e superstições nativas – multiplicavam-se, atraindo todas as classes sociais. Surgiu, assim, a atividade remunerada dos feiticeiros; o “trabalho feito” passou a ordem do dia, dando motivo a outro, que viria destruir os seus efeitos maléficos, e aos “despachos” que visavam obter favores para uns e prejudicar a outros. Querendo aumentar os seus rendimentos, o feiticeiro exigia objetos que dificilmente seriam encontrados pelo leigo e se destinavam, segundo dizia, a presentear entidades benéficas ou aplacar a fúria dos elementos do baixo astral. A magia dos velhos africanos – transmitida oralmente através de gerações – deturpou-se e foi colocada a serviço de interesses pessoais. Objetos os mais curiosos eram exigidos; sacrificavam-se com as mais diversas finalidades, aves e animais inocentes, obedecendo sempre aos objetivos primordiais: enriquecer o mago e seus companheiros ou “derrubar” – termo que esteve muito em voga – os que não se curvassem ante os seus poderes ou pretendessem fazer-lhes concorrência”. (Trecho extraído da reportagem: “Umbanda – O Início de uma Longa Jornada” – de Lília Ribeiro – Rio de Janeiro, 1970)

Em 1904, surge no Rio de Janeiro o livro “Religiões do Rio”, elaborado por “João do Rio”, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, membro emérito da Academia Brasileira de Letras. No livro, o autor faz um estudo sério e inequívoco das religiões e seitas existentes no Rio de Janeiro, naquela época, capital federal e centro sócio-político-cultural do Brasil.

O escritor, no intuito de levar ao conhecimento da sociedade os vários segmentos de religiosidade que se desenvolviam no então Distrito Federal, percorreu Igrejas, Templos, locais de feitiçarias, Macumbas, cultos baseados na tradição africana, Sinagogas e outros, entrevistando pessoas e testemunhando fatos.

Não obstante tal obra ter sido pautada em profunda pesquisa, em nenhuma página desta respeitosa edição cita-se o vocábulo Umbanda, pois tal terminologia era desconhecida, ou seja, não existia ainda, como designativo de culto ou seita.

O livro: “Religiões do Rio” deve ser leitura obrigatória para quem quer entender os processos que culminaram na vinda do Caboclo das Sete Encruzilhadas em 1908, trazendo a “Linha Branca de Umbanda e Demanda”, no combate às feitiçarias de então. Ele estará sendo disponibilizado junto desse livro em nosso site, no ícone: “DOCUMENTOS HISTÓRICOS”, no subtítulo: “Livros Históricos”.



João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (João do Rio)

Vamos a dois trechos desta importante obra, que especificamente tratam de feitiços, para que tenhamos uma pálida ideia de como tudo ocorria naquele tempo:

O feitiço – Pág. 9 a 12:

Nós dependemos do feitiço. Não é um paradoxo, é a verdade de uma observação longa e dolorosa. Há no Rio, magos estranhos que conhecem a alquimia e os filtros encantados, como nas mágicas de teatro, há Espíritos que incomodam as almas para fazer os maridos incorrigíveis voltarem ao tálamo conjugal, há bruxas que abalam o invisível só pelo prazer de ligar dois corpos apaixonados, mas nenhum desses homens, nenhuma dessas horrendas mulheres tem para este povo o indiscutível valor do feitiço, do misterioso preparado dos negros.

É provável que muita gente não acredite nem nas bruxas, nem nos magos, mas não há ninguém cuja vida tivesse decorrido no Rio sem uma entrada nas casas sujas onde se enrosca a indolência malandra dos negros e das negras. É todo um problema de hereditariedade e psicologia essa atração mórbida. Os nossos ascendentes acreditaram no arsenal complicado da magia da idade média, na pompa de uma ciência que levava à força e às fogueiras sábios estranhos, derramando a loucura pelos campos; os nossos avós, portugueses de boa fibra, tremeram diante dos encantamentos e amuletos com que se presenteavam os reis entre diamantes e esmeraldas.

Nós continuamos fetiches no fundo, como dizia o filósofo, mas rojando de medo diante do feitiço africano, do feitiço importado com os escravos, e indo buscar trêmulos a sorte nos antros, onde gorilas manhosos e uma súcia de pretas cínicas ou histéricas desencavam o futuro entre cágados estrangulados e penas de papagaio!

Vivi três meses no meio dos feiticeiros, cuja vida se finge desconhecer, mas que se conhece na alucinação de uma dor ou da ambição, e julgo que seria mais interessante como patologia social estudar, de preferência, aos mercadores da paspalhice, os que lá vão em busca de consolo.

Vivemos na dependência do feitiço, dessa caterva de negros e negras, de babalorixás e iawôs, somos nós que lhe asseguramos a existência, com o carinho de um negociante por uma amante atriz. O feitiço é o nosso vício, o nosso gozo, a degeneração. Exige, damos-lhes; explora, deixamo-nos explorar, e, seja ele *maitre-chanteur* (Nota do autor: chantagista), assassino, larápio, fica sempre impune e forte pela vida que lhe empresta o nosso dinheiro.

Os feiticeiros formigam no Rio, espalhados por toda a cidade, do cais à estrada de Santa Cruz. Os pretos, alufás ou Orixás, degeneram o maometismo e o catolicismo no pavor dos “*aligenum*” (nota do autor: Espíritos diabólicos para os negros Malês), Espíritos maus, e do Exu, o Diabo, e a lista dos que praticam para o público não acaba mais.

Conheci só num dia a Isabel, a Leonor, a Maria do Castro, o Tintino, da Rua Frei Caneca; o Miguel Pequeno, um negro que parece os anões de D. Juan de Byron; o Antônio, mulato conhecedor do idioma africano; Obitaiô, da Rua Bom Jardim; o Juca Aboré, o Alamiço, o Abede, um certo Maurício, ogan de outro feiticeiro – o Brilhante, pai Macumba dos Santos Cabindas; o Rodolfo, o Virgílio, a Dudu do Sacramento, que mora também na Rua do Bom Jardim; o Higino e o Breves, dois famosos tipos de Niterói, cuja crônica é sinistra; o Oto Ali, Ogan Didi, jogador da Rua da Conceição; Armando Ginja, Abubaca Caolho, Egidio Aboré, Horácio, Oiabumin, filha e mãe-de-santo atual da casa de Abedé; leusimin, Torquato Arequipá, Cipriano, Rosendo, a Justa de Obaluaiê, Apotijá, mina famoso pelas suas malandragens, que mora na Rua do Hospício, 322 e finge de feiticeiro falando mal do Brasil; a Assiata, outra exploradora, a Maria Luiza, sedutora reconhecida, e até um empregado dos Telégrafos, o famoso pai Deolindo.

Toda essa gente vive bem, à farta, joga no bicho como Oloô-Teté, deixa dinheiro quando morre, às vezes fortunas superiores a cem contos, e achincalha o nome de pessoas eminentes da nossa sociedade, entre conselhos às meretrizes e goles de parati. As pessoas eminentes não deixam, entretanto, de ir ouvi-los às baiúcas infectas, porque os feiticeiros que podem dar riqueza, palácios e eternidade, que mudam a distância, com uma simples mistura de sangue e de ervas, a existência humana, moram em casinholas sórdidas, de onde emana um nauseabundo cheiro.

Para obter o segredo do feitiço, fui a essas casas, estive nas salas sujas, vendo pelas paredes os elefantes, as flechas, os arcos pintados, tropeçando em montes de ervas e lagartos secos, pegando nas terrinas sagradas e nos obelês, cheios de suor.

- V. S., se deseja saber quais são os principais feitiços, é preciso acostumar-se antes com os santos, dizia-me o africano.

Acostumei-me. São inumeráveis. As velhas que lhes discutem o preço em conversa, até confundem as histórias.

Em pouco tempo estava relacionado com Exu, o Diabo, a que se sacrifica no começo das funçanatas, Obaluaiê, o santo da varíola, Ogum, o deus da guerra, Oxossí, Efulé, Oloro-quê, Obalufan, Orixá-agô, Exu-Maré, Orixá-ogrinha Aíra, Orominha, Ogodô, Oganju, Baru, Orixalá, Bainha, Dadá, Percuã, Coricotó, Doú, Alabá, Ari e as divindades beijudas, esposas dos santos - Aquará, Oxum-Gimoun, Aíá-có, a mãe da noite, Inhansam, Obi-am, esposa de Orixalá; Orainha, Ogango, Jená, mulher de Elôquê; Lo-máo-já, a dona de Orixáocô; Oxum de Xangô e até Obá, que, príncipe neste mundo, é no éter hetairia do formidável santo Ogodô.

Os fetiches contaram-me a história de Orixá-Alum, o maior dos santos que aparece raras vezes só para mostrar que não é de brincadeiras, e eu assisti às cerimônias do culto, em que quase sempre predomina a farsa pueril e sinistra.

Diante dos meus olhos de civilizado, passaram negros vestidos de Xangô, com calça de cor, saiote encarnado enfeitado de búzios e lantejoulas, avental, babadouro e gorro; e esses negros dançavam com Oxum, várias negras fantasiadas, de ventarolas de metal na mão esquerda e espadinha de pau na direita.

Concorri para o sacrifício de Obaluaiê, o santo da varíola, um negro de bigode preto com a roupa de polichinelo e uma touca branca orlada de urtigas. O santo agitava uma vassourinha, o seu xaxará, e nós todos em derredor do babalorixá víamos morrer sem auxílio de faca, apenas por estrangulamento, uma bicharada que fazia inveja ao Jardim Zoológico.

Os africanos, porém continuavam a guardar o mistério da preparação.

- Vamos lá, dizia eu, camarário, como é que faz para matar um cidadão qualquer?

Eles riam, voltavam o rosto com uns gestos quase femininos.

- Sei lá!

Outros, porém tagarelavam:

- V. S. não acredita? É que ainda não viu nada. Aqui está quem fez um deputado! O...

Os nomes conhecidos surgiam, tumultuavam empregos na polícia, na Câmara, relações no Senado, interferências em desaguizados de famílias notáveis.

- Mas como se faz isso?

- Então o senhor pensa que a gente diz assim o seu meio de vida?

E imediatamente aquele com quem eu falava, descompunha o vizinho mais próximo – porque, membros de uma maçonaria de defesa geral, de que é chefe o Ojó da Rua dos Andradas, os pretos odeiam-se intimamente, formam partidos de feiticeiros africanos contra feiticeiros brasileiros, e empregam todos os meios imagináveis para afundar os mais conhecidos.

Acabei julgando os babalorixás sábios na ciência da feitiçaria como o Papa João XXII e não via negra mina na rua sem recordar logo o bizarro saber das feiticeiras de d'Annunzio e do Sr. Sardou.

A lisonja, porém, e o dinheiro, a moeda real de todas as maquinações dessa ópera pregada aos incautos, fizeram-me sabedor dos mais complicados feitiços.

Há feitiços de todos os matizes, feitiços lúgubres, poéticos, risonhos, sinistros. O feiticeiro joga com o amor, a vida, o dinheiro e a morte, como os malabaristas dos circos com objetos de pesos diversos. Todos, entretanto, são de uma ignorância absoluta e afetam intimidades superiores, colocando-se logo na alta política, no clero e na magistratura.

Eu fui saber, aterrado, de uma conspiração política com os feiticeiros, nada mais nada menos que a morte de um passado presidente da República. A principio achei impossível, mas os meus informantes citavam com simplicidade nomes que estiveram publicamente implicados em conspirações, homens a quem tiro o meu chapéu e aperto a mão. Era impossível a dúvida.

- O presidente está bem com os santos, disse-me o feiticeiro, mas bastava vê-lo à janela do palácio para que dois meses depois ele morresse.

- Como?!

- E difícil dizer. Os trabalhos dessa espécie fazem-se na roça, com orações e grandes matanças. Precisa a gente passar noites e noites a fio diante do fogareiro, com o tessubá (nota do autor: espécie de rosário muçulmano) na mão, a rezar. Depois matam-se os animais, às vezes um boi que representa a pessoa e é logo enterrado. Garanto-lhe que dias depois o Espírito vem dizer ao feiticeiro a doença da pessoa.

- Mas por que não matou?

- Porque os caiporas não me quiseram dar sessenta contos.

- Mas se você tivesse recebido esse dinheiro e um amigo do governo desse mais?

- O feitiço virava. A balança pesa tudo e pesa também dinheiro. Se Deus tivesse permitido a essa hora, os somíticos estariam mortos.

Esse é o feitiço maior, o *envoutement* (nota do autor: feitiço efetuado com boneco de cera) solene e caro. Há outros, porém, mais em conta.

Para matar um cavalheiro qualquer, basta torrar-lhe o nome, dá-lo com algum milho aos pombos e soltá-los numa encruzilhada. Os pombos levam a morte. É poético. Para ulcerar as pernas do inimigo um punhado de terra do cemitério é suficiente. Esse misterioso serviço chama-se “etu”, e os babalorixás resolvem todo o seu método depois de conversar com os iffá, uma coleção de 12 pedras. Quando os iffá estão teimosos, sacrifica-se um cabrito metendo as pedras na boca do bicho com alfavaca de cobra.

Os homens são em geral volúveis. Há o meio de os reter *per eternum* sujeitos à mesma paixão, o effifá, uma forquilha de pau preparada com besouros, algodão, linhas e ervas, sendo que durante a operação não se deve deixar de dizer o ojó, oração.

Se eu amanhã desejar a desunião de um casal, enrolo o nome da pessoa com pimenta-da-costa, malagueta e linha preta, deito isso ao fogo com sangue, e o casal dissolve-se; se resolver transformar catão, o honesto, no mais desbriado gatuno, arranjo todo esse negócio apenas com um bom tira, um rato e algumas ervas! É maravilhoso.

Há também feitiços porcos, o *mantucá* (nota do autor: feitiço), por exemplo, preparado com excremento de vários animais e coisas que a decência nos salva de dizer; e feitiços cômicos como o terrível *xuxuguruxu*. Esse faz-se com um espinho de Santo Antônio besuntado de ovo e enterra-se à porta do inimigo, batendo três vezes e dizendo: - *Xuxuguruxu io le bará*.

Para o homem ser absolutamente fatal, D. Juan, Rotschild, Nicolau II e Morny, recolhi com carinho uma receita infalível; É mastigar orobô quando pragueja, trazer alguns tiras ou breves escritos em árabe na cinta, usar do ori para o feitiço não pegar, ter aléni do xorá, defesa própria, o essiqui, cobertura e o irocó, defumação das roupas, num fogareiro com que se queima azeite-de-dendê, cabeças de bichos e ervas, visitar os babalorixás e jogar de vez em quando o até ou a praga. Se apesar de tudo isso a amante desse homem fugir, há um supremo recurso: espera-se a hora do meio-dia e crava-se um punhal detrás da porta.

Mas o que não sabem os que sustentam os feiticeiros, é que a base, o fundo de toda a sua ciência é o “Livro de São Cipriano”. Os maiores alufás, os mais complicados pais-de-santo, têm escondida entre os tiras e a bicharada uma edição nada fantástica do São Cipriano. Enquanto criaturas chorosas esperam os quebrantos e as misturadas fatais os negros soletram o São Cipriano, à luz dos candeeiros.

O feitiço compõe-se apenas de ervas arrancadas ao campo depois de lá deixar dinheiro para o saci, de sangue, de orações, de galos, cabritos, cágados, azeite-de-dendê e do livro idiota. É o desmoronamento de um sonho!

Os feiticeiros, porém, pedem retratos, exigem dos clientes coisas de uma depravação sem nome para agir depois fazendo o egum, ou evocação dos Espíritos, o maior mistério e a maior pândega dos pretos; e quase todos roubam com descaro, dando em troca de dinheiro sardinhas com pó-de-mico, cebolas com quatro pregos espetados, cabeças de pombo em salmoura para fortalecer o amor, uma infinita série de extravagâncias.

Os trabalhos são tratados como nos consultórios médicos: a simples consulta de seis a dez mil réis, a morte de homem segundo a sua importância social e o recebimento da importância por partes. Quando é doença, paga-se no ato – porque os babalorixás são médicos, e curam com cachaça, urubus, penas de papagaio, sangue e ervas.

A polícia visita essas casas como consultante. Soube nesses antros que um antigo delegado estava amarrado a uma paixão, graças aos prodígios de um galo preto. A polícia não sabe, pois que alguns desses covis ficam defronte de casas suspeitas, que há um tecido de patifarias inconscientes ligando-as.

Mas não é possível a uma segurança transitória acabar com um grande vício como o feitiço. Se um inspetor vasculhar amanhã os jabotis e as figas de uma das baiúcas, à tarde, na delegacia os pedidos choverão.

Eu vi senhoras de alta posição saltando, às escondidas, de carros de praça, como nos folhetins de romances, para correr, tapando a cara com véus espessos, a essas casas; eu vi sessões em que mãos enluvadas tiravam das carteiras ricas notas e notas aos gritos dos negros malcriados que bradavam: - Bota dinheiro aqui!

Tive em mãos, com susto e pesar, fios longos de cabelos de senhoras que eu respeitava e continuarei a respeitar nas festas e nos bailes, como as deusas do conforto e da honestidade. Um babalorixá da costa da Guiné guardou-me dois dias às suas ordens para acompanhá-lo aos lugares onde havia serviço, e eu o vi entrar misteriosamente em casas de Botafogo e da Tijuca, onde, durante o inverno, há recepções e conversações às 5 da tarde como em Paris e nos palácios da Itália.

Alguns pretos, bebendo comigo, informavam-me que tudo era embromação para viver, e, noutro dia, tálburis paravam à porta, cavalheiros saltavam, pelo corredor estreito desfilava um resumo da nossa sociedade, desde os homens de posição às prostitutas derrancadas, com escala pelas criadas particulares. De uma vez mostraram-me o retrato de uma menina que eu julgo honesta.

- Mas para que isso?

- Ela quer casar com este.

Era a fotografia de um advogado.

- E vocês?

- Como não quer dar mais dinheiro, o servicinho está parado. A pequena já deu trezentos e cinqüenta.

Tremi romanticamente por aquela ingenuidade que se perdia nos poços do crime à procura do amor.

Mas esse caso é comum. Encontrei papelinhos escritos em cursivo inglês, puro Coração-de-Jesus, cartões-bilhetes, pedaços de seda para misteres que a moralidade não pode desvendar. Eles diziam os nomes com reticências, sorrindo, e eu acabei humilhado, envergonhado, como se me tivessem insultado.

- A curiosidade tem limites, disse a Antônio que desaparecera havia dias para levar aos subúrbios umas negras. Se eu dissesse metade do que vi, com as provas que tenho! Continuar é descer o mesmo abismo vendo a mesma cidade misteriosamente rojar-se diante do feitiço. Basta!

- V. S. não passou dos primeiros quadros da revista. É preciso ver as loucuras que o feitiço faz, as beberagens que matam, os homicídios nas camarinhas que nunca a polícia soube; é preciso chegar à apoteose. Venha.

E Antônio arrastou-me pela rua, do General Gomes Carneiro.

Os novos feitiços de Sanin – Pág. 16 a 19:

(...) Sanin começou a falar dos feitiços dos outros, lembrou-se dos seus aos bocados, e em pouco, com a esperança de ganhar mais, fazia-me revelações.

Cada feiticeiro tem feitiços próprios. Abubaca Caolho, o alcoólico da Rua do Resende, tem o ibá, cuia com pimenta-da-costa e ervas para fazer mal. Quando se fala do ibá, diz-se simplesmente: o feitiço do Abubaca. Gia, cabeça de pato com lesmas e o cabelo da pessoa, é uma descoberta de Ojô e serve para enlouquecer. Quem quer enlouquecer o próximo, arranja ou falsifica a obra de Ojô.

- Mas Baba Sanin, como é que sabe tudo isso?

- Então, não aprendi? Eu sei tudo.

E como sabe tudo, dá-me receitas. Fico sabendo, sem pasmo, sentado numa cadeira, que giba de camelo com corpo de macaco e um cabrito preto em ervas matam a gente e que esta descoberta é do celebrado João Alabá, negro rico e sabichão da Rua Barão de S. Félix, 76. Não é tudo. Sanin faz-me vagarosamente dar a volta ao armazém do feitiço. Eu tomo notas curiosas dessa medicina moral e física.

Para matar, ainda há outros processos. O malandrão Bonifácio da Piedade acaba um cidadão pacato apenas com cuspo, sobejos e treze orações; João Alabá conseguirá matar a cidade com um porco, um carneiro, um bode, um galo preto, um jaboti e a roupa das criaturas, auxiliado apenas por dois negros nus com o tressubá, rosário, na mão, à hora da meia-noite; pipocas, braço de menino, pimenta-malagueta e pé-de-anjo arrancados ao cemitério (nota do autor: são os pés e mãos arrancados de uma criança morta e enterrada) matam em três dias; dois jabotis e dois caramujos, dois abis, dois orobôs e terra de defunto sob sete orações que demorem sete minutos chamando sete vezes a pessoa, é a receita do Emídio para expedir desta vida os inimigos.

Há feitiços para tudo. Sobejo de cavalo com ervas e duas orações, segundo Alufá Ginja, produz ataques histéricos; um par de meias com o rastro da pessoa, ervas e duas orações, tudo dentro de uma garrafa, fá-la perder a tramontana; cabelo de defunto, unhas, pimenta-da-costa e ervas obrigam o indivíduo a suicidar-se; cabeças de cobras e de cágado, terra do cemitério e caramujos atrasam a vida tal qual como os pombos com ervas daninhas, e não há como pombas para fazer um homem andar para trás.

- Mas para dar sorte, caro tio?

- Há mão de anjo (nota do autor: "mão de anjo" seria a mão arrancada de uma criança morta e enterrada) roubada ao cemitério em dia de sexta-feira.

- E para tornar um homem ladrão, por exemplo?

Um rato, cabeça de gato, ervas, o nome da pessoa e orações.

- E para fazer um casal brigar?

Cabeça de macaco, aranha e uma faca nova.

- E para amarrá-los por toda a vida?

O negro pensou, olhando-me fixamente:

- Um obi, um orobô, unhas dos pés e das mãos, pestanas e lesmas.

- Tudo isso?

Preparado por mim.

Então Sanin fala-me dos seus feitiços. Sanin é poeta e é fantasista.

Sob a dependência de Ojô, quase seu escravo, esse negro forte, de quarenta anos, trouxe do centro da África a capacidade poética daquela gente de miolos torrados, as últimas novidades da fantasia feiticeira. Para conquistar, Sanin tem um breve, que se põe ao pescoço. O breve contém dois tiras, uma cabeça de pavão e um colibri tudo colorido e brilhante; para amar eternamente, cabeças de rola em saquinhos de veludo; para apagar a saudade, pedras roxas do mar. Quando lhe pagam para que torne um homem judeu errante, o preto prepara cabeças de coelho, a presteza assustada; pombos pretos, a dor; ervas do campo, e enterra em frente à porta do novo Ashaverus; quando pretende prender para sempre uma mulher, faz um breve de essências que o apaixonado sacode ao avistá-la. Sanin é também mau – mas de maneira interessante. Os seus trabalhos de morte são os mais difíceis. Sanin ao meio-dia levanta no Terreiro uma vara e reza.

Pouco tempo depois sai da vara um maribondo e o maribondo parte, vai procurar a vítima, e não pára enquanto não lhe inocular a morte.

O maribondo é vulgar à vista do boto vivo metido dentro de uma caveira humana; em presença do feitiço do morcego, a asa que roça e mata, a raposa e o lenço, e eu o fui encontrar pondo em execução o maior feitiço: baiacu de espinho com ovo de jacaré – que é o babalawô da água, baiacu que faz secar e inchar à vontade das rezas e domina as almas para todo o sempre.

Mas por que você, um homem tão poderoso, não me queria receber?

- Por que andam a falar de nós, porque a polícia vem aí. Fizemos outro dia até um despacho no campo de Santana com os dentes, os olhos de um carneiro, jabotis, ervas e duas orações para quem fala de nós deixar de falar.

Mas por que um carneiro?

- Porque o carneiro morre calado. Foi o Antônio Mina quem fez o despacho e todos nós rezamos de bruços e todos nós demos para o despacho, que custou cento e oitenta e três mil reis.

Então eu apanhei o meu chapéu, apertei a mão do fantasista Sanin.

- Pois fez mal, Baba, fez muito mal em dar o seu dinheiro, porque quem fala de vocês sou eu.

E como o negro aterrado abrisse a boca enorme, eu abri a carteira e o convenci de que todas as suas fantasias, arrancadas ao sertão da África, não valem o prazer de as vender bem.

Dinheiro, mortes, e infâmia as bases desse templo formidável do feitiço!

(Religiões do Rio – por: João do Rio – 1904)

Vamos agora a três relatos do jornalista Leal de Souza, diretor da Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, em seu livro: “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda” de 1933:

A MACUMBA – capítulo 13 (relembrando)

A Macumba se distingue e caracteriza pelo uso de batuques, tambores e alguns instrumentos originários da África. Essa música bizarra em sua irregularidade soturna, não representa um acessório de barulho inútil, pois exerce positiva influência nos trabalhos, acelerando, com suas vibrações os lances fluídicos.

As reuniões não comportam limitações de hora, prolongando-se, na maioria das situações, até o alvorecer. São dirigidas sempre por um Espírito, invariavelmente obedecido sem ter diversificações, por que está habituado a punir os recalcitrantes com implacável rigor.

É de ordinário, o Espírito de algum africano, porém também há de Caboclos. Os métodos sejam qual for a entidade dirigente são os mesmos, porque o Caboclo aprendeu com o africano.

Os médiuns que ajudam o aparelho receptor do Guia da reunião às vezes, temem receber as Entidades auxiliares. Aqueles lhes ordena que fiquem de joelhos, dá-lhes um copo de vinho, porém com mais frequência, puxa-lhes, com uma palmatória de cinco buracos dos alentados bolos.

Depois da incorporação, manda queimar-lhes pólvora nas palmas das mãos, que se torna incombustível quando o Espírito toma posse integral do organismo do médium. Conhecendo essa prova e seus resultados quando a incorporação é incompleta, apassivam-se os aparelhos humanos, entregando-se por inteiro àqueles que devem utilizá-los.

Os trabalhos que, segundo os objetivos, participam da magia, ora impressionam pela singularidade, ora assustam pela violência, surpreendem pela beleza. Obrigam a meditação, forçam ao estudo, e foi estudando-os que cheguei à outra margem do Espiritismo.

A MAGIA NEGRA – capítulo 14

(...) Um desses Espíritos tem se prestado a experiências, não só diante de conhecedores do espiritismo, como perante pessoas de brilho social nos círculos da elegância.

Assim, tomando o seu aparelho, isto é, incorporando-se ao seu médium, o faz triturar com os dentes, sem ferir-se, cacos de vidro. Caminha, de pés descalços, sobre um estendal de fundos de garrafas quebradas, sendo que, por duas vezes, convidados, levaram as garrafas e as quebraram, aguçando lâminas pontudas para o passeio do médium (...).

(...)Tais entidades tem ufanía de seu poder, são com frequência irritadiças e vingativas, mas, quando querem agradar a um amigo da Terra, não medem esforços para satisfazê-lo. As suas lutas no espaço, por questões da Terra, têm a grandeza terrível das batalhas e das tragédias (...).

(...) Nos centros dessa magia, conforme a finalidade das reuniões, os aparelhos humanos laboram vestidos, desnudos da cinta para cima ou totalmente despidos. Trabalha-se com entusiasmo, até para o bem, quando lhes encomendam.

(Trechos extraídos dos livros: O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda”, de 1933)

Vamos a uma reportagem de Leal de Souza, sobre um Terreiro de Macumba no Rio de Janeiro:

NO MUNDO DOS ESPÍRITOS – O ESPIRITISMO NA MACUMBA

Do cavalo de São Jorge a conjura das trevas – Outros aspectos e cenas de feitiçaria



Pai Quintino, paramentado e com a sua espada de Ogum, em seu canzel, em companhia de seu auxiliar e de uma criança

Íamos, no Engenho Novo, pela Rua Araújo Leitão. Sob os nossos pés, arbustos rasteiros, gramas tenras, águas paradas, buracos enganosos. Aos lados, à espessa vegetação condensando massas de sombras. Era meia noite. Reinava a treva.

Cercada de árvores, advínhamos uma casa pelo desenho das portas e janelas, a traços de luz. Um rumor cadente de palmas acompanhando um sussurro melancólico de vozes escapava por entre essas frinchas luminosas. Quando nos aproximamos, abrindo-se uma porta silenciosa em nossa frente, surgiu dela um vulto que, após uma breve inspeção, mandou que entrássemos.

Éramos quatro pessoas, pois estavam conosco um jovem paraense de óculos, o senhor Paulo Torres, e o escritor Carlos Nóbrega, homem de prestígio na “Macumba”. Penetramos um aposento escuro, onde se esboçavam figuras em movimento. Mãos quase invisíveis arrebataram os nossos chapéus. Rolamos, então, para a sala contígua, o “cânzel” de “Pai Quintino”, tomado assento, após o seu consentimento, num banco encostado à parede.

Ao fundo, numa espécie de altar, forrado de plano branco, com ornatos vermelhos, imagens diversas, e numerosas, em quadros, e, sobretudo, em estatuetas, representando santos da igreja e talvez ídolos barbarescos; tigelas cheias de água, contendo pedras e cruzes de pão; latas, copos, vidros, um cachimbo, velas acesas em candelabros, um polvarim, garrafas, pacotes de velas, caixas de fósforos...

Diante do altar, enterramos no chão, encruzando as lâminas, uma espadas de dois sabres de Comblain, com as folhas cheias de cruzes de giz; uma estrela de metal; punhais de varias dimensões; velas ardendo; uma pedra preta, um bloco de vidro branco... Pelas paredes brancas, imagens sagradas e velas bruxuleando em suportes especiais de madeira. Três bancos encostados ao muro, estavam cheios de gente, ficando, porém, as mulheres de um lado, e os homens do outro.

No meio da sala, sentado numa cadeira, com os rugosos pés nus e a camisa fora das calças, tendo uma vela acesa na mão, um negro de estatura vultuosa, quase velho, “pai Quintino”, passeava os olhos pelo solo, e tinha, na sua frente, um sabre fincado, um copo, e um santo de gesso enrolado num rosário e pesando sobre dois papéis garatujados.

“Pai Quintino” fez um sinal a uma preta, que se ajoelhou aos seus pés e mandou que ela amarrasse aqueles papéis na saia, bateu a palmas e cantou:

-Oia o nó, Guiomá!

Em coro, os assistentes repetiam: “Oia o nó, Guiomá”. Os papeis não tinham sido amarrados com segurança e, desprendendo-se da saia, rolaram na poeira. Pedindo uma bengala, Quintino deu duas fortes pancadas na cabeça da mulher, ordenando-lhe que reatasse com cuidado a saia, guardando nela os papeis.

Riscou, a giz, um circulo no chão, e, dentro do circulo, uma cruz, sobre o qual emborcou o Santo. Apanhando um copo, entornou cachaça em quatro pontos diversos, em torno da imagem emborcada; rabiscou diante de nós e nossos companheiros umas figuras cabalísticas, que foram cobertas de pólvora. Apagou as velas que lhe ardiam aos pés e mandou chegar fogo aos desenhos de pólvora, que deflagravam, ao canto, cadenciado a palmas:

-Quema o maus oio! Quema a má língua!

Era, disseram-nos, um ato preventivo, motivado pela nossa presença de desconhecidos, e destinado a conjurar forças que nos impedissem de fazer mal à “macumba”.

Tomada essa precaução, Quintino traçou uma cruz na palma da mão direita e estendeu-a a um homem que nela pois um pouco de pólvora, logo incendiada. Ao clarão estrondoso, o negro, erguendo-se, fez o circulo da sala, e todos lhe beijaram a mão. Quintino passara a ser o Pai Raphael de Umbanda. Chamou a mulher de saia amarrada, e, indicando-lhe a vela que estivera entre seus dedos, determinou:

-Minha fia, enterra esta vela de pavio pra baixo, inté a metade numa valla in que não passa água.

Falou, por momentos, numa língua africana incompreensível, sacudiu a cabeça violentamente e abaixou o tronco, a dobrar-se, fazendo, com os lábios: “Burr! burr ! burr ! burr !

-A minha língua é a língua de Angola, mas eu me experico p’ra os meos fio comprehendê.

Fez uma dissertação confusa sobre o Gênesis, e terminou:

-Mas que há Deus, há! Que há bons esprito, há! Com a graça de Deus, não temo o inferno e diabo. Com a graça do nosso veio Oxalá eu entro em bataia co o inferno, co diabo, cãs treva e eu sô vencedô na bataia.

Cravou um punhal na parede, apontou para a imagem do Cristo, com um sorriso embevecido, e disse:

- O nosso pai véio Oxalá! Viva o nosso veio Oxalá!

Voltando-se para um soldado do Exercito, perguntou:

-Quem é mais veio? Quem é mais premero, tu ou teu pai?

-Meu pai.

-Pois viva o teu pai! E quem veio premero que o premero? Quem é o maió que ta por cima? É os podê de Deus ! Viva os podê de Deus, meu fio ! Viva o mais maió que ta por cima !

A assembléia repetiu as aclamações, e Raphael continuou:

- Há uma justiça do céu e há uma justiça da terra. È preciso arrespeitá os podê do céu e obedece os podê da terra, porque os home não é ermão, meu fio. Uma muié tem dois fio; um é arto, outro é baixo; um é moreno, o outro é claro; um dá pra deputado, outro dá pra ladrão. Deus fez o mundo dereito, meus fio, mas os home pois o mundo às avessa. Agora os home é que tem de endireitá o mundo que elles entortaro.

Sentou-se, e pediu o “Santo Gronhonhô”. Alcançaram-lhe numa bandeja, comida pela ferrugem, umas sementes que ele pois na palma da mão e sacudiu no chão, como dados, cantando:

-Minha baráio de mamona !

Os assistentes, em coro, repetiam: “minha baráio de mamona”. Raphael, ou Quintino, chamando uma mulata de enorme cabeleira, fez ela ajoelhar-se ao seu lado, de face para o altar, e cantou: “Maria, eh! Maria eh!”

Por uns quinze minutos, o coro, batendo palmas, em toada dolente, clamou:

-Maria, eh! eh! Maria eh! eh!

A mulata começou a mover com os ombros em requebros e passou a bater com as mãos espalmadas no chão... A poeira, batida cadentemente subia em nuvens, espalhando-se pelo ar, e a cabeleira da dançarina genuflecta, desprendendo-se, varria o solo e resvalava sobre o fogo das velas. Depois, levantada por dois homens, a mulher, braços caídos, pernas rígidas, a face a aparecer horripilante por entre o véu dos cabelos, ficou a cambalear volteios, dançando sem consciência até o raiar da aurora.

Raphael reatou o sermão, dizendo às mulheres:

-Quando o seu fio chora e faz a travessura, nunca chama ele de peste nem de diabo, porque a criança, é o nosso anjo da guarda. Mãe que chama o fio de diabo, mete o azar dentro de casa. Quando seu marido for desinfeliz e não pode comprar as coisa, não zanga co ele, minhas fia. Diz: a minha fome é grande, mas o pode de Deus é mais maió.

Aos homens disse Raphael:

-Tudo não pode sê iguá. Tem de have deferença pra se cumpro as lei de Deus. Se todo os home fosse rico, quem haveria de querê faze as molasinhas piquena das machina grande? E quem prantava o feijão e o mio? Quem suava no cabo do machado? E quem é que fazia o machado meus fio? Portanto, viva o mais maió que tá por cima e viva o nosso véio Oxalá !

-Viva ! Viva ! bradavam os filhos de Raphael.

Mandou ajoelhar-se ao seu lado uma negrinha jovem, de lindas faces, pés descalços, vestido branco, cabelos curtos, e que obedeceu sem alegria. Fez com que lhe tirassem os grampos e cantou:

-Ogum eh! Ogum eh!

Batendo palmas, os circunstantes romperam a cantar: “Ogum eh! Ogum eh!”

-Ogum é São Jorge, segredou-nos o nosso colega Nóbrega. Repare e verá o Espírito incorporar-se à médium.

Sebastiana, este era o nome da rapariga, como a outra, entrou a bater com as mãos no solo, porém, verificando que ela evitava o transe, Raphael fazendo-a sentar-se sobre os calcanhares, empunhou uma palmatória, e deu-lhe dois bolos bem puxados. Pediu: “Sangue!” e recebendo um copo de vinho, verteu-o no solo, dando o restante à médium.

Esta estendeu a mão a um homem que lhe depôs, na palma, uma porção de pólvora, a que chegou um fósforo. Ao estrondo luminoso, Sebastiana, contorcendo-se continuava, mas modificada:

-Percura a minha falange ! Percura a minha falange!

De repente, num salto, erguida, a moça, também com as pernas rígidas, com as articulações perras, saiu a voltear, inconscientemente, e tombou de costas, diante do altar.

-Levanta ela!

Levantada por dois homens, Sebastiana continuou a dança cambaleante, ao canto de:

-Percura a minha corôa!

Com os olhos parados, os maxilares comprimidos, os beiços apertados e escondidos os braços sem governo, respirava em bufidos, quebrava o corpo em corcovos, batia rudemente com os pés.

-Eles acreditam que ela recebe São Jorge, mas que é o cavalo do Santo, sussurrou Nóbrega ao nosso ouvido.

Mas, atirando-se de bruços, a bailarina de pernas duras bateu com a fronte na pedra preta e, pois os lábios no bloco branco de vidro. Reerguida, puseram-lhe na mão o grande sobre o riscado de cruces, cantando o coro:

-Defende a minha coroa!

Ela, ora arrastando o sabre, ora pondo-o no ombro, rodava, rodava, rodava, e de repente, riscando uma cruz no chão, cravou, sobre ela, a arma; e estendeu, para nós, os braços.

-Levante-se, abrace-a! Aconselhou Nóbrega.

Obedecemos. Abraçando-nos, Sebastiana bateu com o seio esquerdo em nosso ombro direito, e, após, num movimento rápido, tocou o nosso ombro esquerdo com o seio direito, reproduzindo a cena com os nossos companheiros. Fez um sinal a um rapaz indiático, em mangas de camisa, voltou-se com ele para o altar e, como se o coroasse, pôs-lhe a mão na cabeça.

Em seguida, começaram a surgir diante dela os que haviam recorrido a “Pai Raphael”, por doenças ou negócios. Sempre inconsciente, pernas endurecidas, a reluzir o suor, a rapariga, quando se lhe aproximava o indivíduo a ser atendido, tomava as sementes que nos pareceram dados, e, fechando-as, na mão, batia na sua e na cabeça do outro, alongava o braço em oferta à imagem de São Jorge, e jogava as sementes no chão. Davam-lhe, então, uma vela acesa, e a dançar, a moça fazia essa luz girar ao redor de cada uma das pernas, dos braços, da cabeça e da cintura do cliente, apertava-lhe, em seguida, a destra, e impelia-o, para que se afastasse.

Jogadas, uma vez, em intenção a um moço acaboclado, de boas roupas, as sementes, ao serem examinadas, alarmaram os circunstantes.

Sebastiana deu um pulo, e acicatando as ilhargas com os punhos cerrados, batia com os pés no mesmo lugar, como se estivesse correndo. Colocou, depois, a vela na cabeça do paciente, e, largando-a, vimos a luz cair, apagando-se.

A ansiedade geral argumentou. Novo pulo da dançarina que, desta vez, apoiando-se unicamente sobre o pé direito, com a perna esquerda estendida, a cabeça ereta e os braços abertos como azas, dava a impressão de querer voar. Tornando, porém, ao rapaz, refez, com a vela, a experiência anterior, e, vendo-a apagar-se ao tombar, empunhou o sabre.

-É perigo de vida!- disse-nos o nosso confrade Nóbrega.

Sebastiana dançando de pernas rígidas, descreveu um círculo ao redor do moço, olhando com face arrogante, como a encarar inimigos. Com a ponta do sabre, riscou no chão o círculo que percorrera, e, rodilhou-o, em seguida, brandindo a arma sobre e entre as nossas cabeças, a desferir pontações e golpes defensivos. parou, e, levantando o corpo sobre as pontas dos pés voltada para a imagem de S. Jorge, alçou magnificamente o braço e elevou a espada ao teto. Nesse momento, aquela negrinha descalça, de vestido sujo de pó, com os olhos dilatados, o rosto majestoso, resplandecia de beleza, como um anjo esculpido em ébano. Fincando o sabre no solo, retomou a vela, e, resoluta, pô-la sobre a cabeçada rapaz. A luz tombou, rolando pelo solo sem apagar-se.

-Viva a fé! Gritou Raphael.

-Viva a fé! Gritaram mulheres e homens.

Um tipo gordo, claro, de fartos bigodes, avançando, apresentou a Sebastiana os pulsos justapostos, como se estivessem amarrados. Ella, recolhendo um charuto aceso, que lhe alcançaram, descreveu alguns giros de dança, a fumar; apertou a mão do gorducho, encheu a boca de fumo, e, curvando-se, fez a fumaça insinuar-se a atravessar as duas palmas unidas, e, com um giz, gravou cruzeiros nos sapatos, na testa, nas fontes, na nuca e nas mãos do consulente.

Colocando as duas mulheres diante de sua cadeira Pai Raphael, movendo uma vela acesa, recitou uma oração feita de pedaços de outras orações e mandou “acordem”. Sylvia e Sebastiana continuaram a cambalear. Pai Raphael cantou, repetindo-lhe o cântico, o canto:

-Andorinha, leva o meu anjo pr'o céu !

De repente, a mulata estacou, e, levantando a cabeleira com a mão, olhou em roda, e disparando, saiu do canel! A pretinha, porém, não saía do transe. Pai Raphael gritou:

- Levanta o ponto, e o cântico mudou:

- O anjo que trouxe, o anjo que leve!

O transe não passara.

- Encruza ela!

Dois homens pegaram Sebastiana pelos braços. Terceiro traçou-lhe, com força, uma cruz na face. Quarto soprou-lhe o rosto.

Como Sylvia, está, recobrando-se, deitou a correr, desaparecendo no aposento escuro.

Raphael, fazendo aproximar-se dele uma cabocla de lisas madeixas, encheu a boca de paraty, e, com os dentes, arrancou uma porção de cabelos à mulher, e, cuspidos no chão, resolveu:

- Manda abri uma bananera de São Tomé e bóta esses cabelo dentro, e, anunciou:

-Eu vô m'imbora.

Todos, um a um, deitando-nos de bruços, no pó, beijamos o solo, entre os pés do bonzo vivo da macumba. E ele, derramando água no chão e formando um barro, considerou:

- A terra te fez. A terra te abençoe. A terra te coma.

Um a um, todos, metendo os dedos naquele barro, fizemos, com ele, o sinal da cruz, enquanto Raphael cantava:

-Eu vou m'imbóra, fica com Deus e Nossa Senhora.

Virando-se para o altar, ofereceu:

-Deus, Espírito Santo, Maria Santíssima, eu te ofereço esta obrigação, e, ao fim de uma longa reza, aclamou:

- Viva os esprito da medicina. Viva os dotô que já Morrêro há mais de sessenta anos e tá no céu e tá aqui com nós também !

Tirou os paramentos, pô-los sobre os copos da espada que oscilava no chão, diante do altar e começou a cantar:

- O Zamby me chama. Eu tenho de ir. O Zamby me chama, eu tenho de ir.

De repente, como um cadáver, como todo o peso do seu corpo, caiu de costas, mas foi amparado vigorosamente por seis braços possantes.

Acabara a sessão. Eram quatro horas da madrugada.

(Texto de: Leal de Souza – Jornal: “A Noite” – Rio de Janeiro – Terça-feira, 29 de Janeiro de 1924)



Ritual da Macumba

Vamos a outro relato elucidativo sobre um ritual da Macumba, disponibilizado num periódico do Rio de Janeiro, em 1937:

Correio da Manhã

Rio de Janeiro, 16 de Maio de 1937.

O RIO DE JANEIRO DO MEU TEMPO

Desenhos originaes de Armando Pacheco

Por LUIZ EDMUNDO

Ainda o morro do Castello. — Macumbas e cangerês no Rio de Janeiro do começo do seculo. — Cangerê do preto João Gambá, na travessa do Castello. — Como se desenrolavam as cerimoniaes do estranho culto. — A linha das sete facas. — Dansas religiosas. — Macumba de bôdes que evocam bacchanaes romanas. — O desencadear do poder lascivo de Xangô. —



Bailarina de macumba

HA uma casa de pretos na travessa do Castello onde se pratica a liturgia gege-nagô, culto fetichista, cerimonia cheia de complicações e de mysterios onde se evocam almas do outro mundo e são manipulados "despachos", feitiços que, quando postos nas encruzilhadas dos caminhos, têm a propriedade de crear malefícios, modificar vontades, corrigir a linha sinuosa que dirige o destino dos homens. Chama o povo a esses nucleos de evocação e de magia onde o homem de côr, em geral, predomina, cangerês ou macumbas. O espirita convicto diz sempre quando delles fala: — espiritismo de terreiro ou, então, baixo espiritismo.

No fundo tudo isso nada mais é que um panaché religioso: estulta corrupção do fetichismo africano que os negros aqui introduziram no tempo da colonia, temperado com um pouco de fé catholica e muito dos processos kardekeanos de confabular com o astral, feição empyrica do espiritismo, como o que praticavam os indios, nossos avós, quando em bailados mediumnicos evocavam os fantasmas de seus maiores com dansas barbaras obrigadas a cantigas e a caium. Em casa de João Gambá de Loanda, na Travessa do Castello, a macumba estadea. Os idolos que se evocam chamam-se Ogun, Xangô, Oxalá, São Jorge, São Cosme, São Damião e Santo Onofre. Como nas egrejas catholicas, a entrada é franca, mas logo á porta ha uma caixa de esmolas que, se não reclama obulos para a cera de santo pede para o espermacete da iluminação do templosinho que se resume em dois ou tres aposentos dando para uma area suja onde, em balaies de vime, arrulam pombos, cacarejam gallinhas, cruzam jabotis e um truculento bode preso á uma cadeia de ferro, cornupeto e violento, marra, berrando atroadoramente. E' a fauna do sacrificio que se transforma, depois, em macabros orichás ou feitiços. As gallinhas são pretas, como o bôde, os pombos, brancos. Para os jabotis é que não se reclama uma côr especial. Notar que o santo da macumba ou cangerê a quem se

offerece a vida do animal morto, não se alimenta senão do "espirito" da eguaria que representa a inanimada offerenda, as sobras do orichá resvalando para o appetite do director do rito, para os cambôtos ou para outras dignidades da funçanata pagã, após a cerimonia.

Quando penetramos a sala principal onde a mesma se pratica já a encontramos a transbordar de gente, moços e moças, velhos e velhas sentados, uns sobre cadeiras, sobre bancos de páo, outros, em pé ou peio chão, de cocoras e até deitados. Lembrando o altar da liturgia catholica, junto á parede acalçada e triste do terreiro, uma tosca mesa de pinho, mostrando dois

alguidares de barro vidrado com os animaes do sacrificio postos num molho feito de farinha e azeite de Dendê. Sobre os mesmos continentes, mas, sem tocar a virtualha, ligando-os, uma espada

longa e nua, toda manchada de sangue. Pelos angulos do aposento, pequeninas peanhas com imagens grotescas: — aqui, a figura de Ogun, ali, o vulto exotico de Xangô, acolá São Jorge, na sua sagrada cavalgadura, mais São Cosme, São Damião e ainda Santo Onofre, na imagem de um varão barbaceno, de ar pulha, vestido com a propria barba, estranha indumentaria que o aspecto lhe dá de um barbaro feitiçe. Todas essas peanhas mostram, além dos santos, copinhos cheios de agua, velas de espermacete, accesas, festivamente surgindo de quadros emoldurados e de onde saem, numa intensão decorativa, galhos de alecrim e flores de papel.

Quando se chega para assistir as ceremonias do culto, "pae-de-santo", que é o sacerdote sagrado do mysterio, deante do improvisado altar, em attitudes de prece, ergue os braços ao céu. E' o negro João Gambá, negro velho, septuagenario, já com a sua carapinha grisalha e a sua barbelha curta e dura esfiapando na queixada triste. E' alto, magro, mesmo muito magro e trás, á ca-

beça, em forma de funil, um barrete daquelles que traziam, outróra, os velhos nicromantes. Quando marcha, sob o panejamento de um balandrão de linho branco, que enverga, vae fazendo dansar macabramente, como dentro de um sacco, a ossada que até parece que está solta, revoluteando aos boleos nas dobras complicadas da fazenda.

Pae Gambá é intimo do celebre feiticeiro Apotijá, o da rua do Hospicio, e do qual nos fala sempre João do Rio, nas suas conversas e nos seus escriptos. Na Travessa do Castello elle é o director de função. Quando, cabalisticamente curvado, Gambá beija o fio da espada que liga os alguidares e está cheia de sangue, os cambôtos, especie de sacristas praticando a acolytagem da cerimonia, tomando o gesto como inicio do cerimonial, movimentam-se em sarateios pacholas dando a direita aos mediuns, os que hão de receber, depois, o espirito do astral, procurando posição, cada par deante de uma faca de cabo negro, que se finca no solo como que marcando a divisa do lugar onde o drama religioso terá que ser desenrolado. São sete as facas. Sete os mediuns e os cambôtos, sete.

E' quando se houve, fóra, um canto suavissimo, especie de litanía soprada em *boca-chiusa*, lembrando um côro dos céos, que vem descendo. Num angulo da sala penumbrosa já os homens da solfa liturgica se moveram, varios instrumentistas, negros, de beicollá farta, pardavascos de garforinha em riste, vestindo ternos de brim d'Angola, golpeando sanhudos berimbãos, mugindo o ventre gemedor de lascinantes cuicas, estourando atabaques, brandindo ganzás, agogôs e xerequês.

Diz-se que Gambá mantem no seu antro evocador a mais typtica das orquestras macumbeiras da cidade. Com effeito, o conjunto regional é deveras singular. Apenas, a musica que sôa é um tanto exotica e confusa, solfa onde a bulha supera o pensamento musical e a harmonia desordenada martella em rythmo vivaz, musica monotona e plangente. O

canto humano que continua então, diminuido, dilue-se e perde-se por-completo ante o fragor cavernoso da bateria instrumental que estrondea a vibrar, em crescendo. Essa musica excentrica, espectacular e barbara que nos aturde e exaspera, muito impressiona, entanto, o fiel, convicto que vive a reclamar incitamento e ebriedade, nessa função de meias sombras e mysterio.

Eis, porém, que pela sala, irrompe, vinda não se sabe de onde, a figura magnifica de uma joven mestiça de peitarrá tesa e ancas abauladas. Tem os olhos semi cerrados, a cabelleira aberta, em torno ao occiput, lembrando um resplendor. Resvalam seus pés ligeiros, pelo chão, em movimentos subtis e compassados. Passa a linha cabalistica das facas, saltando-a, sempre a dansar: os braços, primeiro, em gestos co-

mo os de quem rema, ora para a esquerda, ora para a direita, depois postas ás costas, balouçando, em sacudidellas violentas, num delirio epileptico, a cabeça que, do corpo, até parece que está de todo desarticulada. A dansa da mestiça é sobrenatural. E impressiona. Devia dansar assim Salomé em Makeros reclamando, de Herodes, a formosa cabeça de Yonkonan.

Ha um momento em que essa furia recrudesce e a bailarina põe-se a bater, num gesto do que pila, os pés no duro chão, cantando qualquer coisa que se perde e se desfaz no monotono ronco das cuicas, no cascadear dos xerequês. Subito, um grito, um grito forte que rebôa e, logo, a orchestra que suspende a toada cavernosa. A bailarina pagã dobrada em arco para trás está deante do altar, caída, em transe, torcendo os braços, os hombros, a cabeça. Vem João Gambá assistil-a, engorolando o seu lingua-jar loandez. E' quando pela linha das facas onde se estendem os cambôtos, os outros mediuns, em sacudidellas violentas, em guinchos, aos urros, como que em luta contra ás forças sobrenaturaes desencadeadas e terriveis, vão caindo, tambem. Dentro de

pouco tempo o terreiro é um pouso de fantasmas. Cada corpo de medium guarda dentro de si uma alma diferente, evocada do astral. Olhae o cacique indomavel que num corpo de mulher, como a incitar hostes guerreiras em combate, berra, furiosamente:

— *Reçuru' zingu' ixé!*

Adeante, aquelle que dá conselhos, de mansinho, é um negro escravo desencarnado ha mais de duzentos annos, captivo dos tempos da pleitora do assucar, em Pernambuco, pobre negro que acabou a trabalhar e a soffrer.

Por isso, de seus labios que tremem de quando em quando, ouve-se que elle nos fala em seus feitores, em chicote e em polé.

Na macumba, instruem-nos os que vão beber a verdade das coisas na biblia de Alan Kardec, só se manifestam espiritos grosseiros, dos que ainda se prendem aos instinctos terrenos da vida e anda não se libertaram da crosta vil do atrasado planeta; almas rastejadoras, indomaveis, violentas. Todo um mundo de soffredores, ralé curtida pela dor, á espera da grande luz de Deus que tarda vir, mas, que um dia chegará. O espectador de baixo nível intellectual, entanto, com esses, commodamente, conversa, discute, fala, pede conselhos...

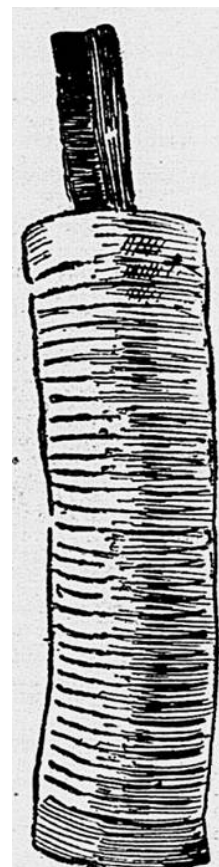
Sabe-se de macumbas nas quaes, em meio a multidão, são atirados grandes bodes pretos que agem como homens, no cio; de outras com bailados bestiaes, onde todòs dansam completamente nus e na vertigem de lubricos anceios, desvairados de lascivia, rolam pelo chão, ferindo-se, rasgando-se, possuindo-se, como nas bacchanas pagãs.

Quando essa ventania de luxuria sopra pelo terreiro diz-se que é o espirito de Xangô que invade a cerimonia sensualizando os corpos.

Na macumba da travessa do Castello, Xangô é manso, acata as ordenações do nosso Codigo, respeitando as exigencias da Policia, sem abusos, um Xangô camarada, decente, bom rapaz... E não se solta o bode no terreiro da macumba de João Gambá...



Chequerê



Ganza



Nota do autor: Segundo Câmara Cascudo, o Cangerê é uma dança negra de fundo religioso.

O culto da Macumba nasceu, se instalou e cresceu, primeiramente nos cortiços, e, posteriormente, nas recém criadas favelas nos morros cariocas. Sucintamente vamos entender como surgiram os cortiços e posteriormente as favelas:



Cortiço na Rua dos Inválidos, no Rio de Janeiro (1890). Totalmente insalubre.

CORTIÇO CABEÇA DE PORCO



Cortiço Cabeça de Porco (1870)

Na gíria popular, é comum dizer que um imóvel de péssima qualidade não passa de uma “cabeça-de-porco”. Muitos jovens não sabem, mas o termo surgiu no final do século 19 e era o nome do maior cortiço do Centro do Rio de Janeiro, com quase 4 mil moradores. O Cabeça-de-Porco foi abaixo em 26 de janeiro de 1893, por determinação do então prefeito Barata Ribeiro. Precursores das favelas, os cortiços eram a única opção de moradia dos mais pobres, especialmente de escravos recém-libertos, num Brasil que dava os primeiros passos rumo à industrialização. Eram locais insalubres e, acreditava-se, verdadeiros focos de doenças habitados por marginais e prostitutas, as “classes perigosas”.

Expulsos dos cortiços, e sem ter para onde ir, os pobres subiram os morros da cidade para construir suas casas. Nascia a favela, contraditoriamente com o apoio do próprio poder público. Em 1903, o decreto municipal nº 391 proibia terminantemente os cortiços, mas tolerava a construção de “barracões toscos nos morros que ainda não tivessem habitações” (...).

(http://www.italiamiga.com.br/noticias/artigos/cabeca_de_porco.htm)

(...) Nesses conjuntos de moradias populares se aglomeravam, em pequenos cubículos, famílias inteiras de trabalhadores, vivendo na mais completa promiscuidade e precariedade, além de pequenos vigaristas, prevaricadores, marinheiros e mulheres consideradas infames. Essas pessoas foram alvo de ações governamentais ao longo de toda a Primeira República. As equipes de demolições, principalmente do prefeito Pereira Passos (1836-1913), varreram da paisagem do centro carioca os cortiços e os chamados “zungas” da época. Os habitantes desses locais fugiram com o que puderam carregar entre as mãos, como madeira, folhas de zinco e latões de querosene e se refugiaram nos morros, originando, assim, as primeiras favelas. Quer dizer, a república brasileira nasce de um anseio das novas elites administrativas, formadas por médicos, engenheiros e militares, de modernizar o país – afastando os pobres das áreas nobres das principais urbes brasileiras – mas sem um projeto de inclusão social para esse contingente humano (...). (<http://lounge.obviousmag.org/ruinas/2013/06/descanto.html>)

COMO SURGIRAM AS FAVELAS NO BRASIL

(...) “Abolição dos escravos: No primeiro semestre do ano de 1888 a escravidão foi considerada prática ilegal no Brasil. Com isso os afrodescendentes tinham duas opções: 1ª) Permanecer nas fazendas e continuar a ser explorado em termos de salário. 2ª) Seguir aos centros urbanos e tentar a sorte como homem livre. Quem ficou com a segunda opção encontrou problemas no caminho, caso da falta de emprego de qualidade e moradia. Com o aumento do número de pessoas nos centros urbanos surgiram as primeiras delegacias de polícia para prender quem fazia tumulto, ou seja, qualquer pessoa pobre que estivesse nas ruas das cidades elitizadas. Sem saída o único caminho do grupo para evitar a repressão era fixar residência em territórios distantes dos grandes centros, como no alto do morro e nas periferias. Assim começou as favelas no Brasil. Depois de dez anos da abolição dos escravos em terras nacionais os moradores pobres e discriminados se designaram para os morros do Rio de Janeiro. Interessante notar que os movimentos migratórios aconteceram no mesmo período da Guerra dos Canudos, ou seja, nos últimos anos do império nacional. As migrações se intensificaram nos primeiros anos da República, quando surgiram as primeiras delegacias para conter a massa de desabrigados que se espalha nos pontos da capital do Brasil (...). (<http://www.culturamix.com/noticias/brasil/como-as-favelas-surgiram-no-brasil>)

(...) “As favelas passa a constituir, geralmente, áreas de degradação urbana que apresentam elevadas taxas de pobreza, desempregos e diversos tipos de conflitos sociais” (...). <http://doisPontos.spaceblog.com.br/605909/ELITE-INCOMODADA/>

(...) “O começo das favelas no Rio de Janeiro está relacionado ao fim da escravidão no século 19, quando uma parte dos escravos libertos se deslocou para a capital federal para se fixar informalmente em lugares sem infraestrutura” (...). (<http://www.almacarioca.com.br/hist06.htm>)

A ORIGEM DO NOME FAVELA

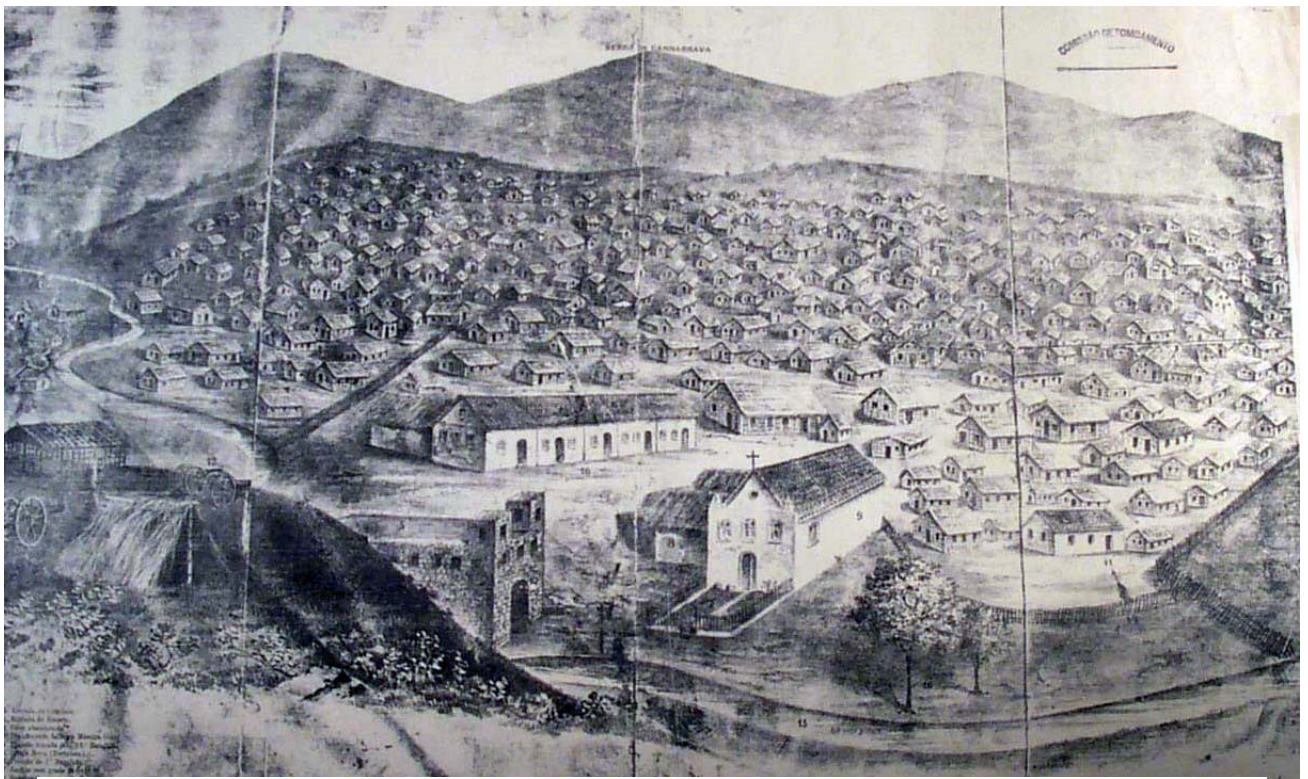
A origem do nome “Favela” remete a um fato marcante ocorrido no Brasil na passagem do século XIX para o século XX: a Guerra de Canudos. Na Caatinga nordestina, é muito comum uma planta espinhenta e extremamente resistente chamada “Favela”.

Entre 1896 e 1897, liderados por Antônio Conselheiro, milhares de sertanejos cansados da humilhação e dificuldades de sobrevivência num Nordeste tomado de latifúndios improdutivos e secas, criam a cidadela de Canudos, no interior da Bahia, revoltando-se contra a situação calamitosa em que viviam. Em Canudos, muitos sertanejos se instalaram nos arredores do “Morro da Favela”, batizado em homenagem a esta planta.

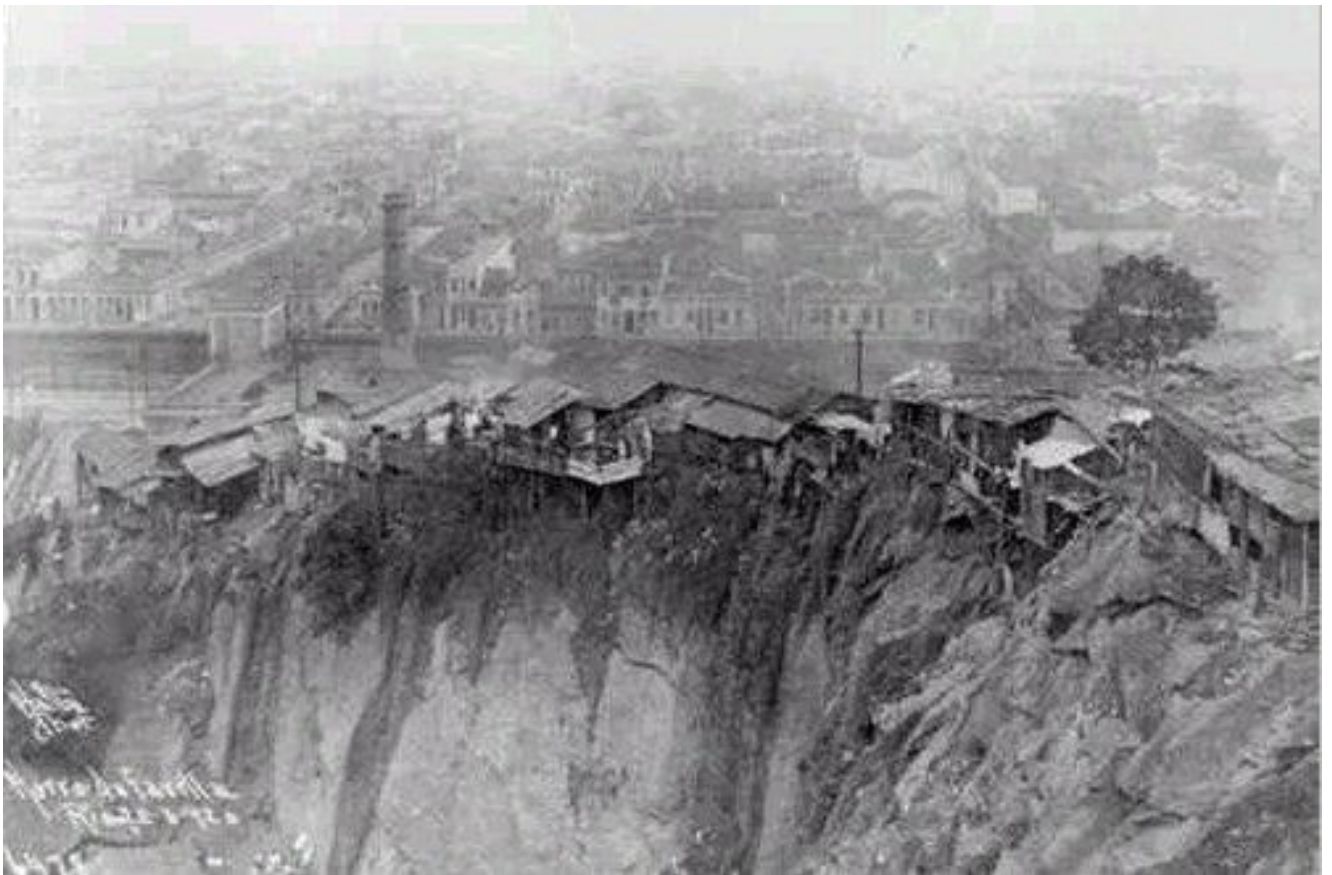
Com medo de que a revolta minasse as bases da República recém-instaurada, foi realizado um verdadeiro massacre em Canudos, com milhares de mortes, torturas e estupros em massa, num dos mais negros episódios da história militar brasileira, feito com maciço apoio popular.

Quando os soldados republicanos voltaram ao Rio de Janeiro, deixaram de receber seus soldos, e por falta de condições de vida mais digna, instalaram-se em casas de madeira sem nenhuma infraestrutura em morros da cidade (o primeiro local foi o atual “Morro da Providência”), ao qual passaram a chamar de “Morro da Favela”, lembrando as péssimas condições que encontraram em Canudos.

(<http://the-rioblog.blogspot.com.br/2010/10/origem-do-nome-favela-e-mais-alguns.html>)



Litografia do Arraial de Canudos visto da estrada do Rosário. Litografia de Dr. Urpia, de 1897. Ao centro, embaixo, estão as duas igrejas do Arraial, a de Santo Antonio (direita) e a nova, inacabada, com duas torres



Morro da Favela no início de sua ocupação, no fim do século XIX (1897). Passou a ser conhecido como “Morro da Providência” a partir dos anos 1920; seria uma referência a um rio nas proximidades de Canudos. É considerada oficialmente, a 1ª favela do Rio de Janeiro, com aproximadamente 10.000 ocupantes.



O Morro da Favela, já com o nome de “Morro da Providência”, em 1920



Visita ao Morro de São Carlos

Morro de São Carlos (1900) – Uma das favelas mais antigas do Rio de Janeiro



Favela "Morro do Pinto", Rio de Janeiro (1912). A pobreza negra sobe o morro



Favela da Rocinha em 1931



Favela "Morro de Santo Antônio" – Rio de Janeiro – 1914



Descendente de escravos no Morro da Babilônia, Rio de Janeiro, 1910

Encontraram similitudes com o que muitos, dizendo-se umbandistas, fazem hoje também??? Isso era a famosa Macumba, um culto primitivista. Eram realizados certos tipos de trabalhos espirituais com intenções ilícitas, bem como todo o arsenal primitivo de baixa vibração, sacrifícios de animais, sons ensurdecedores, dançarias tribais, aliado as vestimentas exóticas e procedimentos corporais desconexos e rudimentares, com punição severa dos médiuns; era tudo isso que o Caboclo das Sete Encruzilhadas juntamente com o Orixá Malet (um Orixá Mediador), vieram tenazmente combater. Por isso ele chamava de: “Linha Branca de Umbanda e Demanda”, a Linha Branca em ação magística para combater o mal e a iniquidade.

Dá para entender o porquê, a partir da década de 1930, foi criada uma vanguarda intelectualizada encabeçada por Leal de Souza, para que pudessem sanear a Umbanda, separando os ritos, doutrinas e magias primitivas africanas deturpadas, quase que totalmente voltadas às práticas de feitiçarias, que nada tinham há ver com a doutrina esposada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas?

Observaram o porquê o Caboclo das Sete Encruzilhadas disse: *“Não haverá bater de tambores; não haverá saias com rendas e lamês; não haverá espadas na mão; não haverá capacetes de penas; não haverá cobranças; não haverá matança de animais; não existe feitura de santo na Umbanda; Orixá não incorpora na Umbanda; não existe coroação na Umbanda, etc.”*. Por que tudo já existia nas práticas da Macumba, e a Umbanda veio colocar um freio em tudo isso.

Cremos que deu para se ter uma ideia de como eram as práticas de feitiçaria na então capital federal do Brasil, no século 18 e 19. Sentimos até arrepios pelas descrições “superficiais” dos feitiços relatados pelo Sr. João do Rio. Da para se entender como se procediam as ditas “Macumbas” nas favelas e cortiços (vide fotos acima) do Rio de Janeiro. A coisa era feia. Na Europa já era patente a procura de feiteiras, há séculos, a fim de barganharem com o astral inferior, os pedidos sórdidos, todos efetuados às escuras. No Brasil, a feitiçaria do negro ganhava mais status que a europeia, pois era considerada mais eficiente.

A Macumba, que tinha uma estrutura magística africana enfática, se diluiu com a inserção do processo de umbandização. A Umbanda significou a inserção dos conceitos crísticos, dos mais simples, num contesto religioso aprovado pela sociedade no geral, sendo algo que valia a pena lutar.

O estudo antropológico só tem a visão material da coisa, ou seja, um ponto de vista humano, onde a Umbanda surgiu por uma natural adaptação de seus profíctos de então, os macumbeiros. Mas, sob vista Espiritual, a Umbanda surgiu, a fim de dar segmento a religiosidade nacional, onde todos teriam as mesmas condições de se espiritualizarem, independente de classe social, cor ou mesmo raça, mas, num contexto de Espiritualidade Superior, sem fetichismos, dogmatismos, totemismos, idolatrias, superstições e apresentações circenses.

Em meio a tal barafunda, Jesus em sua infinita misericórdia fez surgir a luz redentora da Umbanda, através do trabalho hercúleo do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas e seus companheiros, a fim de colocar um ponto final em todas essas práticas nefandas.

A Umbanda não é simplesmente um estágio posterior à Macumba, onde pessoas resolveram que esta era a melhor forma de religiosidade. A Umbanda surgiu no momento certo, para colocar fim ao nascente domínio do baixo astral, trazendo a proteção das hostes de luz para o Brasil, a fim de proteger os obreiros do bem que formam a sociedade nacional que fará deste país o coração do mundo, a pátria do Evangelho. Só o tempo mostrará a verdade, onde muitos dirão: “Deus escreve certo por linhas tortas”.

Nós nem podemos imaginar o fabuloso movimento formado na espiritualidade, e o trabalho hercúleo dos Espíritos de Luz, a fim de dar cobertura a nascente Umbanda, a fim de que conseguisse por fim às práticas de magias negras, desmanchando feitiços, dismantelando correntes espirituais do baixo astral, socorrendo vítimas e algozes, convencendo e recrutando toda classe de Espíritos que quisessem reformular seus conceitos errôneos e voltarem-se a práticas crísticas.

Observaram que depois do advento da Umbanda, várias dessas práticas perderam totalmente suas forças, muitas sendo relegadas ao esquecimento, e outras estão sob o controle dos falangeiros da Umbanda? Graças a Deus, desde a instituição da Umbanda no Brasil, a magia negra declinou sensivelmente. Mas, a renitência de algumas práticas da Macumba acabaram por instalarem-se até os dias atuais, sendo que muitos umbandistas absorveram-na como prática religiosa ancestral, nas mais variadas modalidades existentes.

Aliás, somos da opinião que a Macumba começou a sofrer uma “umbandização” a partir de 1908, continuando até os dias atuais. Observe que ainda hoje, persistem na Umbanda alguns ritos e procedimentos da antiga Cabula/Macumba, mas, diluindo-se gradativamente, dia-a-dia.

A Umbanda ainda não abarcou completamente as práticas da Macumba, mas caminha homeopaticamente para isso; ainda não o conseguiu por completo, pois, infelizmente, a grande maioria dos umbandistas ainda persiste em não seguir o preconizado pelo anunciador, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, “Linhas Mestras” essenciais para que se realmente pratique Umbanda.

Em 1944, vários umbandistas ilustres, entre eles vários militares, políticos, intelectuais e jornalistas, encabeçados pelo Capitão Pessoa, apresentaram ao então Presidente Getúlio Vargas um documento intitulado “O Culto da Umbanda em Face da Lei” e conseguem daquela autoridade a descriminalização da Umbanda. Este fato, que foi extremamente positivo, trouxe como subproduto uma perda de identidade muito grande por parte de nossa religião, uma vez que todos os Terreiros, das mais variadas seitas, incluíram em seus nomes a palavra Umbanda como forma de fugir à repressão policial. Como a Umbanda, nessa época, não tinha uma doutrina formalizada, um rito claramente definido e nem a formação de dirigentes, o que gera uma hierarquia disciplinada, ficou à mercê dessa deturpação. Outro fato que fortaleceu essa descaracterização foi que, sendo um período de crescimento, não se buscava a qualidade dos Terreiros que se filiavam à Federação, ou à União que lhe sucedeu, e, finalmente, ao CONDU (Conselho Deliberativo da Umbanda), mas sim, quantidade.

A partir daí, muitas Tendas cujos rituais não seguiam as “Linhas Mestras” recomendadas pelo iniciador da religião, Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, passaram a dizer-se umbandistas, de forma a fugir da perseguição policial. Foi aí que a Religião de Umbanda começou a perder seus contornos bem definidos e a misturar-se com outros tipos de manifestações de puro mediunismo de tal forma que hoje, a Umbanda tradicional com as “Linhas Mestras” do Caboclo das Sete Encruzilhadas é praticada em raríssimas casas. A Umbanda nunca teve e não tem um órgão fiscalizador e normativo consensual, e por isso, muitas práticas mediúnicas por não se encaixarem em práticas Espíritas e nem Candomblecistas, ganham o status de Umbanda; é só ir a um cartório, registrar com nome de Umbanda, e pronto. Ninguém fiscaliza nada, e a população coloca tudo como prática umbandística. Muitos renascentes da Macumba bem como de outros cultos regionais, após o advento e respeitabilidade da Umbanda, rapidinho se incluíram em nosso meio, se auto intitulando umbandistas.

Por isso, a renitência do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas em propagar através de seus exemplos, a prática da “Linha Branca de Umbanda”. Ele queria mostrar a verdadeira espiritualidade de luz, separando o joio do trigo, ou seja, as práticas de luz, das artes da magia negra. Também queria mostrar uma religião desprovida de excentricidades, roupagens coloridas, adereços regionais, batuques, cantorias desconexas, vaidades, fins pecuniários, fetichismos, dançarias, oferendas e despachos disparatados, magias excêntricas, exteriorizações circenses, etc.

Com isso, os primeiros umbandistas liderados pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas foram tachados de quererem a todo custo “branquear” a Umbanda. Era verdade. Só que o “branqueamento” não era questão racial, ou seja, expulsar a raça negra e suas práticas da Umbanda, mas, simplesmente, sanear as práticas de feitiçarias, magias negras, sacrifícios de animais, cultos externos desgastantes, adereços, práticas condenáveis, efetuadas na época pelos remanescentes negros, que realizavam seus cultos distanciados da matiz religiosa afro, pelos 348 anos de escravidão.

Os primeiros umbandistas, ensinando e propagando a luz redentora do Evangelho e as práticas caritativas, procuravam mostrar que a “Linha Branca de Umbanda” era a prática do Espírito para a Caridade. Era só isso. Muita gente confundiu as coisas como confundem até hoje.

Vejam então, que após 100 anos de existência, ainda existem irmãos de digladiando; ainda existem irmãos arraigados em práticas primitivas e triviais, que nada tem há ver com práticas umbandistas; ainda tem irmãos confundindo Umbanda com práticas egoísticas, onde querem que a espiritualidade esteja a seu dispor, para lhes darem àquilo que não tem competência de conseguirem por seus próprios meios. Ainda existem umbandistas apegados aos cultos externos, dando ênfase a festas, dançarias, batuques, adereços espalhafatosos, obrigações, oferendas e despachos disparatados em detrimento ao estudo do Evangelho redentor e da eficiente reforma íntima. Ainda existem os que se dizem serem umbandistas fazendo comércio com o dom que Deus lhes deu. Ainda existem umbandistas só querendo aparecer na mídia televisiva, radialista, redes sociais e literárias, como salvadores da pátria, apregoando serem os entendidos em Umbanda, procurando de todo modo serem vistos, elogiados e aceitos, tidos como lideranças, destaques, porta-vozes e ícones umbandista.

Um Terreiro de Umbanda é somente um local de práticas religiosas e seu dirigente tem que ser um exemplo dignificante de evangelizador, paz, amor, compaixão e fé. Devemos evitar qualquer tipo de extravagâncias que fuja aos preceitos crísticos, à razão e ao bom senso.

O Senhor Cacique Araribóia nos esclarece o que não devemos levar para dentro de um Terreiro de Umbanda: *“Festas que fogem ao âmbito religioso, músicas de fundo não edificante, batuques ensurdecedores, dançarias, conversação tumultuada e não construtiva, discussões violentas, maledicências, homenagens humanas, reuniões sem disciplina, competições, manifestações circenses, apetrechos estranhos, rituais rudimentares, vestuários extravagantes e espalhafatosos, ataques religiosos, enfim, tudo àquilo que não se concebe a um santuário de paz, amor e oração”*. E completou: *“Em um Terreiro de Umbanda, desde o início até o fim de um trabalho espiritual, todos devem se portar de modo edificante, em estado de concentração/contemplação e oração; afinal, ali, estaremos exteriorizando como vemos, praticamos e entendemos a Espiritualidade Maior”*.

Era contra tudo isso que o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas lutava e luta para crescer: A florescência da Linha Branca de Umbanda, pois, como já vimos, após o surgimento da mesma, vários cultos estavam se auto intitulando de Umbanda, realizando trabalhos mediúnicos que nada tem há ver com a doutrina umbandista.

A Espiritualidade Superior é sábia, e com o tempo, os “cultos primitivistas” e seus remanescentes estão se diluindo, e continuam a ser diluir e se integrar na verdadeira espiritualidade da Umbanda. Por enquanto, lutando homeopaticamente, mas sem ferir ou subjugar, estão abarcando a todos, disciplinando-os, reeducando-os e reencaminhando-os para a linha justa do Evangelho e da prática caritativa.

Uma importante contribuição positiva que nos legaram a Macumba foi à crença nos Sagrados Orixás, e a sistemática de oferendas e despachos (orientados quando necessários e com parcimônia somente pelos Guias Espirituais).

O uso de atabaques, saias com rendas e lamês, dançarias, adereços, penachos, espadas, chapéus, etc., com certeza, foi uma influencia da Macumba; não são fundamentos da Umbanda. Afinal, quando o Caboclo das Sete Encruzilhadas em suas normatizações disse: não haverá isso, não haverá aquilo, é porque já havia, já era praticado assim.

Depois de tudo muito bem entendido, esperamos que nunca mais usem o termo “Macumba” para se referir a Religião de Umbanda ou mesmo “macumbeiro” para os umbandistas, pois, com o tempo, tornando-se um termo chulo, preconceituoso, degenerativo e pejorativo, significando tão somente pessoas ignorantes, praticantes de baixo-espiritismo, magias negras e feitiçarias, acabam, ignorantemente, tachando-nos de tudo isso.

O CULTO OMOLOKÔ



TEUJ (Tenda Espírita de Umbanda Juraciara (Florianópolis/SC) – Nação Omolokô – Lunda Quiôco – Tribo Arigolê (Saída de Camarinha – Cabocla paramentada: Juremí)

O Culto Omolokô também surgiu da Macumba (aqui, da Cabula já inserida com o culto dos Orixás, ou seja o Candomblé, que já estava estruturado no Rio de Janeiro), sendo sua mais fiel seguidora, e, conseqüentemente, foi incisivo na inclusão de apetrechos, doutrinas e elementos afros próprios dos cultos de Nação para muitos umbandistas.

No texto “Macumba”, quando a Sr^a Brígida diz: “Os afro-brasileiros de tradição Banto sabendo de tal necessidade começam a transformar a Macumba, tornando-a Umbanda”, formaliza o Culto Omolokô, onde o Tatá Tancredo da Silva Pinto se apegou para “acusar” a vanguarda intelectualizada da Umbanda, de tentarem “branqueá-la”, ou seja, “expulsar” toda e qualquer ligação com o africanismo cultuado na época.

Observaremos então, que o Tatá Tancredo, defensor da prática Banto (Macumba), se apegou na Umbanda recém criada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, defendendo a tese com unhas e dentes, que essa Umbanda era de descendência afro, passando a partir daí, a divulgá-la freneticamente por todo o Brasil; isso se deu na década de 1940/50. Não concordamos com a taxaço de branqueação ou embranqueamento da Umbanda.

Segundo o Dicionário Online Português (www.dicio.com.br): “Branqueação” (branquear+ação) = ação ou resultado de branquear – “Embranqueamento”: ato ou efeito de branquear – Branquear: tornar branco, alvejar. Com a dissertativa de branqueamento, estavam e estão querendo dizer que a Umbanda está envidando esforços para retirar de seu seio, toda e qualquer participação da raça negra e sua cultura. Isso é mentira. Aliás, a Umbanda jamais defendeu ou mesmo se apoiou numa posição racial, mas sim, apóia a representação arquetípica em suas manifestações mediúnicas, nos tipos sociais brasileiros, ou tipos regionais.

A Religião de Umbanda não coaduna e nem pratica rituais, doutrinas e cultos afros; só isso. O esforço dos primeiros umbandistas era no intuito de retirar da Umbanda toda a gama de doutrina, apetrechos, rituais, liturgias, magias dos cultos afros, que nada tinha haver com a sua doutrina, pois, segundo os ditames do seu instituidor, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, o fundamento da Umbanda está nos ensinamentos crísticos e não no africanismo, embora, aceita-se certos elementos dos cultos afros, por serem positivos e não ferirem a doutrina crística. Só isso. Agora, o inverso também poderia ser dito; os que acusam o ato de embranqueamento poderiam ser acusados formalmente de tentaram então, o empretecimento da Umbanda. Já pensou?

Quando das dificuldades existentes na época, devido a perseguições policiais, e mesmo o grande número de dirigentes e médiuns que surgiram, a grande maioria formada por pessoas simples e sem estudo, iniciaram toda uma religiosidade na raça, pois não havia doutrina e nem disciplina.

Não nos esqueçamos que a Umbanda preconizada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas é alicerçada no Evangelho Redentor; a grande maioria dos médiuns já existentes, em sua maioria eram incultos, além de já praticarem um culto próprio com a denominação de “Macumba”, não conseguiam encaixar-se na emergente cultura umbandista praticada por Zélio de Moraes. Tudo realmente era feito na simples concepção do que existia na época: os cultos africanos, já deturpados em sua intimidade, mas reorganizados da melhor forma possível.

Também tinha a problemática da extinção da escravatura, onde os ex-escravos se reagruparam da melhor forma possível, sem planejamento algum e principalmente a parte religiosa que ficou entregue às feitiçarias, as ditas “Macumbas”, como já vimos no capítulo anterior. Vamos apresentar vários artigos importantes sobre o movimento Omolokô no Brasil e sua influência da Umbanda:

PAPAS & CODIFICAÇÕES

Apesar de uma grande vitória, a descriminalização da Umbanda não foi suficiente para manter unidas as lideranças do movimento, juntas até então pela legitimação da religião. Por volta de 1950, essas mesmas lideranças passaram a se entrincheirar em torno de seus pontos-de-vista pessoais, cada qual defendido com ardor e paixão, abrindo-se assim um enorme fosso dentre as diversas correntes umbandistas.

Diversas Federações são fundadas no Brasil (só no RJ foram novas seis). Com o fim da perseguição das autoridades públicas à Umbanda, a religião passou por um rápido período de crescimento. Estavam abertas as portas da Umbanda aos mais diversos grupos que ainda se encontravam marginalizados, da mesma forma que um dia esta se encontrara.

Todos os Terreiros, das mais variadas “linhas”, incluíram em seus nomes a palavra Umbanda como forma de fugir à repressão policial. Nesse momento, cresce a corrente que defende a influência da cultura africana sobre o culto umbandista, e ganha destaque um dos seus principais expoentes. Ainda em 1950, Tancredo rompe com a Federação Espírita de Umbanda e funda a Confederação Espírita Umbandista do Brasil. Bastante atuante, viaja por quase todo o país, fundando Federações no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco, dentre outros, sempre com o objetivo de organizar e dar personalidade ao culto.

Inspirado pela tese do médico, etnólogo e professor Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), Tancredo defendeu com ardor sua visão da Umbanda, que via na pureza racial negra a legitimidade das práticas umbandistas. Tancredo Pinto lançou mais de 30 livros, e passaria 25 anos escrevendo uma coluna semanal no jornal “O Dia”, o que faria com que seus ideais tivessem grande ascendência sobre os setores mais humildes da Umbanda, chegando inclusive a receber o título de “Tatá de Umbanda” (“Papa da Umbanda”). Nota do autor: Tatá é uma palavra usada no Candomblé Banto, que em português significa pai; portanto, com Tatá de Umbanda queriam dizer: pai da Umbanda.

(Sérgio Navarro Teixeira – Fraternidade Umbandista Luz de Aruanda Barra Mansa/RJ)

TATÁ TI INKICE TANCREDO DA SILVA PINTO (1904 – 1979)



Tata Tancredo é considerado o organizador do Culto Omelokô no Brasil, e era chamado de: O rei do povo Banto.

Sambista e umbandista brasileiro, nasceu em 10 de agosto de 1904 no Município de Cantagalo, então Estado do Rio. Ainda na adolescência veio para a antiga Guanabara.

Tancredo da Silva Pinto, Tata Ti Inkice, é considerado o organizador do culto Omelokô no Brasil e o responsável direto pela reunião dos adeptos dos cultos afro-brasileiros em Federações Umbandistas para defender o seu direito de ter e cultivar uma religião afro-brasileira.

Seu nome religioso era “*Sunna Folketu Olorofé*” (termo que vem do árabe e quer dizer: “tradição”. A utilização de termos árabes na Umbanda Omelokô demonstra a influência que os malês (negros muçulmanos) tiveram na implementação dos cultos afro-brasileiros).

Filho de Belmiro da Silva Pinto e de Edwirges de Miranda Pinto, sendo seus avós maternos Manoel Luis de Miranda e Henriqueta Miranda.

Sua árvore genealógica remonta a grandes estudiosos e praticantes do culto da antiga África. Seu avô foi fundador dos primeiros blocos carnavalescos de sua terra, tendo fundado os blocos “Avança” e “Treme-Terra”, bem como o “Cordão Místico”, uma mistura de caboclo com o ritual africano, em que sua tia Olga saía vestida de “Rainha Ginja”. Seu pai, considerado o melhor tocador de violão de sua época, tinha em seu histórico o título de excelente ferrador, bem como de exímio tratador de animais, sendo ainda criador de pássaros de diversas qualidades.

Em 1950, devido a grandes perseguições aos umbandistas nos mais diversos Estados da União, assim como no antigo Distrito Federal, fundou então a Confederação Espírita Umbandista do Brasil, tendo viajado por quase todo o País, fundando Federações com o objetivo de organizar e dar personalidade ao culto. Fundou as Federações dos seguintes Estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco e outros. Criou, para melhor mostrar seu culto ao povo em geral, as seguintes festas religiosas: Festa de Yemanjá, no Rio de Janeiro; Yaloxá, na Pampulha - Belo Horizonte; Cruzambê, em Betim - BH, Minas Gerais; Festa de Preto Velho, em Inhoaíba - Rio de Janeiro; Festa de Xangô, em Pernambuco; “Você sabe o que é Umbanda” no Estádio do Maracanã, RJ, e finalmente a Festa da Fusão, realizada no centro da Ponte Rio/Niterói.

Segundo Tancredo da Silva Pinto, a primeira sociedade umbandista criada para defender os direitos dos umbandistas no Rio de Janeiro e no Brasil foi a “União”, fundada em 1941.

Segundo ele, naquela época, devido às perseguições policiais, os cultos eram acompanhados por bandolim, cavaquinho e órgão, porque não era permitido tocar atabaques. No Rio de Janeiro, os cultos afro-brasileiros foram professados dessa maneira até 1950.

O motivo que levou Tancredo a criar federações umbandistas para defender os direitos dos cultos afro-brasileiros desenrolou-se na casa de santo de sua tia Olga da Mata, situado à Avenida Nilo Peçanha, 2.153, em Duque de Caxias, onde funcionava o Terreiro São Manuel da Luz. Neste Terreiro Xangô manifestou-se e disse: *“Você deve fundar uma sociedade para proteger os umbandistas, a exemplo da que você fundou para os sambistas, pois eu irei auxiliá-lo nessa tarefa”*. Após esse fato, Tancredo fundou a Confederação Umbandista do Brasil, usando parte do pagamento recebido pelo direito autoral do samba “General da Banda”, gravado por Bleckaute, e ajudou a fundar em outros estados novas federações umbandistas para defender os direitos dos cultos afro-brasileiros.

Foi significativa a posição de Tancredo da Silva Pinto contra as propostas de desafricanização da Umbanda, proposta e divulgadas nas palestras do 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941). Tancredo dizia que achava graça quando ouvia os “líderes da Umbanda Branca” dizendo que a religião sofre influência das tradições africanas.

Para ele “a Umbanda é africana, é um patrimônio da raça negra” (FREITAS e PINTO, 1957, p. 58).

Esse viés africanista da Umbanda pode ser visto em uma de suas afirmações: *“Terreiro de Umbanda que não usar tambores e outros instrumentos rituais, que não cantar pontos em linguagem africana, que não oferecer sacrifício de preceito e nem preparar comida de santo, pode ser tudo, menos Terreiro de Umbanda”*. Para afirmar a característica africana da Umbanda e dar uma formação intelectual aos praticantes do Omolokô, organiza no Rio de Janeiro o primeiro curso de língua e cultura Yorubá.

Tancredo instituiu as festividades à Yemanjá no Rio de Janeiro/RJ, à exemplo das festividades que aconteciam em Salvador/BA. As primeiras aconteceram na mesma data que na Bahia, 02 de fevereiro, mas com o tempo elas passaram a ser feitas no dia 31 de dezembro (...).

(...) Em vida ainda recebeu diversas comendas e homenagens pelos serviços prestados às religiões afro-brasileiras. Foi um fiel defensor da prática africanista ao culto umbandista e ao Omolokô (...).

(...) Teve publicado mais de 30 obras literárias, divulgando a Umbanda e o Omolokô. Foi fundador e colaborador de diversos jornais e revistas destinadas a esclarecer e orientar os adeptos da religião afro-brasileira.

O humilde e analfabeto estafeta dos correios “escreveu” diversas obras de cunho umbandista e manteve colunas diárias em jornais cariocas, como O Dia (...).

(...) No dia 02 de setembro de 1979 foi sepultado às 15:00hs, na quadra 70, carneiro 3810 do Cemitério de São Francisco Xavier, à Rua Pereira de Araújo, nº. 44, no Rio de Janeiro. As despedidas ao seu corpo foram realizadas no Ilê de Umbanda Babá Oxalufan, situado a Avenida dos Italianos nº. 1120 em Coelho Neto, onde seu corpo foi velado.

No livro de registro de filhos de santo estão registrados mais de 3.566 filhos de santos que foram iniciados pelo Tatá Ti Inkice. O Sirum (Axexê), cerimônia de encomenda do corpo de pessoa falecida, foi realizado por José Catarino da Costa, conhecido como Zé Crioulo, filho de Xapanam e confirmado como Ogã no Terreiro de Tio Paulino da Mata e Tia Olga da Mata.

Uma das curiosidades de Tancredo, segundo o pesquisador, escritor, músico e compositor Nei Lopes é que ele teria sido Pai de Santo do “bispo” Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus.

“<http://sites.google.com/site/caboclopanteranegra/textos-doutrinarios-e-informativos/tancredo-da-silva-pinto---pequena-biografia-do-incentivador-da-umbanda-Omolokô>”

Vamos então estudar um pouco mais sobre a Umbanda Omolokô, grande influenciadora da comunidade umbandista após a década de 1940, até os dias atuais.

“O Culto Omolokô ou Umbanda Primitiva, era o ritual dos negros escravizados, que subiram os morros e interiorizaram-se pelo Rio de Janeiro no final da escravidão. Essa prática era muito perseguida pela polícia nos anos 40 e 50. Hoje esse culto é quase extinto, mas conserva ainda uma identidade própria”. (Caio de Omulú em: *“Umbanda Omolokô – Liturgia e Convergência”* – Editora Ícone – 2002)



Foto do que foi apreendido num Terreiro dito de – Macumba – Rio de Janeiro (1950)

“Culto Omolokô ou Umbanda Primitiva trata-se da prática do ritual dos negros escravizados, que subiram os morros e interiorizaram-se pelo antigo Distrito Federal e Estado do Rio de Janeiro, levado por grupos de negros com suas famílias ao término da escravidão. Esta prática foi muito perseguida pela polícia nas décadas de 40 e 50, até que fosse criada uma Federação para organizar e registrar os Terreiros. Hoje se encontra praticamente extinto o Culto Omolokô, bem como seus rituais de adoração aos Bacuros (Orixás), praticados na primeira metade do século passado. O antigo ritual tinha sua própria identidade, não se assemelhando em quase nada, com a Umbanda praticada nos dias de hoje. Em alguns casos, observa-se uma mistura com o Candomblé ou kardecismo, sendo que no primeiro caso, é chamada vulgarmente de “Umbandomblé”.
(<http://br.geocities.com/borbaivan/>)

“O Culto Omolokô do Brasil foi fundado pelo Tata Ti Inkice Tancredo da Silva Pinto que foi iniciado pelos doze ministros de Xangô em Angola na África. É um culto que tem como base os Orixás e os Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, Exus e demais entidades como Boiadeiros, Marujos, Ciganos, Mestres de Jurema, etc. Nesta Nação se faz feitura de cabeças, matanças e a maioria dos trabalhos que são feitos no Candomblé só que dentro de uma ritualística própria. Como também se fazem trabalhos e incorporações com as entidades citadas. As reuniões constam de uma abertura onde se saúda os Orixás. Não existe manifestação dos mesmos e após este rito inicial os médiuns iniciam os trabalhos com seus Guias e Protetores. Os trabalhos com Orixás são realizados apenas nas datas festivas do calendário anual, que é parecido com o que se comemora na maioria dos Terreiros, com saídas de santos, onde os filhos de santo feito vestem o seu santo e se mediunizam com a energia do mesmo para dançar no salão. As reuniões de Exus são realizadas em separado, sem que haja a mistura das energias deles com de outras entidades. No Terreiro do Culto Omolokô existem assentamentos básicos. Como a Cafuá do Exu, e casa do Omolú na entrada do Terreiro, um roncó (camarinha) e o salão dos trabalhos semanais. Existem ogãs, cambonos, ekedis e toda hierarquia administrativa e espiritual”. (Caio de Omolú)

“Se observarmos a estrutura organizacional do movimento, perceberemos que a união dos umbandistas sempre foi circunstancial; haja vista o excessivo número de Federações, Confederações, Uniões e Conselhos existentes” (Cf. BIRMAN, 1985. p 80-121).

“As questões doutrinárias e rituais desde a realização do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941) sempre foram tensas entre o grupo que defendia o rompimento da Umbanda com as práticas mais africanizadas e aqueles que delas não abriam mão. É significativa a posição do umbandista Tancredo da Silva Pinto – o Tatá Tancredo – no livro “Fundamentos de Umbanda”, sobre as propostas de desafricanização divulgadas nas palestras daquele Congresso. O autor diz que acha graça quando ouve os “líderes da Umbanda Branca” dizendo que a religião sofre influência das tradições africanas. Para ele “a Umbanda é africana, é um patrimônio da raça negra” (FREITAS e PINTO, 1957, p. 58).

“Tancredo, inclusive, vai romper com a Federação Espírita de Umbanda e fundar a Congregação Espírita de Umbanda do Brasil”. (José Henrique Motta de Oliveira - Mestre em História Comparada - UFRJ/ PPGHC)

“Situação inversa sofreu Tancredo da Silva Pinto, que não rompeu apenas com a Federação Espírita de Umbanda, mas com a própria Umbanda ao criar o Culto de Omolokô” (Omolokô, Culto afro-brasileiro que admite no mesmo ambiente tanto as práticas do Candomblé quanto a da Umbanda. Cf. OMULU, 2002).

Quando da fundação da 1ª Federação Umbandista, pelo Sr. Zélio de Moraes, em 1939, a fim de protegerem os Templos das perseguições, muitas outras denominações religiosas mediúnicas se agregaram a essa Federação, e acabaram por colocarem o nome “Umbanda” em seus cultos. Foi quando surgiu o Sr. Tancredo, feito no santo em solo africano, defensor do culto Banto, propagou um culto, misto de Umbanda e Candomblé, que ficou conhecido como Umbanda Omolokô, ou Umbanda Primitiva. Vejam bem: ele criou a Umbanda Omolokô na década de 1940; seria mais uma modalidade umbandista. Mas, mesmo com o Omolokô, ainda defendia freneticamente, que a Umbanda como um todo era afro descendente. Leia neste mesmo livro, o capítulo: “MODALIDADES – A IDIOSSINCRASIA NA UMBANDA”, no subtítulo: “Umbanda – Uma Seita Afro? – do Sr. Cláudio Zeus”.

Daí, talvez, surgiu toda uma formação litúrgica/ritualística/doutrinária que chegou até nós, mas com um detalhe: retiraram a denominação Omolokô, e ficou somente Umbanda. Vejam, que muitas das liturgias umbandistas da atualidade, tem-se baseado no que instruiu o Sr. Tancredo, mesmo não sabendo da sua existência. Acabou-se fazendo tudo, porque o pai fazia, o que fazia o avô, ou o que se observava em outros Terreiros e mesmo o que se lia em livros, e assim por diante. Sem explicações, sem estudos, sem doutrina, e o que é pior: sem consultar os verdadeiros Guias Espirituais. É porque tem que ser. A Umbanda é assim e pronto. Mas como verificamos, não era para ser bem assim.

A partir do estudo no Culto Omolokô, iremos entender muitas das atitudes tomadas por umbandistas da atualidade, sendo colocada a pecha de Umbanda tradicional.

Então, é de nossa opinião, que devemos colocar as coisas no seu devido lugar, dar os nomes aos bois e realizarmos aquilo que é determinado pela espiritualidade, ao invés de combatermos aqueles que, através de muito estudo e pesquisa, tentam resgatar o que de mais puro e real existe dentro da Doutrina Umbandista do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Ainda existem casas com dirigentes honestos e cônscios de sua responsabilidade, que registraram e mantêm o nome de seus Templos como Umbanda Omolokô, evitando a confusão reinante de culto, liturgia e ritualística, pois estão desvinculados da Umbanda formada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Possivelmente, foi nos Terreiros do Culto Omolokô, onde houve a aceitação sem restrições dos remanescentes Mestres do Catimbó, os Marujos, Ciganos, Baianos, Exus e Pombas-Gira, Boiadeiros e posteriormente absorvidas pelos umbandistas no geral. As Linhas Auxiliares de Trabalhos Espirituais integraram-se na Umbanda, gradativamente, uma a uma, conforme a precisão, tudo determinado pela Cúpula Astral de Umbanda.

A questão dos primeiros Terreiros não aceitarem de chofre tais manifestações deu-se pelo fato de que se davam de formas descontroladas, e usadas quase que totalmente para questões ilícitas, tais como Exus e Pombas-Gira. A Tenda Mirim, fundada em 1924, já manifestavam que não mantinham contato ostensivo mediúnico com Exu. No livro “Magias da Umbanda – Jota Alves de Oliveira – Editora Eco – 2ª edição” existe um capítulo sobre a Tenda Mirim assim intitulado: “45 anos de Umbanda sem Exu”. Com certeza, o contato era reservado e bem discreto, somente para casos demandatórios, e não como hoje, corriqueiramente.

Uma coisa é certeza: A Macumba nasceu da Cabula e acomodou-se no Culto Omolokô, que influenciou decisivamente até os dias atuais, muitas casas umbandistas.

A UMBANDA E O MOVIMENTO UMBANDISTA (CONTEXTUALIZAÇÃO)

Parte I:

O Omoloco ou Omolokô (que quer dizer: “Filhos da Natureza”) surge na história do movimento umbandista com o objetivo claro de responder as constantes tentativas de aproximação, que alguns procuravam fazer da Umbanda com o Espiritismo. Neste período, lá pela década de 1940, existiam praticamente dois grupos de intelectuais umbandistas que trabalhavam em sentidos quase opostos: um, procurava o reconhecimento da Umbanda como uma Religião Espírita ou pelo menos com tais características; o outro defendia as origens africanas da Umbanda e uma completa independência do Espiritismo. Em contrapartida, o Espiritismo da época condenava de forma veemente quaisquer ligações com a Umbanda e os cultos afro-brasileiros.

O primeiro grupo, que pregou suas teses, no Primeiro Congresso Espírita de Umbanda, no Rio de Janeiro em 1941, reconhecia a origem africana da Umbanda, mas impregnava a sua doutrina de uma matriz espírita, com o objetivo de contextualizar a religião para viver dentro do universo urbano, de caracterizá-la como evolutiva e preparada para os desafios que os tempos atuais exigiam, fortalecida por um escopo moral, de preferência cristã e doutrinariamente compatível com a codificação kardeciana, já plenamente aceita e difundida na sociedade.

Em pleno Estado Novo (assim chamou-se o período de governo da ditadura de Getúlio Vargas), os umbandistas desse primeiro grupo, se preocupavam em revestir a Umbanda com qualificações que acabassem com a discriminação e o preconceito (baixo espiritismo e Macumba) e evitassem as perseguições que ocorreram até os anos 50.

Foi nesta época, 1937 a 1945, em que a política de Vargas já toleravam e reconheciam a importância do Espiritismo no Brasil, que fortemente se trabalhou o “embraquecimento” da Umbanda, buscando teses que a demonstrassem como um salto evolutivo de suas raízes africanas e com uma origem que antecedia a existência dos cultos religiosos em África (os continentes perdidos de Lemúria e Atlântida). Dessa vertente de pensamentos surgiram o que se chamou de Umbanda de Cáritas (...).

O segundo grupo, de intelectuais umbandistas, trabalhava em sentido oposto. Defendiam a origem e as raízes africanas da Umbanda, condenavam a aproximação com o Espiritismo e tentavam solucionar a perseguição, a discriminação e o preconceito, através do sincretismo católico, já incorporado pelo Candomblé e os Cultos Afro-brasileiros em geral. Um dos expoentes que mais se destacou nesse grupo foi o Tata Ti Inkice Tancredo da Silva Pinto (1904-1979), considerado como organizador do Culto Omolokô no Brasil.

O Omolokô ganha destaque nacional no cenário umbandista e dos cultos afro-brasileiros com o Tata Ti Inkice Tancredo. Escritor, músico, sacerdote atuante, Tancredo defendeu durante toda a sua existência, a origem da Umbanda na matriz dos cultos religiosos africanos, realizando uma aproximação definitiva com o Candomblé e os cultos afro-brasileiros, condenando as tentativas de infiltração da doutrina espírita na Umbanda e construindo toda uma gnose (conjunto de conhecimentos) para religião com base nas tradições culturais e religiosas das tribos Lunda-Quioço. Desta feita, o Omolokô cultua os Orixás, de forma similar, mas não idêntica, ao Candomblé e os cultos afro-brasileiros e trabalha com as entidades espirituais de Pretos-Velhos, Caboclos, Crianças, Exus e Pombas-Gira entre outras, nos moldes que a Umbanda realiza.

Sim, porque é bom lembrar, que na Umbanda surgida como religião genuinamente brasileira, no advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1908, através da mediunidade de Zélio Fernandino de Moraes (1892 - 1975), nem existia o culto aos Orixás ao estilo do que é praticado no Candomblé e, nem tão pouco, espaço para influência do Espiritismo.

A existência da luta para prevalecer as suas correntes de pensamentos, e a polarização dos umbandistas em torno dos dois grupos já mencionados, surgiram bem depois como consequência das circunstâncias já levantadas: o processo de intelectualização da Umbanda, principalmente com o surgimento de uma literatura própria; o acirramento do preconceito, da discriminação e das perseguições (Estado Novo); o Primeiro Congresso Espírita de Umbanda (1941); o repúdio do Espiritismo a qualquer ligação com a Umbanda e os cultos afro-brasileiros e finalmente a organização do Culto Omolokô.

Chamo essas polarizações de intelectuais umbandistas em torno dessas correntes de pensamentos que surgiram, de grupos, apenas por uma questão didática e facilitadora para a linha de raciocínio empregada neste artigo. Na verdade não foram grupos formalmente montados, mas sim, meramente uma divisão de ideias sobre a Umbanda em que dirigentes, escritores, autoridades e pensadores umbandistas a época se afinizaram. Assim, temos todo um desenvolvimento da Umbanda originada formalmente com Zélio, que veio a ser influenciada, mais tarde, por essas tendências ideológicas, por assim dizer. Agregando-se a tudo isso, temos:

- a) Os resquícios existenciais ou a resistência cultural e religiosa de cultos como a pajelança indígena, o Catimbó, os Xangôs etc.;
- b) O envolvimento e a adoção de ritos e liturgias do Candomblé e cultos afro-brasileiros;
- c) A perpetuação da força sincrética, por exemplo, do catolicismo;
- d) E finalmente o advento da Umbanda Esotérica, preconizada por W. W. da Matta e Silva e a raiz de Guiné (década de 60), que de forma combativa oferece uma ordem para esse estado de coisas.

Esse, portanto, foi à base e o alicerce da construção de tudo aquilo que hoje chamamos de movimento umbandista.

Parte II:

O Culto Omolokô, com certeza, historicamente teve e tem um papel relevante no movimento umbandista.

Dentro do conceito de Escola, aqui exposto, embora ainda não aceito e difundido entre todos os filhos da Natureza, o Omolokô tem como objetivo traçado pelo plano da Corrente Astral Superior de Umbanda, o papel de permitir a todos que ainda se afinizam com o Candomblé, cultos afro-brasileiros, entre outros (ex: Catimbó), mas que, no entanto, não desejam deles serem adeptos, a oportunidade de contato e experiência com doutrinas, ritos e liturgias semelhantes, mas não idênticas desses.

Por outro lado, matricialmente enraizado na Umbanda através do trabalho que se realiza com as entidades espirituais, o Omolokô deve providenciar a migração consciencial de seus adeptos para níveis mais profundos e evolutivos, distanciando-os pouco a pouco da forma atual de sua prática e aproximando-os cada vez mais da essência que a catarse do movimento umbandista gerará.

Eis o motivo pelo qual, eu classifico o Omolokô, como uma Escola de transição ou de passagem. Transição ou passagem de uma situação de praticar Umbanda para outra sem elementos do Candomblé e dos cultos afro-brasileiros.

O Tata Ti Inkice Tancredo da Silva Pinto estava correto, naquele momento histórico, em fazer uma ruptura com o que estava acontecendo na Umbanda à época. Da mesma forma, que Zélio rompeu com a monopolização do Espiritismo, abrindo espaço para entidades espirituais que não encontravam guarida no seio das reuniões dos Centros Espíritas, Tancredo organizou uma via alternativa para os egressos dos Candomblés de Caboclo, dos cultos afro-brasileiros, do Catimbó e cultos correlatos.

Usando a Umbanda como fonte matricial, para esta via alternativa, Tancredo organizou o que vulgarmente é denominado de Umbandomblé.

Parte III – A Iniciação no Culto Omolokô

(...) o Culto Omolokô surgiu (década de 1940 em diante) como uma resposta, do Tata Ti Inkice Tancredo da Silva Pinto, a tentativa de alguns umbandistas, em realizar uma aproximação com o Espiritismo e de afastamento das origens africanas, dos seus cultos e religiosidade.

Para isso, Tancredo radicalizou em um caminho inverso, ou seja, aproximação com o Candomblé e os Cultos Afro-brasileiros e a origem africana da Umbanda, organizando o que vulgarmente se denominou de Umbandomblé, e que eu denomino de processo de Candomblelização da Umbanda.

O Tata Tancredo defendeu, de forma veemente, que essa seria a Umbanda verdadeira. Assim, o Culto Omolokô adotou de forma semelhante, mas não idêntica, todos os processos e iniciação do Candomblé, ou pelo menos, se baseou em seus fundamentos para tal fim.

Como uma religião que congrega em suas diversas nações a herança legítima dos cultos africanos, o Candomblé serviu de fundamentação para organização de ritos e liturgias do Culto Omolokô. Isso é bem visível, na forma pelo qual, o Omolokô trata tudo o que se refere a Orixá em seu culto.

Utilizamos as mesmas comidas-de-santo do Candomblé, as mesmas ervas, fazemos o bori frio, respeitamos o xiré, temos o roncó, realizamos feitura-de-santo, utilizamo-nos do sacrifício de animais, as vestimentas e armas dos Orixás são quase idênticas, bolamos com o santo, o fardamento dos filhos-de-santo são semelhantes, os níveis hierárquicos são equivalentes, os símbolos e objetos consagrados são os mesmos (ex. o otá, a quartinha, a louça do santo etc.), cantamos rezas em dialeto, temos saídas de santo e entregamos o deká, entre tantas coisas em comum.

Com relação ao processo de iniciação as semelhanças continuam, embora, como já disse, a forma não seja idêntica.

(Caio de Omulú)

Não se tem notícias de que na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, nas suas sete filiais, bem como na Tenda Mirim, os mais velhos Terreiros de Umbanda do Brasil, a presença dos Protetores Caboclos Sertanejos, dos Protetores Caboclos D'Água, dos Protetores Baianos e dos Protetores Ciganos, como Linhas e Corrente de Trabalhos Espirituais individualizadas. Vinham integradas nas Linhas Mestras somente.

Apetrechos, doutrina e rituais afros mais elaborados também foram influências decisivas em muitas umbandas.

- **ESPIRITISMO E RELIGIÃO KARDECISTA**



Na Umbanda, tivemos uma influência direta importantíssima e necessária dos livros da Codificação Espírita, principalmente dos imprescindíveis: “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns” e “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, os quais são orientados com veemência pelos Guias e Protetores Espirituais da Umbanda, que sejam estudados, entendidos e devidamente aplicados. Do restante, diretamente, não temos influências dos axiomas ou qualquer ligação com a Modalidade Religiosa Kardecista que igualmente se formou em torno do Espiritismo, tornando-se religião, e muito menos com os kardecistas, a não ser o respeito e a boa convivência. Também não há qualquer ligação doutrinária com a opinião formada por alguns Espíritos militantes na Religião Kardecista, que, provavelmente entendem do kardecismo somente. Seguimos, com razão e bom, o que está orientado nos livros da codificação kardeciana. Alguns dirigentes ou médiuns umbandistas seguem por conduta particular e solitária, as orientações da Religião Kardecista.

Agora, o que aceitamos e seguimos com satisfação, são os ensinamentos dados por alguns Espíritos militantes na Religião Kardecista no que tange somente à reforma íntima, autoajuda, mas, desde que estejam calcados nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso. Muitos dos Espíritos e humanos que seguem sua linha evolutiva na Religião Kardecista entendem somente o que se passa no universo kardecista; estes, jamais, em hipótese alguma, poderiam ser arvorar em julgar procedimentos umbandísticos, pois são exclusivamente cristãos, puritanistas, fechados e seguindo tão somente o cristianismo e o espiritismo. A Umbanda é crística, aberta, universalista, não se prendendo a doutrinas exclusivistas, à codificações, nunca sendo cerceada em seu direito divino de livre pensadora, seguindo somente àquilo que é lícito, rejeitando sempre o que é ilícito. Portanto, a Umbanda não tem messias, não tem codificador, não tem “puritanismo doutrinário” e nem regras ditatoriais castradoras limitantes. Não podemos nos esquecer: *“Há mais coisas entre o Céu e a Terra do que imagina nossa vã filosofia (William Shakespeare)”*, e, *“A maior de todas as ignorâncias é rejeitar uma coisa sobre a qual você nada sabe”*. (H. Jackson Brownk)

Uma parcela de dirigentes umbandistas já nasceu no âmago de famílias kardecistas, ou tiveram uma passagem pela Religião Kardecista antes de aderirem a Umbanda. Estes dados revelam que, excluído o catolicismo, o Espiritismo (e não a Religião Kardecista) é a contribuição filosófica mais marcante que se exerceu sobre os umbandistas, sendo que teve uma grande importância na origem da Umbanda e tal contribuição, também se teria feito sentir através do movimento federativo. As federações, uma vez instituídas, atuaram doutrinariamente sobre os Terreiros, através dos princípios espíritas de reencarnação, da evolução espiritual e da moralidade cristã. Sem negar a importância histórica das federações neste sentido, chamamos a atenção, neste momento, para o fato de que a contribuição Kardecista fez sentir-se também sobre os Terreiros através da atuação de dirigentes isolados do movimento federativo e sem serem por ele atingidos, que tiveram sua formação kardecista inicial. Salvo nos casos em que houve uma socialização kardecista, as buscas das “Sessões Espíritas” deram-se em função dos problemas de saúde e de outras ordens, vividos pelos dirigentes em algum momento de suas vidas. Em alguns casos, nos próprios Centros Kardecistas, recomenda-se a idas nos Terreiros Umbandistas e vice versa.

Não há, pois, exclusão da Religião de Umbanda por parte da Religião Kardecista, em que se este se sentir superior a ela. Há casos em que os Guias e Protetores Espirituais são de Umbanda, ou então, o estilo de incorporação, aconselhando-se então a ida dos médiuns aos Terreiros Umbandistas. A passagem para este culto pode se dar em outras razões, inclusive pela inadaptação a séria discursiva e asséptica sessão kardecista. Nos Terreiros Umbandistas, algumas concepções kardecistas são divulgadas oralmente através de leituras de preces, sobretudo a de Cáritas, e de mensagens, evangelização e ensinamentos de alguns Mestres Espirituais atuantes na Religião Kardecista.

A maior contribuição do Espiritismo, portanto, é o abençoado entendimento da fenomenologia mediúnica, onde podemos nos calcar dentro de uma experimentação científica religiosa, e praticarmos a mediunidade, sabedores do que estamos realizando. Sem dúvida alguma, Kardec institucionalizou, explicou e colocou parâmetros importantes na fenomenologia mediúnica. Ele conseguiu tirar a mediunidade das trevas da ignorância, e colocá-la na luz do entendimento. Mas, na Umbanda, a mediunidade se pratica de forma mais abrangente, tendo particularidades que Kardec não estudou, pois no seu tempo a Umbanda não existia. Ainda temos algumas contribuições filosóficas de alguns Espíritos militantes na Religião Kardecista. Só esclarecemos que seguimos os ensinamentos de alguns Espíritos militantes no kardecismo, mas, não necessariamente seguimos ou aceitamos a opinião dos encarnados kardecistas. Tivemos uma importante contribuição da Codificação Espírita, mas, muito pouco da Religião Kardecista.

Muitos creem que pelo fato de se usar uma mesa numa Sessão de Umbanda, conhecida como: “Mesa de Trabalho” o Terreiro foi influenciado e está praticando uma Sessão Kardecista, só pelo fato de ser efetuado alguns tipos de trabalhos espirituais em volta de uma mesa, muitas vezes forrada com uma toalha branca. Muitos umbandistas creem que a simples presença de um trabalho espiritual ser efetuado em volta de uma mesa num Terreiro de Umbanda é influência direta do kardecismo. Ledo engano. O uso de uma mesa qualquer em trabalhos mediúnicos não significa pertencer a uma religião. Inclusive a chamada “Mesa Branca”, foi erroneamente confundida com as práticas kardecistas, gerando muitas confusões, sendo inclusive, e com razão, veementemente refutada pelos kardecistas como nominativo popular de sua religião. Vamos à uma breve explicação:

MESA BRANCA E ESPIRITISMO

Mesa Branca é a prática da mediunidade espiritualista a partir das orientações de um ou mais Espíritos que cuidam dos trabalhos da casa ou grupo local que a pratica a “Mesa Branca”.

Apesar de estar presente em alguns segmentos religiosos sob o nome de “Umbanda de Mesa”, “Kardecismo” ou “Sessão Astral”, a Mesa Branca é normalmente praticada de forma independente sem estar ligada diretamente a qualquer religião. Possui várias linhas diferentes segundo a direção do Espírito Mentor da Casa e podem ser de linhas cristãs e não cristãs. Existe uma confusão muito grande em relação a Mesa Branca e o Kardecismo e isso talvez seja motivado pela semelhança que existe em alguns pontos, como por exemplo, a comunicação mediúnica com os Espíritos e a crença na reencarnação. O Espiritismo é uma doutrina científica e filosófica codificada em 1857 por Allan Kardec. A Mesa Branca, por sua vez, é uma doutrina essencialmente religiosa, desenvolvida a partir das práticas mediúnicas do chamado moderno espiritualismo; não tem regras como no Kardecismo, as quais não permitem que seus adeptos apliquem procedimentos que não constam em sua codificação. A Mesa Branca é uma prática livre que adota ensinamentos e procedimentos de outros seguimentos religiosos segundo as orientações dos seus Mentores. A Mesa Branca é o produto aprimorado daquilo que se conhecia por “mediunismo de mesa”, cujas raízes surgiram muito antes de Kardec, que até então era conhecida por “telegrafia espiritual”, e depois, por “mesas falantes e mesas girantes”; foi a responsável por chamar a atenção de Kardec e outros pesquisadores para o fato das manifestações dos Espíritos ocorrerem a partir das mesas.



A Mesa em si é um objeto indispensável nas sessões espirituais, uma vez que serve de apoio e contato para os trabalhos de um modo geral. É em volta da Mesa Branca que os médiuns se reúnem para uma sessão. É a partir dela que é realizado um estudo, uma preleção, reuniões, evangelização, consultas ou comunicação mediúnica. É através dela que os médiuns realizam seus trabalhos de desobsessão, e principalmente o trabalho de educação mediúnica. Enfim, pode-se utilizar a Mesa para diversos fins. Porque a mesa era branca? A prática de reuniões frívolas e trabalhos malfazejos que alguns grupos realizaram no passado através do mediumismo, também em volta de uma mesa, foi um dos motivos pelo qual se adotou largamente utilizar uma mesa pintada de branco, ou mesmo forrá-la com uma toalha branca para diferenciar os trabalhos de tais grupos e demonstrar assim a boa natureza das sessões promovidas pela casa, sendo então nominada “Mesa Branca”.

(Texto formulado em base na obra: “Manual Prático de Mesa Branca” – Eliseu Lamosa Prado – Editora Virtualbooks)

MESA DE TRABALHO DA UMBANDA

A Mesa de Trabalho também é de uso dos Terreiros de Umbanda desde a sua fundação, e é importante para o desenrolar de um trabalho espiritual. Em cada tipo de trabalho em que é usada recebe a denominação correspondente: Mesa de Descarrego, Mesa Mediúnica, Mesa de Cura, Mesa de Passe, Mesa de Atendimento, Mesa de Desenvolvimento, Mesa de Reunião, Mesa de Reza, etc.

A Mesa de Trabalho utilizada na Umbanda não precisa ser necessariamente pintada na cor branca. Pode-se usar a cor natural da madeira, ou forrá-la com uma toalha branca, ou usar uma toalha na cor da vibratória referente ao uso específico da mesma, em dias de trabalhos espirituais ou mesmo comemorações.

Somente orientamos que no mínimo, no centro da Mesa se use 01 vela branca acesa, uma rosa branca, e um copo contendo água, sal grosso e 01 folha de guiné, cujo conteúdo será despachado na rua após o término de qualquer trabalho. Também, na Mesa, deixamos dentro de um recipiente natural, os nomes dos necessitados.

Em toda e qualquer concentração de pensamento, principalmente em rezas e orações, é sempre mais fácil ter um ponto concreto, um objeto palpável para firmar ou fixar tal pensamento. Assim, a Mesa de Trabalho é um local apropriado para todos buscarem a união, a comunhão com Deus. Sendo a Mesa de Trabalho um ponto de fixação, ou melhor, um ponto onde são fixados todos os processos de rezas orações, trabalhos mediúnicos, descarregos, passes, etc., é um local próprio, adequado, aonde todos aqueles que ali vão, possam dirigir seus pensamentos, canalizando para o mesmo fim.

Os Espíritos da Luz impregnam a Mesa de Trabalho com seus fluidos, deixando-a imantada, tornando-a irradiadora e expansora de fluidos salutares, o que propiciará a todos que ali se reúnem uma ação positiva, tornando-a um local “mágico” por excelência, capaz de induzir boas correntes, perfeitas descargas e outros benefícios. A Mesa de Trabalho é um núcleo de força em atividade constante, poderosa por estar sendo vibrado com várias pessoas em sua volta com suas mãos vibrando sobre ela, agindo como centros atratores, condensadores, escoadores, expansores, transformadores e alimentadores dos mais diferentes tipos e níveis de energia e magnetismo.

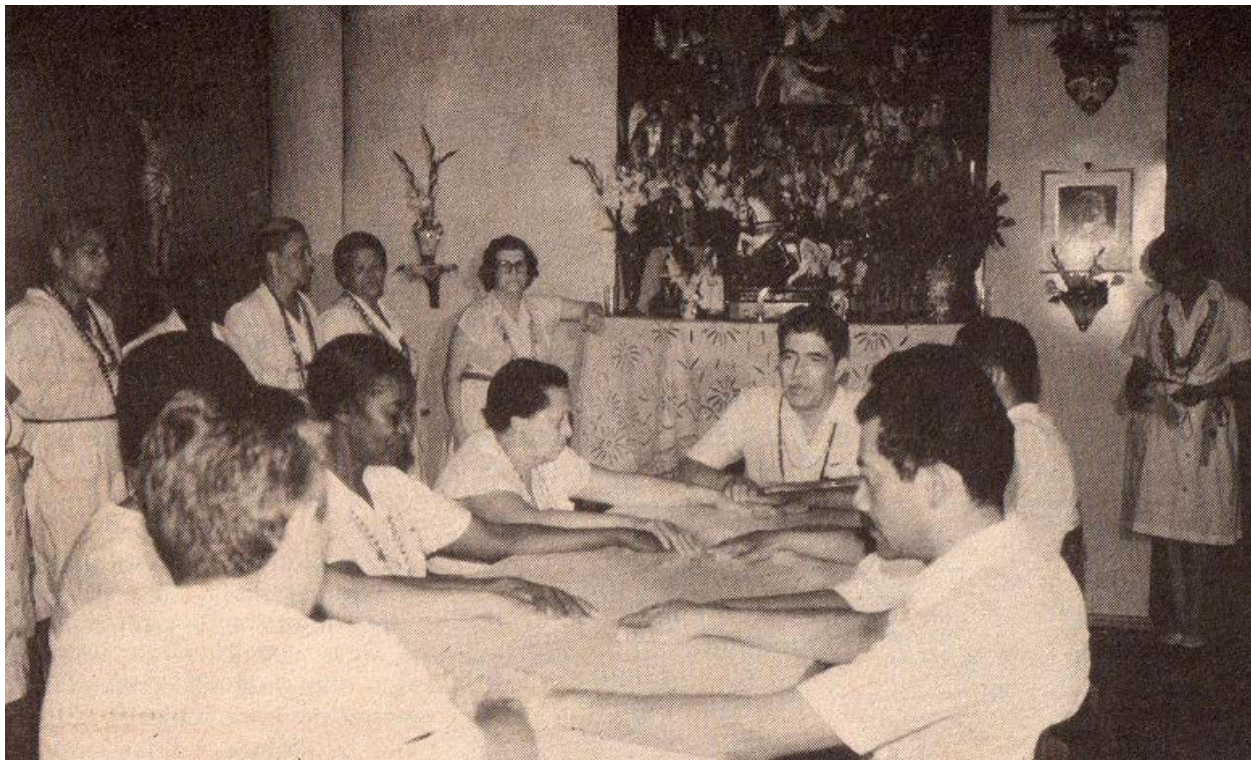
A Mesa de Trabalho é o polo central do encontro com a Espiritualidade; é a Mesa da Cúpula Astral de Umbanda; é a Mesa onde os dons preciosos são dados e recebidos. Lembremo-nos que uma Mesa de Trabalho é da Espiritualidade Superior. Ela é quem nos convida a participar deste ato abençoado. Ela é a hospedeira e nós somos os seus convidados.

Por essa razão, tanto os médiuns de Umbanda como os Guias e Protetores Espirituais, ao passarem pela Mesa de Trabalho, fazem-lhe uma reverência, fazendo o sinal da cruz sobre a Mesa e posteriormente, com um joelho ao chão, encostam levemente a testa sobre a mesma, em atitude respeitosa, procurando nesse momento absorver todas as energias que dali esparge. A Mesa de Trabalho deve ser de madeira (não usar plástico, metal, pedra, mdf, conglomerado, tapume, etc.) sólida e firme, simples, sem adornos desnecessários.

Existe o que chamamos de altar, àquele que geralmente fica em destaque, (o que chamamos de Congá, é o espaço onde os médiuns ficam) encostado numa parede, ostensivamente, que também é composto por uma mesa, mas, exclusivo, longe do alcance das pessoas, tendo acesso somente pelo dirigente ou por pessoas autorizadas.

O altar é apenas um ponto de fixação; um ponto convergente energético, mas, a Mesa de Trabalho onde todos têm a possibilidade de estarem em sua volta, seria sim, o polo concentrador onde magneticamente os médiuns, os assistidos os Guias e Protetores Espirituais se postam, unidos, em trabalhos espirituais formando uma egrégora positiva. Portanto, a Mesa de Trabalho seria propriamente o altar comunitário, partilhado, efetivo de um Terreiro, pois todos terão acesso a ela.

Em 1908, o Sr. Caboclo das Sete Encruzilhadas ordenou que se fizesse os trabalhos em volta de uma Mesa, e, com certeza, não é pelo fato de influência kardecista. O Caboclo sabia o que estava fazendo, e a importância do uso de uma Mesa de Trabalho na Umbanda: (...) *“Amanhã, na casa onde meu aparelho mora, haverá uma mesa posta a toda e qualquer entidade que queira ou precise se manifestar, independentemente daquilo que haja sido em vida, todos serão ouvidos e nós aprenderemos com aqueles Espíritos que souberem mais e ensinaremos àqueles que souberem menos e a nenhum viraremos as costas e nem diremos não, pois esta é a vontade do Pai”*.



Mesa de Trabalho em Descarrego (desobsessão) na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade – 1973



Mesa de Trabalho em Descarrego (desobsessão) num Terreiro em Jacarepaguá/RJ na década de 1970



**Mesa de Trabalho do “Templo da Estrela Azul
– Casa de Caridade Umbandista”**



**Mesa de Trabalho da “Tenda Espírita
São Jorge”**

Vamos a um relato de como acontecia os trabalhos em alguns Terreiros de Umbanda em tempos idos, realizados numa Mesa de Trabalho, chamada de: “Mesa de Umbanda”, e sua importância em época.

MESA DE UMBANDA

O Templo Umbandista deve ser simples, sóbrio e harmonioso em seu aspecto. A pintura deve ser clara, de preferência branca. O salão deve ser retangular e a parte destinada ao organismo mediúnico deverá ser separada por uma grade, tendo ao centro uma passagem aberta para a entrada e saída dos elementos que formam a corrente mediúnica.

O recinto dos trabalhos deve ocupar uma área que represente um terço do comprimento do salão e estabelecido sobre uma base que esteja cinquenta centímetros mais alta que o restante do salão. Três degraus devem ser colocados diante da passagem existente ao centro da grade, os quais representam os três graus de iniciação umbandista. Sobre o estrado funcionarão as Mesas de Umbanda designadas por: Mesa de Oxalá, Mesa de Ogum e Mesa das Almas.

A Mesa de Oxalá representa e ocupa de fato a segurança dos trabalhos mediúnicos e a condução de todo o corpo mediúnico. Assim sendo, a ela cabe a orientação e direção dos trabalhos. A sua corrente representará os sentidos e a força do diretor-presidente espiritual da instituição, mantendo com ele laços íntimos de colaboração. Assim, sendo, a ela cabe a orientação e direção dos trabalhos. A sua corrente representará os sentidos e a força do diretor presidente espiritual da instituição, mantendo com ele laços íntimos de colaboração.

A Mesa de Ogum, que ocupa lugar à direita da primeira, um pouco mais à frente, destina-se a manter a segurança do equilíbrio dos trabalhos e do ambiente. Seus trabalhos devem correr com calma, ponderação e exatidão. Comportando a segunda ordem mediúnica, destina-se, na parte dos fenômenos a produzir: materializações dos corpos astrais e sua projeção à distância; cirurgias astrais; transportes de objetos; ressuscitação de plantas para os trabalhos de magia; condensação de fluidos e outros fenômenos. Sua ação se estende aos médiuns que estejam trabalhando no Terreiro e que formam a ala direita da corrente. Toda vigilância no campo astral é feita pela mesa de Ogum, que toma as ocorrências verificadas e as leva ao conhecimento da mesa de Oxalá para que sejam determinadas as medidas compatíveis com a natureza de cada caso. Toda vigilância no campo astral é feita pela Mesa de Ogum, que toma as ocorrências verificadas e as leva ao conhecimento da Mesa de Oxalá para que determine as medidas compatíveis com a natureza de cada caso.

A terceira mesa é a Mesa das Almas. Sua missão é de grande importância e responsabilidade, uma vez que trabalha com os elementos visíveis e também invisíveis da Natureza. Quando as três mesas trabalharem em conjunto, o Presidente dirigirá o trabalho auxiliado por um dos diretores.

Durante esses trabalhos deverá reinar a mais absoluta harmonia, a fim de que possam ser obtidos os auxílios para aqueles que necessitam de proteção e que comparecem à sessão em busca da caridade, que é a verdadeira finalidade da Umbanda.

- **Mestre de Mesa:** É o médium dirigente dos trabalhos.
- **Assistente de Mesa:** Assim é designado o protetor espiritual das sessões de Terreiro.
- **Fazer a Mesa:** O mesmo que abrir uma sessão e os respectivos trabalhos, sob a orientação do chefe de Terreiro.
- **Pai de Mesa:** Dirigente. Chefe de Terreiro.

(Dicionário da Umbanda – Altair Pinto – Editora Eco – 1957)

Dos primeiros pontos cantados de Umbanda, temos várias referências quanto a Mesa de Umbanda:

- “Andorinha voou; Os anjinhos foram buscar; Quando voltou; Salve grande Oxalá; Tenham fé meus cafió; Que em **Mesa de Umbanda**; Oxalá tem que vencer”
- “Gruzeia, gruzeia meus caros filhos; Na **Mesa de Umbanda**; Quem manda é Deus”
- “Ele vem do cativeiro. Benedito do Cruzeiro; Ele é chefe de congá; Com a permissão de Oxalá; Auê, na **Mesa de Umbanda**; Auê, na **Mesa de Umbanda**. Auê, Benedito no congá”.
- “Turumbamba na **Mesa de Umbanda**, auê; Turumbamba na **Mesa de Umbanda**; Chegou minha povo; Que veio trabaíá na **Mesa de Umbanda**”.
- “Santo Antônio é **Santo de Mesa**; São Benedito é Santo maior; Quero ver, quero ver; Na **Mesa de Umbanda** eu quero ver”.
- “Aruandê, aruandê, aruandá; Salve as crianças do Terreiro de Oxalá; Hoje tem alegria, hoje tem alegria; Hoje tem alegria na **Mesa de Umbanda**; Hoje tem alegria”.

Entre outros...

Vejam como acontecia a “Mesa das Almas”, principalmente em sessões de descarrego (desobsessão) em tempos antigos em época de escravidão, em algumas Irmandades do Rosário dos Homens Pretos:

MESA DAS ALMAS

(...) Rezava-se uma oração a Salauim (mortos), usada outrora pelos Ganga-Ti-iamba, (sacerdotes responsáveis pelos eguns). Mais tarde, passavam estes sacerdotes a se chamarem Tatás (pais) das Almas e nessa qualidade, explicavam e difundiam seus conhecimentos (...).

Os Ganga-Ti-iamba passaram, como já dissemos, ao grau de Tatá das Almas, que doutrinavam os kiumbas, formando as “Mesas das Almas”. Nessas concentrações, como não havia velas de espermacete, era feita à luz do azeite de mamona (carrapateiro) e grisetas, num canudo de bambu (...).

Daquela época em diante, espalharam-se por todo o Brasil as “Mesas das Almas” (...).

Como é perigoso lidar com esses Espíritos desencarnados (kiumbas) eram tratados nas “Mesas de Rezas”, a fim de livrar a todos das influências maléficas.

(Trecho formulado pela Tenda Espírita Caxana, adaptado pelo autor).

Também recolhemos um texto, onde o termo “Mesa” é utilizada como ponto principal de um culto, a Cabula, anterior a Macumba. Todo o trabalho era efetuado em torno de uma mesa ou de uma toalha branca disposta no chão, com imagens e apetrechos de culto, que era chamada de Mesa, onde todos trabalhavam em volta:

“(...) Em vez de Sessão, a reunião dos Cabulistas tem o nome de Mesa. Há duas Mesas Capitulares: a de Santa Bárbara e a de Santa Maria, subdividindo-se em muitas outras, com as mesmas denominações. Disseram-nos que havia uma terceira Mesa – a de São Cosme e São Damião – mais misteriosa e mais central, que exercia uma espécie de fiscalização suprema sobre as duas outras, cujos iniciados usavam, nas reuniões, compridas túnicas pretas que cobriam o corpo todo, desde a cabeça até os pés – uma espécie de saco dos antigos penitentes. Nada, porém, podemos asseverar nesse sentido. Graças a boas informações, ministradas ocultamente, podemos fazer uma ideia perfeita desta perigosa associação. O chefe de cada Mesa tem o nome de Enbanda, e é secundado nos trabalhos por outro que se chama Cambone. A reunião dos Camanás forma a Engira (...)”. (Texto de Dom Batista Corrêa Bery – “Carta Pastoral – Espírito Santo”, escrita em 1901)

Da “Mesa das Almas” usada nas Irmandades do Rosário dos Homens Pretos em época da escravidão, surgiu, posteriormente, a “Mesa de Umbanda” nos Terreiros umbandistas.

Com o passar do tempo, e a confusão formada pela desinformação do que realmente seria “Mesa Branca” (explicada acima) e a mesa utilizada em sessões kardecistas, infelizmente, os umbandistas deixaram de usar a importante Mesa de Trabalho na Umbanda, pois acharam estar sendo confundidos por estarem praticando uma “Umbanda Kardecista”. Hoje, infelizmente, poucos Terreiros utilizam a eficiente Mesa de Trabalho. Alguns que usam são erroneamente denominados de: “Umbanda de Mesa”.

Muitos têm, erroneamente, a “Mesa de Trabalho” na Umbanda, nominando-a de “Mesa de Umbanda”. A Mesa de Umbanda é a nomação dos rituais magísticos efetuados quando se usa pontos riscados no chão, alguns com oferendas, para a firmeza e a segurança dos trabalhos espirituais. Confundiram o uso de uma mesa onde se reúne em sua volta em devoção, com trabalhos magísticos efetuados no chão de um Terreiro. Na Mesa de Trabalho na Umbanda consegue-se a formação efetiva da egrégora formadora da segurança dos trabalhos espirituais.



“Mesa de Umbanda” firmada na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade



“Mesa de Umbanda” firmada na Casa Branca de Oxalá – Lagoa Santa/MG

Conclusões:

A questão da importância de se estar em volta de uma mesa em trabalhos espirituais, cremos, que surgiu em referência a Santa Ceia, onde Jesus fez sua última reunião de ação de graças com seus apóstolos. Da Santa Ceia, a doutrina religiosa que fez uso de uma mesa como centro de toda celebração foi a Igreja Católica, onde ganhou a denominação de: “Mesa da Eucaristia, ou Mesa Eucarística”.



Santa Ceia



Mesa Eucarística

“A peça central da igreja, a mais importante, é a Mesa da Eucaristia, o altar. A igreja toda é construída em função do altar. Para a celebração do mistério da liturgia sagrada pode-se, em situações especiais, dispensar tudo, menos a Mesa da Eucaristia. Ela é símbolo do próprio Cristo, presente nesse lugar. Por isso, o sacerdote a beija no início e no fim da celebração, e tanto ele quanto qualquer pessoa, ao passarem pelo altar, fazem-lhe reverência com uma leve inclinação de cabeça. É o lugar para o qual toda a atenção dos fiéis deve dirigir-se naturalmente. Fora do horário das celebrações, não precisaria estar coberto com toalha; esta pode ser colocada no início da liturgia eucarística: preparar a mesa para o banquete sagrado! É o que o presidente da celebração faz ritualmente, quando desdobra e estende sobre o altar o corporal. A toalha deve cair só nas laterais, para ser mais nobre e não esconder a beleza da peça. Nunca seja de plástico! A Mesa Eucarística representa Jesus Cristo. Por isso, é importante que esteja sempre bem arrumada, com toalhas limpas e bem passadas. As toalhas devem ser de cor branca”. (www.espiritocristao.com.br)

Muitos não sabem, mas, antigamente, no centro das Mesas Eucarísticas nas igrejas católicas, havia uma pequena cavidade onde se coloca uma pedra, comumente de mármore, denominada “Pedra D’ara”, que encerra dentro de si relíquias de santos mártires, recordando o costume primitivo cristão de celebrar o Santo Sacrifício sobre o túmulo dos mártires e suas preciosas relíquias. Durante a missa, o cálice e a Hóstia devem pousar sobre a Pedra D’ara. De acordo com o Pontifical Romano (De Eccles. Consecratione) e conforme a Congregação dos Ritos Sagrados, em 1906, a relíquia de um mártir deve ser colocada nos altares (mesa ou suportes laterais ou central), especialmente daquele Santo ao qual a igreja ou altar é dedicado.

Essas relíquias devem ser partes do corpo do Santo e não simplesmente de suas roupas ou outros objetos que ele tenha usado ou tocado e devem ser autenticadas. Nessa pequena cavidade na pedra, deve ser colocado, além da relíquia, três grãos de incenso e um pedaço do pergaminho atestando a consagração, e deve ficar recoberta com material sólido idêntico ao do altar (geralmente pedra, mármore ou granito) e nesse pedaço deve ser gravada uma cruz. Esta cavidade é chamada, em linguagem eclesial, de “sepulcro”.



Neste pequeno quadrado, o sepulcro, na parte inferior, embaixo, é onde se deposita a relíquia do corpo do Santo, três grãos de incenso e um pedaço do pergaminho atestando a consagração

O altar, para os cristãos lembram Jesus, a “pedra angular” (At 4,11) e o lugar do sacrifício, e no período pré-Concílio Vaticano II, a missa era celebrada num altar de pedra ou havia sempre uma pedra no seu centro onde sobre ela, eram colocados a patena e o cálice da celebração – era a “Pedra D’ara”, ou “pedra do altar”, à qual se juntavam relíquias dos mártires. A partir daí, outras doutrinas passaram a reunir-se em torno de uma mesa para suas celebrações espirituais.

Interessante que nesse procedimento católico (Pedra D’Ara), iguala-se aos Otás (pedras sagradas) dos Orixás também colocados sob e/ou sobre o altar.

No capítulo abaixo, também observaremos o uso e a importância da Mesa de Trabalho, no culto do Catimbó.

• **CATIMBÓ E O CULTO DA JUREMA**

Vamos agora dar um esboço sobre o Catimbó e o Culto da Jurema, ancestrais e atuais, para entendermos a suas contribuições para a Religião de Umbanda. Vamos perceber a similitude entre o Culto da Jurema e do Catimbó com a Umbanda, no que tange, somente, às manifestações arquetípicas fluídicas regionais utilizadas pelos Espíritos.

A cerimônia ancestral do Ajucá ou Jurema, praticamente desapareceu do Brasil, muito embora ainda existam povos que ainda as pratiquem, e atualmente é um dos rituais que combinam elementos cristãos, indígenas, espíritas e afro-brasileiros. O nome jurema é originário de uma árvore (Mimosa Hostilis), cujas raízes e cascas os Pajés faziam uma bebida ritualística com princípios psicoativos, capaz de facilitar possessões e fazer com que o fiel se sinta ligado com a espiritualidade (não confundir com o Espírito que utiliza o nome de Cabocla Jurema).

O antigo ritual realizado pelos indígenas supunha que os guerreiros poderiam viajar ao mundo dos Espíritos tomando a poção. Os índios sonhavam, mas eram somente as mulheres que interpretavam tais sonhos e podiam revelar o passado e o futuro.

Dois grandes grupos indígenas praticavam este ritual: os Jês (tapuias) e os Karirís. Os detalhes destas cerimônias ficaram perdidos para sempre, pois nenhum historiador ou escritor se preocupou em escrevê-los. Até o século XIX, o fato de beber jurema era considerado um ato de bruxaria ou prática de magia e seu uso era secreto. Alguns indígenas foram presos praticando este ritual, entretanto foram eles que ensinaram aos brancos e mestiços o uso da planta, nascendo daí o Catimbó/Jurema.

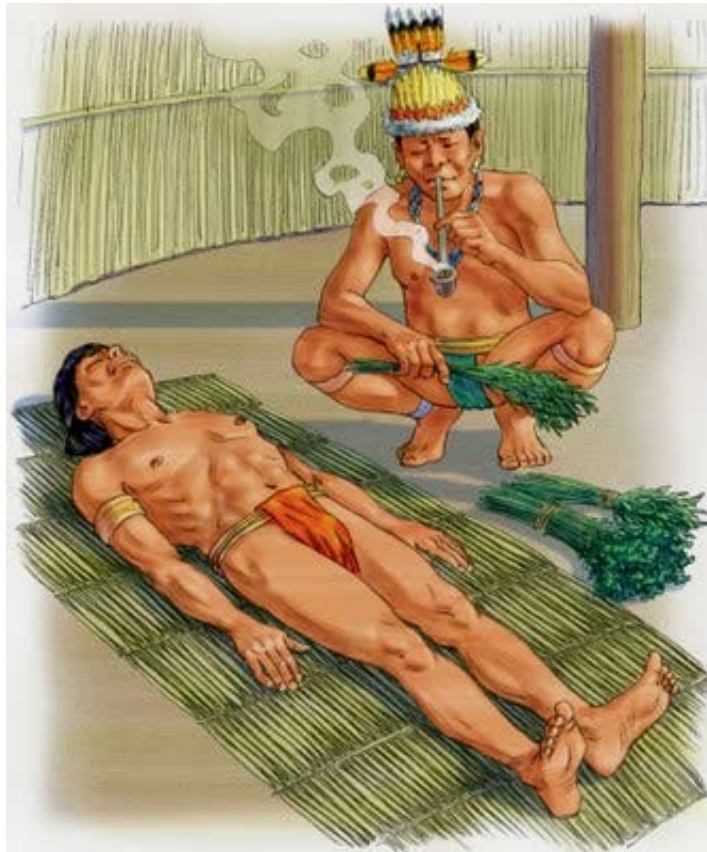
O Catimbó/Jurema pratica resquírios deturpados da bruxaria ibérica, ensinada para o povo brasileiro miscigenado, não por bruxas advindas da Europa, mas simplesmente pelos muitos ciganos que aqui aportaram juntamente com os portugueses.

A trajetória dos ciganos no Brasil começa no ano de 1574 com a chegada do primeiro cigano que se tem notícia. Muitos eram nomeados Meirinhos da Corte, pessoas que levavam as notícias e comunicados do Reino de Portugal a todas as Terras Brasileiras, inclusive muitos, trabalhando também como Bandeirantes.

“A maior parte dos ciganos que chegou ao Brasil colônia veio da península Ibérica. Algumas comunidades, situadas no interior do país viviam do comércio de cavalos (um legado da atividade que exerciam na Europa) e também da revenda de escravos – Revista Superinteressante edição 251 – abril/2008.

Esses ciganos eram especializados na fabricação de artefatos de ferro, cobre, etc., bem como no trato com cavalos e posteriormente, investiram seus esforços no comércio de escravos. Os ciganos por serem nômades por natureza viajaram por todo esse Brasil afora levando suas artes e tudo o que aprenderam em questões mágicas, ensinando tudo isso a quem lhes era confiável e simpático. Assim nasceu o Catimbó/Jurema, mistura de católicos médiuns, praticantes de uma Pajelança e da bruxaria ibérica deturpados. Era o bruxo brasileiro.

ORIGENS DO CULTO DA JUREMA



Pajelança

A Jurema Sagrada é remanescente da tradição religiosa dos índios que habitavam o litoral da Paraíba, e dos seus Pajés, grandes conhecedores dos mistérios do além, plantas e dos animais.

Depois da chegada dos africanos no Brasil, quando estes fugiam dos engenhos onde estavam escravizados, encontravam abrigo nas aldeias indígenas, e através desse contato, os africanos trocavam o que tinham de conhecimento religioso em comum com os índios. Por isso, até hoje, os grandes mestres juremeiros conhecidos, são sempre mestiços com sangue índio e negro (cafuzos).

Os africanos contribuíram com o seu conhecimento sobre o culto dos mortos e das divindades da Natureza, os Orixás Voduns e Inkices. Os índios contribuíram com o conhecimento de invocações dos Espíritos de antigos Pajés e dos trabalhos realizados com os encantados das matas e dos rios. Daí a Jurema se compor de duas grandes linhas de trabalho: a Linha dos Mestres de Jurema e a Linha dos Encantados (...).

(Wikipédia, a enciclopédia live)

O REINO DOS MESTRES DA JUREMA E DO CATIMBÓ

Vamos agora apontar alguns tópicos do livro: *“O Reino dos Mestres – A tradição do Jurema na Umbanda Nordestina”* de Luiz Assunção – Editora Pallas. Este excelente livro deve ser lido por todos, por se tratar de uma grande obra literária, fruto de exaustivas pesquisas.

Pág.17 – (...) é o conjunto de crenças e práticas religiosas da tradição indígena denominado Culto da Jurema, vivido através de um processo secular de trocas e transformações culturais e fidundudi na religiosidade Nordestina, principalmente no Universo religioso da Umbanda. É uma crença secular, enraizada na cultura brasileira.

Pág.21 – (...) nesse tipo de ritual, não há promessas, votos, unidade do protocolo sagrado.

Pág.21 – (...) o Catimbó e o espiritismo popular são um apelo aos Espíritos místicos ou aos Espíritos dos matos para que venham ajudar os pobres viventes a elevar-se espiritualmente e a encontrar uma solução para seus problemas cotidianos, inclusive os da saúde física (...).

Pág.21 – (...) da existência de uma identidade brasileira formada pela interpretação de traços culturais heterogêneos, originados dos índios, brancos e negros.

Pág.75 – As primeiras formas de elaboração do Culto da Jurema foram descritas pelos cronistas e viajantes a partir do século XVI, e, mais tarde, pelos holandeses, quando, viajando pelo sertão, narraram a vida e a cultura do povo tapuia (...) essas descrições tratam de rituais em que bebiam, fumavam, manipulavam ervas naturais, invocavam seus antepassados, como elementos culturais inseridos nos costumes de práticas vividas coletivamente. Com o avanço do processo de colonização, a população indígena foi sendo incorporada à sociedade nacional e, conseqüentemente, suas práticas culturais foram reelaboradas ...).

Pág.75 – (...) a concepção e a prática do Catimbó nordestino, procurando compreender como foi o processo de reelaboração do Culto da Jurema, indígena, coletivo, para o Catimbó Nordestino, e qual a concepção assumida nesse contexto histórico, situando-o como parte de um processo dinâmico de reelaboração das práticas culturais.

A HISTÓRIA DO CATIMBÓ



Cerimônia do Catimbó Ancestral de Mesa do Mestre Luiz Gonzaga Ângelo (Pernambuco), fotografada pela Missão de Pesquisas Folclóricas conduzida por Mário de Andrade em 1938

Catimbó é um conjunto de práticas religiosas brasileiras, oriundas do Culto da Jurema e com diversos elementos do catolicismo; dependendo do lugar onde é praticado, influências africanas também são notáveis. O Catimbó baseia-se no culto em torno da planta Jurema e do uso do cachimbo.

Muitos praticantes minimizam a origem indígena e a influência africana devido ao preconceito que essas culturas sofrem por parte de algumas mentalidades; por esse motivo, tais praticantes sustentam que o Catimbó é somente calcado no cristianismo, o que é uma mentira em absoluto. A influência afro-ameríndia é notada em qualquer reunião de Catimbó no país. Não há dúvida que o Catimbó é xamanista com muitas práticas de pajelança deturpada, mas é baseado em Mestres, apesar de os Caboclos também participarem (...).

(...) O Catimbó é uma prática ritualista mágica com base na religião Católica de onde busca os seus Santos, óleos, água benta e outros objetos litúrgicos. É também uma prática Espírita que trabalha com a incorporação de Espíritos de ex-vivos chamados Mestres e é através deles que se trabalha principalmente para cura, mas também para a solução de alguns problemas materiais e amorosos, mas, é importante destacar que a prática da cura é a principal finalidade.

Não se encontram no Catimbó, nas suas práticas e liturgias os elementos das nações africanas de forma que classificar o Catimbó como uma seita afro-brasileira é um erro. Mestres não se subordinam a Orixá e fora o aspecto de que certamente ele é, também, praticado por negros não existe outra relação direta com cultos africanos. Para aqueles que consideram o Catimbó afro-brasileiro nos perguntamos: Onde estão os elementos afro-brasileiros?

De fato a mitologia e teogonia do Candomblé é rica e complexa; a do Catimbó é pobre e incipiente, seja porque a antiga mitologia indígena perdeu-se na desintegração das tribos primitivas, na passagem da cultura local para a cultura dos brancos que estavam dispostos a aceitar os ritos, porém não os dogmas pagãos, na sua fidelidade ao catolicismo, seja porque o Catimbó foi mais concebido como magia do que como religião propriamente dita, devido sobretudo aos elementos perigosos e temíveis e às perseguições primeiro da igreja e depois da polícia.

Além dos dogmas da religião Católica, o Catimbó incorpora componentes europeus como o uso do caldeirão e rituais de magia muito próximos das práticas Wiccas.

Tanto dos europeus como dos brasileiros o uso de ervas e raízes é básico e fundamental nos rituais. Cada Mestre se especializa em determinada erva ou raiz. Não existe Catimbó sem Santo Católico, sem Terço, sem água benta, sem reza, sem fumaça de cachimbo e sem bebida, que pode nem sempre ser a Jurema (Catimbó não é o Santo Daime).

Portanto, Catimbó é um conjunto específico de atividades mágico-religiosas, originárias da Região Nordeste do Brasil. Conhecido desde meados do século XVII, o Catimbó resulta da fusão entre as práticas de magia provenientes da Europa (nota do autor: Conforme já explanado, quem ensinou a magia ibérica foram os Ciganos, que chegaram ao Brasil em 1574) e rituais indígenas de pajelança deturpada, que foram agregados ao contexto das crenças do catolicismo. Conforme a região de culto, influências africanas podem ser notadas, de forma limitada, entretanto.

Etimologia

A origem do termo Catimbó é controversa, embora a maior parte dos pesquisadores afirme que deriva da língua tupi antiga, onde “caá” significa floresta e “timbó” refere-se a uma espécie de torpor que se assemelha à morte. Desta forma, Catimbó seria a floresta que conduz ao torpor, numa clara referência ao estado de transe ocasionado pela ingestão do vinho da Jurema, em sua diversidade de ervas. Um grupo menor de antropólogos, porém, afirma que o vocábulo originou-se da junção entre “cat”: fogo, e “imbó”: árvore, neste mesmo idioma. Assim, fogo na árvore ou árvore que queima relataria a sensação de queimor momentâneo que o consumo da Jurema ocasiona. Em diversos estados do Nordeste brasileiro, onde os rituais de Catimbó são frequentemente associados à prática de magia negra, a palavra ganha um significado pejorativo, podendo englobar qualquer atividade mágica realizada no intuito de prejudicar outrem.

Terminologia

O termo catimbozeiro é usado para designar os adeptos do Catimbó, embora, no Nordeste, ofensivamente, também possa referir-se a qualquer praticante de magia negra, Candomblé ou Kimbanda. O vocábulo Juremeiro, também pode, embora erroneamente, referir-se aos praticantes de Catimbó; entretanto, em linhas gerais, o tratamento é destinado ao indivíduo que, além do Culto a Jurema, é devoto dos Orixás do panteão africano, integrando, assim, a nação Xambá. Ademais, diversos credos distintos fazem uso dos efeitos psicóticos da Jurema, embora nenhum deles possa, de fato, ser considerados Catimbó.

Nota do autor: Cremos, que devido ao preconceito criado em torno do nome – “catimbozeiro” – significando feiticeiro, muitos praticantes do Catimbó se autodenominam: Juremeiros.

(<http://www.espiritualismo.hostmach.com.br/catimbo.htm>)

Vamos dar um pequeno ensaio, sem nos aprofundar, nas Cidades Espirituais do Catimbó, também conhecidas como Aldeias ou Reinos dos Mestres. Alguns dizem existir 12 Aldeias ou Reinos, mas aqui, daremos as 07 Aldeias do Catimbó Ancestral. O que aqui será descrito é somente uma pincelada, pois o estudo mais profundo não é ensinado e nem falado a ninguém pelos catimbozeiros. Embora seja tudo muito simples e sem maiores complicações doutrinárias ou metafísicas, lá, tudo é guardado a sete chaves, e ensinado tão somente para os iniciados.

Observem a similitude entre as Aldeias (ou Reino) do Catimbó e a Aruanda da Umbanda; entre os Mestres e as “incorporações” regionalizadas dos Guias e Protetores Espirituais da Umbanda:

- **Aldeia ou Reino de Josafá**

Habitada por Mestres que em vida eram católicos fervorosos. É a Aldeia dos Santos, padres, freiras, rezadores e benzedores. O principal instrumento de força, de magia, é o Rosário e o Terço. Na Mesa de Josafá (mesa de reza) é onde todos ficam sentados, mesmo incorporados, e ficam rezando o Terço ininterruptamente perante uma cruz e uma imagem de Santo Antônio; 01 príncipe (taça com água) e 01 bugia (vela branca). São os que conhecemos na Umbanda como: Sakaangás e Semiombas.

- **Aldeia ou Reino do Vajucá**

Vajucá é constituído por Mestres que trabalham com plantas e a própria terra. Sabem fazer remédios com argila e ervas, sendo também exímios preparadores de marcas-mestras (misturas de fumo com ervas) para cachimbo, usados em diversos atendimentos espirituais. São os que conhecemos na Umbanda como Caboclos Sertanejos (Caboclos Boiadeiros e Caboclas Rendeiras). Alguns Mestres que atuam nessa Aldeia: Mestre Carlos, Mestre Luiz, Mestre Tertuliano, Mestre Carlos Violeiro, Mestre Carlos Velho, Mestre João da Mata, Mestre Sete laços, Mestre Vaqueiro, Mestre Boiadeiro, Mestra Faustina, Mestra Justina, Mestra Vicência, Mestra Bevenuta, etc.

- **Aldeia ou Reino do Urubá**

Habitada por Mestres africanos que são os legítimos erveiros, grandes conhecedores da magia ervanária. São os que conhecemos na Umbanda como Pretos-Velhos. Alguns mestres que atuam nessa Aldeia: Pai Tomé; Mãe Maria de Mina, Pai Palmares, Pai Joaquim, Pai Chico Feiticeiro, Feiticeiro de Luanda, etc.

- **Aldeia ou Reino de Canindé ou Pedra Branca**

Habitada por Mestres especializados na magia Ibérica (magia europeia). São os que conhecemos na Umbanda como Ciganos.

- **Aldeia ou Reino do Rio Verde ou Fundo do Mar**

É onde é soberano o poderio feminino e de morada dos Elementais Sereias, Tritões, Ondinas, Yaras, etc. São os que conhecemos na Umbanda como Corrente das Sereias, Tritões e das Yaras. Também habitada por Mestres ribeirinhos (moravam na beira dos rios e beiras de praias, sendo grande parte da bacia amazônica, rio Solimões e região litorânea). Grandes conhecedores das ervas das florestas e da magia das águas. São os que conhecemos na Umbanda como Caboclos D'Água (Caboclos Marinheiros, Caboclos Marujos, Caboclos Pescadores, Caboclos Barqueiros, Caboclos Canoeiros, Caboclos Caiçaras e Caboclas Lavadeiras). Alguns mestres que atuam nessa Aldeia: Mestre Martim Pescador, Mestre Canoeiro, Mestra Inajá, Mestra Indaiá, Mestra Janaína, Mestra Mariana, Mestre Canoeiro, Mestre Jangadeiro, etc.

- **Aldeia ou Reino do Juremal ou Juremá**

É a morada dos índios brasileiros (Pajés, guerreiros, guerreiras e curumins). Os Caboclos do sexo masculino têm o semblante carrancudo. Sua voz, normalmente faz-se ouvir claramente. Descem em geral estalando os dedos e emitindo um som sibilante e/ou brados. Quando em reuniões, ao som do maracá, dançam em círculo, dobrando um joelho e deixando a outra perna atrás. Nas festas a sua coreografia muda assumindo os passos dançados pelos “caboclinhos” dos folguedos populares do carnaval pernambucano.

As Caboclas têm uma expressão facial de maior suavidade e, normalmente, falam uma linguagem onde se intercala no início das palavras, a sílaba si. Alguns mestres que atuam nessa Aldeia: Cabocla Cunham Aracy, Caboclo Pedra Branca, Caboclo Pedra Preta, Caboclo Pena Preta, Caboclo Flecheiro, Caboclo Ventania, Caboclo Serra Negra, Caboclo Bem-Te-Vi, Caboclo Flecheiro, Caboclo Cauã, Caboclo Marimbondo, Caboclo dos Montes, Caboclo Juarez, Caboclo Juçanã, etc. São os que conhecemos na Umbanda como: Caboclos da Mata. Também é morada dos Caboclinhos crianças (curumins), sejam de um sexo ou de outro, descem pedindo mel, balas e frutas. São pouco ascéticos quando comem estes alimentos, depositando e misturando os ingredientes no próprio chão do local de culto. É costume, ainda, lambuzarem a si e aos com que compartilham de seu alimento.

Muitas vezes querem comer pequenos insetos e répteis que encontrem nas casas de culto, sob o argumento de que nas matas comem destes animais. São brincalhões e falam uma linguagem infantilizada. São os que conhecemos na Umbanda como: Crianças. Alguns Mestres que atuam nessa Aldeia: Mestre Curumim, Mestre Tupãzinho, Mestre Mirim, etc.

- **Aldeia ou Reino da Vela Preta. Também conhecida como Aldeia do Tigre.**

Essa é a Aldeia das fumaças as esquerdas. Os Mestres que moram nessa Aldeia espiritual, são os que conhecemos na Umbanda como Exus e Pombas-Gira. Seus símbolos é a vela preta (Mestres da esquerda) e vela vermelha (Mestras da esquerda). O local inicial de adoração é o fundo do Rio Negro. Alguns Mestres que atuam nessa Aldeia: Mestre Malunguinho, Mestre Galo Preto, Mestre Sete Facas, Mestre Bode Preto, Mestre João Caveira, Mestre João Feiticeiro, Mestra Maria Galega, Mestra Rosa Caveira, Mestra Maria Padilha, Mestra Maria Molambo, Mestra Maria dos Anjos, Mestra Paulina, Mestra Ritinha, Mestra Severina, Mestra Júlia Galega, Mestra Rita Navalhada, Mestre Zefinha, Mestra Chiquinha, etc.

Vamos agora a um relato interessante de como se processava o Catimbó original (ancestral). Era um culto simples, voltado ao auxílio aos necessitados. Muito parecido com o que se pratica na Umbanda:

CATIMBÓ – MAGIA DO NORDESTE

(...) “A verdade é que o Catimbó praticado no Nordeste difere grandemente do Candomblé, Xangô ou Macumba.

Observa-se que ele não possui, como nos cultos acima, uma hierarquia sacerdotal. Não exige período de iniciação, não havendo preceitos especiais, rituais, cerimônias, trajes, toques, etc., próprios desses cultos. O chefe do Catimbó é o Mestre, sendo o ritual que comumente pratica muito semelhante às práticas espíritas comuns.

Entretanto, encontra-se nos Catimbós, Caboclos (índios), Pretos-Velhos. Baixam Espíritos como Mestre Carlos, índio Pinavarassu e Anabar, Pretos-Velhos como Pai Joaquim, etc. Estas entidades acostam-se (nota do autor: acostar é um termo usado pelo Catimbó para designar incorporação) durante a sessão do Catimbó, receitando e aconselhando, consolando e tratando de todos os filhos fiéis. Os Mestres do Catimbó, diferindo dos Babalorixás e lalorixás dos cultos africanos, têm, entretanto, a mesma bondade e cuidado com os seus filhos. Suas práticas são mescladas de feitiçarias africanas e indígenas, rezas católicas e invocações espíritas.

Os Mestres do Catimbó usam defumar seus filhos com a fumaça dos cachimbos, a fim de livrá-los dos maus fluidos que lhes estejam causando algum mal estar. Ao baixar das entidades invocadas, são entoados seus linhos (nota do autor: Pontos Cantados) – melodias particulares e características de cada Mestre – e que revelam sua vida. Não possui o Catimbó instrumentos de percussão, nem alimentos votivos característicos. Não se empregam danças nem vestimentas especiais. Como se observa, o Catimbó é mais uma mistura de catolicismo e espiritismo. A sua prática é executada da seguinte forma:

- 1º) Prepara-se uma mesa grande, forrada com uma toalha branca. Em cima da mesa são colocadas flores e velas acesas.
- 2º) São preparados defumadores, os cachimbos dos senhores Mestres, com fumo picado e misturado com ervas específicas.
- 3º) Prepara-se o Vinho da Jurema.
- 4º) Sentam-se todos concentrados em torno da mesa e o chefe dá início aos trabalhos, com uma prece. Em seguida abre-se a mesa cantando os linhos (nota do autor: pontos cantados)” (...).

(...) “Chama-se “Estados” os maracás utilizados como instrumento de acompanhamento dos linhos” (...).

(Trecho extraído do livro: “Catimbó – Magia do Nordeste” – José Ribeiro/1972 – Editora Pallas)

Repare nas fotos abaixo, a simplicidade de tudo e de seus seguidores no Catimbó Ancestral. Sem atabaques, sem qualquer tipo de adereços, sem roupas específicas e/ou extravagantes, sem colares (guias), sem penachos, sem sacrifício de animais, nada; tudo muito simples.

Observa-se também, abaixo, o uso da “Mesa da Jurema” onde os médiuns catimbozeiros se reuniam para seus trabalhos. A mesa é a principal cerimônia ritualística da Jurema, realizada em sessões reservadas de consulta ou durante as festas públicas de consagração dos juremeiros. Só os consagrados serão os eleitos a integrar uma mesa, colocando-se ao redor desta, recitando orações, cantando, balançando o maracá, fumando cachimbos, bebendo a jurema e chamando os Mestres Espirituais.

Entre os objetos rituais, no centro da mesa, colocam o estado ou reino que representa o mestre da casa; em, volta deste, as princesas (copos ou taças) representando as cidades da Jurema e as bugias (velas). Compõem ainda a mesa, algumas imagens, cachimbos, maracás, crucifixo, Rosário, sineta e o vinho da jurema.



Mestra Adélia, catimbozeira ancestral (Catimbó de Mesa), empunhando seu “Estado” (Maracá), com sua Mesa da Jurema – 1960.



Mestre José Ribeiro, catimbozeiro ancestral (Catimbó de chão), mediunizado com Zé Pelintra aplicando uma “fumaçada”, no Rio de Janeiro (1970)

MARIA DO ACAIS – A MAIS FAMOSA CATIMBOZEIRA ANCESTRAL DO NORDESTE



Residência de Maria do Acais na cidade de Alhandra/PA

Em 1864, dois anos após a extinção dos aldeamentos indígenas na freguesia de Alhandra, inicia-se a medição e demarcação das terras indígenas na Paraíba, dividindo-as em lotes e entregues com seus respectivos títulos aos índios, na qualidade de posseiros. Segundo a documentação oficial da época, Inácio Gonçalves de Barros, último regente dos índios de Alhandra, recebeu 62:500 braças quadradas de terras, em um lugar denominado Estivas. Documentos demonstram, ainda, a insatisfação do regente, através de pedido de restituição das terras dos índios.

Para os juremeiros da região nordeste, Alhandra é uma das mais fortes referências mitológicas e simbólicas da prática do catimbó e da ciência da jurema. Essa tradição foi cultuada e mantida pelo mestre Inácio e seus descendentes.

Mestre Inácio era irmão da mestra Maria Gonçalves de Barros, a primeira Maria do Acais e pai do mestre Castiliano Gonçalves e de Maria Eugenia Gonçalves Guimarães, a segunda e prestigiosa Maria do Acais.

A segunda Maria do Acais foi casada com o português José Machado Guimarães, com quem teve nove filhos, entre eles o mestre Flósculo Guimarães, casado com a mestra Damiana. Antes de ir morar em Alhandra, Maria residia no Recife, onde era catimbozeira respeitada, o que justifica o fato de ter sido a herdeira das terras do Acais, pois segundo a tradição da família, o trabalho de um mestre deveria ser continuado por um descendente, herdando mais do que terras, a tradição da família. Damiana, falecida em 1978, era filha de Casimira, sobrinha de Maria e a última mestra do Acais.

Maria chegou ao Acais por volta de 1910. Construiu uma casa para residência e, em frente, a capela para São João Batista. Por traz da casa, sob os pés de jurema existentes, cultuava suas cidades e seus mestres. Um pouco mais em baixo, em uma casa de taipa, realizava suas Mesas de Jurema. Seu filho, mestre Flósculo, foi sepultado em 1959 atrás da capela. Sobre seu túmulo foi colocada uma escultura em concreto de um tronco de jurema.

Maria do Acais foi referida por vários escritores, como: Arthur Ramos, Roger Bastide, Gonçalves Fernandes.

Maria do Acais faleceu (ou se encantou) em 1937.

(<http://lassuncao.blogspot.com.br/2009/07/alhandra-e-o-cla-do-acais.html>)



Mestre Lao, catimbozeiro ancestral (Catimbó de Mesa), mediunizado com o Sr Zé Pilintra em Olinda (1976), com a Srª Gunnie e o Sr Gunnar Mallberg.



Anízio José Xavier – Mestre do Catimbó Ancestral – Alagoa Nova/PB (1938)

Se quiserem ver a prática simples de um Catimbó ancestral, assistam aos vídeos:

<http://youtu.be/dswZrMmE1bU>

<http://youtu.be/Wb0-3ArPdYE>

O vídeo abaixo é uma bela reportagem elucidativa sobre o Catimbó na atualidade:

http://www.youtube.com/watch?v=Yd_bGfZX5Tg&ft=li

Hoje, o Catimbó-Jurema está dividido basicamente em três tipos:

- 1ª) Catimbó de Terreiro:** É o que tem seus rituais processados em um Terreiro, ao som de atabaques. Esta modalidade de culto apresenta uma massiva influência africana em sua composição, numa mistura com a Umbanda e o Candomblé.

Os outros dois tipos, não possuem influências afros e nem da Umbanda. São predominantemente de origem indígena/católica. São os Catimbós ancestrais.

- 2ª) Catimbó de Mesa:** É o que tem seus rituais processados em volta de uma mesa, ao som de maracás.

- 3ª) Catimbó de Chão:** É o que tem seus rituais processados, com seus componentes sentados em banquinhos, em círculo, ao som de maracás.

Veremos no próximo artigo, que muitos catimbozeiros e/ou juremeiros da atualidade (Catimbó de Terreiro), se distanciaram muito das práticas simples e desprovidas de quaisquer adereços, como era o Catimbó Ancestral. Muitas das práticas, ritualísticas, vestuários, modos de se portar, doutrinas de muitos catimbozeiros e dos juremeiros da atualidade, diferem, e muito, das práticas umbandísticas, o que é normalíssimo, pois são cultos distintos. O interessante é que, vemos tudo isso em muitos Terreiros umbandistas na atualidade.

Com certeza foi fruto da migração religiosa, onde muitos “copiaram”, por ignorância, elementos doutrinários e ritualísticos de um culto, trazendo-o, e muitas vezes impondo-o, no outro. Não temos absolutamente contra nada do que se pratica do Catimbó ou no Culto da Jurema; somos sim, a favor de que cada coisa deve ficar em seu lugar; os Guias e Protetores Espirituais da Umbanda somente nos orientam que devemos aceitar tudo o que é bom, rejeitando tudo o que é mal, calcado no bom senso, na razão e nos ensinamentos crísticos. Só temos que deixar claro que Catimbó-Jurema não é Umbanda; são cultos diferentes, com somente algumas noções, apresentações e ritualísticas parecidas. Vamos lá:

O CATIMBÓ-JUREMA – OS MESTRES

Uma outra categoria de entidades que recebem no Catimbó e no Culto na Jurema é a dos Mestres. Ao que parece o termo Mestre é de origem portuguesa, onde tinha o sentido tradicional de médico (Motta, 1985), ou segundo Cascudo (1931), de feiticeiro. De forma geral, os Mestres são descritos como Espíritos curadores de descendência escrava ou mestiça (índio com negro ou branco com uma das duas outras raças).

Dizem os juremeiros e os catimbozeiros que os Mestres foram pessoas que, quando em vida, trabalharam nas lavouras e possuíam conhecimento de ervas e plantas curativas. Por outro lado, algo trágico teria acontecido e eles teriam “se passado” (morrido), se encantando, podendo assim voltar para “acudir” os que ficaram “neste vale de lágrimas”. Alguns deles se iniciaram nos mistérios e “ciência” da Jurema antes de morrer, como o Mestre Inácio ou Maria do Acais e toda a linhagem de catimbozeiros de Alhandra, que após um ritual denominado “lavagem” ganham um lugar nas cidades espirituais e passam a incorporar nos discípulos que formaram (Vandezande, 1975). Outros adquiriram esse conhecimento no momento da morte, pelo fato desta ter acontecido próximo a um espécime da árvore sagrada.

No panteão juremista, existem vários Mestres e Mestras, cada qual responsável por uma atividade relacionada aos diversos campos da existência humana (cura de determinadas doenças, trabalho, amor...). Há ainda aqueles especialistas em fazer trabalhos contra os inimigos.

Nas Mesas, as representações das entidades relacionadas nesta categoria são as mais elaboradas, geralmente possuindo o estado completo e a “jurema plantada”; em especial a do “Mestre da Casa”, aquele que incorpora no juremeiro, faz as consultas e iniciam os afilhados nos segredos do culto. Por tudo isso esse Mestre é carinhosamente chamado de “meu padrinho”.

Cada Mestre está associado a uma cidade espiritual e a uma determinada planta de “ciência” (angico, vajucá, junça, quebra-pedra, palmeira, arruda, lírio, angélica, imburana de cheiro e a própria jurema, entre outros vegetais), existindo ainda alguns relacionados a fauna nordestina (mamíferos: guará, preá –; aves: gavião, periquito, arara, pitiguarí; insetos: abelhas, besouro mangangá; répteis: cobras).

Para os Mestres relacionados a uma outra planta que não a Jurema, são estas plantas (quando árvores) que tem seus tocos plantados nas mesas dos discípulos. Quando em terra, incorporados, os mestres já chegam embriagados, tombando de lado a lado e falando embolado. São brincalhões, chamam palavrões, mas o que falam é respeitado por todos. Durante o transe os mestres apresentam-se com o corpo ligeiramente voltado para frente. Na dança as pernas têm os joelhos ligeiramente flexionados, o pé direito vai à frente e dá dois passos para o mesmo lado, o pé esquerdo é arrastado; é então a vez do pé esquerdo ir a frente no mesmo estilo de dança; variações vão sendo executadas tendo como base o ritmo e a letra das toadas. (nota do autor: aqui vê-se, na “dança” dos tais Mestres, a clara influência deste ato recebido desse culto para muitos médiuns umbandistas de outrora, que, por osmose, legaram-na a muitos de seus descendentes)

Quanto as Mestras, reconhece-se seus assentamentos pela presença de leques, bijuterias, piteiras, cigarros e cigarrilhas.

Como no caso dos Mestres, existe uma infinidade destas entidades, com atributos e especialidades nas questões mundanas e espirituais. Alguns catimbozeiros fazem uma distinção entre as Mestras que trabalham “nas esquerdas” e “nas direitas”. Nesta última categoria, encontram-se Mestras como a Gertrudes e a Lorinda, ambas parteiras na vida material e hoje ajudam as mulheres no dar a luz a mais um “ser vivente”.

Algumas Mestras morreram virgens, por isso ganharam o estatuto de “princesas” quando ingressaram nas moradas do além. Vale lembrar os nomes de algumas princesas como a Mestra Marianinha, a Princesa Catarina e a Princesa da Rosa Vermelha. Contudo, não é fácil encontrar, atualmente, a manifestação de tais Mestras; encontramos bem mais as chamadas “Mestras das esquerdas”, entidades que em vida material foram “mulheres de vida fácil”; mulheres das ruas e dos cabarés Nordestinos.

Lembremos das Mestras Paulina e Jovina, inimigas desde as “bandas de Maceió”; Mestra Ritinha que se passou com quinze anos na Rua da Guia, antigamente uma das mais populares zonas de baixo meretrício recifense e que hoje abriga bares frequentados pela alta sociedade da cidade; Mestra Severina que residia no bairro do Pina e passeava no bonde do Loré quando este percorria as velhas ruas da capital pernambucana; Júlia Galega da Zona do Sul.

Tais Mestras são peritas nos “assuntos do coração”, são elas que dão conselhos as moças e rapazes que queiram casar-se, que realizam as amarrações amorosas, que fazem e desfazem casamentos. Muito vaidosas, quando incorporadas elas travestem os seus discípulos de forma a melhor aclimatar a “matéria” as suas performances femininas.

Quanto à mudança corporal característica da incorporação das Mestras, observamos que quando estão dançando geralmente mantém uma ou as duas mãos dobradas com a palma para fora, na altura da cintura ou quadris. Quando seguram um cigarro, a palma da mão fica sempre distendida e a mostra. Na dança os braços fazem arcos; ficam distendidos ao longo do contorno da roupa; em alguns momentos, geralmente quando canta-se toadas que falam do corpo ou da sensualidade feminina, as mãos passeiam pelo contorno da silhueta corporal. Quando entre seus afilhados e discípulos no mundo material, bebem cerveja, cidra e champanhe, embora não rejeitem outras bebidas que se lhes ofereça. Gostam de comer peixe assado que é depositado em suas princesas para lhes dar força para trabalhar.

(Maria do Carmo Tinoco Brandão – Doutora em Antropologia da EFPE)

Aqui está outra clara influência legada por alguns integrantes desse culto, onde alguns umbandistas aceitaram e aceitam que estes Espíritos, chamados de Mestres e Mestras da esquerda, e posteriormente nominados na Umbanda de Pombas-Gira e Exus pagãos, são todos, invariavelmente, garanhões, malandros, machões, prostitutas e peritos nas tais “amarrações” para o amor, travestindo os médiuns (homens) com saias, maquiagem, etc., portando-se de maneira indecorosa, bebericando, fumando, comendo carnes cruas, etc.. Definitivamente, isso não faz parte da Religião de Umbanda.

Conclusão:

Pouco a pouco o Culto da Jurema foi se tornando um culto destinado a descer os Espíritos das matas, dos rios, do mar, das pedreiras, das montanhas, etc., conjugado com a ingestão do Ajucá, e era praticado pelos índios. Com o tempo sofreu modificações na medida em que a cultura indígena se esvanecia pelo entrecruzamento com as culturas de origem africana e européia, surgindo daí o Culto do Catimbó. Os mais antigos Mestres do Catimbó Ancestral foram negros e ainda o são, em maioria absoluta, mestiços e mulatos, mas, já bastante descaracterizado com a introdução do elemento europeu (catolicismo, bruxaria e espiritismo), maia a introdução dos cultos afros e praticando uma pajelança deturpada, mas mesmo sendo rudimentar, ainda era praticada de forma mais branda, dedicada somente à caridade. Com o passar do tempo, houve a introdução de alguns ditos “Mestres”, Espíritos regionais menos esclarecidos, sem doutrina alguma, fazendo o que bem entendem.

Hoje, o Catimbó Ancestral (de raiz) praticamente sumiu. Atualmente se observa muitos Catimbós e/ou Juremas totalmente descaracterizados, com rituais mesclados com Umbanda, cultos afros, utilizando atabaques, roupas de santo, alguns utilizando matança de animais e aí por fora, denominado por alguns de: “Catimbó de Terreiro”.

“Contudo, não é fácil encontrar, atualmente, a manifestação de tais Mestras (princesas); encontramos bem mais as chamadas “Mestras das esquerdas”, entidades que em vida material foram “mulheres de vida fácil”; mulheres das ruas e dos cabarés Nordestinos” (Maria do Carmo Tinoco Brandão – Doutora em Antropologia da EFPE).

Observa-se então, a preferência e a proliferação desenfreada das ditas “Mestras da esquerda”, como foi dito, de vida fácil, pelos médiuns, pois afinizam-se melhor com esse tipo de Espíritos, correndo risco de externarem e praticarem coisas escusas aos olhos da Lei Maior.

As características das atuações regionalizadas de alguns Espíritos no Catimbó Ancestral já prenunciavam a futura Umbanda.

Observaram a incrível semelhança entre os Guias e Protetores Espirituais, os Tarefeiros militantes da Umbanda com alguns Espíritos que trabalham no Culto do Catimbó Ancestral. Viram de onde surgiu os trejeitos, os arquétipos regionalizados utilizados por muitos médiuns da Umbanda? Onde tudo começou?

A coisa era mais antiga do que pensávamos. Tudo já estava sendo arquitetado e preparado há anos. Os Espíritos militantes na Umbanda, em muito se assemelham aos que trabalham no Catimbó Ancestral. Só tem um detalhe importante: A Umbanda segue a regra evangélica de ouro que diz: *“Amados, não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.”* (I João, 4:1). Os Espíritos militantes na Umbanda são evangelizados, orientadores, verdadeiros seres da luz a nos incitar o perdão e a reforma íntima. Conservam trejeitos regionais para caracterizarem um arquétipo necessário para serem compreendidos, ou seja, o “teatro” comedido para satisfazer o nosso ego, mas sem exageros, sem encenações e comportamentos circenses, como observamos em muitas Casas da atualidade.

Com tudo isso, não estamos desmerecendo a maneira de trabalho no dito “Catimbó de Terreiro”, com suas Entidades e suas peculiaridades, mas, devemos entender que tudo isso pertence tão somente ao mundo místico do “Catimbó de Terreiro”, e, jamais da Umbanda.

No “Catimbó de Terreiro” às manifestações mediúnicas com seus trabalhos se processam de modo particular, devendo ser respeitados, mas praticados só por quem pertence a esse tipo de culto, que é quem entende o que por lá acontece. Jamais devem ser trazidos para a Umbanda, sob a pena de macular as duas doutrinas.

Os Guias e Protetores Espirituais militantes na Umbanda, também tem suas maneiras peculiares de manifestações mediúnicas e trabalhos espirituais. Vamos a um relato de um umbandista defensor da “Linha Branca de Umbanda”, em 1933

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Por várias vezes tenho afirmado em minhas considerações, como resultado de uma demorada e criteriosa observação, que, em geral, os chefes Guias Espirituais das práticas da “Linha Branca de Umbanda”, são Espíritos de elevado grau de progresso, investidos de uma personalidade transitória mais ou menos demorada, necessária e útil a uma predestinada finalidade de comprovada elevação, pelos atos e seus efeitos.

Quanto a mim repito, pelas provas colhidas em minhas observações, adquiri razões suficientes para não alimentar dúvidas sobre a identidade real ou antes, sobre a condição de progresso espiritual dos referidos Guias, testemunhando a sua sinceridade e honestidade de suas atividades espirituais, seus efeitos traduzidos claramente pelos benefícios profusamente semeados.

Para o bom êxito dessas atividades caritativas, têm esses Guias como seus auxiliares, Espíritos de todas as categorias, de todas as origens, mesmo de condição e mais atrasada, obedientes e identificados com as finalidades, animados de boa vontade, prestando os serviços que lhes são pedidos, ordenados e possíveis na medidas de suas forças, num exercício que constitui a mais eficaz e produtiva escala de aperfeiçoamento moral primário, sem que prejudicada possa ser essa educação moral, pela liberdade que lhes é permitida nos seus usos e costumes familiares, caracterizando sua origem, com as quais se tornam possíveis aqueles que se utilizam dos seus serviços no seu próprio benefício e dessa causa santa, porque beneficia toda a humanidade.

Os referidos Guias, ao se investirem da personalidade com que se apresentam, agem assumindo essa personalidade, não apenas exteriormente, mas no corpo fluídico, um organismo fluídico por tal razão sujeito a todas as consequências naturais, relativas a todos os que se encontram no mesmo grau vibratório, apenas podendo dispor de maiores energias, conferidas para o desempenho da sua missão.

O seu organismo fluídico é perfeitamente idêntico ao da personalidade de que se investem, sendo esse o motivo porque as suas incorporações nos médiuns se revestem das mesmas dificuldades, com contrações que demonstram a diversidade fluídica, existente entre eles e os médiuns de que se servem, não podendo em razão desse fato, servir de base para por em dúvida a verdadeira identidade do Espírito.

Casos há decerto, e não são raros, em que a humilde personalidade de um preto ou de um caboclo, representa o complemento de uma provação, como um castigo do orgulho cultivado, em anterior encarnação, numa posição social de destaque, seja de um médico, de um escritor, de um ministro, de um imperador, etc.

Essa personalidade, como digo, pode ser apenas momentânea, exigida pelo meio em que se torna precisa e útil, casos há constatados em que o Espírito se apresenta em personalidades diferentes relativas ao meio, devendo ser elas correspondentes a suas anteriores encarnações, facultada e mudança pelas circunstâncias do meio e das atividades a serem desenvolvidas.

À personalidade estão submissos todos os característicos reais, dentro das leis naturais que não podem ser alteradas, evitá-los é despir essa personalidade, e ela se destina como espiritual que é, menos para nós que para o mundo dos Espíritos.

Não se pode em absoluto considerar seja um retrocesso o fato de um Espírito se investir de uma personalidade, humilde, a não ser que se pretenda considerar a humildade, como indignidade, mais lógica e racional, é dividir-se, em tal fato, em certos casos, um processo intelectual avançado, mas um progresso moral que lhe não faz parêntese.

Estas são as conclusões que posso deduzir de um raciocínio e de uma observação que demonstram um desejo de acertar, de aprender e que inegavelmente fazem ressaltar a maravilhosa criação divina.

Sua justiça e amor.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Quarta-Feira, 22 de Fevereiro de 1933 – página 08)

Deu para perceber de onde vêm alguns apetrechos vestuários, trejeitos, manias, bebidas alcoólicas, dançarias, etc., em muitos médiuns umbandistas “incorporados”?

O Catimbó Ancestral ao que nos referiremos é o secular e não como hoje é praticado, todo já influenciado, com atabaques, alguns com matança, roupas extravagantes, etc. Com tudo isso, entenderemos que o catimbozeiro ancestral era um médium católico, raizeiro, benzedor, praticante de uma pajelança deturpada e resquícios da bruxaria européia, mas, com muita humildade e total simplicidade.

Defendemos a tese de que muitos Espíritos militantes no Culto da Jurema, e do Catimbó Ancestral, migraram para a Umbanda, de onde tomaram uma forma religiosa, ganhando hierarquias, liturgias e rituais organizados, disciplina, doutrina e aceitação pública, tudo isso disciplinado pela Cúpula Astral de Umbanda e formalizado pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Vejam que o Culto da Jurema, transformado em Catimbó Ancestral, mesmo sendo um culto preconceituado, praticado por alguns médiuns sem cultura alguma, sem hierarquia, disciplina ou mesmo feição religiosa, conseguiu ser secular, e de forma oral, manter alguns aspectos da doutrina própria sem alterações, onde seus seguidores falam a mesma língua e seguem os mesmos preceitos, cultuando os Espíritos de forma uníssona, ou seja, todos os catimbozeiros, mesmo morando em locais distantes, pregam a mesma doutrina, seja a material ou espiritual. Talvez, pelo fato de ser um culto simples, desprovido de qualquer tipo de complicações doutrinárias e ritualísticas.

Somos adeptos do pensamento de que muitos Espíritos militantes no Culto da Jurema e no Catimbó Ancestral, chamados de “Mestres”, estão militando na Umbanda, chamados de “Guias e Protetores Espirituais” ou mesmo de “Tarefeiros”, só que de forma disciplinada, dentro de uma hierarquia própria. Mas os Espíritos e os arquétipos são os mesmos.

No Catimbó Ancestral aconteceram as primeiras incorporações e maneiras de trabalhos de Caboclos da Mata (índios), Caboclos Sertanejos, Caboclos D’Água, Baianos, Ciganos, Sereias, Yaras (conhecidas no Catimbó como: meninas da saia verde), Sakaangás, Semirombas, etc., – chamados de Mestres da direita, e os Tarefeiros da Umbanda – chamados de Mestres da esquerda, mas, de forma desordenada. Sempre perguntávamos onde teria surgido a manifestação mediúnica das Pombas-Gira? Agora, sabemos que foi no Catimbó, só que com a denominação de: “Mestras da Esquerda”. Pomba-Gira é uma denominação umbandista. Já “incorporavam” no Catimbó Ancestral com seus trejeitos e suas maneiras de ser, mas, sem doutrina. É ver pra crer. É óbvio. Esses Espíritos regionalizados não surgiram de repente após o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Observem que o Caboclo das Sete Encruzilhadas disse que não haveria bater de tambores, saias com rendas e lamês, capacetes de penas, espadas na mão, coisas largamente utilizadas em manifestações de remanescentes de cultos afros, bem como do Catimbó em médiuns no Rio de Janeiro, nas chamadas “Cabula/Macumba”.

Esses Espíritos já estavam lá, mas manifestando-se de maneira desordenada, cada um fazendo o que bem entendia e queria.

A Umbanda veio colocar ordem em tudo isso. A migração de médiuns com seus Mestres espirituais para a então capital brasileira foi determinado pelo astral superior, pois já era chegada a hora de fundamentar e apresentar uma nova religião, onde esses Espíritos militariam com seus costumes, talentos, qualidades e atribuições, mas de forma harmoniosa e ordenada.

Em muitos Catimbós/Juremas da atualidade, os Espíritos manifestam-se sem obedecerem à qualquer tipo de disciplina Espiritual, pois cada um mantém suas características próprias, desvinculando-se de qualquer tipo de hierarquia disciplinadora, agindo, pensando e trabalhando às suas maneiras, totalmente desvinculados da espiritualidade superior. Em muitos Catimbós/Juremas da atualidade, muitos médiuns dão passividade a essa classe de Espíritos que demonstram serem totalmente presos aos seus egos, muito apegados às coisas materiais, alguns travestindo o médium de maneira regional, parcialmente desnudos, (algumas mestras incorporam em homens travestido-os de mulher, e vice-versa), com uso irrestrito de bebidas alcoólicas, cigarros, comendo carnes, pimentas, promovendo as feitiçarias, amarrações, bailados, etc.; é prática corrente no culto de muitos Catimbós/Juremas; respeitamos, mas, trazer esses tipos de procedimentos para a Umbanda é inadmissível, inaceitável e veementemente refutado. Como já dissemos cada coisa em seu lugar; Isso e coisa de muitos Catimbós/Juremas e nunca da Umbanda.



Médiuns acostados, de um “Catimbo de Terreiro”, travestidos



Médiuns acostados, de um “Catimbo de Terreiro”, travestidos

Na Umbanda somente militam Guias e Protetores Espirituais e Tarefeiros e não “Mestres da Direita ou Mestres da Esquerda”. Os Espíritos militantes na Umbanda não têm vaidade de espécie alguma. Se presenciarmos médiuns travestidos, ou se portando como dito acima, com certeza absoluta não é Umbanda.

Vejam então, que muitos desses Espíritos, sem vínculos espirituais superiores, se agregam a mediunidade de pessoas simplórias e desprovidas de cultura e evangelização, agindo da maneira que querem, com costumes, viciações, vaidades, egos exacerbados, qualidades e defeitos humanos, igualando-se a seus médiuns. Somente se o dirigente do culto for uma pessoa equilibrada e profundamente religiosa, os Espíritos manifestantes, com certeza, também serão espiritualizados (os afins se atraem).

Muitos Espíritos que migraram para a Umbanda passaram por uma doutrina espiritual severa, onde foram disciplinados, hierarquizados e preparados para a grande missão de se tornarem orientadores eficazes, curadores e evangelizadores.

Observem que no Culto da Jurema ou no Culto do Catimbó Ancestral não existia despachos, oferendas e culto aos Orixás, muito menos o conhecimento do que seriam eles, pois não sofreram influência dos cultos afros, devido a que no Norte/Nordeste havia praticamente escravos domésticos, e alguns utilizados em plantações de cana-de-açúcar.

Hoje, observamos acontecer algo grave em alguns Terreiros ditos umbandistas: Desconhecedores de que muitos Mestres do Catimbó Ancestral já estão integrados na Umbanda, de forma hierarquizada, devidamente evangelizados, abrem as portas de seus Terreiros, com sessões privativas, pois não a encaixe nas normas umbandísticas, nominando-as de “Gira de Catimbó”, com direito a assentamentos de Mestres e Mesa de Catimbó, onde há incorporações de Espíritos totalmente distanciados da vivenciação crística, com manifestações imitativas dos catimbós modernos, como descrito no artigo acima: “CATIMBÓ-JUREMA OS MESTRES”, totalmente distanciados da temática umbandista.

Devemos atentar que cada coisa deve estar em seu devido lugar. Misturarem-se cultos, pode ocorrer riscos de querer estar em dois barcos com um remo só. Catimbó não é Umbanda. Muitos estudiosos não consideram o Catimbó/Jurema como religião, uma vez que não reúnem em suas estruturas elementos doutrinários próprios.

Concordamos com essa dissertativa: “(...) O Catimbó não é muito diferente ou melhor que outros cultos, e não se pode dizer que suas entidades sejam de nível superior, pelo contrário são semelhantes” (...). (<http://www.espiritualismo.hostmach.com.br/catimbo.htm>).

Se o Espírito é semelhante ao seu médium, com certeza não pode ser um Guia Espiritual, mas, somente, um Espírito qualquer manifestado e nada mais; puro mediunismo. Portanto, como dissemos, cada coisa em seu lugar. Quem é da Umbanda, pratica Umbanda sem misturas, sem “vale-tudo”, sem querer “impor” Espíritos, costumes e rituais de outras filosofias e/ou religiões, pois com certeza, estará se distanciando do preconizado pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas e pela Cúpula Astral de Umbanda, correndo o risco de ter o seu Terreiro e sua mediunidade desligados dos postulados umbandistas, perdendo a cobertura e autorização da Aruanda.

Repetindo: (...) afirmamos que nem todo Espírito que “baixa” na Umbanda é autorizado a dirigir ou agir em nome da Umbanda. Observem o que o Capitão Pessoa, dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, um das sete Tendências fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1942 disse: “(...) O Caboclo das Sete Encruzilhadas é o legítimo senhor de Umbanda no Brasil; nenhuma entidade, por grande que seja, intervém nos trabalhos da magia branca sem uma prévia combinação com ele”(…) – “O que deseja, sobretudo, é que este ritual (nota do autor: ritual da Umbanda) seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo” (...).

Aliás, nem todo médium é autorizado pela Cúpula Astral de Umbanda para ser dirigente de um Terreiro. Vamos a um texto concernente, inteligentemente escrito:

A MEDIUNIDADE NA UMBANDA

Já temos escrito muito sobre mediunidade e, pelos esclarecimentos que demos, temos a certeza de que centenas, milhares de criaturas, de irmãos, já conseguiram se libertar, isto é, já quebraram os grilhões que prendiam a certas práticas “mediúnicas”.

Conseguiram essa libertação porque, lendo e meditando, vendo e comparando (segundo as simples elucidações contidas em nossas obras) romperam os “véus” que lhes obscureciam o entendimento e eles passaram a ver esses aspectos corriqueiros de certas sessões em suas justas condições.

E é por isso que doutrinam por todos os lados: “a pior cegueira é a da ignorância”, e o único remédio para ela se chama – esclarecimento. Nós temos cumprido a nossa parte nesse mister – graças a Jesus, o Mestre de Justiça do Planeta Terra!

Não há escapatória, não há evasivas em face dos Tribunais do Astral para aquele que ilude, que explora e alimenta a boa fé do ignorante, sabendo conscientemente que deve e pode esclarecê-lo!

E nós estamos, como sempre, esclarecendo mais um pouco; vamos dizer “duras verdades”, porém, necessárias. Não nos move a vontade de destruir, atacar, criticar! Não! Apenas somos movidos por uma força imperiosa que, do astral, ordena que digamos a verdade – sempre a verdade.

Portanto, devemos reafirmar em alto e bom som: mediunidade, ou melhor, médiuns de afinidade direta da Corrente Astral de Umbanda existem! Apenas não estão todos por aí, aos milhares, nas sessões de todas as noites, como se fosse a coisa mais banal desse mundo “receber” (incorporar) centenas e centenas de entidades. Como se falanges e mais falanges de “Caboclos e Pretos-Velhos” estivessem à disposição deles – “médiuns”, prontas a entrar em função a um “simples toque de um botão elétrico”, em atendimento ao simples fato de assim desejarem. Como se as condições reinantes na maioria dessas sessões estivessem de acordo, em sintonia, para que, dentro da Lei de afinidade, eles encontrassem campo para os legítimos contatos mediúnicos!

Dissemos acima que médiuns da Corrente Astral de Umbanda existem, mas não estão por aí, assim, às ordens de qualquer um.

É impossível que outros – não apenas nós – ainda não se tenham apercebido de que, há anos, já se fez sentir sobre todos os ambientes que praticam ou invocam as manifestações mediúnicas, a força de uma lei que, já em 1956, em nossa obra “Umbanda de Todos Nós”, denominamos como de retração!

Sim! Houve e continua havendo grande retração dos fenômenos mediúnicos ou espíritas propriamente ditos, sobre dezenas, centenas talvez de criaturas que portavam, de berço, o dom da mediunidade e apenas estavam aguardando o tempo justo do desabrochar!

Mas, por que isso aconteceu e está acontecendo?

Ora, porque mercantilizaram a mediunidade, expuseram-na nos balcões dos mais variados e inconfessáveis interesses e dos mais tortuosos desejos e, não é só: expuseram os médiuns inexperientes em panoramas de vaidosas encenações, de tais humanas atrações que, os que não baquearam, caindo de vez, envolveram-se tanto e tanto que acabaram a “ver navios”, ficaram sós, sem assistência de seus protetores que foram... “oló”.
(nota do autor: Oló: embora)

Dizem que essas coisas todas e outras mais são sinais dos tempos, males da época, fim de ciclo!

Cremos que sim! No entanto, precisamos fazer algo mais, todos, trabalhando, combatendo, doutrinando em benefício dos que ainda podem se salvar e dos que ainda não caíram nos abismos das quedas, dos fracassos.

Lancemos, enfim, um brado de alerta nos predispostos, e, particularmente, aos que andam em busca do caminho certo e que “não querem comprar nem vender ilusões”.

Porque, em qualquer Tenda de Umbanda onde houver sinceridade, limpeza moral etc., é possível, é quase certo, ter a assistência desses humildes trabalhadores da seara do Cristo-Jesus – chamados “Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças”.

Para isso é necessário que criem as condições indispensáveis a suas presenças!

Porque, mediunidade é sublime missão, é luz redentora! É ter humildade, é ter compreensão, é ter simplicidade! Não queremos dizer, assim, que todos sejam perfeitos! Não! Perfeito só o Pai – como disse Jesus.

Porém, que cada qual se capacite e passe a entender claramente que, com sujeira de corpo, de alma ou de ações, NINGUÉM PODE SER UM VEÍCULO DE FATO E DE DIREITO DE CABOCLO OU PRETO-VELHO!

Assim, vamos iniciar agora mais uma de nossas conversações francas e diretas.

Você, meu irmão umbandista, que dirige uma Sessão, é chefe-de-terreiro, como se diz vulgarmente – tem o “seu Terreiro”, cheios de médiuns? Claro – você o tem.

Você é dos “tais” que “desenvolve” os seus médiuns rodando-os desesperadamente e jogando sobre eles as fumaçadas de um possante charuto ou de um rijo cachimbo, desse que até tem uma figura com chifres? E ainda diz por cima disso tudo, quando eles dão cabeçadas às tontas e mesmo caem no chão: “você precisa ter mais fé; Caboclo quer pegar você firme, mas você está muito duvidoso dele”.

Pois bem, meu irmão – se você faz isso, não passa de “um cego, guia de cegos”.

Meu irmão “chefe-de-terreiro”: você é desses que sugestionam uma criatura, afirmando que ela é médium mesmo, que tem um bonito Caboclo ou um poderoso Preto-Velho e mesmo um grande “Orixá”, só para prendê-la no seu Terreiro e acrescentar mais um a sua corrente ou ao número dos que ali já estão nessa esperança, produzindo assim mais um candidato ao neuro-animismo e à mistificação inconsciente? É?

Pois bem – você está agindo mal, está alimentando a boa fé dos ingênuos, dos ignorantes, está vendendo ilusões e a qualquer instante você poderá cair em “maus lençóis”, porque, você esta querendo “mascarar” os outros, com sua própria “máscara”.

Porque oh! Irmão – sugestionar uma pessoa para ser “médium” é empulhar, ou melhor, é predispor o seu psico-somatismo a sensíveis e mesmo a graves irregularidades ou transtornos. Conhecemos pessoas de um animismo tão profundo, que, “por dá cá aquela palha, recebem “Espíritos”, às vezes, até deitados na alcova”. E jamais podemos esquecer as ações de uma certa criatura que possui a mais perfeita máscara artística que já vimos num neuro-anímico. Ele chegava até a se emocionar, chorar mesmo, “quando via os Espíritos”, ou seja, “as suas entidades protetoras”, que, naquela altura, já as contava em número de onze. Tudo nele, em matéria de mediunidade, era mais perfeito do que nos outros – pois chegava até a “testar” a mediunidade dos outros.

Suas entidades (afirmava) são de alta função e iluminação. “Possui” um “Caboclo” que (segundo ele) é assim como uma espécie de chefe de polícia lá no astral. Têm “Guias” Caboclos, Caboclas, bispos, padres, médicos famosos e iluminados do astral; até o Bezerra de Menezes ele “tem” (pois essa criatura neuro-anímica veio do kardecismo e virou “tatá de umbanda”). Foi quando sua vaidade neuro-anímica se expandiu tanto, que ele “arranjou” ou se fez “médium” até de um MANU (Manu – no alto ocultismo indiano ou na filosofia oriental, vem a ser o mesmo que um Cristo Planetário). Vejam! É para rir ou para chorar? E desses está tudo cheio por aí. A turma só quer “receber” Manus, Mestres orientais, Caboclos chefes de legiões, médicos famosos etc. Que é que se pode fazer com essa turma de neuro-anímicos? Nada! Apenas orarmos sempre, para que eles deixem de “vender tanta ilusão a si próprios”.

Meu irmão – “poderoso babalaô, tatá, pai-de-santo, babá ou como quer que lhe chamem: você é desses que, além disso tudo, ainda inventam preceitos de toda sorte, vão às cachoeiras, ao mar, à mata (e à “encruza” também) e “empaçocam” a cabeça das pessoas tidas como médiuns com bebidas e ervas confusas e ainda enchem o pescoço dos ditos com esses lindos colares de louça e vidro e até os envaidecem mais, determinando que eles adquiram esses vistosos cocares de penas multicores para se exibirem e dar mais encenação a sua sessão?. É?

Então, oh! “poderoso irmão”, a sua situação em face da lei, esta mal parada, mal situada. Nessas condições você pode esperar a qualquer instante um “estouro” do baixo-astral no seu Terreiro.

Você está “brincando de Umbanda”, ou está brincando com a verdade? A tolerância também tem um limite.

Meu irmão em Cristo Jesus: você é um desses tais que ainda fazem “camarinha” com raspagem de cabeça e sangue na dita, para “firmar o Orixá”, nos “seus” filhos-de-santo?

E ainda diz que isso é Umbanda de fato?

Não façam isso assim – dizendo que é de Umbanda. Pode ser de tudo que você queira, menos de Umbanda.

Meu bom irmão, filho do mesmo Pai, que vem da mesma essência de todos nós, que é ou quer ser umbandista: vamos cumprir a nossa parte, vamos cooperar com o Cristo Jesus, dentro da Corrente Astral da Umbanda!

Vamos fazer a caridade, vamos ajudar os nossos semelhantes, vamos promover as condições adequadas para que os médiuns de fato possam surgir, possam realmente desenvolver os dons que já tenham trazido do berço!

E para isso é preciso que você tenha na devida conta apenas esses simples fatores.

Mediunidade é coisa espontânea. Ninguém bota um dom na cabeça de ninguém! Quem faz isto são os Mentores Kármicos, antes mesmo do indivíduo encarnar. Isto é outorga, é concessão e consta na ficha kármica da criatura! É coisa que é posta em cima – não embaixo!

Então, quando as criaturas que portam esse dom (em qualquer uma de suas modalidades) surgirem em seu Terreiro, forneça-lhes as condições adequadas para que possam desabrochar!

Médiuns precisam de ambientes serenos, precisam de harmonia e, sobretudo, que esses ambientes se pautem na linha justa da moral, para se expandirem verdadeiramente!

Então, para que essa barulhada de tambores, de palmas e de gritos? É carnaval?

É Terreiro de Umbanda ou escola de samba?

Esse alarido todo é para atordoá-lo? Para confundi-lo? Para estourar a sensibilidade neuro-medianímica de seus plexos nervosos?

Você não sabe – pois fique sabendo agora: com tambores, gritos e palmas, os médiuns acabam se atrofiando completamente! E é por isso que no seu Terreiro tem muita gente “vestida de médium”, mas médium mesmo que é bom, não tem nem um.

Porque esses irmãos todos que estão aí, cercando você, uniformizados, denominados por você médiuns, estão confiando-lhe as suas questões espirituais, íntimas etc.; assim, é claro que você está assumindo uma tremenda responsabilidade kármica sobre eles! Portanto, cuidado, não os iluda com supostos dons mediúnicos.

E finalmente, meu irmão: você tem o direito de ter o seu Terreiro, a sua Sessão. O que você não tem direito é de alimentar – tornamos a dizer – a ignorância do ingênuo ou do crédulo, em seu benefício.

O que você precisa fazer e com urgência é o seguinte: promover as suas sessões, com paz, com harmonia espiritual e, sobretudo, com honestidade.

O que você precisa fazer, sempre, é pedir humildemente a Jesus – O Mestre de Justiça do Planeta Terra, a Sua mercê, através desses Caboclos e desses Pretos-Velhos, que você tanto invoca e que são também seus mensageiros.

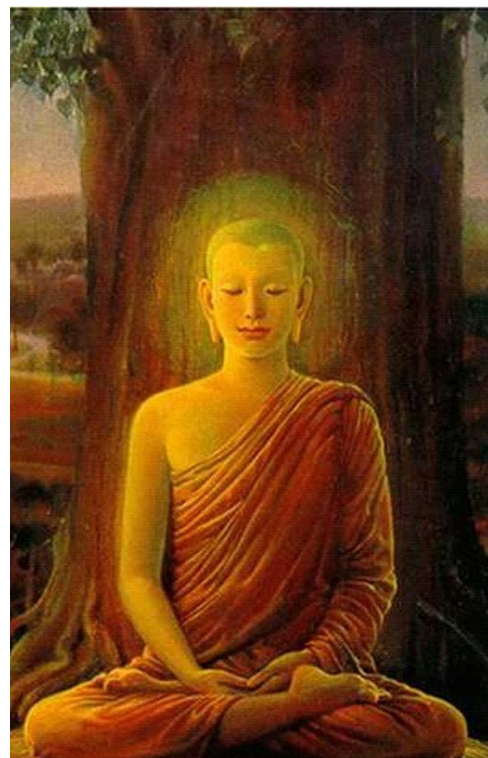
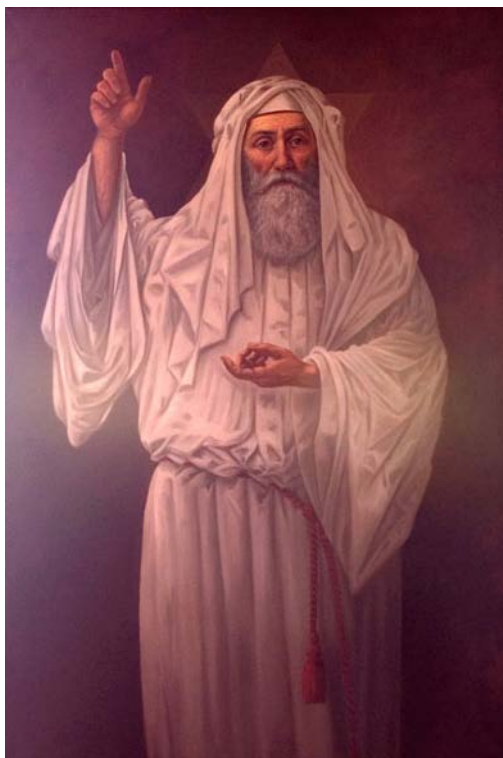
E o que você deve fazer já é alertar os que estão cegos pela vaidade e pelo fanatismo destruidor, para que não caiam nos abismos dos fracassos e das quedas mediúnicas!

Mostre-lhes certos panoramas do meio, cite exemplos e ajude aconselhando – cumpra a sua parte!

Diga-lhes que o médium – seja em que corrente for – é uma antena, sujeita as forças positivas e ao choque das negativas!

(Trecho do livro: “Segredos da Magia de Umbanda e Quimbanda” – W.W. da Matta e Silva (Mestre Yapacany) – 1982)

- **O OCULTISMO E AS FILOSOFIAS ORIENTAIS**



O que é Ocultismo:

O ocultismo chegou o Brasil em torno da década de 1900. Ocultismo (ou ciência oculta) é um conjunto de teorias e práticas cujo objetivo seria desvendar os segredos da Natureza e do homem, procurando descobrir seus aspectos espirituais e superiores.

Ele trata do que está além da esfera do conhecimento empírico, o que é secreto ou escondido. O ocultismo está relacionado aos fenômenos supostamente sobrenaturais.

Ocultismo é um conjunto vasto, um corpo de doutrinas supostamente proveniente de uma tradição primordial que se encontraria na origem de todas as religiões e de todas as filosofias, mesmo as que, aparentemente, dele parecem afastar-se ou contradizê-lo. O homem aqui retratado seria um supostamente completo e arquetípico, composto não apenas de corpo, mas também de emoção, razão e alma (como divide a cabala). Segundo algumas tradições ocultistas as religiões do mundo teriam sido inspiradas por uma única fonte sobrenatural. Portanto, ao estudar essa fonte chegar-se-ia a religião original. Muitas vezes um ocultista é referenciado como um mago. Alguns acreditam que estes antigos magos já conheciam a maior parte das descobertas da ciência, tornando estes descobertos meros achados.

(<http://legadodecain.wordpress.com>)

O ocultismo está relacionado aos fenômenos sobrenaturais. Ou seja, são conjecturas metafísicas, e teológicas, algumas das quais oriundas de povos da Antiguidade Clássica. Entre outras contribuições, legou para a Umbanda a presença dos Mestres Ascencionados (El Morya, Saint Germain, Koot Hoomi, Sanat Kumara, Lanto, Rowena, Seraphis Bey, Hilarion, Nada, Buda, Lao Tse, etc.), a utilização da vibração dos metais, pedras preciosas, semi-preciosas, numerologia, astrologia, hermetismo, etc.

Finalmente, temos a contribuição da filosofia Oriental no que diz respeito à aura, aos chacras, imantações, mantras, às concentrações, processos de cura, meditações e no reforço dos conceitos de karma e reencarnação que já tinham sido adotados através do espiritismo.

A “Linha do Oriente” é a mesma que conhecemos como a “Linha Sublime dos Magos Brancos do Oriente”, ou, “Confraria dos Magos Brancos do Oriente” e vieram para a Umbanda, na sua implantação, a fim de incrementarem com suas sabedorias e seus conhecimentos, o nascer de uma religiosidade que iria atender a todas as necessidades humanas e espirituais deste imenso Brasil.

A contribuição Oriental é quase um retorno às origens, uma vez que as grandes religiões modernas têm sua origem no Oriente, principalmente no antigo Egito, no Tibet e na Índia, berços do profundo conhecimento religioso, hermético e filosófico Oriental.

De tudo isso surge a Umbanda, aceitando tudo o que é bom e rejeitando tudo o que é mal das concepções religiosas de muitos povos e nações, orientada pelo plano espiritual superior, que visa o bem estar físico, mental e espiritual dos seus filhos de fé e daqueles que a procuram.

A Umbanda, portanto, é produto de uma evolução religiosa. Suas origens encontram-se nas filosofias Orientais, fonte inicial de todos os cultos de mundo civilizado. E a sua implantação em nossa terra, deu-se com a fusão das práticas, dos conceitos e das crenças do negro, do vermelho, do branco e do amarelo, apresentando-se mediunicamente através dos arquétipos fluídicos regionais (tipos sociais brasileiros).

Toda essa complexa mistura, que o leigo chama de “baixo espiritismo”, “Macumba” e “magia negra”, era a situação existente quando surgiu um vigoroso movimento de luz, ordenado dos planos espirituais superiores, feito pelos Espíritos que hoje se apresentam como povos da Umbanda.

O termo Umbanda, que eles implantaram no meio para servir de bandeira a essa poderosa corrente, é um termo sagrado que significa, num sentido mais profundo, a presença do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conclamando os doadores divinos para a prática da caridade.

Portanto, eis aí a Umbanda, ressurgindo na mais completa humildade, a fim de servir a grande obra de Deus. E mais uma vez, lembrando, é fácil entender toda essa amalgamação na Umbanda, pelo próprio ensinamento evangélico: *“Examina tudo e retém o que é bom” (I Tessalonicenses 5.21)*.

Qual a melhor das religiões para que eu possa segui-la? Aceite tudo o que é bom, e rejeite tudo o que é mal. Eis a melhor das religiões.

Nisso não está inserida a Umbanda? Meditem, e chegarão a importantes conclusões.

MODALIDADES DE UMBANDA – AS IDIOSSINCRASIAS



Modalidade: “Maneira de ser; cada aspecto ou particularidade diferente do mesmo fato”.

Idiossincrasia: “Maneira de ver, sentir, reagir peculiar a cada pessoa. É uma disposição do temperamento, da sensibilidade que faz com que um indivíduo sinta, de modo especial e muito seu, a influência de diversos agentes”.

Portanto, muitas Modalidades de Umbanda existentes, seriam grupamentos, que pelas suas maneiras de ser e de ver, distanciaram-se dos fundamentos da “Umbanda Original”, incluindo em seus Terreiros doutrinas distanciadas das “Linhas Mestras” instituídas pelo Sr. Caboclo das Sete Encruzilhadas

Modalidades de Umbanda segundo a visão da “Escola Iniciática Umbanda Crística”

Vamos elucidar sobre essa questão delicada e necessária, pois o leigo fica confuso com tantos tipos de rituais, liturgias e doutrinas, todas usando a denominação “Umbanda”. Para quem não conhece a fundo, isso se torna estranho e acabam por dizerem: Seu Terreiro é de Umbanda Branca? De Umbandomblé? De Umbanda de Mesa? Etc.

Então, para dirimir essas dúvidas, vamos sucintamente esclarecer as Modalidades Umbanda, ou seja, os vários “segmentos” mais conhecidos, proeminentes e incisos, existentes em solo brasileiro, para que cada um possa agora entender e se posicionar sobre as práticas das mais variadas modalidades de Umbanda existentes.

Dizemos “Modalidades de Umbanda” pelo fato de que, com o passar do tempo os dirigentes e seus seguidores formularam práticas doutrinárias calcadas em suas idiossincrasias, distanciando-se cada vez mais das “Linhas Mestras” ditadas pelo instituidor da Umbanda.

Alguns dizem que basta – Amor e Caridade – pra ser Umbanda, mas, discutimos esse ponto de vista pelo fato de que muitos praticamente empurraram para a Religião de Umbanda certos apetrechos, doutrinas, magias, indumentárias, etc., que nada tem há ver com o preconizado pelo instituidor, descaracterizando-a totalmente. Concordamos com a dialética do Caboclo das Sete Encruzilhadas quando disse: “*A bandeira da Umbanda é Caridade, Amor e Humildade*”, ou seja, que qualquer doutrina, por melhor que seja, de nada valem sem estes três quesitos, mas, devemos escoimar da Umbanda tudo o que é supérfluo.

Os três ditames bastam para a prática da caridade, mas, devemos atentar para todas as “Linhas Mestras” preconizadas pelo instituidor, para praticarmos uma religião calcada na razão e no bom senso, sem personalismos e sem idiosincrasias.

Respeitando a todos os Terreiros com suas práticas, somente pedimos que sejam verdadeiros, e já que se intitulam umbandistas, que disponham a todos qual modalidade de Umbanda pertencem, a fim de que possam se situar quais suas atividades e finalidades, ao invés de dizerem-se somente – Templo, Tenda, Centro, Cabana, etc., de Umbanda – promovendo discussões infrutíferas e confusões para o leigo.

Então, já que com o tempo todos se investiram do nome Umbanda, que no mínimo diga a qual modalidade pertence, e fale somente pelo seu grupo e não pela Umbanda em geral.

Desde sua iniciação, os umbandistas promoveram modificações em seu modo de ser e operar, onde muitos se distanciaram grandemente da Umbanda original (do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas). Dessas modificações cada um deu uma roupagem e deviam dar uma nomenclatura própria para se situarem perante a comunidade. Cremos que tudo isso não se deu pelo simples fato de cada um querer impor a sua verdade, mas simplesmente estavam realizando aquilo que aprenderam em livros, apostilas e mesmos outros dirigentes despreparados, e o que suas mentes achavam estar correto. Cada um, com certeza deu tudo de si para o que estava fazendo frutificasse, e no fim, todos estavam envidando esforços para praticarem o que entendiam como Religião de Umbanda.

Repetindo: “(...) Existem, é justo dizer, numerosos Templos que, embora adotando vestimentas coloridas, atabaques e rituais complexos, dirigem os seus trabalhos apenas para o bem, seguindo os conceitos evangélicos, objetivando a melhora íntima dos seus componentes. Isto nos leva a sugerir o retorno à antiga denominação de Umbanda, “Linha Branca” para as Tendras que seguem o ritual do Caboclo das Sete Encruzilhadas, determinando como “Linha de Nação” os que se enquadram na descrição acima. Feita, assim, a distinção apenas dos rituais, permanecendo os conceitos do bem, do amor e da fraternidade, seriam mais facilmente afastados da comunidade umbandista os falsos sacerdotes que utilizam o sagrado nome da Umbanda em benefício de suas aspirações pessoais de vaidade e de enriquecimento ilícito (...)”. (Lília Ribeiro – 1970)

Hoje temos várias modalidades na Umbanda que guardam raízes com as bases iniciais, e algumas que absorveram características de outros cultos, mas que mantêm a mesma essência nos objetivos de prestar a caridade, com humildade, respeito e fé.

Antes do advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, como já explanamos anteriormente, o que existia era conhecido como “Macumba”, com pitadas de práticas do Catimbó, bem como da magia africana praticada por alguns, pois o Candomblé estruturado surgiu no Rio de Janeiro muito tempo depois da Umbanda (*segundo informações do antropólogo Reginaldo Prandi*). Ainda não se conhecia o termo “Umbanda”. João do Rio, em sua obra “Religiões do Rio” de 1904, onde pesquisou toda a religiosidade existente na antiga Capital Federal, não citou em nenhum momento o nome Umbanda; portanto, poderiam existir manifestações de Índios, Pretos-Velhos, etc., aqui e acolá, ou mesmo os primeiros bruxuleios da nova modalidade religiosa, mas ainda não se tinha iniciado a religiosidade de Umbanda, coisa que viria mais tarde, em 1908, pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas através do médium Zélio Fernandino de Moraes.

Vamos disponibilizar um texto muito interessante e inteligentemente escrito pelo senhor Cláudio Zeus, em seu livro: “UMBANDA SEM MEDO”:

UMBANDA – UMA SEITA AFRO?

Por que é importante sabermos que o termo Umbanda, como culto ou religião, pertence ao Caboclo das Sete Encruzilhadas.

A importância da divulgação desse tema se prende a fatores que, embora possam parecer fúteis, a uma primeira vista, (e apenas a uma primeira vista) na verdade coloca freios em muita gente que insiste que faz Umbanda e que, além de não conhecer suas origens, nada faz de Umbanda.

É isso que incomoda e faz com que muitos tentem minimizar ou até mesmo desqualificar a importância que Zélio e o Caboclo das Sete Encruzilhadas têm para o que ele chamou Umbanda. Vou tentar explicar os meandros e as segundas intenções desse tema de debate que muito se vê pelas comunidades do Orkut, MSN e outros.

- **1º Ponto:** Nunca, ninguém havia chamado de Umbanda a nenhum tipo de culto anteriormente. O que tentam fazer hoje é aproximar o termo Enbanda (afro) que quer dizer curandeiro para uns (e chefe de culto para outros) e não algum tipo de culto como esse que o Caboclo chamou “Umbanda – O Culto”.

- **2º Ponto:** O Caboclo deixou algumas informações precisas sobre o que seria Umbanda, e isso é o que incomoda mais porque, se observarmos essas diretrizes, aí sim, veremos que alguns grupamentos não poderiam se chamar de Umbanda, o que leva alguns outros a “desconhecerem”, muito propositalmente, o texto que será apresentado abaixo e chegarem a dizer que o que o Caboclo fez foi apenas uma “socialização” do que já havia antes, o que, para qualquer um que saiba ler (e nem precisa interpretar) vai perceber que não poderia ser.

Vamos ver o que o Caboclo nos deixou de informações sobre o culto que ele mesmo diria – *“iniciar-se naquele dia”*. Preste atenção porque aqui se define o que é a Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas (palavras do Caboclo):

“Aqui inicia-se um novo culto em que os Espíritos de Pretos-Velhos africanos, que haviam sido escravos e que desencarnaram não encontram campo de ação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas quase que exclusivamente para os trabalhos de feitiçaria e os índios nativos da nossa terra, poderão trabalhar em benefícios dos seus irmãos encarnados, qualquer que seja a cor, raça, credo ou posição social. A prática da caridade no sentido do amor fraterno, será a característica principal deste culto, que tem base no Evangelho de Jesus e como Mestre Supremo Cristo”.

Percebemos então, nestes três trechos que:

- 1) Esse era um novo culto. O Caboclo afirmou ser um novo culto e não uma corruptela de algo já existente;
- 2) Que esse novo culto se distanciava das seitas negras deturpadas e dirigidas para a feitiçaria, porque os próprios Pretos-Velhos africanos e os índios nativos de nossa terra (os chamados Caboclos) não encontravam campo de ação (possibilidade de trabalharem) nesses grupamentos. Isso era o que existia antes e era disso que Umbanda, então criada, deveria se distanciar.
- 3) Esse seria um culto embasado no Evangelho de Jesus, reconhecendo-o, inclusive, como “MESTRE SUPREMO”. (nota do autor: Em nossa visão, nesse trecho, o Caboclo das Sete Encruzilhadas não via Jesus como o Mestre Supremo, mas sim, o Cristo Planetário, de quem Jesus era médium. Vejam que ele disse que o *“culto que tem base no Evangelho de Jesus”* e posteriormente disse *“como Mestre Supremo Cristo”*. Aliás, Cristo não era o sobrenome de Jesus)

Por que eu lhe afirmo que divulgar isso, inclusive até mesmo a existência de Zélio e do Caboclo, não se torna interessante para uma grande parte? Porque, após a criação e não socialização ou codificação do que já existia, muitos dos inúmeros grupamentos já existentes, (como acontece até hoje), passaram a se autodenominar Umbanda, mesmo passando por cima desses preceitos deixados pelo Caboclo, criando-se então, a confusão que encontramos hoje, inclusive com alguns afirmando que a Umbanda tem que se afastar dos ensinamentos cristãos e abraçar mais os fundamentos afro. Mas como isso poderia ser, se a Umbanda foi criada em cima de bases cristãs?

O que se percebe então? Percebe-se que há um movimento deturpatório do que foi deixado pelo CDSE (Caboclo das Sete Encruzilhadas), em função das “vontades” daqueles que resolveram ir fazer cabeça no Candomblé e depois vieram “bater Umbanda”, como gostam de dizer. Ora... bater Umbanda, como se Umbanda fosse Candomblé? Em Candomblé sim, “se bate para os Orixás” porque os Xirês são nada mais do que festividades, toques, como também chamam em louvor aos Orixás e nunca foram Giras de Caridade.

Todos os atendimentos em Candomblés de raiz só são feitos pelo Babalorixá ou Yalorixá e através dos jogos de búzios, opelês (em menor quantidade) e obís. Não há consultas dentro dos Xirês e, nos que hoje há, é porque já se modificaram e se distanciaram de suas raízes, até porque, quem bate papo e dá consultas são os eguns ou catiços, como são chamados alguns tipos de Caboclos e entidades intermediárias. E vejam que até hoje, os Pretos-Velhos, que seriam remanescentes dessa mesma crença, por “terem sido escravos, negros e africanos” ainda não são aceitos na maioria dos Candomblés. Alguns aceitaram alguns Caboclos porque muitos ainda crêem que eles também são encantados.

Minimizar, ou não divulgar o que era a verdadeira Umbanda, a de raiz, a do Caboclo das Sete Encruzilhadas é, e sempre será importante para os que têm medo da verdade e pretendem abrir Terreiros com fundamentos estranhos, de matanças, feitiçarias, amarrações, etc., e se anunciarem como Umbanda.

No meu entender, o mais honesto seria que cada grupamento que hoje se diz apenas de Umbanda, se intitulasse, como outros que já o fazem, por exemplo: Umbanda Omolokô, Umbanda Cabula, Esotérica, de Angola e outras mais, já que fogem às regras básicas que o Caboclo deixou para o seu novo culto (ou seja: não são de bases cristãs), para não deixarem aqueles que nada entendem disso sem saberem, afinal, a que tipo de Umbanda estão adentrando.

O que essas pessoas têm que colocar na cabeça é que o nome Umbanda, como culto, pertence ao CDSE (ainda que ele não a tenha registrado) e mesmo eu ou você, que praticamos a Umbanda Traçada (que é diferente do Umbandomblé embora muitos confundam), temos que reconhecer que não seguimos a linha doutrinária determinada pelo CDSE – Umbanda com base totalmente cristã – o que não nos tira qualquer valor ou mérito, já que os objetivos finais – Caridade e Amor Fraternal – também são buscados, apenas por caminhos diferentes.

O que essas pessoas têm que pôr na cabeça é que devem assumir o tipo ou subgrupo de Umbanda que seguem e, jamais quererem mudar o principal da Umbanda que é a fé, a caridade, o amor ao próximo e, principalmente, também devem assumir que, se estão ligados a Espíritos e encarnados que só sabem fazer feitiçarias, mandingas, amarrações, intrigas, então, nem o nome Umbanda deveria ser usado em seus cultos, já que, desde a criação, isso foi contrariado pelo Caboclo.

Escrevi acima que Umbanda Traçada é diferente de Umbandomblé e, para muitos, isso pode parecer estranho, mas não é. Acontece que existem, generalizando, três tipos de Umbanda e as explico abaixo:

- **Umbanda:** A que foi criada pelo CDSE, com bases claramente cristãs – até os Terreiros que foram criados pelo Caboclo tinham nomes de Santos católicos. Os praticantes dessa Umbanda não admitiam (e acho que ainda não admitem) bebidas ou atabaques em seus rituais. Quando muito, o fumo das entidades;

Nota do autor: Essa Umbanda também conhecida como: “LINHA BRANCA DE UMBANDA OU UMBANDA TRADICIONAL OU UMBANDA DE RAIZ OU UMBANDA BRANCA”.

Oriunda do Caboclo das Sete Encruzilhadas manifestado no médium Zélio Fernandino de Moraes que lançou as bases da Religião de Umbanda, com doutrina baseada na caridade cristã sem fins pecuniários, na doutrina dos Evangelhos e da codificação kardeciana. Não tinha sujeição a Orixás, atabaques, feitura de santo, adereços e nenhuma influência dos culto-afros.

Todas as outras modalidades de Umbanda guardam certos vínculos com a “Linha Branca de Umbanda e Demanda” do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Leal de Souza dirigia a Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, uma das 07 filiais que formam o séquito de casas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, relatou ao Jornal de Umbanda, na edição de Outubro de 1952, que “coubra ao Caboclo das Sete Encruzilhadas a incumbência de organizar a “Linha Branca de Umbanda”, seguindo as determinações dos “Guias Superiores” que regem o Planeta”.

Leal de Souza, em seu livro “O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DE UMBANDA – 1932” escreveu:

- “A Linha Branca de Umbanda e Demanda tem o seu fundamento no exemplo de Jesus (...)”.
- “O objetivo da Linha Branca de Umbanda e Demanda é a prática da caridade, libertando de obsessões, curando as moléstias de origem ou ligação espiritual, desmanchando os trabalhos de magia negra, e preparando um ambiente favorável a operosidade de seus adeptos (...)”.
- “Para dar desempenho a sua missão na Terra, o Caboclo das Sete Encruzilhadas fundou quatro Tendas em Niterói e nesta cidade, e outras fora das duas capitais, e todas da Linha Branca de Umbanda e Demanda (...)”.
- “A Linha Branca de Umbanda e Demanda está perfeitamente enquadrada na doutrina de Allan Kardec e nos livros do grande codificador, nada se encontra susceptível de condená-la (...)”.
- “E o amor de Deus e a prática do bem são a divisa da Linha Branca de Umbanda e Demanda”.

Este termo foi realçado no 1º Congresso Nacional de Umbanda sob o título: “INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA LINHA BRANCA DE UMBANDA” – Memória apresentada pela Cabana de Pai Thomé do Senhor do Bonfim, na sessão de 26 de Outubro de 1941, pelo seu Delegado Sr. Josué Mendes.

Visava o estudo aprofundado da temática mediúnica, bem como diferenciar as práticas umbandistas tradicionais das práticas emergentes onde a mistura de culto-afros com a Umbanda já se fazia presente. Com isso, a partir daí, toda prática umbandista distanciada de ritualísticas afros, de magias negras, de despachos para o mal, etc., e aproximada das práticas cristãs, vestuário branco, orações, desobsessões, etc., era rotulada de “Linha Branca de Umbanda”.

Com tudo isso, a partir daí, diferenciando as práticas de baixo espiritismo, fetichismo, totemismo, feitiçarias, macumbarias e qualquer sorte de sortilégios e malefícios, o povo passou a classificar as práticas de Umbanda voltadas a caridade, evangelização, desobsessão, bênçãos, desmanches de magias negras, etc., como práticas da “Umbanda Branca”. Esse termo ficou plantado na mente do povo como designativo de Umbanda voltada ao amor e a Espiritualidade Superior. Até hoje, quando muitos assistidos entram num Templo Umbandista, imediatamente perguntam: “Aqui é da Umbanda Branca”?

Hoje, observamos muito irmãos umbandistas se apegarem ao fato de quem se intitular praticante da “Umbanda Branca” está sendo preconceituoso, pois, jocosamente, dizem não existir também Umbanda vermelha, Umbanda verde, etc.

Esqueceram-se o fato importante, de muitos indivíduos abrirem suas casas com o nome de Umbanda, mas praticam cultos estranhos, distanciados no Evangelho Redentor. Por isso, para diferenciar a Umbanda original das práticas estranhas, com doutrinas, magias, crenças e rituais que nada aproximavam nos ensinamentos preconizados por Nosso Senhor Jesus Cristo, defendido pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas e seus seguidores, se intitulavam de: “Linha Branca de Umbanda”. Não adianta querermos tapar o Sol com a peneira; somos sabedores da existência de muito Terreiros que se denominam de Umbanda, mas estão largamente distanciados das “Linhas Mestras” do instituidor.

Portanto o termo “Umbanda Branca” foi e é usado pelo povo, para saberem se o local que estão entrando, prática Magia Branca, Espiritualidade Superior. É só isso.

- **Umbanda Traçada:** A que admitiu (a princípio ou posteriormente) a presença (como trabalhadores) dos Exus e Pomba Giras, personagens da Kimbando que eram até temidos no início e hoje já viraram Guardiões, e outras entidades intermediárias, trabalhadores de excelente performance, sempre visando a caridade, porque, se assim não for, não podem se considerar Umbanda. É chamada de Traçada ou Cruzada porque nela existe o cruzamento (ou entrelaçamento) de dois tipos de trabalhadores: os de Umbanda (Caboclos – índios nativos – e Pretos Velhos) e os de Kimbando (Exus, Pomba Giras, Bugres, malandros, etc.);

Nota do autor: Essa Umbanda nós conhecemos como: **Umbanda Traçada, Mista ou Cruzada** – Tem influência do Catimbó, dos culto-afros do sincretismo e suas práticas. Faz uso indiscriminado de oferendas, despachos e algumas casas, de bebidas alcoólicas. Sem cunho e estudo doutrinário próprio. Tem o uso de atabaques e/ou tambores. Largo uso de roupas coloridas, adereços, danças e festas (internas e externas). Tem muita proximidade com os trabalhos da Umbanda Popular.

- **Umbandomblé:** Todas as umbandas que praticam em seus cultos, os ritos absorvidos dos Candomblés, sejam de que nações forem. Nessas umbandas há “toques” para Orixás, costumam usar brajás ao invés de guias, recolhem “filhos de santo”, usam quelês, sacrificam e colocam “oxu” nos oris de seus adeptos... e por aí vai. O que as assemelha à Umbanda original e as afasta do Candomblé de raiz é o trabalho com entidades tipo Pretos-Velhos e Caboclos e mesmo Exus infiltrados (porque esses não são os Orixás-Exu das nações) que vêm,... aí sim, trabalhar para a caridade.

Nota do autor: Essa Umbanda nós conhecemos como Umbanda Omolokô (também conhecida como Umbanda Primitiva, de Almas e Angola): Iniciada pelo Tatá Trancredo da Silva na década de 1950, onde encontramos um misto entre os cultos, liturgias, rituais africanos (Banto) e o trabalho direcionado com Espíritos. Faz uso de camarinhas, sacrifícios de animais, ebós, raspagens, catulagem, etc. Usando a Umbanda como fonte matricial, para esta via alternativa, Tancredo organizou o que vulgarmente é denominado de Umbandomblé. Influenciou grandemente as práticas da conhecida Umbanda Popular.

É o seguimento organizado a partir da Macumba, ou seja, um culto sincrético afro-brasileiro derivado de práticas religiosas e divindades de povos Bantos, com elementos ameríndios e do catolicismo. Atualmente, alguns se autodenominam de: “Umbanda Afro-Ameríndia”.



As Umbandas Traçadas ou Cruzadas não absorveram, necessariamente, ritos e práticas afro, e essa é a grande diferença delas para a Umbandomblé. Algumas até absorveram mais algumas entidades de Catimbó e outros grupamentos de raízes nordestinas e outras ainda, preferiram “cruzar” seus ensinamentos com os dos “Mestres Orientais”.

Eu colocaria ainda, como subgrupo das Umbandas Traçadas ou Cruzadas, as Umbandas Esotéricas e mesmo as Iniciáticas, já que nelas, além dos trabalhos com as entidades já citadas, existe a adaptação de ensinamentos e até mesmo de entidades tidas como “orientais” e sábios de outras nações que não as africanas. E diria mais ainda: Em termos de abertura para novas aprendizagens, a Umbanda Traçada é a que mais se encontra nessa posição, já que as outras duas tendem a se prender muito em suas raízes (ou cristã, ou afro) e desmerecerem alguns dos conhecimentos mais modernos que nos chegam através de outras correntes de Espíritos e mesmo da ciência.

Que isso não seja tomado como desmerecimento para qualquer tipo de Umbanda, pois, guardadas as devidas proporções e se o culto visa à caridade, o amor fraterno e a fé, então todas têm em si a semente de Umbanda, ainda que não seja exatamente a que o CDSE criou.

Agora, se alguém cria um agrupamento para misturarem cultos “ao deus dará”, explorar a caridade, impingir medos aos seus seguidores, sair matando cães e gatos pra saciar suas sedes de sangue e de impressionismo... aí, pelo amor de Deus, isso não pode ser chamado de Umbanda!!! Custa muito às diversas umbandas se identificarem por suas raízes ou suas doutrinas para que nem tudo seja apenas Umbanda? Vão ficar menos Umbanda por causa disto? Vamos a um raciocínio?

Imaginemos que você que agora me lê, através de uma entidade ou não, venha a criar amanhã, um novo culto espiritualista, digamos... ALABANDA, e nos diz que este será um novo culto que só fará trabalhos através dos Ciganos e Boiadeiros, por exemplo, e também será voltado exclusivamente para as práticas Ciganas e a magia dos Boiadeiros.

Depois de alguns anos você vê que alguns outros grupos passaram a se autodenominar ALABANDA, trabalham com mineiros, com Orixás de Nação e suas “obrigações”, com Exus, Caboclos, Pretos-Velhos, Baianos, malandros, tentam decifrar o que seria ALABANDA, mas não ousam perguntar a você, que foi o (a) criador (a), o que seria, e ainda por cima, depois disso tudo ainda começam a discutir porque acham que ALABANDA deveria “voltar às raízes afro” já que os “Orixás” são afro.

O que você diria, honestamente? Foi isso o que aconteceu com a Umbanda criada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Não seria melhor que cada Alabanda dessas que se formou após, se identificasse convenientemente? Eis aí o porquê de, desde muitos anos atrás (isso não é de hoje), já se falar de codificação de Umbanda e até hoje, ninguém saber exatamente qual das umbandas se vai codificar – todas, não dá mesmo!

De minha parte posso lhes dizer que a Umbanda que eu pratico é totalmente Cruzada e praticamente nada nela existe de Ritual de Nação Afro, embora tenha que conhecer alguns fundamentos para casos em que certos problemas mediúnicos tenham origem em entidades específicas. Talvez a melhor descrição para ela seria de Umbanda Aberta. Sempre aberta para melhores conhecimentos e aprimoramentos ritualísticos que realmente possam ter fundamento, venham de onde vierem.

(Trecho extraído de: <http://umbandasemmedo.blogspot.com>):

No Rio de Janeiro de então e antes da origem oficial da Umbanda, eram comuns práticas afro-brasileiras similares ao que hoje ainda se conhece como a Cabula e a Macumba. Com tudo isso já plantado e praticado em solo brasileiro, num dado momento o Caboclo das Sete Encruzilhadas instituiu a Umbanda como religião, fornecendo as “Linhas Mestras” para uma prática ritual mais ordenada, hierarquizando e disciplinando as manifestações mediúnicas que já ocorriam em arquétipos sociais, com a doutrina baseada nos Evangelhos de Jesus e nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso, orientada para o desenvolvimento da mediunidade calcado na codificação kardeciana e na prática da caridade em auxílio gratuito a todos, no início do século XX.

De nada adianta falarem que já existia a Umbanda como religião, antes de Zélio de Moraes. Aliás, a Cabula e a Macumba eram considerados cultos, somente.

Na Cabula e na Macumba já existiam defumações, banhos ritualísticos, pontos riscados, pomba, etc.; já ocorriam as manifestações de Caboclos e Pretos-Velhos, mas, tudo de forma primitiva e desordenada, sendo muitas das práticas totalmente voltadas à magias negras e fins pecuniários. Não existia uma religião com o nome Umbanda; quem a instituiu foi o Caboclo das Sete Encruzilhadas e isso é fato indiscutível.

VAMOS APONTAR OUTRAS MODALIDADES DE UMBANDA

Obs. Consideramos “Modalidades de Umbanda”, as mais proeminentes, que criaram “escolas” e seguidores.

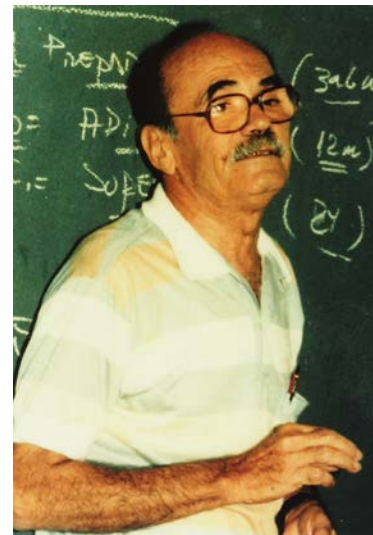
Umbanda de Cáritas: De expressiva influência da chamada “Religião Kardecista”. Nesse tipo de Umbanda, em grande parte, não encontramos elementos africanos (Orixás), nem o trabalho dos Exus e Pombas-Gira, ou a utilização de elementos como atabaques, pontos riscados, imagens e tabaco.

Essa linha doutrinária se prende mais ao trabalho de Guias como Caboclos, Pretos Velhos, Crianças e Linha do Oriente somente.

Umbanda Popular: Tem forte influência de ritualísticas da Macumba, do Candomblé, do Omelokô, do Catimbó, do Catolicismo. Faz uso indiscriminado de oferendas, despachos e algumas casas, de bebidas alcoólicas. Sem cunho e estudo doutrinário próprio. Tem o uso de atabaques e/ou tambores. Largo uso de roupas coloridas, adereços, danças e festas (internas e externas). Algumas Casas realizam cobranças para a realização de trabalhos de magia. Embora com influência do Candomblé, não realizam ritualísticas com sacrifícios de animais, a não ser em alguns casos particulares, onde alguns dirigentes, às escondidas, praticam tal ato numa ritualística solitária e pessoal, mas não como prática religiosa de Terreiro. Arregimenta a maioria esmagadora dos Terreiros ditos de Umbanda.

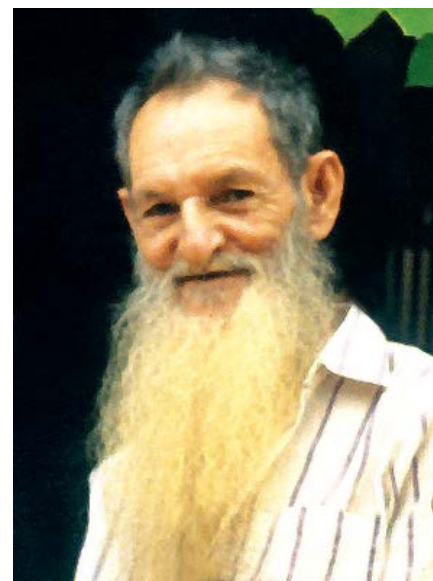
“É uma das mais antigas vertentes, fruto da umbandização de antigas casas de Macumbas, porém não existe registro da data e do local inicial em que começou a ser praticada. É a vertente mais aberta a novidades, podendo ser comparada, guardada as devidas proporções, com o que alguns estudiosos da religião identificam como uma característica própria da religiosidade das grandes cidades do mundo ocidental na atualidade, onde os indivíduos escolhem, como se estivessem em um supermercado, e adotam as práticas místicas e religiosas que mais lhe convêm, podendo, inclusive, associar aquelas de duas ou mais religiões”.
(<http://registrosdeumbanda.wordpress.com>)

Umbanda Esotérica: “É a vertente fundamentada pelo médium Woodrow Wilson da Matta e Silva, também conhecido como pai Matta (mestre Yapacani) (28/06/1917 – 17/04/1988), surgida no Rio de Janeiro/RJ, em 1956, com a publicação do livro “Umbanda de Todos Nós”. Sua doutrina é fortemente influenciada pela Teosofia, pela AMORC (Ordem Rosa Cruz), pelo Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, pela Astrologia, pelo estudo da Cabala e por outras escolas ocultistas mundiais, bem como no estudo sistemático do livro “Arqueômetro”, escrito por Saint Yves D’Alveydre. Apregoa que a Umbanda é milenar, e possui um código doutrinário, com rituais, liturgias e sacramentos próprios. Faz cobranças, chamada “Lei de Salva” por trabalhos de magia.



Umbandaime: Em 1989, quando se iniciaram as Sessões de Umbanda no Céu do Mapiá/Amazonas (Igreja Daimista), seu iniciador, o Padrinho Sebastião Mota de Mello, seguidor e discípulo do Mestre Raimundo Irineu Serra, intitulou-a de Umbandaime. Tem muita proximidade com os trabalhos da Umbanda Popular, mais a ingestão do Ayahuaska (Santo Daime).

Apesar do avanço dessa linha dentro da linha daimista do CEFLURIS (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra), tal estudo não é incorporado ao calendário oficial de trabalhos da instituição.



Umbanda do Caboclo Mirim: Assim nominamos o subgrupo que teve e tem uma grande influência em muitos Terreiros. Iniciado pelo Caboclo Mirim através de seu médium – Benjamim Figueiredo no Rio de Janeiro/RJ. Tem doutrina, rituais, liturgias, sacramentos e características próprias. Não utilizam imagens de Santos, não fazem uso das guias (colares) no pescoço, pontos riscados, velas, ponteiros, pólvora e nem trabalhos com Exus e Pombas-Gira.

Faz uso de tambores em Sessões festivas, roupagens somente brancas; abomina a matança de animais. Desvinculou-se totalmente da doutrina, ritualística e liturgia católica e dos cultos afros.



Umbanda dos Sete Raios: É a vertente fundamentada por Ney Nery do Reis (Itabuna, (26/09/1929 –) (mais conhecido como Omolubá), e por Israel Cysneiros, surgida no Rio de Janeiro/RJ, em novembro de 1978, com a publicação do livro “Fundamentos de Umbanda – Revelação Religiosa”.

Têm rituais e liturgias muito próximos a Umbanda Popular.



Umbanda Aumpram: É a vertente fundamentada pelo médium Roger Feraudy (1923 – 22/03/2006), surgida no Rio de Janeiro/RJ, em 1986, com a publicação do livro “Umbanda, Essa Desconhecida”. Esta vertente é uma derivação da Umbanda Esotérica, das quais foi se distanciando ao adotar os trabalhos de apometria e ao desenvolver a sua doutrina da origem da Umbanda, a qual prega que a mesma surgiu a 700.000 anos em dois continentes míticos perdidos, Lemúria e Atlântida, que teriam afundado no oceano em um cataclismo planetário, os quais teriam sido os locais em que terráqueos e seres extraterrestres teriam vividos juntos e onde estes teriam ensinado àqueles sobre o Aumpram, a verdadeira Lei Divina.

(<http://registrosdeumbanda.wordpress.com>)



Umbanda Sagrada: É a vertente fundamentada pelo médium Rubens Saraceni, surgida em São Caetano do Sul/SP, em 1996, com a criação do Curso de Teologia de Umbanda. Sua doutrina procura ser totalmente independente das doutrinas africanistas, espírita, católica, orientalistas e esotéricas, pois considera que a Umbanda possui fundamentos próprios e independentes dessas tradições, embora reconheça as influências das mesmas na religião.

É calcada em doutrina própria, dando ênfase ao culto aos Orixás como divindades, e às práticas de magias, despachos e oferendas. Tem muita proximidade com os trabalhos da Umbanda Popular.



Umbantimbó: Esse termo foi introduzido por nós, para classificar as muitas práticas de umbandas pelo nordeste, onde, antigamente praticava-se Catimbó, e com o tempo, transformaram-se em Umbanda. Mas a mistura prevalece inclusive alguns adotando ritualísticas do Candomblé, com atabaques e sacrifício de animais. Atualmente, em São Paulo, devido à migração de catimbozeiros e/ou juremeiros, bem como surgirem “cursos” de Catimbó, muitos Terreiros estão aderindo à suas práticas, introduzindo-a no seu calendário ritualístico e litúrgico, inclusive, abrindo dias específicos para práticas do Catimbó/Jurema e manifestações de seus Mestres.

Só podemos dizer que os Espíritos militantes em todas as denominações umbandistas lá estão por afinidade, e realizam um trabalho caritativo dentro da realidade deles (rituais, oferendas, etc.) em conjunto com a mente e a aceitação dos profiteiros. Mas, cremos que todos devem se posicionar a qual modalidade pertence afim de que todos possam se unir em seus ensinamentos e não dizer que tudo é somente Umbanda, pois existem outros que não rezam em suas cartilhas.

A Umbanda não foi e nem será codificada (ela foi sim, normatizada (Linhas Mestras), em aspectos primários e essenciais), pois tem como uma das principais missões, o atendimento primário, ou seja, face a face. A Umbanda adapta-se ao local em que está. Utiliza nas manifestações dos Guias e Protetores Espirituais, os arquétipos fluídicos regionais de apresentação. A Umbanda é criada e moldada de acordo com o local que é praticada. Por isso as várias modalidades de Umbanda. O que não pode ser feito, é descaracterizar uma modalidade umbandista a bel prazer, dando-lhe cunho particular, dizendo posteriormente que “segue” àquela modalidade, só que de maneira diferente, porque os tempos são outros.

Disse Pai Joaquim de Aruanda: “(...) Umbanda é Centro a Centro; é trabalho a trabalho; porque de um trabalho para outro pode mudar a diretriz da casa. Hoje o povo pode fazer isso, amanhã não pode. A Umbanda é criada para quem está sentado naquele dia, naquela hora. E o Espírito não precisa defender o Preto-Velho ou o Índio; ele tem que buscar aquilo que precisa às pessoas que estão sentadas. A Umbanda é dos Espíritos, mas não é feita para os Espíritos; é feita para a matéria. Então, quando você me pede para fazer uma codificação, para falar cada nome que é, impossível; porque cada coisa aqui é uma coisa e num outro Centro desta cidade vai outra”. “(...) Tudo está perfeito. Tudo. Tudo o que acontece é obra de Deus, e Deus é a perfeição. Então, mais do que certo ou errado, tudo está perfeito. Nada acontece fora da hora. Nada tem uma repercussão maior ou menor do que deveria ter. Não nos cabe julgar nada. Nos cabe viver a coisa com perfeição”.

Veja, estude e pratique a que a sua Modalidade de Umbanda ensina, mas, não critique o que a outra aceita como doutrina. Atente para a razão e o bom senso. Devemos escoimar da Umbanda o supérfluo, as superstições, os totemismos, os fetichismos, as idolatrias, os cultos desgastantes e primaristas, os despachos e oferendas disparatados, as magias estranhas e descabidas, as danças desordenadas, os barulhos ensurdecedores, os fins pecuniários, os balandraus, as saias com rendas e lamês, os adornos, os adereços regionais externos, tipo: cocares, penas, chapéus, capacetes, coroas, espadas, arcos, tacapes, fuzis, maquiagens, tridentes, capas, cartolas, smoking, bijuterias, e procurar seguir os ensinamentos de Jesus, o trabalho edificante de reforma íntima, a caridade desmedida todos pautados na razão e no bom senso, ou seja, tudo o que o Caboclo das Sete Encruzilhadas ensinou em suas “Linhas Mestras”. Existem muitas outras formas de vivenciar a Umbanda e todas se forem vivenciadas do amor, com amor e por amor, seguindo o preconizado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso, serão legítimas.

Muitas outras formas existem, mas não têm uma denominação apropriada. Se diferenciam das outras formas de Umbanda por diversos aspectos peculiares, mas que ainda não foram classificadas com um adjetivo apropriado para ser colocado depois da palavra Umbanda. É bom cada um se situar na modalidade seguida, e procurar fazer o melhor possível, pois a Espiritualidade Maior não acoberta erros. Como diz o Senhor Cacique Araribóia: *“passarinho que dorme com morcego, amanhece de ponta cabeça”*.

Considerações:

Não se esqueçam: Quando todos morrerem, serão julgados pelos seus atos e não pelos seus segmentos religiosos. Temos que nos conscientizar da necessidade de reformularmos nossos conceitos, pautando nossas vidas e nossa religiosidade através dos ensinamentos crísticos, principalmente no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, o porto mais seguro para que possamos galgar degraus da espiritualidade superior.

Observem que já estamos vivenciando o “final dos tempos”, onde serão separados os que estão à direita ou a esquerda de Cristo. O tempo urge. Não há mais tempo para se ficar em banalidades, e, principalmente em disputas, discussões religiosas e cultos externos. De nada adianta ficarmos “discutindo” se essa ou aquela prática de Umbanda é melhor ou pior. De nada adianta agora ficar numa separatividade doutrinária desgastante, onde se discute ainda se esse ou aquele Orixá gosta de comer abacaxi ou não. Temos sim que bem observar as “Linhas Mestras” do Caboclo das Sete Encruzilhadas, calcadas nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso, e praticá-las.

Não nos esqueçamos do que nos disse o Mestre Jesus: *“Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai a não ser por mim”*. Com isso, Jesus quis nos alertar sobre a necessidade de se viver uma vida calcada no amor, no perdão, na caridade, na paz, na reforma íntima, etc. Até quando vamos lutar contra isso? Até quando vamos teimar em “fazer” uma “Umbanda pessoal”, calcada em achismos, em idiossincrasias, em cultos estranhos, em doutrinas que acham serem certas, ou como já nos disseram: *“no meu Terreiro eu faço isso e aquilo, porque pra mim funciona; então vou continuar fazendo. Cada um faz o seu e pronto*. E tudo isso é feito em detrimento ao que Nosso Senhor Jesus Cristo nos ensinou. Praticamos mediunidade ou somente mediunismo? Praticamos religião ou somente realizamos práticas exteriores e/ou folclóricas a fim de atender às necessidades deturpadas egoísticas de cada um?

Por acaso os Guias e Protetores Espirituais da Umbanda não são os Espíritos Santos de Deus? Se forem, então, com certeza em suas comunicações, nos dariam os exemplos da Espiritualidade Maior, nos incitariam em nossa necessária reforma íntima, ao necessário perdão, nos livrariam dos cultos externos desgastantes, nos tirariam do ostracismo da ignorância, e principalmente, nos tornariam pessoas melhores. Não nos esqueçamos da orientação evangélica: *“Amados, não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.”* (I João, 4:1). Agora tem o seguinte: Cada médium tem em sua volta Espíritos que se sintonizam com sua conduta moralidade e padrão vibratório.

A Umbanda tem suas características próprias que a definem como realmente é, mas devemos escoimar o supérfluo e nos atermos ao que é necessário. Ser um Umbandista não quer dizer descaracterizar a religiosidade de Umbanda, mas simplesmente pautar sua vivência religiosa em Jesus, nos ensinamentos crístico, na razão e no bom senso. Os alertas já estão sendo dados há muito tempo. Já é hora de voltarmos nossa atenção e religiosidade para as práticas calcadas nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso.

Em nossas andanças pela net, em pesquisas, encontramos um blog interessante, onde várias questões sobre a Umbanda na atualidade são discutidas. Vamos expor um pequeno trecho, mas, levemente adaptado, sem perder o conteúdo, onde retiramos nomes e alguns fatos para não ferir consciências, pois não é a razão deste livro; somente estamos disponibilizando-o pelo fato de coadunar com nosso pensamento, de que muita coisa é aceita somente para ficarmos de bem com todo mundo. Quem quiser vê-lo na íntegra, acesse o blog: (<http://vozesdearuanda.blogspot.com/2008/04/reconhecimento-sacerdotal-de-quem-por.html>):

“(...) Existem correntes de pensamentos de alguns “líderes” da Umbanda que pregam a convergência na divergência. cremos nisso, tão somente aplicado no respeito mútuo na pluralidade dos ritos e formas de enxergar e praticar a Umbanda. O que não aceitamos é o conceito do “vale-tudo”, onde todo mundo está certo, tudo são flores, o mundo é lindo. Entenda-se por “diversidade” não esta obviedade tão na nossa cara em termos de pluralidade de ritos e formas de enxergar e praticar a Umbanda, mas sim o conceito da “diversidade do vale-tudo”, onde para algumas correntes umbandistas, todo mundo está certo.

A questão da convergência na divergência, pregada na atualidade, presta-se tão somente a querer estar de bem com todos, a fim de massagear egos, dizendo que cada um faz o que quer e bem entender dentro do que se convencionou chamar de “Umbanda”. Então, ninguém critica ninguém, faz-se vistas grossas para um monte de bobagens que se vê por aí, e cada dia mais livros vendem mais, e está tudo certo.

Não importa que um médium queira receber um Caboclo que use um chapéu ornado de frutas, no melhor estilo Carmem Miranda. Se perguntam sobre uma coisa destas, a alguns “líderes” da Umbanda, receberão essa resposta: “é a forma de apresentação da entidade ou é o grau de consciência do médium”.